

CLÁUDIA HELENA DA CRUZ

**IMAGENS DA LUTA E DA RESISTÊNCIA NA
LITERATURA DE ANTONIO CALLADO:**

***QUARUP* (1967), *BAR DON JUAN* (1971), *REFLEXOS
DO BAILE* (1976) E *SEMPREVIVA* (1981)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA - MG
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

CLÁUDIA HELENA DA CRUZ

**IMAGENS DA LUTA E DA RESISTÊNCIA NA
LITERATURA DE ANTONIO CALLADO:
QUARUP (1967), *BAR DON JUAN* (1971), *REFLEXOS
DO BAILE* (1976) E *SEMPREVIVA* (1981)**

TESE apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: Linguagens, Estética e Hermenêutica.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Freire Ramos

UBERLÂNDIA – MG
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C957i
2018 Cruz, Cláudia Helena da, 1972-
Imagens da luta e da resistência na literatura de Antonio Callado
[recurso eletrônico] : Quarup (1967), Bar Don Juan (1971), Reflexos do
Baile (1976) e Sempre viva (1981) / Cláudia Helena da Cruz. - 2018.

Orientador: Alcides Freire Ramos.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em História.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.315>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. História. 2. Literatura e história - Brasil. 3. Brasil - História -
1964-1985. 4. Callado, Antonio, 1917-1997 - Crítica e interpretação. I.
Ramos, Alcides Freire, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Gloria Aparecida - CRB-6/2047

CLÁUDIA HELENA DA CRUZ

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ALCIDES FREIRE RAMOS – ORIENTADOR
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

PROF.^a DR.^a ROSANGELA PATRIOTA RAMOS
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

PROF. DR. RODRIGO DE FREITAS COSTA
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

PROF.^a DR.^a KÁTIA ELIANE BARBOSA
Instituto Luterano do Brasil – ILES/ULBRA

PROF.^a DR.^a NÁDIA CRISTINA RIBEIRO
Faculdade Santa Rita de Cássia – UNIFASC

À Helena, meu maior presente.

À Maria Helena (in memoriam), o grande exemplo.

AGRADECIMENTOS

SÃO MUITAS as pessoas que contribuíram para esta caminhada, que compreenderam minha ausência e me incentivaram.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Alcides Freire Ramos, pela presença constante ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, por sua gentileza, elegância e pela forma como sempre instigou a reflexão crítica.

Quero fazer um agradecimento especial à Prof.^a Dr.^a Rosangela Patriota por todas as orientações (iniciação científica, graduação e mestrado) e por mais esta contribuição. É com grande admiração e respeito que agradeço e reconheço o seu lugar na minha formação e de muitos outros.

Agradeço ao Prof. Dr. Rodrigo de Freitas Costa, à Prof.^a Dr.^a Kátia Eliane Barbosa e à Prof.^a Dr.^a Nádia Cristina Ribeiro pelo privilégio de contar com a leitura atenta.

Ao Adegmar (Deg), pelo carinho, compreensão e apoio. Você tornou minha jornada mais leve e sempre me disse: “você consegue!”.

À minha família, por compreender minha ausência: meus pais, José Luiz e Maria Helena (*in memoriam*), meus irmãos Cristiano e Fábio, minhas cunhadas/irmãs Janaína e Juscilene, minhas queridas sobrinhas Lorranny e Laryssa e sobrinhos Ian, Cristiano Filho e Rafael, aos novos sobrinhos Wallan e André. A minha segunda família: Isaura, Cleuza, Gilson, Sidi e Ioni. Aos primos(as) queridos(as) Tania e Elias, Valtuir e Eliene.

Aos amigos do doutorado Silvana Pitilo, Sandra Alfonso, Jacques Elias e Renan, por compartilharem as angústias, reflexões e risadas, pelo incentivo e companheirismo, pela amizade conquistada. À Sandra Rodart, Talitta, Maria Abadia, Thaís Leão, Lays Capelozi e todos os membros do NEHAC, que se renova a cada dia.

A Sírley Cristina, uma amizade fortalecida no mestrado e que perpetua. Aos amigos e amigas que compartilham o desafio da docência (Raquel, Jane, Daniele, Franciene, Samantha, Daniela Piretti, Emerson e Elen, Túlio, Fernanda, Erla, José Geraldo, Alexandre, Jean, Cleonice, Silvio, Iza, Eliane, Josi, Gisela, Marta, Anderson, Moacir, Patrícia, Gabriela, Ednamar, Jorge, Eduardo, Janice).

Aos amigos que compreenderam minha ausência e disseram: “como demora terminar uma tese!”, agora terminei! E agradeço o carinho: Regina e Edney, Magda e Andreia, Carla e Alexandre, Ana Elisa e Saulo, Daine e Paulo. Aos amigos de longa data: Aos amigos de longa data: Christiane uma amizade da graduação e que mesmo distante se mantém firme e que ainda me deu novas amizades: Alessandra, Cláudia, Cássio, Cleonice, Clarice, Eliana, Lamara e Laryssa.

Àquelas que de diferentes formas me auxiliaram, Izabel pelo tempo de convivência e Maria Beatriz pela leitura.

Um agradecimento muito especial a minha filha Helena, que me cobriu de indagações: “Você está terminado? Escrever tese é bom? Por que as pessoas escrevem tese?” E no final decidiu: “Quero ser professora, mas não quero escrever tese”. Querida, obrigada por existir e tornar os meus dias mais divertidos.

RESUMO

CRUZ, Cláudia Helena da. **Imagens da luta e da resistência na literatura de Antonio Callado: *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempreviva* (1981).** 2017. 244 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

ESTE ESTUDO aborda, por meio da relação entre História e Literatura, o diálogo que os romances políticos de Antonio Callado - *Quarup*, *Bar Don Juan*, *Reflexos do Baile* e *Sempreviva* - estabelecem com a Ditadura Militar, a partir de um olhar crítico sobre a resistência armada. Para compreender a singularidade destas obras e seu lugar na literatura de resistência, recorreremos ao lugar social onde Callado teve suas experiências (influências) e, por conseguinte, fez sua opção estética, com o objetivo de demonstrar que sua obra é fruto da mediação entre a atividade jornalística e a criação ficcional, que caminhou *pari passu* com a conjuntura social e política, possibilitando uma reflexão sobre a história do Brasil recente. Ao lado disso, a capacidade de Callado para realizar sua autocrítica fez com que suas obras trouxessem para o debate temas incômodos, tanto para os representantes da Ditadura Militar e seus apoiadores, quanto para as esquerdas: a tortura, a censura e as arbitrariedades do regime militar, assim como a fragmentação e o despreparo da “esquerda festiva”, que não sabia pegar em armas. A forma como a crítica analisou suas narrativas estabeleceu a hierarquia entre seus romances (*Quarup*: o grande romance; *Bar Don Juan*: um romance menor; *Reflexos do Baile*: o melhor romance; *Sempreviva*: o romance da maturidade), cabendo ao debate historiográfico desconstruir essa leitura, mostrando que a atualidade dos romances de Callado se faz na recuperação de sua historicidade. Ou seja, as obras trazem em seu horizonte de expectativas importantes reflexões sobre o atual debate político em torno da democracia, lançando luz sobre nossa formação conservadora e autoritária. Portanto, o debate contemporâneo tem mostrado que a obra de Callado tem um legado e o escritor/jornalista ocupa nele um importante lugar, permitindo afirmar que existe um campo de possibilidades para a análise da obra de Callado a partir da relação História e Literatura.

Palavras chave: História - Literatura - Antonio Callado - Ditadura Militar - Luta Armada

ABSTRACT

CRUZ, Cláudia Helena da. **Imagens da luta e da resistência na literatura de Antonio Callado: *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempreviva* (1981).** 2017. 244 f. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

THIS STUDY approaches, through the relationship between History and Literature, the dialogue that the political Antonio Callado's novels - *Quarup*, *Don Juan's Bar*, *Dance's Reflexes* and *Sempreviva* - establish with the Military Dictatorship, from a critical look on the armed resistance. In order to understand the singularity of these works and their place in resistance literature, we used the social place where Callado had his experiences (influences) and, therefore, made his aesthetic option, in order to demonstrate that his work is the fruit of mediation between Journalistic activity and fictional creation, that walked *pari passu* with the social and political conjuncture, allowing a reflection on the recente Brazil's history. Beside this, Callado's ability to carry out his self-criticism caused his works to bring to the debate uncomfortable themes for both the representatives of the Military District and its supporters as well as for the leftists: torture, censorship and arbitrariness of the Military dictatorship, as well as the fragmentation and unpreparedness of the "festive left", who did not know how to handle arms. The way in which critics analyzed their narratives established the hierarchy between their novels (*Quarup*: the great novel, *Don Juan's Bar*: a minor novel, *Dance's Reflexes*: the best novel, *Sempreviva*: the maturity's novel), so it is up to the historiographic debate to deconstruct This reading, showing that the actuality of Callado's novels is made in the recovery of its historicity. That is, the works bring in their horizon expectations important reflections on the current political debate around democracy, shedding light on our conservative and authoritarian formation. Therefore, the contemporary debate has shown that Callado's work has a legacy and the writer / journalist occupies an important place in it, allowing to affirm that there is a field of possibilities for the analysis of the Callado's work from the relationship between History and Literature.

Keywords: History - Literature - Antonio Callado - Military dictatorship - Armed

SUMÁRIO

Resumo -----	VI
Abstract -----	VII
Introdução -----	01
Capítulo I:	
A Interlocução entre o Jornalismo e a Literatura na Trajetória Intelectual de Antonio Callado---	12
1.1 O Jornalismo e a Inserção em um Círculo Intelectual	14
1.2 Em Busca de um Projeto Ficcional	22
1.3 O <i>Xingu</i> e a Experiência Pernambucana: matrizes de um projeto ficcional	28
1.3.1 A Ligas Camponesas: “a experiência que merecia viver”	33
1.4 <i>Vietnã do Norte</i> : em busca do sentido da Revolução	42
1.5 O Teatro e o Romance: a gênese de um projeto ficcional	46
1.6 “O Esquerdóide” e o seu Lugar na Literatura de Resistência	55
1.6.1 A Literatura de Resistência e a Consagração do Escritor	62
Capítulo II:	
As Imagens da Resistência e da Derrota -----	66
2.1 A Literatura Lançando Luz sobre o Presente e Projetando o Futuro	71
2.1.1 “O Grande Romance” e o “Melhor Romance”: <i>Quarup</i> e <i>Reflexos do Baile</i>	77
2.2 <i>Quarup</i> (1967): a expectativa da luta armada	84
2.2.1 Um Projeto Autoritário e “Um Homem Cordial”	85
2.2.2 A Usurpação da Pátria e a Luta Armada como Horizonte Possível	97
2.3 <i>Reflexos do Baile</i> (1976) e a Derrota da Luta Armada	104
2.3.1 A Intensificação da Censura e a Fragmentação da Escrita	108
2.3.2 Tortura e Morte: reflexos do terror	111
Capítulo III:	
As Imagens do Despreparo e da Desilusão -----	118
3.1 Romances da autocrítica e da ironia: <i>Bar Don Juan</i> e <i>Sempreviva</i>	120
3.1.1 O “Romance Menor” e o “Romance da Maturidade”	126
3.2 <i>Bar Don Juan</i> (1971) e a Esquerda Festiva	131
3.3 O Despreparo da “Esquerda Festiva”	135
3.4 O Fracasso da “Esquerda Festiva”	142
3.5 <i>Sempreviva</i> (1981): “o sonho acabou e o sacrifício chegou ao fim”	147
3.6 “Apagando a chama da luta”: torturadores e comunistas	155
3.7 A história: “deusa arrumadeira”	159
Capítulo IV:	
A atualidade de Antonio Callado: o caleidoscópio da ficção sobre o debate historiográfico -----	164
4.1 A Abertura Democrática e o “lugar” do intelectual	167
4.2 O Caleidoscópio da Ficção sobre as Esquerdas: a contribuição para o debate historiográfico	174
4.3 O Retorno às Premissas: o Legado da Esquerda Armada e “Volta à Ditadura”	187
4.4 A Atualidade e historicidade: “Callado, sempre e depois”	207
Considerações Finais -----	216
Referências Bibliográficas -----	223

INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que o historiador, de um ponto de vista negativo, está sujeitado pelos testemunhos da realidade passada. Por outro lado, de um modo positivo, quando interpreta um evento a partir das fontes, ele se aproxima daquele narrador literário que se submete à ficção contida nos fatos para tornar mais verossímil a sua narrativa.

Koselleck

ESTE ESTUDO resulta das indagações suscitadas por minha pesquisa de mestrado, cujo objeto de análise foi o romance *Quarup*¹ de Antonio Callado. Nesse período tive contato com obras ficcionais do autor (romances, crônicas, contos, peças teatrais), assim como com suas reportagens de cunho social e inúmeras entrevistas. Essas fontes sustentaram a reflexão proposta em minha dissertação, mas também evidenciaram algumas lacunas nas análises e interpretações acerca da historicidade dos romances políticos: *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempre viva* (1981).² Inicialmente identifiquei a escassez de estudos no campo historiográfico que se dedicassem à literatura de Callado, contrapondo-se à abundância de trabalhos acadêmicos no campo da teoria literária e da literatura brasileira, que recorreram a uma multiplicidade de abordagens temáticas, mas, em sua maioria, consagrando Callado como “o autor de *Quarup*”, sem problematizar a atualidade de sua obra.

Portanto, o “estado da arte” abriu um campo de possibilidades pouco explorado, exigindo um estudo de maior envergadura, que ampliasse o diálogo para os quatro romances políticos. Diante disso foi estabelecido como objetivo analisar “as imagens da luta e da resistência” presentes nessas narrativas, a partir de um viés temático que não estabelecesse “hierarquia” entre as obras – como já consolidado pela crítica especializada e pela crítica acadêmica -, mas que as compreendesse em um amplo debate fomentado pelas manifestações artístico-culturais das décadas de 1960 e 1970, que coadunaram com o cenário no qual os artistas e os intelectuais se posicionavam frente à conjuntura marcada pelo autoritarismo do Estado e pela resistência das esquerdas.

Todavia, embora o debate que envolve o romance político pós-1964 seja um terreno fértil para análise, o desafio maior é dialogar com um tema amplamente investigado. Diante de tal dificuldade, o caminho escolhido foi torná-lo um aliado, pois, afinal, pensar a historicidade da obra literária³ requer compreender o seu lugar no debate e a própria

¹ Cf. CRUZ, Cláudia Helena da. **Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política: *Quarup*** (1967) de Antônio Callado. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003. O estudo foi desenvolvido sob da orientação da Prof^a Dr^a Rosângela Patriota.

² As citações referentes aos romances constarão do corpo do texto de forma a facilitar a análise e a leitura.

³ Tomando como referência a reflexão sobre a produção do conhecimento histórico e a utilização do texto ficcional como objeto de análise, Guinsburg e Patriota afirmam: “O elemento ficcional, para além das urdiduras do texto, revela-se pela busca de identidade entre o acontecido e o narrado e, sob esse prisma, enfrentar a descontinuidade, as lacunas e as informações parciais é tarefa do historiador que, mesmo reconhecendo tais limitações, não pode e não deve se furtar a narrar e a interpretar. Pelo contrário, através das evidências disponíveis, deve tornar o conhecimento possível, embora sujeito às circunstâncias de sua própria produção”. GUINSBURG, Jacó; PATRIOTA, Rosângela. **Teatro Brasileiro: ideias de uma história**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 17.

experiência estética da qual o romance é resultante, o que, por sua vez, envolve uma conjuntura histórica específica em que a arte tornou-se um instrumento de resistência à Ditadura Militar brasileira, ao autoritarismo e, ao mesmo tempo, trouxe a reflexão sobre “qual democracia estava sendo almejada”.

As obras de Callado se inserem em uma “cultura de oposição” que envolveu a literatura, o cinema, o teatro, a música e as artes plásticas no pós-1964, e ficou conhecida como politização da cultura. Cada manifestação artística teve suas diferentes formas de interlocução e recepção. A literatura, por não atingir um grande público como a música popular, por exemplo, ocupou um espaço significativo, porém com menor abrangência de público. Conforme observa Franco, “[...] à literatura, dada sua fruição, quase que estritamente individual e solitária, restou um papel de menor destaque – todavia, ainda significativo”.⁴ Nesse espaço, os romances de Callado trouxeram um olhar singular e questionador. E no seu conjunto fizeram parte de um projeto intencional de um observador atento e crítico. Por isso, sua interlocução com temas predominantes no campo artístico e intelectual resultaram na inserção na literatura de resistência. Assim como as leituras dos romances caminharam no mesmo sentido, ao considerar as obras como “painel do Brasil”, “retrato do Brasil”, “mapeamento do Brasil”.

A escolha desse percurso analítico deve-se também à singularidade da crítica de Callado para com os que apoiavam a Ditadura Militar, assim como aos grupos de esquerda que faziam oposição ao regime militar. Por exemplo, na abordagem do tema da luta armada e da tortura, que perpassa todos os romances, movimentando-se, gradativamente, de acordo com os acontecimentos políticos e o fortalecimento da censura e da repressão do regime militar. Essas questões tornaram-se visíveis na forma como Callado, já em 1967, no romance *Quarup* e no conto *O Homem Cordial*, trouxe para o centro da discussão as fragilidades do projeto revolucionário que marcou o Brasil no decorrer dos anos de 1960. O romance e o conto dialogam com as questões da revolução/transformação pela luta armada, com a politização e a disseminação dos ideais de esquerda e as formas de resistência, ao mesmo tempo em que retomam nosso processo de formação, dialogando com obras clássicas como *Raízes do Brasil*. Nesse entendimento, *Quarup* apresenta críticas ácidas à falta de projetos consistentes das esquerdas com “gestação” e “maturação” suficiente para vingar e a dicotomia entre o Brasil urbano e rural. Em *O Homem Cordial*, ele contrapõe a resistência democrática e

⁴ FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-65: A Festa**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p. 28.

a resistência armada, questionando: como vencer pela força e pelas armas, sem saber lutar? Como enfrentar o inimigo em seu território?

As críticas anunciadas nas obras de 1967 se confirmarão em *Reflexos do Baile* (1976) com a derrota da guerrilha urbana como forma de resistência ao regime militar. A trama é apresentada a partir da conspiração para o sequestro de um embaixador norte-americano. Para enfrentar a censura, Callado construiu uma narrativa fragmentada, alegórica e cuidadosamente elaborada a partir de um jogo enigmático de fragmentos (cartas, bilhetes, ofícios, partes de diários etc.). Esse recurso estilístico, que se assemelha à escrita jornalística, foi adotado primeiramente em *Bar Don Juan* (1971), obra que já anunciava a derrota da luta armada ao antecipar o delicado tema do “despreparo” da “esquerda festiva”, que “não sabia pegar em armas” nem seus membros estavam cientes do verdadeiro significado de prisão e tortura na prática.

A recepção de *Bar Don Juan* rendeu-lhe duras críticas, pois Callado confrontou, de forma irônica e pessimista, a atuação das esquerdas brasileiras, seja a intelectual/imobilista ou a revolucionária. Todas se encontravam visivelmente desarticuladas, tanto no campo das ideias, quanto da ação, sobretudo a que optou pelo confronto armado e pelos assaltos a bancos. Nesse romance, a recepção foi singular, pois Callado foi duramente criticado, tanto pela direita, composta pelos militares e os simpatizantes do regime, quanto pelas esquerdas. Toda essa amargura e desilusão com as formas de resistência ao Regime Militar deságuam em *Sempreviva* (1981), as críticas lançadas nos romances anteriores, sobretudo em *Bar Don Juan*, ganham força, ou seja, reforçam que o despreparo e a ausência de um projeto consistente levou a esquerda à derrota no campo da ação.

Essa derrota será traduzida na trama de *Sempreviva* como a amargura de um exilado político que volta ao Brasil para sua vingança pessoal contra ex-torturadores do regime militar, o que também pode ser lido como “vingar a Pátria”. Esse romance traz as imagens da amargura e da desilusão de uma revolução que não aconteceu, o fracasso da luta armada e as expectativas em torno da anistia e das investigações sobre a “Operação Condor”. Também se faz presente no debate o tema do “ideal democrático”, ou seja: qual democracia estava sendo esperada?

Ao dialogarem com as demandas de seu tempo, *Quarup*, *Bar Don Juan*, *Reflexos do Baile* e *Sempreviva* também lançam expectativas e questionamentos que ganham força no atual cenário brasileiro, que enfrentou uma crise política acirrada em 2013 – momento em que

esta pesquisa estava em desenvolvimento – culminando no *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (ex-guerrilheira) em 2016 e gerando um incômodo debate: “qual democracia nós construímos?”.

Diante disso, procuramos com este estudo responder às seguintes **problematizações**: qual o lugar dos romances políticos de Antonio Callado no debate com a Ditadura Militar brasileira? A partir desse lugar, qual a singularidade e atualidade para o debate historiográfico? Em busca de refletir sobre tais problematizações, as **hipóteses** norteadoras são: 1) a criação ficcional de Callado resulta do lugar social⁵ onde o autor teve suas experiências (influências) e, por conseguinte, fez sua opção estética. Ou seja, o resultado da mediação entre a atividade jornalística e a criação ficcional dará a tônica ao seu projeto de escritor, tornando-se substrato para a escolha temática, para a urdidura de seu enredo e para a criação de seus personagens. 2) “As imagens da luta e da resistência” presentes nos romances de Callado dialogam com a capacidade do autor para realizar sua autocritica e a crítica sobre a conjuntura histórica. E a forma como essa crítica se efetivará em suas narrativas estabelecerá a hierarquia entre seus romances (*Quarup*: o grande romance; *Bar Don Juan*: um romance menor; *Reflexos do Baile*: o melhor romance; *Sempreviva*: o romance da maturidade). 3) A atualidade dos romances de Callado se faz na recuperação de sua historicidade, ao instigar importantes reflexões sobre o atual debate político, ao lançar luz sobre nossa formação conservadora e autoritária.

Em busca desse propósito, é salutar compreender qual “horizonte de expectativas” se apresenta nos romances de Callado, tornando-os capazes de dialogar com diferentes temporalidades. Nessa proposta metodológica recorreremos a Reinhart Koselleck,⁶ em sua

⁵ Sobre o lugar social no campo da pesquisa historiográfica, este estudo se ancora em Michel de Certeau quando diz que “[...] toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinça uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 66-67.

⁶ Koselleck problematiza a noção de tempo histórico a partir da História dos Conceitos. Sua contribuição está na noção da ruptura da escrita entre a História Antiga e a História Moderna, em que o tempo da natureza é substituído pelo tempo social. É nesse tempo social, nas estruturas temporais e sobre as práticas sociais que o historiador atua. Campo em que se pode recorrer à obra de arte como fonte, uma vez que ela não é neutra, mas carregada de intenção, signos e das marcas de seu tempo histórico. Nesse sentido, para afirmação do que é “objeto” da História, Koselleck também afirma que “a história como ciência não tem um objeto de estudo que seja exclusivamente seu; ela tem que dividi-lo com todas as ciências sociais e humanas”. Mesmo a História compartilhando seu objeto de estudo com as ciências sociais e humanas, utiliza-se de métodos

obra *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, na qual apresenta as categorias de análise “espaço de experiência” (presente passado) e “horizonte de expectativas” (presente futuro):

Com isso chego a minha tese: experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam o passado e o futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.⁷

O historiador apresenta sua grande contribuição à Teoria da História ao estabelecer a relação entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas” como diretrizes metodológicas do conhecimento historiográfico. Nesse entendimento, Kosselleck nos adverte que “[...] o tempo histórico não é apenas uma palavra sem conteúdo, mas uma grandeza que se modifica com a história, e cuja modificação pode ser deduzida da coordenação variável entre experiência e expectativa”.⁸ Ou seja, cada presente ressignifica tanto o passado (campo da experiência), quanto o futuro (horizonte de expectativas) a partir das indagações de sua atualidade, pois cada presente estabelece uma nova forma de relacionar “Futuro e Passado”.

Nesse sentido, a tensão estabelecida entre essas categorias históricas “experiência” e “expectativa” é tida como umas das contribuições mais importantes da atualidade para História Ciência, pois elas entrelaçam “passado, presente e futuro”, permitindo que se modifiquem de acordo com as aspirações de cada sociedade. Entendendo que não há uma maneira pré-determinada para que as relações entre essas temporalidades sejam pensadas ou sentidas, compreendemos que no “espaço de experiência” (o passado atual, que se realiza no presente) se encontra a atividade jornalística e intelectual de Antonio Callado, o sujeito produtor, que teve a movimentação político-social do Nordeste no final da década de 1950 e início de 1960 como sua referência de uma alternativa possível para o Brasil. Da mesma forma, suas reportagens no *Xingu* o levaram para a discussão em torno do sentido de nacionalidade, ou ao questionamento de realmente existir “um único Brasil”. Também como sua matéria sobre o *Vietnã do Norte* (1969), que traz importantes considerações sobre o sentido da revolução e, por conseguinte, sua crítica e autocrítica sobre a luta armada.

próprios ao questionar e estabelecer o diálogo com o documento. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006, p. 120.

⁷ Ibid., p. 308.

⁸ Ibid., p. 309.

Arelado à produção jornalística, está o fato de Callado ter sido um repórter de prestígio e com flexibilidade para circular em importantes espaços políticos, além de declaradamente ter utilizado sua experiência como profissional da informação para sedimentar sua carreira como escritor. Assim, para pensar o “espaço de experiência” de Callado, tomamos como exemplo o prefácio da coletânea de reportagens *Tempo de Arrais: a revolução sem violência* (1964), na qual fez um “desagravo” informando ao seu leitor que as “experiências” relatadas na obra eram atuais, porém já haviam se tornado “passado”:

Até os últimos dias de março de 1964 o livro que vão ler era, de acordo com o chavão, de uma ‘palpitante atualidade’. Hoje é uma evocação histórica. Com fulminante rapidez o movimento militar de 1º de abril transmutou em passado a mais viva experiência social já tentada no Brasil.⁹

Em sua indignação, Callado não estava preocupado com a problemática do tempo histórico e nem com a historicidade dos conceitos, mas nos deixou um bom exemplo da tensão entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas”. O jornalista tomou como referência o “evento”¹⁰ do golpe civil-militar de 31 de março de 1964, para afirmar que a experiência atual havia se tornado passado de um dia para o outro, ou seja, 01 de abril de 1964 já era o “presente passado”. Assim, a “viva experiência social” a que se referia são os movimentos político-sociais do Nordeste, como as Ligas Camponesas, o Sindicato Rural, o Movimento de Cultura Popular (MCP) do Recife, e o governo de Miguel Arrais em Pernambuco como exemplo de democracia. A partir do golpe e da formação dos movimentos de resistência à Ditadura Militar instaurada, a ficção de Callado lançará luz sobre a conjuntura política.

Portanto, a realidade social é incorporada pelos sujeitos e, como afirmou Koselleck, “[...] o que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder de torná-los presentes, o estar saturado de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas”.¹¹ À luz dessa concepção é possível compreender o momento da criação dos romances de Callado a partir de um determinado “lugar social” no qual ele se nutriu, entendendo que a experiência (passado atual) é composta por

⁹ CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes**: a revolução sem violência. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 33.

¹⁰ “Eventos e estruturas têm, portanto, no campo de experiência do movimento histórico, diferentes extensões temporais, que são problematizadas exclusivamente pela história como ciência”. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006, p. 137.

¹¹ Ibid., p. 312.

acontecimentos que podem ser lembrados, uma vez que tudo que foi vivido se projeta no presente, tornando-se um espaço essencial para pesquisa histórica.

Nesse campo conceitual, a análise dos romances se fundamenta nas expectativas decorrentes do que está por vir, como obras que dialogam com o seu tempo e que também lançam questionamentos. Como observou Koselleck, “[...] a expectativa pode ser portadora de esperança ou de angústia”.¹² E as obras de Callado são portadoras da desilusão, da ironia e da angústia, pois carregam em sua trama o “prognóstico”¹³ do fracasso da luta armada e as incertezas da democracia que estava por vir. Essa tensão é resultante da atuação de Callado (jornalista/escritor) que, *pari passu* com a conjuntura das décadas de 1960 e 1970, realizou a autocrítica que o levou à “desilusão” com o despreparo da resistência à Ditadura Militar, assim como a “angústia” quanto aos rumos que o Brasil estava tomando. Por isso seus romances fazem a crítica, antecipam acontecimentos, incertezas e inseguranças de “tempos nebulosos”, fazendo parte de um “horizonte de expectativas”, compartilhado ou não tanto por artistas e intelectuais, quanto por outras obras.

À medida que as obras de Callado vão sendo lidas e recebidas em cada presente, o passado (campo da experiência) e o futuro (horizonte de expectativa) vão sendo reconstruídos e ressignificados, pois cada presente inicia uma nova relação entre o passado e o futuro. A experiência se concretizará no presente através das memórias dos vestígios, e a expectativa visa ao futuro, o que virá, como os medos, as incertezas, a esperança e os desejos. Por isso, as projeções futuras fazem parte de um espaço aberto, que direciona para a temporalização histórica e a transposição entre as fronteiras da História e a da poética, tendo em vista a capacidade de ambas de representar a realidade:

Passou-se a exigir da história uma maior capacidade de representação, de modo que se mostrasse capaz de trazer à luz – em lugar de sequências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando, assim, um complexo pragmático, a fim de extrair do acontecimento casual a ordem interna. A história submete-se, dessa forma, às mesmas exigências às quais se submetia a poética. [...] Um critério bastante preciso para o reconhecimento da disseminação dessa nova consciência é o fato de que também contos, novelas e romances passaram a ser editados com o subtítulo “*histoire véritable*” [história verdadeira].¹⁴

¹² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006, p. 312-313.

¹³ Para Koselleck, “[...] os prognósticos também são determinados pela necessidade de se esperar alguma coisa”. Ibid, p. 313.

¹⁴ Ibid., p. 51.

Essas problematizações fundamentam-se no campo interdisciplinar, ao suscitar o debate sobre a análise do texto literário, levando em consideração o alargamento das fronteiras da História, ampliando, por conseguinte, o campo de análise da historicidade da obra literária e sua atualização contínua. Segundo Koselleck, “As expectativas podem ser revistas, as experiências feitas são recolhidas. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro. Mas uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma”.¹⁵ Portanto, essas duas categorias se aplicam à análise dos romances de Callado, tanto no momento de produção, quanto nas diferentes leituras, sempre alimentadas por um horizonte de expectativas.

Para afirmação do que é “objeto” da história, Koselleck faz uma importante observação: “[...] a história como ciência não tem um objeto de estudo que seja exclusivamente seu; ela tem que dividi-lo com todas as ciências sociais e humanas. A história como ciência distingue-se apenas pelos seus métodos e pelas normas, com cujo auxílio ela conduz a resultados comparáveis”.¹⁶ Mesmo compartilhando seu objeto de estudo com as ciências sociais e humanas, ela se utiliza de métodos próprios ao questionar e estabelecer o diálogo com o documento e, nesse aspecto que se refere à operação historiográfica, recorreremos à obra de Certeau,¹⁷ enquanto, no campo da história e linguagens, tomamos como eixo norteador os trabalhos de Pesavento,¹⁸ que dialoga com a literatura, assim como os de Ramos¹⁹ e Patriota,²⁰ historiadores que também dialogam com ficção e com o tema da Ditadura Militar brasileira.

¹⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto / Ed. PUC-Rio, 2006, p. 311.

¹⁶ Ibid., p. 120.

¹⁷ Michel de Certeau é referência metodológica para a pesquisa histórica, sobretudo na operação historiográfica, nos auxiliando também a pensar Antonio Callado e sua obra a partir do seu lugar social. Cf. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

¹⁸ Dentre a vasta pesquisa da historiadora no campo da História e literatura, privilegiamos as obras que dão suporte teórico-metodológico para a análise de nosso objeto:

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Um historiador nas fronteiras**: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. Uma Janela para história. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

¹⁹ Os estudos de Ramos são referência para esta pesquisa, por realizarem o diálogo entre História e ficção, sobretudo História e cinema. Dentre seus livros, destacamos: RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002.

Para alcançar a amplitude dessa problemática, o primeiro capítulo, **A Interlocução entre o Jornalismo e a Literatura na Trajetória Intelectual de Antonio Callado**, analisa, a partir do “lugar social”, como as experiências e as expectativas de Antonio Callado estão engendradas no seu projeto de escritor e coadunam com a visão de Brasil do jornalista, visão essa marcada por reportagens de cunho social, que dá o tom ao tipo de jornalismo que Callado realizava. Assim como entrelaça suas redes de sociabilidade, influenciando no seu posicionamento político de intelectual de esquerda que conquistou espaço e reconhecimento na literatura de resistência.

O segundo capítulo, **As Imagens da Luta e da Derrota**, dialoga com *Quarup* e *Reflexos do Baile*. Callado debate com o tema da Ditadura Militar no pós-1964 apresentando em *Quarup* as expectativas e os caminhos incertos para a resistência armada, ao passo que em *Reflexos do Baile* apresenta “as imagens da derrota” a partir das ações da esquerda armada e da repressão por parte do regime militar, que se configura em sequestros, censura, tortura e violência. Quando lidas conjuntamente, as obras criticam a ausência de um projeto de esquerda que fosse gestado com tempo suficiente para evoluir e ter resultados. Callado questiona, em sua ficção, as bases sobre as quais se pretendia fazer a revolução brasileira, por isto são obras que se entrecruzam sob a perspectiva temática, no vai e vem de perguntas, respostas e incertezas sobre uma determinada conjuntura.

O terceiro capítulo, **As Imagens do Despreparo e da Desilusão**, aproxima *Bar Don Juan* (1971) e *Sempre viva* (1981), o primeiro romance realiza a crítica ao despreparo da “esquerda festiva” que pegou em armas para enfrentar o regime militar. O segundo confirma com grande ironia a crítica sobre o despreparo da esquerda e sua inevitável derrota no campo da luta armada, que, somada à violenta repressão e às torturas, resultará no olhar crítico e autocrítico de Callado. Com *Sempre viva* Callado avançou até o início da década de 1980, no “último fôlego” de um romance político que desaguará nas incertezas sobre a transição democrática e na expectativa sobre qual democracia estava por vir.

O quarto e último capítulo, **Atualidade e Historicidade de Antonio Callado e seus Romances**, a busca pela contemporaneidade de Callado e o legado de suas obras se dá a partir dos temas com os quais dialogam em nossa atualidade. O lugar que os romances e o intelectual passaram a ocupar após a abertura democrática tem muito a dizer no cenário

²⁰ A produção historiográfica de Patriota é referência para o campo interdisciplinar (História e teatro).

PATRIOTA, Rosangela. **Vianinha**: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

político atual, pois atuaram como um caleidoscópio da ficção sobre as esquerdas ao questionarem nossa formação autoritária e conservadora. Ao mesmo tempo, Callado ainda ocupa espaço no debate contemporâneo, sobretudo na academia.

CAPÍTULO I

A INTERLOCUÇÃO ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA NA TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE ANTONIO CALLADO

O que distingue a experiência é o
haver elaborado acontecimentos
passados, é o poder de torná-los
presentes, o estar saturado de
realidade, o incluir em seu próprio
comportamento as possibilidades
realizadas ou falhas.

Koselleck

PARA O ENTENDIMENTO da trajetória intelectual de Antonio Callado,²¹ inicialmente faz-se necessário compreender qual o seu projeto intelectual. Em qual “lugar social” esse projeto se alicerçou? Nessa empreitada reflexiva, primeiramente busco os grupos e as instituições nos quais Callado estabeleceu vínculos, tendo como premissa sua iniciação no meio jornalístico e consequentemente sua inserção em um determinado círculo intelectual. Em seguida, analiso suas obras jornalísticas de cunho social, produzidas no final da década de 1950 e ao longo de 1960, como os *Industriais da Seca e os Galileus Pernambucanos* (1959), *Tempo de Arraes: a revolução sem violência* (1963-1964) e *Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores* (1968), as quais, sobretudo as realizadas no Xingu e no Nordeste, direcionam para o lugar do qual Callado passou a dialogar e com o qual estabeleceu um estreito vínculo com sua criação ficcional.

Nesse intuito, busco também compreender Callado na condição de um intelectual de esquerda que não se engajou a nenhum grupo político, mas que conquistou espaço na literatura de resistência. Para compor essa análise, suas matérias jornalísticas tornaram-se também referencial de um determinado “espaço de experiência”, possibilitando, assim, problematizar a forma como sua trajetória coadunou com a construção de seu posicionamento político, uma vez que seus romances políticos abordaram temas delicados de forma envolvente, anteciparam discussões, criticaram e ironizaram e, por isso, Callado travou embates, sendo aplaudido e também incompreendido pelos seus leitores/interlocutores, os quais são tanto seus “amigos” intelectuais de esquerda (escritores, jornalistas, críticos, etc.), quanto os “inimigos” de direita (membros e adeptos da Ditadura Militar).

Portanto, as vivências de Callado fazem sentido quando analisadas a partir da relação entre o jornalismo e a literatura, quando lançam luz sobre suas redes de sociabilidade intelectual, possibilitando a indagação: qual a tensão entre o jornalismo e o projeto ficcional de Antônio Callado?

²¹ Antonio Carlos Callado nasceu no dia 26 de janeiro de 1917, em Niterói-RJ, onde passou sua infância, tendo sido o quarto filho e o único filho homem da professora Edith Pitanga Callado e do médico e poeta Dario Callado. Conforme ele próprio declara, seu pai foi “[...] amante da literatura e autor de sonetos parnasianos, alguns ilustrados por sua mulher, Edith, [...] médico de pescadores, de prisioneiros, estudioso da tuberculose, morreu aos 48 anos... de tuberculose. [...] Aos dezesseis anos, Antonio Callado ganhou um pequeno concurso de contos e, ao longo de sua vida, a literatura tornou-se uma paixão e um ofício. Após sua morte, em 1997, aos oitenta anos, sua esposa, a jornalista Ana Arruda, mencionou que, diante de tantas anotações de trabalho que ele deixou, percebeu que foi casada com um ‘operário’”. ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013, p. 31; 40.

1.1 O JORNALISMO E A INSERÇÃO EM UM CÍRCULO INTELECTUAL

A carreira jornalística de Antônio Callado se iniciou em 1937, no mesmo ano em que Getúlio Vargas implantou o Estado Novo (1937-1945). Nesse período foi adotado um rígido controle sobre os meios de comunicação (jornal, rádio, cinema) e a cultura. A imprensa passou a ter um caráter público, como forma estratégica de torná-la um instrumento de divulgação da ideologia do estado-novista, que objetivava uma ostensiva propaganda política do governo, para criar um modelo de nacionalidade centralizada no Estado. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), vinculado à presidência da República, foi um órgão representativo dessa política que também instaurou a censura prévia e a exaltação das virtudes do trabalho. Assim, os meios de comunicação, sobretudo o rádio, tornaram-se veículos para difusão de uma “versão de brasilidade”.²²

Nessa conjuntura político-cultural, Callado estreou seu contato com a imprensa e com a censura – legalizada pela Constituição de 1937 – atuando em um meio jornalístico marcado pelas pressões de ordem político-financeira. Como observou Capellato, “[...] a política conciliatória de Getúlio Vargas, aliada à ‘troca de favores’, também surtiu efeito entre os ‘homens de imprensa’”,²³ pois muitos empresários e profissionais da comunicação cederam aos “incentivos do governo”. Portanto, ser um “homem da imprensa” significava também estar envolvido com o cenário político.

Foi nesse conturbado cenário, no Rio de Janeiro, então capital do país, que Callado ingressou no *Correio da Manhã*.²⁴ As relações nesse jornal se fortaleceram a ponto de ele

²² “Durante o Estado Novo, a esfera da cultura é um elemento vital de propaganda política, é preciso difundir uma versão de brasilidade que vincule os diferentes setores da sociedade em torno dos rumos da revolução de 30. A educação e os meios de comunicação (cinema educativo e rádio) transformam-se em instrumentos de construção da nacionalidade”. ORTIZ, Renato. *Imagens do Brasil. Revista Sociedade e Estado*, v. 28, n. 3, p. 619, set./dez. 2013.

²³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: _____. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 175.

²⁴ De acordo com Capelato, “O *Correio da Manhã* (CM) fez parte do movimento que resultou na queda de Getúlio Vargas, em 1945 e, posteriormente, atuou na articulação do golpe contra o governo Jango Goulart. Em 31 de março de 1964, foram publicados dois editoriais no CM que entraram para a história: ‘Basta!’ (‘O Brasil já sofreu demais com o governo atual. Agora Basta’) e ‘Fora!’ (‘Só há uma coisa a dizer ao Sr. Jango Goulart: saia’). Esses títulos são até hoje lembrados quando se quer fazer referência ao ponto culminante da oposição a Jango. [...] Quando tiveram início as cassações de políticos, o jornal publicou comentários que revelavam desconfiças sobre o futuro, sugerindo que a democracia estava ameaçada porque o país parecia caminhar no rumo de uma ditadura militar. Dias antes da decretação do AI-5, em 1968, uma bomba foi jogada na sede do CM. No dia seguinte, no editorial intitulado ‘O responsável’, a direção do periódico denunciou o presidente Costa e Silva pelo atentado. Em 13 de dezembro, horas depois do anúncio do novo ato repressor, a sede do jornal foi cercada pelo Dops, censores se instalaram na redação e os diretores foram presos. No ano seguinte, devido a pressões do poder, o jornal pediu concordata e as finanças da empresa passaram a ser controladas por um grupo que imprimiu uma guinada governista na linha editorial”. Id. *Dossiê*

dedicar seu segundo romance, *Madona de Cedro* (1957), ao dono do jornal, Paulo Bitencourt, e foi por encomenda de sua esposa Niomar Muniz Sodré, então diretora do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que Callado escreveu a biografia de Cândido Portinari: *Retrato de Portinari* (1956). Quando se tornou editor-chefe (1957-1959), disse na revista *O Cruzeiro* que “Desde 1901 o ‘Correio’ é combativo, inconformado, uma espécie de pregador e mosqueteiro a um tempo só. [...] O único jeito, imagino, que haveria de amansar o ‘Correio da Manhã’ é o Brasil endireitar”.²⁵ Ao fazer a defesa do jornal e seu posicionamento, Callado assume o lugar político do qual estava falando.²⁶

Ainda nos anos iniciais como jornalista, Callado manteve uma coluna em *O Globo* (1939 a 1941) e foi tradutor no *O Globo Juvenil*, especializado em história em quadrinhos, que contava também com a colaboração do jovem jornalista Nelson Rodrigues, que se tornaria amigo e crítico irônico de Callado. Nelson Rodrigues apelidou o amigo de “inglês da vida real” quando soube que trabalharia na *British Broadcasting Corporation* (BBC) de Londres. Essa “brincadeira” resultou na forma como Antônio Callado se tornou reconhecido entre os seus pares ao longo de sua trajetória.

Em 1960, Callado, já reconhecido como jornalista e despontando como escritor, foi convidado para o cargo de redator-chefe da *Encyclopaedia Britannica do Brasil* com o objetivo de coordenar a versão brasileira da *Barsa*. Sua equipe de colaboradores era composta por intelectuais como Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda. Após concluída a primeira edição (lançada em 1964), Callado permaneceu no conselho da editora. A enciclopédia tornou-se a mais reconhecida e utilizada para pesquisa no Brasil, mas, devido ao seu custo, o acesso mais comum era por meio das bibliotecas. Por isso, faz sentido quando Bella Jozef, especialista em literatura hispano-americana, disse que a erudição de Callado era tamanha, que parecia que ele leu tudo. Obviamente que a leitura sempre fez parte de seu cotidiano, mas suas experiências jornalísticas deram o tom.

do Tempo Presente: a ditadura nas bancas. **História Viva**, Duetto, n. 133, nov. 2014. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/dossie_o_tempo_presente_a_ditadura_nas_bancas.htm. Acesso em: 17 jun. 2017.

Cf. _____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

²⁵ CALLADO, Antonio. Callado Responde. **O Cruzeiro**, p. 36, 31 ago. 1957. [Entrevista concedida a José Alberto Gueiros]

²⁶ Callado pertenceu à geração de intelectuais dos anos de 1930 e 1940 que contribuiu com o “projeto de Brasil”, a partir das instituições nas quais cada um atuava. No caso de Antonio Callado, foi na imprensa e no jornalismo político. Sobre o assunto consultar: MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

Nesse sentido, os dois grandes jornais da imprensa carioca nos quais Callado atuou, o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*²⁷ (1963-1975), e permaneceu até se aposentar e se dedicar exclusivamente à atividade de escritor, foram órgãos que, dada a sua influência, conciliavam interesses políticos e econômicos, seja diretamente com o Estado, seja nas redes de relações que se formavam a partir deles. Por isso, o jornalismo abriu caminhos para Callado construir sua orientação política e também um círculo de relacionamento composto por vários outros escritores, muitos dos quais, a exemplo dele e de Nelson Rodrigues, eram da imprensa. Chegou a trabalhar junto com Clarice Lispector e Graciliano Ramos no *Correio da Manhã*, esteve com o escritor e diplomata Guimarães Rosa em Bogotá (1948), cobrindo a IX Conferência Pan-Americana, assim como com outros grandes artistas e intelectuais de todas as áreas, haja vista as parcerias em suas obras.²⁸

Após a inserção nesse meio, Callado encontrou o “lugar social” a partir do qual construiu sua carreira e se apropriou do que mais tarde consolidaria seu projeto de escritor. Assim como solidificou sua imagem de intelectual, associada à forma pela qual opinava, criticava e ironizava, tanto no jornalismo como na ficção, resultando na construção do “estilo Callado” (elegante, doce e radical). Obviamente, ele contribuiu para manter viva essa imagem ao falar de sua carreira. Sempre citava os vários apelidos que recebeu, para demonstrar a forma como era lembrado entre seus pares (artistas e intelectuais). Também incorporou a imagem do “doce radical” atribuída pelo psicanalista Hélio Pellegrini.

Nesse mesmo raciocínio, João Ubaldo Ribeiro²⁹ diz recordar da elegância, da erudição e da fidalguia do trato de Callado, assim como Moacyr Scliar,³⁰ para a Folha de S.

²⁷ Sobre o posicionamento político do *Jornal do Brasil* no período em que Callado atuou, Capelato diz: “O *JB* teve papel relevante na articulação do golpe de 1964 e comemorou sua vitória. Alguns dias depois da mudança no poder, expressou apoio ao novo governo e demonstrou entusiasmo pela posse de Castelo Branco por meio da manchete ‘Rio festeja a posse de Castelo’. Quando foi decretado o AI-2, o *JB* defendeu as restrições políticas impostas pelo governo [...]. Em 14 de dezembro de 1968, após a decretação do AI-5, o *JB* publicou a notícia nos seguintes termos: ‘Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por ventos fortes: Máx. 38°, em Brasília. Min. 5°, nas Laranjeiras’. No dia seguinte, o periódico não circulou como forma de protesto contra a ordem de prisão de um de seus diretores. Apesar de ter conquistado grande influência política entre militares na década de 1960, o *JB* acabou perdendo prestígio durante os “anos de chumbo”. CAPELATO, Maria Helena Rolim. Dossiê do Tempo Presente: a ditadura nas bancas. **História Viva**, Duetto, n. 133, nov. 2014. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/dossie_o_tempo_presente_a_ditadura_nas_bancas.htm. Acesso em: 17jun. 2017.

²⁸ Alguns exemplos podem ser citados: Portinari fez a capa do romance *Assunção de Salviano* (1954), Oscar Niemayer, o cenário da peça *Pedro Mico* (1957), Carlos Scliar, a capa de *Reflexos do Baile* (1976).

²⁹ Cf. RIBEIRO, João Ubaldo. Depoimento. In: JOFFILY, José. (Dir.). **A Paixão segundo Callado**. Brasil: Lumen Produções, 2007. 1 DVD, documentário (57min), son., color.

³⁰ SCLIAR, Moacyr. A escrita sem trégua. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais, p. 04, 2 fev. 1997.

Paulo, em 1997, comparou a “elegância” de Callado a “um verdadeiro lorde”, e declarou que Callado ajudou a devolver ao Brasil “a dignidade – e a elegância”. Dessa forma Callado foi visto até por seus opositores políticos, como Carlos Lacerda, que, em 1965, manifestou sua posição política contrária, mas, ao mesmo tempo, admiração por Callado. Assim, observa-se que existe uma coerência envolvendo o “estilo Callado”, mas não é possível deixar de reconhecer que ele aceitou e sempre trouxe à tona, em suas entrevistas, a forma pela qual esses amigos, que representavam o seletivo grupo da intelectualidade brasileira, se referiam a ele.

Esse olhar do outro agradava Callado, mesmo que sendo de forma irônica, como a de Nelson Rodrigues, que escreveu a crônica *Uma Paisagem sem Ingleses*,³¹ na qual fez o contraponto entre “o cafajeste genuinamente brasileiro”³² e a imagem idealizada do inglês: “A Inglaterra era uma paisagem sem ingleses. Só uma vez aparecera lá, miraculosamente, um inglês. Foi quando o brasileiro Antônio Callado passou uma temporada em Londres. E era um sucesso quando ele passava, ele, o único inglês da vida real”.³³ A crítica não parou por aí, haja vista a criação de um personagem chamado “o inglês da vida real”.

Sobre esse fato, Callado disse que era natural Nelson levar tudo para o teatro: “O inglês da vida real era um personagem. Era alguém que andava em pleno calor do Rio de Janeiro mantendo um vago ar de explorador no meio dos matos... Nelson tinha uma tendência

³¹ RODRIGUES, Nelson. *Uma Paisagem sem Ingleses*. In: CASTRO, Ruy. (Seleção). **O Óbvio Ululante – Primeiras Confissões (Crônicas)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

³² Nelson Rodrigues abordou o tema do “malandro” na formação do brasileiro, que remonta os anos de 1930 e ganha força na década de 1960, a exemplo do romance *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade, que foi adaptado para linguagem teatral e fílmica nesse período. Outras obras que também dialogaram com o tema da malandragem foram a peça *Boca de Ouro* (1961) de Nelson Rodrigues, e *Pedro Mico* (1957) de Antonio Callado. E, na década de 1970, as representações do malandro e da malandragem ganharam fôlego, a exemplo da *Opera de Malandro* (1978) de Chico Buarque. No campo da crítica literária Antonio Candido publicou, em 1970, *Dialética da Malandragem*.

“O culto à malandragem coincide com o momento político e cultural da censura e ditadura militar no Brasil. Com efeito, as representações da malandragem passam a ter mais explicitamente uma significação política entre setores intelectualizados das camadas médias, mais ou menos comprometidas com a esquerda, como forma de reação ao fechamento da vida política e cultural da sociedade brasileira”. ROCHA, Gilmar. “Eis o malandro na praça outra vez”: a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 110, 2 sem. 2006.

³³ A crônica de Nelson Rodrigues aborda o debate que teve com o ator Nelson Xavier quando da filmagem de *A Falecida* (1965), envolvendo a criação de um personagem que deveria ser o nosso cafajeste e não o anticafajeste: “‘Escuta, Nelson. Você está o próprio sir Laurence Olivier’. Durante uns vinte minutos, tentei convencê-lo. Nelson Xavier fazia um jucundo, dionisíaco, erótico papa-defuntos. E mais do que isso: — era o cafajeste, o nosso cafajeste. Pois o Nelson Xavier fazia o anticafajeste. Disse-lhe o diabo para doutriná-lo. Expliquei-lhe que o inglês, tal como o imaginamos, não existe, jamais existiu. [...] Falei, falei e o Nelson Xavier não acreditou: — foi, até o fim, o próprio Antônio Callado”. RODRIGUES, Nelson. *Uma Paisagem sem Ingleses*. In: CASTRO, Ruy. (Seleção). **O Óbvio Ululante – Primeiras Confissões (Crônicas)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 127.

natural para a caricatura”.³⁴ Essas representações solidificam uma imagem e até mesmo contribuem para que um “estilo” se fortaleça a ponto de tornar-se o ponto de referência, ou o personagem da vida real que Callado perpetuou.

Para além do “estilo Callado”, a escritora e jornalista Ana Arruda Callado disse que o marido sempre fez tudo sem estardalhaço e o definiu da seguinte forma:

Branco, urbano (não conseguia sequer andar descalço), classe dominante, Antonio Callado traiu com determinação e amor suas origens. Dedicou sua obra – que se confunde com sua vida – aos camponeses, aos negros e aos índios, aos revolucionários e às mulheres. Amou a natureza e os prazeres da vida, como amou os despossuídos e injustiçados.³⁵

A definição apresentada coloca em discussão o intelectual de origem “pequeno burguesa”,³⁶ de classe média urbana, engajado nas causas sociais. Ao contrário da afirmação, Callado não “traiu suas origens”, o fato de ter boa formação e se tornado um profissional da comunicação, que acompanhou de perto a formação e a atuação de movimentos político-sociais, o levou ao diálogo entre arte e política, assim como caracterizou o tipo de jornalismo que se propôs a fazer. Essas condições históricas fomentaram o surgimento de intelectuais³⁷ nas décadas de 1950 e 1960, que ocuparam lugares importantes na vida política e cultural do país.

Mesmo ocupando ativamente esse espaço por mais de três décadas, ao se aposentar do jornalismo em 1975 e com o fim da Ditadura Militar, quando já não havia mais sentido e

³⁴ CALLADO, Antônio. Entrevista concedida a Zuenir Ventura. In: MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. (Org.). **3 Antônio & 1 Jobim: histórias de uma geração**. Rio de Janeiro: Relume-Delumará, 1993, p. 64.

³⁵ ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013. p. 436.

³⁶ Sobre os intelectuais de origem pequeno burguesa, o historiador Alcides Freire Ramos analisa o papel que desempenharam quando assumiram funções de direção político-partidária. Consultar: RAMOS, Alcides Freire. A Luta Contra a Ditadura Militar e o Papel dos Intelectuais de Esquerda. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 3, ano III, n. 1. Jan./fev./mar. 2006. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF6/8%20-%20ARTIGO%20-%20ALCIDESFRAMOS.pdf. Acesso em: 10 abr. 2013.

³⁷ “Em linhas gerais, esses artistas: 1) interpretaram a conjuntura sociopolítica como revolucionária; 2) assistiram, com perplexidade, à derrubada do governo Goulart e a tomada do poder pelos militares; 3) vivenciaram o estabelecimento gradativo da censura e de restrições a liberdades individuais; 4) participaram das disputas em torno da resistência democrática x luta armada; 5) acompanharam o aumento progressivo de ações guerrilheiras tanto na cidade quanto no campo; 6) presenciaram a intensificação do aparato repressivo, das prisões, das torturas, dos assassinatos e do exílio de lideranças políticas e culturais; 7) constataram o surgimento de novas alternativas políticas e culturais”. PARTRIOTA, Rosângela. Recordar, Celebrar, Memorizar: momentos do teatro no Brasil do século XX. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 8, ano VIII, n. 3, set./out./nov./dez. 2011. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF27/ARTIGO_05_ROSANGELA_PATRIOTA_FENIX_SET_DEZ_2011.pdf. Acesso em: 10 jan. 2015.

espaço para a literatura de resistência, Callado já não era tão lembrando, assim como muitos outros intelectuais que não se inseriram nas demandas do mercado cultural e de entretenimento, a exemplo da televisão. A repercussão de seus romances posteriores foi cada vez menor, as entrevistas que dava aos jornais e revistas também ficaram escassas e Callado passou a ser lembrando como o “autor de *Quarup*”. Mas foram os estudos acadêmicos, que começaram a visitar a obra de Callado em fins da década de 1970, que têm mantido o diálogo, a atualização de sua ficção e ampliado o leque de análises para sua dramaturgia, crônicas e obras jornalísticas.

Outra forma de reconhecimento que Callado encontrou foi ser membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), “o único clube” a que diz ter pertencido. Em 1994, ocupou a cadeira que pertenceu a Austregésilo de Athayde. Contrariando suas afirmações de não pertencer a nenhum partido, associação, ou algo do gênero, ele justifica sua entrada na ABL dizendo que esse é um clube de pessoas que compartilham um interesse comum: a literatura. E depois de ter sido fundada por Machado de Assis, praticamente todos os grandes escritores brasileiros pertenceram a ela, com exceção de Carlos Drummond de Andrade. Portanto, essa foi mais uma experiência que significou um lugar de reconhecimento e consagração para o intelectual.

Até chegar à ABL, a trajetória de Callado foi marcada pelas escolhas que o levaram para determinados grupos intelectuais. No início da carreira jornalística, seus pares também foram escritores que compartilhavam as mesmas aspirações. Ou seja, ser jornalista pela afinidade com a escrita, ter um trabalho que, além de gerar ganhos financeiros, também oportunizava a proximidade com todos os círculos sociais e culturais. Portanto, o jornalismo não foi para Callado uma escolha aleatória, mas resultante da necessidade financeira pelo declínio que sua família sofreu após a morte do pai, que era médico. Por outro lado, decorreu naturalmente de sua proximidade com a literatura, fruto do estímulo familiar e da considerável biblioteca com obras brasileiras e francesas que possuía em sua casa, onde leu os primeiros livros de poesia, tendo aprendido o francês sozinho. Com esta boa formação³⁸ e com “certa influência” que a família ainda possuía, conseguiu ser jornalista e rapidamente ter

³⁸ Envolto em seu ambiente familiar, o estudo, a presença feminina e a religiosidade também se fizeram presentes: no porão de sua casa funcionava a escola de suas tias maternas, o Externato Pitanga, onde Callado estudou durante a infância. Foi aluno do tradicional Ginásio Bittencourt Silva em Niterói e se formou em pela Faculdade de Direito de Niterói, em 1939, hoje a Universidade Federal Fluminense. Cf. CALLADO, Antonio. Um escritor em busca do Brasil. In: CHIAPPINI, Ligia. **Antonio Callado**. São Paulo: Abril Educação, 1982. Literatura Comentada. [Entrevista concedida a Ligia Chiappini.]

projeção na carreira. Motivo pelo qual não chegou a exercer a carreira jurídica, após ter-se formado em Direito em 1939.

Nesse itinerário, trabalhar fora do país foi a experiência que consolidou o Antonio Callado jornalista e deu vassão ao seu projeto de escritor. Em 1941, aos vinte e quatro anos, tornou-se repórter da *British Broadcasting Corporation* (BBC) de Londres, sediada em *Aldenharn House*. Foi convidado para cobrir a Segunda Guerra Mundial. Estar no centro dos acontecimentos mundiais também lhe possibilitou ver de longe o Brasil, que considerava uma “periferia fascista”. Em plena guerra, Londres estava a serviço de uma causa e contava com jornalistas de diferentes países, de acordo com Callado “[...] os homens mais civilizados do mundo”.³⁹ Por isso, foi uma experiência singular, pois a BBC⁴⁰ transmitia em cinquenta e sete línguas os acontecimentos da Segunda Guerra, buscando influenciar e, ao mesmo tempo, conter o avanço do nazismo.

Para além do jornalismo, em plena guerra, o teatro londrino tornou-se uma forma de envolver e elevar a autoestima da população, com a montagem de inúmeras peças. Nesse universo, Callado teve então contato com encenações e textos importantes da dramaturgia mundial e com os maiores nomes do teatro inglês e francês. Também se aproximou de Paschoal Carlos Magno, personalidade importante do teatro (produtor, diretor e crítico teatral) que o incentivaria em sua dramaturgia e seria um crítico generoso de suas peças encenadas na década de 1950.

É relevante observar que ser correspondente no exterior consolidou o primeiro objetivo de Callado, de tornar-se um jornalista conceituado, assim como abriu caminhos para o seu projeto de ser um escritor reconhecido. Foi em busca desse último objetivo que Callado voltou para o Brasil em 1947, retornou para o *Correio da Manhã*, quando trabalhou com Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda (revisores do jornal). Callado declarou que, nesse período, foi o jornal mais bem escrito que já existira no Brasil. Ele via em Graciliano Ramos o exemplo do escritor brasileiro, que trabalhava na imprensa, pois escrevendo livros

³⁹ “O que vimos não foi uma humanidade doce e construtiva e, sim, os homens mais civilizados do mundo empregando na destruição todo o seu saber tecnológico. Era, porém, o que havia de intenso naquele tempo. Era o centro do tufão. E por nenhuma coisa deste mundo eu teria deixado de dar uma mãozinha ao esforço de guerra da estação de Londres da BBC”. ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013, p. 72.

⁴⁰ É interessante pontuar aqui a impressão de Edward Said sobre a BBC, em virtude de suas conferências transmitidas em 1993, quando menciona que cresceu no mundo árabe, onde a BBC era parte importante de suas vidas. “Não sei se essa visão é apenas um vestígio do colonialismo, embora também seja verdade que na Inglaterra e no estrangeiro a BBC ocupa uma posição na vida pública que não é apreciada nem por agências governamentais, como a Voz da América, nem por redes americanas, incluindo a CNN”. SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, p. 9.

não se sustentava. Outras referências que teve foram a do jornalista, escritor e viajante inglês Henry Graham Greene,⁴¹ que viajou por diversos países em busca de inspiração, assim como a de Sérgio Buarque de Holanda, jornalista e escritor que, durante sua viagem para Alemanha (1929-1931), desenvolveu a reflexão que originou a obra *Raízes do Brasil*.⁴² Daí a teoria de Callado sobre o “escritor viajante”, para o qual as viagens são como um processo educacional. Em 1974 – na conferência *As Três Viagens dos Escritores Latino-Americanos* ministrada em Universidades da Grã-Bretanha – reafirmou essa tese.

Callado se apegou a essa ideia e passou a viajar pelo Brasil como repórter e a coletar substrato para sua ficção. Sobre a relação escritor/viajante, a historiadora Pesavento soube, com maestria, definir o olhar do viajante (o estrangeiro) que “vem de fora” e constrói uma relação de proximidade e distanciamento, mas, ao mesmo tempo, abre uma janela de acesso para o Brasil. Tomando emprestada essa analogia, Antonio Callado também abre sua janela de acesso para o Brasil ao olhá-lo “de fora”, utilizando uma lente de aumento para questionar seu país, construindo, assim, suas expectativas, ou, como ele dizia, “sua fome de Brasil”. O que também pode ser lido como a busca para consolidar sua jornada intelectual. Mas esse processo de construção não ocorre de forma solitária, ele se dá a partir de um determinado lugar, das escolhas feitas pelo autor e da interlocução com seu público.

Por isso, quando fora do país, na condição de estrangeiro, o jovem jornalista foi seduzido pela condição e o lugar onde que se encontrava, mesmo afirmando que foi uma experiência singular para pensar o Brasil. Quando diz ter compartilhado em Londres diferentes visões com jornalistas de todas as partes do planeta e, acima de tudo, estar no “centro da civilização”, caiu na armadilha da visão do “colonizado” de “*Caliban* nas terras de *Própero*”.⁴³ Tal experiência despertou em Callado o olhar de fora de seu lugar de origem, que

⁴¹ Marcos Martinelli associa a carreira jornalística de Antonio Callado a uma estratégia de tornar-se um escritor-viajante, uma vez que, tendo sua família sofrido um declínio financeiro, essa tornou-se uma forma de conseguir dinheiro, prestígio e capital simbólico. O outro motivo foi filiar-se a Graham Greene e conceber a estratégia de escrever e viajar, posicionando-se como escritor etnógrafo e como jornalista escritor. Cf. MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006, p. 16.

⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. da Letras, 1995 [1936].

⁴³ Sobre a origem do mito fundador na problemática da identidade nacional, Boaventura de Souza Santos, no ensaio “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade”, constrói sua analogia, tendo como referência o passado colonial português. Esse autor utiliza a metáfora dos jogos de espelho para demonstrar que os discursos do colonialismo português forjaram regimes identitários nos povos com os quais teve contato, seja no período colonial ou após a independência das colônias, tanto na África quanto na América. Esse processo histórico da colonização europeia perpassou pelo que denominou de “identidade dominante”, que implicará na matriz da modernidade ocidental a partir da dicotomia “Próspero/Caliban, civilizado/selvagem”. Dentre suas hipóteses, Souza Santos elenca a possibilidade de que o “excesso de

vê o outro como “os homens mais civilizados do mundo”, abrindo a perspectiva da contradição/oposição entre o lugar de origem e o lugar do outro. Assim, estar fora de seu lugar, ou desterritorializado, tornou-se um ponto de vista que propiciou a reflexão e o questionamento sobre o Brasil. Ao regressar, Callado encontrou um Brasil com perspectivas diferentes pós Segunda Guerra Mundial e fim do Estado Novo, que acabava de ganhar a Constituição de 1946. Mas nem tudo caminhava no sentido da renovação, e em 1947 o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade.

Nessas circunstâncias, Callado busca sua “fonte inspiradora”, orientando-se por duas perspectivas, a do “escritor/viajante” e a tendência do campo artístico-cultural de seu tempo, que perseguia o tema da identidade nacional. Ainda hoje, a identidade nacional é considerada um terreno incerto e escorregadio. Isso fica evidenciado no cuidado com que se cercam os estudiosos sobre o assunto. Em contrapartida, as produções artísticas, entre elas a obra de Antonio Callado, enfrentam essa questão continuamente reelaborada e atualizada. Como observou Pesavento, o historiador enfrenta esse desafio, pois, “[...] na recuperação das representações construídas no passado sobre o Brasil, o historiador a insere no cerne de um debate atual, não concluído, que é o da identidade nacional [...]”.⁴⁴ Desse debate, inúmeros temas e questionamentos emergem e são fundamentais para a compreensão da escolha do repertório de Callado, cabendo neste estudo incorporá-los como um dos elementos que dará suporte para uma análise histórico-estética.

1.2 EM BUSCA DE UM PROJETO FICCIONAL

Callado enfrentou o debate sobre a identidade nacional, questionando se realmente existia “a nação brasileira”. De forma original trouxe a questão indígena para a grande

alteridade” identificado no colonizador português esteja também presente no seu colonizado, exemplificando com o caso da colonização brasileira, que, em alguns períodos, sofreu a influência direta de Portugal e indireta, da Inglaterra, resultando numa duplicidade que se tornou um aspecto constitutivo do mito das origens e influenciando no desenvolvimento do Brasil. O autor acrescenta ainda que o processo de independência de nosso país foi o único sob regime monárquico, além de se tratar de umas das formas mais conservadoras das independências oligárquicas da América Latina, o que viabilizou condições para que “[...] o colonialismo (ao colonialismo externo?) externo sucedesse o colonialismo interno, para que o poder colonial sucedesse a colonialidade do poder”. Esse passado colonial divide os brasileiros entre os que se alimentam pelo “excesso de passado” ou pelo “excesso de futuro”. SOUZA SANTOS, Boaventura. Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade. *Novos Estudos*, p. 28, 2003. Disponível em:

http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/100/20080627_entre_prospero_e_caliban.pdf.

Acesso em: 29 jan. 2013.

⁴⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Uma Janela para história. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). *Brasil país do passado?* São Paulo: EDUSP, 2000, p. 65.

imprensa, para o teatro e para literatura na década de 1950. Buscou as contradições do Brasil e enfrentou temas ainda hoje polêmicos. Nesse diapasão, Renato Ortiz atualiza o debate, questionando o sentido dos múltiplos olhares sobre a identidade nacional em nossa contemporaneidade, bem como as transformações ocorridas nas últimas décadas, e observa que toda essa reflexão envolve categorias de análise, destacando “nação e cultura”. A nação como uma novidade histórica recente para a humanidade, mas que é constituída por diversos autores e seus diferentes e conflitantes pontos de vista, resultantes da sua opção teórica e que também carregam questões relevantes como “[...] modernidade inacabada, mestiçagem, imitação do estrangeiro, atraso etc. Pode-se dizer que, no Brasil e na América Latina, existe uma obsessão pelo nacional, isso faz com que a problemática da identidade seja recorrente”,⁴⁵ bem como permanentemente retomada e reelaborada, por exemplo, na da literatura.

No que tange à produção cultural no pós-1964, essa temática era mais abrangente, resultado do esforço de artistas, intelectuais e escritores para implementação de uma cultura em âmbito nacional, fundamentada em antigos ideais, como o sincretismo e a mestiçagem, e no embate com o Estado autoritário, que objetivava delinear uma imagem convincente, harmônica e cordial do Brasil, obviamente sem as influências do comunismo. Essa imagem de Brasil modernizado e harmônico é questionada por Callado ao apresentar as contradições internas do atraso *versus* a modernidade importada.

Modernizar o Brasil na ditadura militar envolveu a repressão política e a expansão econômica, o que significou a combinação da atuação policial, da modernização da máquina estatal e do incentivo às atividades empresariais. As críticas a esse processo ficam evidenciadas no final do regime militar, com a transição democrática, momento em que a democracia era vista como uma “graduação progressiva da modernidade”, pautada em um modelo europeu e norte-americano. Entretanto, as críticas sobre a “teoria da modernidade” e a “ideologia do progresso” desestruturam tal visão e, nos anos recentes, foram direcionadas para novos conceitos, como eurocentrismo, modernidades múltiplas, globalização, pós-colonialismo, dentre outros. Nesse entendimento, deve-se estar alerta para a ambiguidade da associação entre democracia e modernização, sem desconsiderar a ideologia do progresso:

Talvez fosse melhor dizermos que o fim da ditadura foi menos uma transição e mais uma conquista. Ou seja, os valores que ela pressupõe nada têm de perenes, são frutos de conjunturas políticas específicas, e não o caminhar de

⁴⁵ ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Estado e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 620, nov./dez. 2013.

um ideal civilizatório. Para ser preservada, a democracia necessita ser incessantemente renovada, não basta sermos modernos.⁴⁶

Se a democracia é um elemento importante para a modernização, mas somente a forma de governo não sustentaria esse ideal, o que representaram, então, a cultura e a indústria cultural nesse período? Para Ortiz, a modernização da sociedade brasileira envolveu uma transformação significativa no âmbito cultural, em que ocorreu, pela primeira vez em nossa história, a ascensão de um “mercado de bens simbólicos” em esfera nacional.

Mais do que modernizar e promover uma indústria cultural, o que estava também em questão eram os produtos (artístico-culturais) para um determinado mercado consumidor. No caso da produção literária da década de 1960, estudos demonstram que o mercado editorial manteve-se muito baixo, destacando-se qualitativamente pelo fomento dos editores e pela aceitação do público leitor. Mas, na década de 1970, com o chamado milagre econômico, o aumento do número de estudantes universitários e a redução do analfabetismo, entre outros aspectos, propulsionaram o crescimento do mercado editorial sob o controle estatal e forte censura.

É nesse difícil cenário que a criação ficcional de Callado se depara com a ideia de identidade nacional como uma construção ideológica, representada em suas obras ficcionais e não ficcionais, como uma forma de questionar as interpretações sobre o Brasil. No que tange à ficção, tem as marcas da consciência do autor, de um jogo/embate que interessava ao escritor, e sua forma de participar era explicitando esse confronto em sua construção discursiva, em sua criação literária, haja vista que suas peças teatrais da década de 1950 enfocam temas como a questão indígena, a mulher, o negro, o nordestino e seus romances políticos denunciam as mazelas de um governo ditatorial, violento e repressivo, assim como questionam a construção de ideais forjados, até chegar a uma indagação maior, que é a fundação e formação do país. Nas palavras de Rocha, “Lá, onde se busca a identidade nacional, estão os símbolos, os mitos, as palavras, a miragem. De Nando a Vicentino Beirão, a obra calladiana expõe o que isso significa... para o bem e para o mal”,⁴⁷ o que reafirma sua reflexão sobre o caráter ideológico na construção da identidade nacional.

⁴⁶ ORTIZ, Renato. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014, p. 116.

⁴⁷ ROCHA, Rejane Cristina. Antonio Callado e a Rasura da Identidade Nacional. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 21, p. 135, 2012. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415578977.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2015.

Por isso, a questão recebeu diferentes configurações ao longo da história brasileira e exerceu uma grande influência sobre a criação artística de uma época, o que justifica o fato de a temática da identidade nacional ser ainda objeto de reflexão e ponto de questionamento sobre as “condições críticas” de que dispomos para compreender o resultado que essa busca teve sobre a ficcionalidade de um determinado período. Essa discussão abre um leque de possibilidades de análise, que não é o foco desse estudo, porém não há como abstrair alguns temas que se entrelaçam à trajetória de Callado, como a influência da indústria cultural no construto de um processo amplo, inclusive de importação de modelos, tanto no projeto modernizador e conservador da direita, quanto no projeto de resistência da esquerda.

As implicações dessa conjuntura histórica para a realidade nacional abarcaram a oposição tanto à Ditadura Militar quanto à “modernização conservadora”, por meio de uma concepção estética que se acreditava influenciar nos rumos da nação, em que o diálogo estética/história seguiu o curso dos “[...] debates propostos pela conjuntura do país: instantes de reafirmação da ‘nação’, tanto no que se refere à reafirmação de um Estado-Nação, quanto no que diz respeito à ideia de brasilidade na cultura”.⁴⁸ Portanto, as ideias de Nação e de brasilidade⁴⁹ são fundamentais para a compreensão da trajetória e da obra de Callado, pois, quando lidas conjuntamente com outras produções do período (literatura, cinema, teatro), contribuem para um diálogo sobre o “projeto de Brasil”, ou seja, são obras com “a cara de seu tempo”.

Nesse debate sobre modernidade e nacionalidade, Schwarz discute o olhar de Callado sobre o sentido de nação, a partir de *Quarup*, “[...] onde o depositário da nação autêntico não é o passado pré-colonial, como queria a figura de Lima Barreto, mas o interior longínquo do território, distante da costa atlântica e de seus contatos estrangeirizantes”.⁵⁰ Ao

⁴⁸ PATRIOTA, Rosângela. **A Crítica de um Teatro Crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 209.

⁴⁹ O sentido de brasilidade, para Marcelo Ridenti, é complexo, polêmico e está ligado à ideia de nacionalidade e, ao mesmo tempo, não pode ser reduzido ao mero nacionalismo ou patriotismo. Foi a partir de 1930 que a brasilidade tornou-se visível no meio artístico e no pensamento social, tendo assumido múltiplas formas, em diferentes contextos e por diferentes grupos, resultando em correntes de pensamento/teorização sobre o Brasil/Nação. Em se tratando da “brasilidade revolucionária”, Ridenti se reporta a ideias, partidos e grupos de esquerda e sua ligação com os movimentos artísticos. Evidenciada a partir da década de 1960, a brasilidade já foi e continua sendo reconhecida no romance *Quarup*: “Depois do Golpe de 1964, a brasilidade revolucionária pode ser encontrada nas canções de Edu Lobo, Geraldo Vandré e outros; nos desdobramentos da dramaturgia do Teatro de Arena – como a peça *Arena Conta Zumbi* e sua celebração da comunidade negra revoltosa –; e especialmente no romance *Quarup*, de Antonio Callado (1967), que exaltava a comunidade indígena e terminava apontando a via da revolução social [...]”. RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade Revolucionária: um século de cultura e política**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 90. Destaque nosso.

⁵⁰ SCHUARTZ, Roberto. Nacional por Subtração. In: _____. **Que horas são?: ensaios**. São Paulo: Cia. da Letras, 1987, p. 34.

longo de seus romances, Callado persegue a ideia de que não basta ignorar o passado atrasado e colonial, impondo um projeto modernizador sob o ritmo norte-americano e europeu. O Brasil precisava enfrentar suas mazelas para encontrar a cura, visto que esse enfrentamento também remete à banalização da figura do “homem cordial” e da ideologia do país pacífico, pois a ideia de civilidade e atraso em nossa tradição cultural remonta a nosso passado colonial.

Essa discussão também foi realizada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, onde desenvolveu a teoria do *homem cordial*, a partir da noção de que, dominado pelo coração, é ao mesmo tempo amável e violento. Esse homem de origem patriarcal e rural deixou seu legado na formação do Estado e nas relações políticas no Brasil, o que não deveria ocorrer em um país republicano, onde a democracia não poderia ser regida pela cordialidade.

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. E assim puderam incorporar à situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos.⁵¹

Sérgio Buarque tomou como premissa um país de tradição rural, no qual as relações se baseavam na estrutura familiar e afetiva e relações de compadrio. Em contrapartida o Brasil urbano está impregnado com as marcas dessa tradição, dificultando a instauração de um projeto coletivo, pois todas as mudanças propostas vieram dos grupos dominantes, de cima para baixo, resultantes de uma sociedade de tradição ibérica e de base agrária. Entretanto, o equívoco de interpretação do poeta Cassiano Ricardo, que, ao ler “O homem cordial” em 1936, relacionou a cordialidade com a “técnica da bondade”, perpetuou o mito do brasileiro afável, doce e cordial, imagem “positiva” que agrada e camufla as mazelas do Brasil e esconde a dificuldade de disciplina, de cumprir regras “tanto para o bem, quanto para o mal”, acrescentando a isso o caráter não violento.

Antonio Callado se ampara na discussão para refletir sobre o Brasil e sobre nossa formação, o Brasil rural e o Brasil urbano, em que permanecem os privilégios e os pactos oligárquicos, onde o interesse individual se sobrepõe aos interesses públicos, perpetuando nossas mazelas em uma sociedade hierarquizada, que não consegue incluir as minorias. Essas questões foram postas por Callado por meio de uma linguagem metafórica que remete à

⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia da Letras, 1995 [1936], p. 160.

“busca ao centro do Brasil”, “ao coração do Brasil” e o lugar que representou esse espaço foi o *Xingu*. Pois o Brasil com o qual ele estava dialogando é fruto das políticas conservadoras do Estado, da mesma forma que as políticas modernizadoras que se evidenciaram como preocupação do Estado a partir de 1930, o período republicano (1945-1964). Nesse período republicano, o Brasil conheceu uma experiência democrática promissora sob a perspectiva da cidadania, mas a sociedade ficou dividida entre dois projetos: um “reformista e revolucionário”; e o outro, “conservador”, orientado pelo medo da revolução e do caos social.

O projeto conservador se instaurou juntamente com a ditadura, a partir do golpe de estado em 1964, acelerou as políticas de modernização, assim como as desigualdades sociais, resultando, no final da década de 1970, em suas contradições, pois a ditadura, de acordo com Reis, “[...] impulsionara a modernização do país, sofisticando as estruturas de sociabilidade e potencializando as aspirações por direitos, mas negou-se na prática. Não gratuitamente, uma repulsa geral marcou seu fim ‘lento, seguro e gradual’”.⁵² A historiografia recente reconhece avanços oriundos do projeto modernizador em alguns setores, como a expansão das universidades, contudo questiona a forma autoritária com que foi engendrado.

Acompanhando as questões colocadas por uma conjuntura específica, o jornalista Antonio Callado transpôs para seus romances esses temas que ainda hoje são incômodos e polêmicos, como o contraditório papel da esquerda que, ao mesmo tempo em que era a “vanguarda”,⁵³ também era desarticulada e sem coesão, como se pode constatar pela alternativa malograda da luta armada. Essa é sua singularidade: ser capaz de manter o olhar arguto mesmo diante da repressão, do autoritarismo do governo militar e da forte censura, tendo essa última influência marcante na sua vida profissional, primeiro no Estado Novo, enquanto jornalista, e depois na Ditadura Militar, como jornalista e escritor.

⁵² REIS, Daniel Aarão. As Marca do Período. In: _____. (Coord.). **Modernização, Ditadura e Democracia: 1964-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 24. v. 5.

⁵³ “Este termo está ligado historicamente à teoria marxista-leninista do partido do proletariado. A criação de uma Vanguarda é obra de uma escolha subjetiva de homens conscientes que falham ou triunfam segundo a linha política e a obra que realizam dentro de um movimento de massa. Na sua mais ampla acepção, indica o grupo mais consciente e ativo de um movimento de massa. O aspecto da consciência é portanto fundamental na definição de Vanguarda: ele é também o aspecto discriminante que distingue o partido das Vanguardas espontâneas ligadas a um específico movimento de massa. O partido do proletariado se distingue dos outros grupos da classe operária antes de tudo porque é o compartimento da Vanguarda, o compartimento consciente que possui o conhecimento das leis da luta de classes e que é capaz, por isso, de guiar a classe e dirigi-la na luta, dotado, em última análise, da teoria marxista-leninista”. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 9 ed. Brasília: Ed. UnB, 1998, p. 1291. v. 2.

Ainda no intuito de acompanhar a trajetória intelectual de Callado, torna-se relevante identificar: onde ele buscou suas “matrizes temáticas”, com quais grupos se identificou para pensar o Brasil? Os indícios estão nas reportagens que realizou objetivando “conhecer” seu país, primeiro o *Xingu* e posteriormente o Nordeste. Assim, ele se orientou por uma nova perspectiva, encontrar matéria prima para seu projeto de escritor.

1.3 O *XINGU* E A EXPERIÊNCIA PERNAMBUCANA: MATRIZES DE UM PROJETO FICCIONAL

A aproximação de Callado com os grupos vulneráveis também remonta a suas primeiras referências, entre elas o seu avô materno, o desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, não pelo convívio, pois ele faleceu em 1918, quando Callado tinha um ano, mas pelos ideais e pela admiração que sua mãe e tias maternas nutriam por ele. Seu avô formou-se em Direito no Recife, e teve uma trajetória intelectual e humanista voltada para a defesa dos grupos vulneráveis, como os negros (antes da abolição), os índios e os presidiários. Seu trabalho na área jurídica lhe possibilitou realizar inúmeras viagens pelo Brasil e ter contato com esses grupos marginalizados que defendia. Escreveu obras que serviram de referência no âmbito jurídico, pois a questão dos direitos indígenas era pouco explorada. Esses estudos são *O Selvagem Perante o Direito* (1899) e *A Tutela dos Índios* (1915), mas também se preocupou com outros excluídos, como os do sistema prisional: *Organização penitenciária nos países latino-americanos* (1907).

Unindo ao jornalismo as influências que já trazia, Callado escolheu os lugares e os temas de suas reportagens com a intenção declarada de viajar pelo Brasil. Orientando-se pelo grande tema do Nacional, que estava em sintonia com o debate do campo artístico-cultural, ele se aproximou dos grupos e dos projetos nos quais via relevância, sendo admirador do trabalho realizado pelos irmãos Villas Boas⁵⁴ e tendo presenciado com muita empolgação a luta do camponês pernambucano. Nesse intuito, inicialmente produziu várias reportagens no *Xingu*, norteado primeiramente pela intenção de conhecer os primeiros habitantes de *terra brasilis*, e em seguida acompanhar os projetos de desenvolvimento e “colonização” da Amazônia.

⁵⁴ Em 2012 foi lançado o filme *Xingu*, dirigido por Cao Hamburger, que narra a saga dos irmãos Villas Boas desde seu ingresso na Expedição Roncador-Xingu como parte da Marcha para o Oeste, como política do governo de Getúlio Vargas lançada em 1943. O filme teve sucesso de público e foi adaptado para televisão (Rede Globo) também em 2012. Torna-se relevante observar como o tema está sempre em nosso horizonte, sempre retomado por outras linguagens, como na homenagem da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense do Rio de Janeiro, em 2017, ao *Xingu* e aos irmãos Villas Boas.

Após a segunda guerra mundial, vigorava a ideia do papel social da ciência e de seu potencial como instrumento de “civilização” e desenvolvimento, o que transparece em reportagens de Callado, como *Diálogo da Hiléia Amazônica* (1949), em que defende o projeto do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica (IIHA), apelando para que as autoridades responsáveis não continuassem deixando a Amazônia abandonada. Outro exemplo é *Por que não existe um plano de valorização da Amazônia*, em que provocativamente questiona:

Há uma verba destinada à colonização no Brasil inteiro: 300 milhões de cruzeiros.

[...]

Pergunta: por que desfalcar a verba total de colonização drenando 10% da mesma para o vale do Rio Guamá, quando o artigo 199 da Constituição já atribuiu quantia não inferior a 3% da renda tributária da União à valorização econômica da Amazônia?

Resposta: porque a Comissão de Valorização da Amazônia é a coisa mais pulha que já se viu no Brasil. [...]

Não é de verbas que está precisando a Amazônia. É de uma elite com o mínimo de amor àquela terra. Uma elite que nunca tolerasse a existência de uma Comissão pulha como essa que desde 1946 trata de evitar, com tôdas as suas fôrças e verbas, que nasça um Plano de Valorização da Amazônia.⁵⁵

[Destaque nosso]

Callado estava criticando duramente o descaso do governo com os interesses da Amazônia, ao mesmo tempo em que se posicionava favorável ao ideal de progresso e desenvolvimento. Após ter chegado da Europa, onde diz ter conviado com “os homens mais civilizados do mundo”, encontra no Brasil o projeto de “colonização da Amazônia”. Nesse período Getúlio Vargas já havia lançado a campanha “A Marcha para o Oeste” (1941),⁵⁶ da qual resultou o projeto que almejava a integração do território brasileiro e a “colonização” da Amazônia passou para a agenda estratégica dos interesses nacionais, porém sem preocupação com a questão indígena. Nesse impasse entre os interesses do governo e os interesses da Amazônia, Callado encontrou os sertanistas irmãos Villas Boas, o que viria a ser grande contribuição para sua inserção na defesa das questões indígenas tanto no jornalismo, quanto na ficção.

⁵⁵ CALLADO, Antonio. Porque não existe um plano de valorização da Amazônia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 02, 18 abr. 1950.

⁵⁶ “A noção de ‘vazio’ territorial atualizava o conceito de ‘sertão’, entendido como um espaço abandonado que, desde as denúncias de Euclides da Cunha, vinha preocupando as elites brasileiras interessadas em construir uma nação. Por outro lado, as áreas ocupadas do Brasil eram vistas como um arquipélago, onde cidades ou regiões pouco tinham a ver entre si. A criação em 1937 do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) indica sem dúvida a importância das estradas como instrumento de comunicação entre as regiões e as cidades”. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do oeste. **CPDOC**, FGV, [20--]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/ConquistaOeste>. Acesso em: 01 maio 2016.

Callado aproveitou sua posição de prestígio na imprensa e a configuração política favorável, na qual Getúlio Vargas havia sido eleito pelo povo em 1951 e apresentava uma plataforma política democrática. Assim, em 1952 fez parte da expedição organizada pelo conglomerado jornalístico *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, na qual também estavam Orlando e Cláudio Villas Boas. A finalidade da expedição era a busca dos ossos do Coronel Percy H. Fawcett, desaparecido em 1925. Como resultado da investigação jornalística, escreveu *Esqueleto da Lagoa Verde* (1953),⁵⁷ considerada uma referência para o jornalismo literário brasileiro, marcada pela crítica irônica que também acompanhará suas obras de ficção.

Em *O Esqueleto na Lagoa Verde* Callado também expõe as contradições do mundo “civilizado”: “O índio (a menos que já tenha sido civilizado) não faz perguntas embaraçosas pelo simples fato de não conhecer o embaraço. É uma criança. Ainda vive aquém do Bem e do Mal”.⁵⁸ Essa relação com as origens do povo brasileiro será internalizada no teatro e no romance, como a busca de Callado pelas “raízes da civilização”, pelo “coração do Brasil”, representado pelo índio e pelo *Xingu* como o “centro do Brasil”. A partir desse elemento desenvolve a ideia de “conhecer o Brasil por dentro”, “conhecer o Brasil de fora para dentro” o que significa que existia uma parte do país que era desconhecida e abandonada. Por isso, também questionará a construção das teorias sobre “identidade nacional”, ao trazer a questão indígena para o debate.

Nessa perspectiva, como jornalista, Callado trouxe as questões indígenas⁵⁹ para a imprensa nacional⁶⁰ e, como homem de seu tempo, defendeu que o projeto de “colonização da

⁵⁷ Sobre a reportagem, Arriguetti Jr. explica: “[...] é comum que ele junte a pesquisa historiográfica à forma da investigação policial e tudo num mesmo desconcerto frente ao que não se alcança saber de todo. O incrível desaparecimento de Fawcett é também a evaporação do eixo central da reportagem em torno do fato verificável. A busca da verdade factual do jornalista é, assim, sutilmente deslocada pela descoberta perplexa da força da ficção que vem do que se imagina, com outro tipo de verdade, não menos esquivada, sobretudo depois da desconfiança quanto à verossimilhança que pode trair a realidade por uma mera coerência interna da narrativa”. ARRIGUETTI JR., Davi. Baile das Trevas e das Águas. In: _____. **Achados e Perdidos**. São Paulo: Pólis, 1979, p. 04.

⁵⁸ CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**: ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Livraria Cultura, 2010, p. 97.

⁵⁹ A questão indígena também foi abordada nas obras modernistas *Macunaíma* (1928) de Mario de Andrade e *O Rei da Vela* (1937) de Oswald de Andrade. Cf. BARBOSA, Kátia Eliane. **Macunaíma (1978) de Antunes Filho**: o olhar antropológico para a cena e a história brasileira, 2012. 195 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

⁶⁰ “Nos anos 50, como jornalista, estive lá no Parque, com Orlando e Cláudio - Leonardo já estava prestando serviços à Fundação Brasil Central - e com Noel Nutels, que cuidava da saúde dos índios. Minha primeira visita durou uma semana, e fiquei estupefato de ver como, além do exaustivo trabalho de cada um, todos tinham tempo de acolher os índios, conversar com eles por cima de barreiras de língua, conviver com eles.

Amazônia” levasse em consideração os povos indígenas, a criação do parque do *Xingu*. Conforme declarou Orlando Villas Bôas: “[...] o *Xingu*, então, parecia estar em outro planeta. Dele, aliás, pouco se falava. Nem dele nem da Amazônia em geral”.⁶¹ O projeto dos irmãos Villas Bôas na demarcação do Parque Nacional do Xingu e a relação com os povos indígenas veio ao encontro da busca de Callado pelo tema da brasilidade e sua gente. Mas a cultura indígena também despertou interesse de pessoas que marcaram sua carreira. Em 1958, Callado acompanhou a visita de Aldous Huxley,⁶² sua esposa Laura Archera, escritora e cineasta, e a poetiza Elizabeth Bishop ao *Xingu*. O grande escritor, ao visitar o Brasil, quis conhecer a cultura não material dos índios e seu mundo religioso. Pelo interesse do grupo, percebe-se a relevância do tema para além das fronteiras brasileiras.

A partir de então, a luta pela terra tornou-se uma questão recorrente tanto no jornalismo quanto na sua ficção, perpassando a demarcação das terras indígenas até à Reforma Agrária para o camponês.⁶³ A discussão também foi parte da agenda nacionalista nas décadas de 1950 e 1960, e que continua alvo de conflitos em nossa atualidade. Com o golpe militar, Callado presenciou a frustração das expectativas em relação à distribuição das terras, e publicou em 1985 o ensaio *Entre o Deus e a Vasilha: ensaio sobre a Reforma Agrária brasileira, a qual nunca foi feita*,⁶⁴ o próprio título resumo da sua descrença e um desabafo. Nesse ensaio utiliza trechos de uma carta que recebeu de um camponês que lutava pela terra,

Os curumins se juntavam de tardinha ao redor da rede do médico, não para qualquer consulta: para ouvirem o *crooner* que era Noel, para cantarem com ele. Redimindo as antigas bandeiras de ferro, fogo e escravidão, a bandeira Roncador-Xingu aderiu aos índios. Quando lá cheguei a primeira vez, cheguei de botas. Todos andavam de tênis ou sapato velho. Orlando andava quilômetros por dia, no mato, feito os índios: descalço! Assim é o Parque Indígena do Xingu. Assim se vive naquela república dos irmãos Villas Bôas, para onde viajo quando o Brasil exagera”. CALLADO, Antonio. A Doce República do Tatuari. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ext/especial/villasboas/antca.htm>. Acesso em: 04 nov. 2014.

⁶¹ ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013, p. 210.

⁶² Sobre esse encontro e a admiração pelo escritor inglês, Callado disse: “[...] quando veio ao Brasil em 1958 para fazer conferência, a convite do Itamaraty, Aldous Huxley já era, como Sartre, conhecido como uma espécie de sábio à moda antiga”. CALLADO, Antonio. Aldous Huxley era um sábio à moda antiga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ilustrada, 25 jul. 1994. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/25/ilustrada/1.html>. Acesso em: 14 out. 2013.

⁶³ “Assim, embora possamos encontrar o vocabulário nacionalista como parte integrante de um variado xadrez político, cultural e ideológico, a partir da segunda metade dos anos 50 constata-se o desenvolvimento de um movimento nacionalista bastante atuante e em crescimento acentuado. No plano da história política recente do país é justamente esse movimento dos anos 50 e 60 que marcou profundamente o pensamento e a ação de políticos, intelectuais, sindicalistas, trabalhadores, padres e estudantes e ainda hoje serve como referência, por exemplo, no debate sobre privatizações”. MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 2, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100015>. Acesso em: 12 jan. 2013.

⁶⁴ CALLADO, Antonio. **Entre o Deus e a Vasilha: ensaio sobre a reforma agrária brasileira, a qual nunca foi feita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

para concluir que a terra permanecia nas mãos de uma elite protegida pelo governo e o camponês continuava “meeiro, parceiro, tarefeiro” nas propriedades privadas.

Percebe-se sua desilusão ao retomar o permanente tema da distribuição de terras que, na história do Brasil, gira em torno dos interesses dos latifundiários, enquanto os maiores interessados (indígenas e camponeses) são tratados como se fossem de outro país, os “invasores” de terras. Na década de 1990 continuou demonstrando sua descrença ao se referir às suas expectativas em relação às Ligas Camponesas e à ausência da implantação de um plano de governo para tratar efetivamente a questão da Reforma Agrária. Esse pessimismo de Callado se contrapõe a suas expectativas em relação ao Brasil de fins da década 1950 e início de 1960,⁶⁵ período em que cabia ao projeto modernizador do país uma reforma estrutural que contemplasse a questão agrária. Foram esses ideais de mudança que o levaram ao Nordeste para uma série de reportagens, inicialmente, para o *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. Suas matérias ganharam repercussão⁶⁶ e atenção, inclusive, da imprensa internacional, a partir da denúncia sobre a “indústria da seca”, termo atribuído por ele àquela região na obra *Os Industriais da Seca e o Galileus de Pernambuco* (1959). Essa obra reúne as reportagens nas quais se constata como os latifundiários transformaram os problemas oriundos da seca em negócio rentável.

Ao mesmo tempo em que denunciava a ausência do Estado e o latifúndio, Callado também nutria as expectativas pela Reforma Agrária e Social. Pela análise de Patriota e Ramos, esses anseios também eram compartilhados:

⁶⁵ “Sem dúvida, essa estrutura de sentimento era portadora de uma idealização do homem do povo, especialmente do campo, pelas classes médias urbanas. Mas ela se ancorava numa base real: a insurgência dos movimentos de trabalhadores rurais no período. Era o tempo das Ligas Camponesas, celebradas em obras como João Boa-Morte (cabra marcado para morrer), de Ferreira Gullar, ou no filme de Eduardo Coutinho, inacabado à época, que tomou emprestado o subtítulo do poema de Gullar. Ademais, vivia-se o impacto de revoluções camponesas no exterior, especialmente em Cuba e no Vietnã. Também é preciso lembrar que a sociedade brasileira ainda era predominantemente agrária pelo menos até 1960; estava em andamento um dos processos de urbanização mais rápidos da história mundial: de 1950 a 1970, a sociedade brasileira passou de majoritariamente rural para eminentemente urbana, com todos os problemas sociais e culturais de uma transformação tão acelerada”. RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social*, Revista de Sociologia, USP, v. 17, n. 1, p. 87, jun. 2005.

Cf. Id. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

⁶⁶ “As reportagens de Antonio Callado acerca de todo o cenário político adquirem grande repercussão nacional e são transcritas nos Anais da Câmara Federal e nos Anais da Assembleia Legislativa de Pernambuco, associadas a diversos discursos favoráveis e desfavoráveis. Os artigos publicados na imprensa também alternam elogios e ataques às matérias publicadas por Callado. A ‘indústria da seca’, a criação da Sudene e a luta das Ligas Camponesas de Galileia tornaram-se temas centrais de debate nacional”. MONTENEGRO, Antônio Torres. *Produções do Medo: algumas trilhas (1955-1964)*. In: _____. *História, Cultura e Sentimentos: outras Histórias do Brasil*. Recife: UFPE, 2008, p. 32.

Entre o final dos anos 1950 e o início dos 1960 havia a crença de que se vivenciava um processo em direção à revolução democrático-burguesa. Neste período, as atividades artísticas de grupos como o Teatro de Arena, Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), Movimento de Cultura Popular (MCP) de Pernambuco, entre outros, visavam contribuir com a conscientização da sociedade brasileira, em particular, das classes trabalhadoras, em prol das transformações sociais que se apresentavam como necessárias.⁶⁷

A trajetória de Callado o insere nesse processo, ao acompanhar, no cenário político, econômico e cultural, os projetos de desenvolvimento do Governo Vargas e Juscelino Kubitschek, que vão desde a criação da indústria de base até a infraestrutura do país, culminando na construção da capital Brasília. No plano cultural houve grande expressão nos meios de comunicação como rádio, cinema, televisão, que por sua vez também simbolizavam o progresso e a modernização. Paralelamente a esses acontecimentos, Callado também vivenciou o que considerou “a revolução em andamento no campo”, em fins da década de 1950 até o golpe militar de 1964. Um movimento que seria a base da transformação social, uma transformação que aconteceria pela posse da terra e pela educação e, conseqüentemente, também seria a via de acesso à modernização.

Esse debate em torno da Reforma Agrária tornou-se um ponto de convergência dos interesses de diferentes grupos, como a Igreja Católica e o Partido Comunista, ao mesmo tempo em que a questão do campesinato tornou-se alvo de disputa na organização dos trabalhadores rurais, como se deu nos sindicatos rurais de Pernambuco. Por isso, Callado foi tão otimista em relação às questões que envolviam os “verdadeiros donos” das terras, como o projeto de criação do Parque Nacional do Xingu e, também, a formação das Ligas Camponesas. Tornou-se um defensor desses grupos, levou para o conhecimento de um público maior, através da imprensa, um debate que não ocupava tanto espaço, o que permite afirmar que ocupou um lugar relevante ao dialogar com grandes projetos político-sociais de seu tempo, projetos que continuam em pauta e ganham força sempre que trazemos à discussão a historicidade de suas obras.

1.3.1 AS LIGAS CAMPONESAS: “A EXPERIÊNCIA QUE MERECIA VIVER”

Antonio Callado tomou partido, desde as primeiras reportagens em 1959, diante da “movimentação no campo” que acontecia no Nordeste. Ele não praticava a imparcialidade

⁶⁷ PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides. Terra em transe e O Rei da Vela: estética da recepção e historicidade. *Confluenze Revista di Studi Iberoamericani*, Università di Bologna, v. 4, n. 2, p. 139, 2012.

jornalística na apresentação dos fatos, ao contrário, argumentava em defesa dos camponeses. Em 1959, a serviço do *Correio da Manhã*, escreveu *Os Industriais da Seca e os Galileus Pernambucanos* e *O Despertar Nordestino* e ficou entusiasmado com a desapropriação das terras do Engenho Galileia a ponto de o fato inspirar sua peça teatral *Forró no Engenho Cananeia* (1964). A intensa atividade em Pernambuco fez com que Callado retomasse pelo *Jornal do Brasil*, no final de 1963 e início de 1964, mais uma série de matérias jornalísticas que foram reunidas em *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. Novamente ele demonstrou a mesma empolgação com a “revolução no campo”.

Callado transitou entre vários grupos, entrevistando todas as partes envolvidas no evento: os camponeses, os usineiros, representantes dos sindicatos rurais e do Partido Comunista, representantes das Ligas Camponesas, padres que apoiavam esses grupos, líderes políticos, pessoas posteriormente conhecidas, como Paulo Freire (educador), Elizabete Teixeira (líder camponesa), Gregório Bezerra (membro do Partido Comunista), Francisco Julião (líder das Ligas Camponesas). No final escolheu um lado, “o camponês”, acreditando que, em meio a tanta disputa política, eles teriam algum aprendizado e benefícios. Considerou Pernambuco o estado mais democrático da Federação, e também não ocultou sua admiração pelo seu governador, Miguel Arraes.

A partir de então, elegeu Pernambuco como o “espaço privilegiado de experiências sociais”, mencionou, em *Tempo de Arraes: a revolução sem violência* (1964), que era uma revolução que merecia viver e que “não precisava de licença de ninguém para viver”. Mas o desalento do jornalista ao escrever o prefácio de suas reportagens, que já estavam desatualizadas antes da publicação do livro em julho de 1964, demonstra sua crença no processo incipiente de Pernambuco, sobretudo na atuação das Ligas Camponesas.

Essas reportagens lançam luz sobre o lugar a partir do qual Callado estabeleceu seu debate/embate tanto com as esquerdas, quanto com a Ditadura Militar. Foi com essas matérias jornalísticas que passou a ser reconhecido pelas esquerdas.⁶⁸ Foi chamado de “Arauto das Ligas Camponesas”, ou seja, aquele que traz a público a notícia. Candido Mendes de Oliveira chegou a se referir a ele em uma sessão da Academia Brasileira de Letras, em 1997, como o “inventor das Ligas Camponesas”, e acrescentou que “[...] o Brasil e o mundo não saberiam

⁶⁸ De acordo com Martinelli, Callado passou a ser mais tolerado pela esquerda marxista depois de suas reportagens sobre a ocupação do Engenho Galileia em 1959. Cf. MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006.

da existência das Ligas se não existissem as reportagens de Callado no Nordeste”.⁶⁹ Mas seu contato com as Ligas Camponesas se deu por interesses declarados, o de conhecer o Brasil e os movimentos ligados à questão agrária. Com esses objetivos, Callado acompanhou o projeto do economista Celso Furtado para a criação da Superintendência para Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que foi apoiado pelo jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro.

Para além do jornal, publicou em revistas especializadas, como a *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, o artigo “O despertar nordestino”, bem como na revista *Senhor*, em 1959, sobre a mesma temática. O conjunto dessa produção tinha como finalidade dar conhecimento e reconhecimento à luta do camponês pernambucano, trazendo para o cenário nacional o que ele acreditava ser um piloto da experiência revolucionária no campo.

FOTOGRAFIA 1 – Ligas Camponesas (setembro de 1960)



Fonte: CPDOC/FGV. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/MovimentosSociaisCampo>

A partir das obras citadas, a relação de Callado com as Ligas Camponesas tornou-se tema recorrente, principalmente, nos estudos acadêmicos sobre Quarup,⁷⁰ cuja narrativa ficcional incorporou seus personagens. Entretanto, também pode-se citar como exemplo “O despertar nordestino”, em que Callado apresenta as Ligas Camponesas (1955-1964), que

⁶⁹ ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013, p. 169.

⁷⁰ O romance foi objeto de estudo de minha dissertação, que também abordou o tema das Ligas Camponesas de forma sucinta. CRUZ, Cláudia Helena da. **Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política: Quarup** (1967) de Antônio Callado. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

surgiram inicialmente sob o nome de Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco (SAPPP), no Engenho Galileia, município de Vitória do Santo Antão. Outros estudos, para além de suas obras, também apontam para fatos anteriores que levaram ao (re)surgimento das Ligas.

As primeiras Ligas Camponesas que surgiram em nosso país remontam ao período imediatamente posterior à redemocratização de 1945. Elas nasceram sob a iniciativa e direção do recém-legalizado Partido Comunista. [...] Entretanto, as Ligas e as associações rurais da época, ao se subordinarem à consigna da aliança operária camponesa e a política de acumulação de forças que marcava, taticamente, a ação do Partido Comunista, naquele momento, tornam-se incapazes de ganhar nitidez e autonomia política próprias. [...] Essas Ligas e associações rurais foram fundadas em quase todos os estados brasileiros, reunindo em torno de si algumas dezenas de milhares de trabalhadores rurais e camponeses. Em Pernambuco, as mais fortes e de maior expressão parecem ter sido as ligas ou associações rurais de Escada, Goiana, Pau D'Alho e a da Iputinga (situada nos arredores de Recife e dirigida por um antigo militante comunista, José dos Prazeres, que teria um papel importante na criação da Liga da Galiléia, em 1955.⁷¹

No entanto, as tentativas de formação de associações eram sempre reprimidas pela polícia ou pelos proprietários rurais. No caso específico da SAPPP, seu surgimento apresenta objetivos bem específicos, de caráter basicamente assistencialista, como: a formação de um fundo mútuo para assistência médica e jurídica e a criação de escolas e de caixas funerárias para os associados. A caixa funerária era destinada a comprar caixões e fazer o funeral dos membros da Sociedade Agrícola. Antes de criarem essa reserva para fins funerários, os associados pediam um caixão emprestado para o prefeito e, quando sepultavam o morto, colocando o corpo diretamente na cova, devolviam, em seguida, o caixão. No depoimento de João Virgínio Silva, membro do Engenho da Galileia, a Eduardo Coutinho, ele relatou como procediam e, ainda, que deram nome para o caixão de “nonô”.⁷²

Da Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco para as Ligas Camponesas, que se espalharam por todo Pernambuco e Nordeste, houve um longo trajeto, iniciado com a resistência dos camponeses do Engenho Galileia em pagar o *foro*, o que, por sua vez, levou à intervenção da polícia, que não conseguiu resolver o caso. Diante do fracasso

⁷¹ AZEVEDO, Fernando Antonio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 55-56.

⁷² Sobre o tema consultar: COUTINHO, Eduardo. (Dir.). **Cabra Marcado para Morrer**. Brasil: Globo Vídeo, 1984. (1:19 min), son. Color

Dentre as obras de Antonio Callado que se debruçam mais diretamente sobre a condição do camponês nordestino, estão reportagens (*O Despertar Nordestino*, *Tempo de Arraes*), a peça teatral *Forró no Engenho Cananeia* (1964) e o romance *Quarup* (1967).

da polícia, o proprietário do Engenho recorreu à justiça, e os membros da Sociedade Agrícola decidiram buscar ajuda fora do Engenho e de Vitória de Santo Antão – onde a Justiça e a polícia serviam aos proprietários de terras. Assim, os dirigentes da Sociedade Agrícola, Paulo Travassos e José Ayres dos Prazeres, foram a Recife em busca de apoio. A ajuda veio do advogado Francisco Julião, que se tornou o representante dos *foreiros* e, mais tarde, a principal liderança das Ligas Camponesas. Em 1955, o “I Congresso Camponês de Pernambuco” marcou o surgimento das Ligas Camponesas, tendo contado com a presença de três mil camponeses e trabalhadores rurais. “Na verdade, é desse congresso que nasce a estrutura orgânica das Ligas Camponesas e se amplia a sua ligação com as camadas populares e os setores mais progressistas da capital [...]”.⁷³

Callado presenciou a desapropriação do Engenho da Galileia em 1959, em fins do governo de Cid Sampaio, o que gerou várias críticas, pois os latifundiários temiam que outros engenhos seguissem o exemplo e iniciassem a “revolução no campo”. Seus temores se confirmaram, visto que outros engenhos foram desapropriados no governo Arraes, em 1963. Com muito otimismo, Callado escreveu em *Tempo de Arraes* que outros engenhos foram desapropriados (Barra e Terra Preta) e, como resultado, as mulheres aprendiam a ler, assim como os homens, e participavam de oficinas de artesanato, aprendendo a fazer bolsas e cestos de bananeira, bambu, cipó.

Ao longo de sua história, as Ligas Camponesas⁷⁴ conseguiram formar uma resistência coletiva que deu organicidade política ao movimento, pois visavam aos interesses do camponês, sobretudo no que se refere à reforma agrária. Todavia, com o surgimento dos Sindicatos Rurais, a ligas começaram a perder força, sendo seu enfraquecimento motivado pela transformação do meio rural e pelo avanço do capitalismo no campo, ou seja, os

⁷³ AZEVEDO, Fernando Antonio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 67.

⁷⁴ A trajetória política das Ligas Camponesas passou por três fases: a primeira fase (1954-1959), momento em que a ação das Ligas voltava-se para assistência e organização dos camponeses contra as condições sociais a que estavam submetidos, a exemplo do *cambão* (trabalho não remunerado). A segunda fase (1960-1962), período em que Julião e outros líderes camponeses integraram a comitiva de Jânio Quadros, visitaram Cuba, Venezuela e conheceram as experiências da reforma agrária cubana e as formas de organizações sindicais e sindicatos rurais da Venezuela. Nessa etapa, ocorreu o grande crescimento das Ligas Camponesas, e o Conselho Regional definiu a “reforma agrária radical”, com as palavras de ordem: “na marra ou lei”. Nessa fase, “[...] as Ligas incorporaram as concepções ‘foquistas’ da revolução armada, criando vários campos de treinamento guerrilheiro, em Dianópolis, Almas e Natividade, em Goiás, que seriam posteriormente desarticulados pelas forças armadas”. (Ibid., p. 78-79.) Na terceira fase, a partir de 1963, as Ligas entraram em crise, provocada pela perda da hegemonia do movimento social agrário para os sindicatos rurais, controlados pelos comunistas e pela Igreja Católica, com o apoio do governo João Goulart. Em 1963, houve uma reestruturação nas Ligas, na ocasião da *Conferência do Recife*, transformando-se nas *Ligas Camponesas do Brasil*, adotando uma nova organização: a Organização de Massa (OM) e a Organização Política (OP).

trabalhadores rurais deixavam de ser *foreiros*, *parceiros* e passavam a *assalariados* organizados em Sindicatos. Esses, então, começavam a reivindicar salário mínimo, repouso semanal remunerado, férias, décimo terceiro salário. Quanto à reforma agrária que os levaria à propriedade da terra, essa era uma reivindicação mais difícil de ser alcançada, portanto se concentraram nas conquistas mais imediatas. Assim, as Ligas iam perdendo terreno para os sindicatos rurais, que cresciam graças à assistência de setores da Igreja Católica e do Partido Comunista que, apesar da ilegalidade, atuava no campo.

Nessa perspectiva, o advogado Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas, observou as dificuldades de organizar um movimento tão audacioso, em um país de latifúndios, dizendo: “- Seu Callado, agitar é uma beleza. Organizar é que é difícil”. O primeiro contato de Antonio Callado com Julião se deu em 1959, quando estudou seu trabalho nos campos e constatou que, apesar de seu despreparo teórico, estava fadado a uma ampla liderança no meio rural e a ocupar lugar de honra entre a “brilhante equipe da educação pela agitação” formada em Pernambuco pelos esquerdistas (padres de esquerda e comunistas confessos).

FOTOGRAFIA 2 – Francisco Julião e Antonio Callado no Engenho Galileia-PE (1959)



Fonte: ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**. Recife: Cepe, 2013, p. 169.

Na reportagem “Julião contra Igreja, Goulart e PC”, Callado, mostra a postura de Julião, que não queria unir-se a nenhum deles, mesmo as Ligas Camponesas estando perdendo terreno: “[...] diz Francisco Julião que o Presidente Jango Goulart quis transformá-lo em pelego rural, durante o Congresso Nacional de Camponeses de Belo Horizonte, em novembro de 1961”.⁷⁵ O conflito foi mais longe: Julião explicou que, como não aceitou a função de “pelego”, Jango encarregou a Igreja Católica e o Partido Comunista de desmoralizá-lo, criando os Sindicatos Rurais.⁷⁶ Do outro lado, o Partido Comunista e a Igreja explicaram a Antônio Callado que o trabalho de Julião cessou com a fundação dos Sindicatos. Ao saber dessa versão, Julião rebateu, afirmando que os sindicatos eram filhos das Ligas e que todos os camponeses sindicalizados deviam ser também membros das Ligas. Callado, que transitava entre as lideranças de esquerda, observa: “as Ligas estão por toda parte, mas os Sindicatos as estão devorando”.

O Partido comunista tem mais organizações nos campos de Pernambuco do que a Igreja. Uma vantagem, porém, a Igreja ainda leva. Ela está, no momento e principalmente em Pernambuco, mais em evolução. Do maior desinteresse pela sorte dos camponeses passou à militância entre eles. O PC também não chegou muito cedo, preso estava à ideia de que a revolução seria urbana. A tradição da Igreja junto aos camponeses é enorme. Seu prestígio declina há anos, mas durante quatro séculos possuiu, deixando-o em grande parte improdutivo, todo aquele latifúndio de almas. O latifúndio foi vigorosamente loteado por Francisco Julião e os comunistas, que em pouco tempo carregaram impetuosamente os lavradores da resignação à reivindicação.⁷⁷

Callado viu o desenrolar dos fatos com a ironia de sempre, pois a atuação conjunta da Igreja Católica e do Partido Comunista, doutrinando as massas, era um cenário de disputa de forças e de divisão de espaços. No entanto, ele reconheceu a importância dos papéis desempenhados por ambos, pois muitas conquistas foram alcançadas, conseguindo o campesinato emergir de anos de exploração, até irromper o golpe de 1964. Posteriormente ao

⁷⁵ CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes**: a revolução sem violência. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 85-86.

⁷⁶ A ala progressista da Igreja Católica teve papel primordial na fundação dos Sindicatos Rurais, com apoio do Presidente João Goulart, que, a partir de 1962, estimulava a sindicalização no campo, visando agregar as mobilizações agrárias ao seu governo. Os grupos progressistas da Igreja Católica fortaleceram-se com as orientações pastorais do papa João XXIII (1958-1963). A Igreja brasileira teve maior impacto após o Concílio do Vaticano II (1962-1965), tendo havido, com essa abertura, aproximação da Igreja com os setores populares e o interesse pelos problemas político-sociais. A Igreja Católica no Brasil ficou dividida: de um lado, os progressistas (os padres que fundariam os sindicatos rurais), de outro, os tradicionalistas. Cf. SEMERARO, Giovanni. **A Primavera dos anos 60**: a geração de Betinho. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

⁷⁷ CALLADO, 1980, op. cit., p. 100.

golpe, Callado manteve o mesmo olhar crítico ao perceber que faltava um projeto coeso de esquerda.

Quando dito inicialmente que Callado tomou partido, ele também agiu de forma mais efetiva ao trazer para a imprensa a discussão e mobilizar a opinião pública, acarretando a pressão para aprovação da SUDENE, proposta por Celso Furtado. Além da repercussão, as matérias publicadas por Callado, em 1959, também provocaram a reação do proprietário das terras do Engenho Galileia, acusado, juntamente com o deputado Francisco Julião, de ameaçarem a “Segurança Nacional” sob o argumento de que “[...] estão incitando os foreiros do engenho a não cumprirem o mandato de despejo, decretado pela justiça de Vitória do Santo Antão”.⁷⁸ A ação ganhou grande repercussão e foi amplamente divulgada. Em primeiro de janeiro de 1960, o Jornal *Correio da Manhã* publicou *Escritores de Pernambuco diante do “caso” Callado*. A matéria diz que todos os escritores da União Brasileira de Escritores (UBE) seção de Pernambuco, posicionavam-se a favor de Callado, como, por exemplo, Cesar Leal, poeta e diretor-tesoureiro da UBE/Pernambuco:

Considero Antonio Callado um dos maiores valores intelectuais do Brasil de hoje. É lamentável que nessa época que se fala tanto em democracia e reforma agrária, o advogado Audálio Alves, poeta, que se diz socialista, tenha coragem de invocar contra o jornalista carioca essa náusea do nosso Direito: a lei de Segurança Nacional.⁷⁹ [Destaque nosso]

O posicionamento demonstra que a atuação de Callado tinha reconhecimento no âmbito intelectual e jornalístico, ao mesmo tempo em que situa o debate em torno da democracia e da reforma agrária, associando o comportamento de esquerda e suas orientações políticas como antagônicas aos interesses dos latifundiários e do Estado, por isso as afirmações sobre ele, como: “[...] lançou a pedra fundamental da Reforma Agrária no Brasil. As Ligas Camponesas que se espalharam pelo Nordeste ganharam em suas mãos identidade política e fundaram descendência”.⁸⁰ Mesmo havendo um excessivo entusiasmo em relação ao papel de Callado, não há como negar a proliferação desses ideais ao se tornarem recorrentes em sua ficção.

⁷⁸ MONTENEGRO, Antônio Torres. Produções do Medo: algumas trilhas (1955-1964). In: _____. **História, Cultura e Sentimentos**: outras Histórias do Brasil. Recife: UFPE, 2008, p. 33.

⁷⁹ ROCHA, Alexandrino. Escritores de Pernambuco diante do “caso” Callado. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, Primeiro Caderno, p. 06, 1 jan. 1960.

⁸⁰ CALLADO, Antonio. **Antonio Callado Repórter**. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 69.

O projeto de educação popular também foi visto com grande entusiasmo por Callado quando ele esteve em Pernambuco e presenciou a ação do Movimento de Cultura Popular (MCP), fundado em 1960 por artistas, estudantes e intelectuais, como Paulo Freire, Ariano Suassuna e outros. Assim, Callado acreditou na intenção de erradicarem o analfabetismo e desenvolverem projetos culturais, mesmo havendo intenções políticas envolvidas, como as de Miguel Arraes, de se candidatar ao governo do Estado em 1962. Mas o que prevalecia era o objetivo do MCP de promover a “conscientização das massas”, por meio da educação que valorizava a cultura do povo. Para tanto, os integrantes do MCP promoveram o teatro, o cinema, as artes plásticas, a música, a dança e o artesanato como pilares que sustentariam uma análise crítica da realidade social. Nesse sentido, a autêntica cultura nacional e a valorização do povo seriam aspectos transformadores e desalienadores.

Criar condições para que o povo solucionasse seus problemas e, ao mesmo tempo, despertasse sua capacidade crítica e engajamento político era o desafio enfrentado em um cenário em que a cultura popular sinalizava ser a alternativa para iniciar qualquer ação. Por isso, Callado viu com tanto otimismo o trabalho de Paulo Freire que relatou, em *Tempo de Arraes*, que o sistema Paulo Freire, ligado ao MCP e à universidade do Recife, com pouco apoio do governo federal, desenvolveria um excelente trabalho em apenas dois anos, se conseguisse um número significativo de professores, e poderia modificar o panorama cultural do Brasil. Paulo Freire relatou a Callado que o método de ensino conseguia alfabetizar adultos em 40 horas ou em um mês e meio a dois meses de instrução, explicando como a educação se relaciona dialeticamente com a cultura: “– Outro dado de que partimos é o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. O método ativo e dialógico usa os dados da vida e das dificuldades que encontra o educando”.⁸¹ Isso significa que, partindo de situações concretas, o sujeito aprende a ler e a pensar ao mesmo tempo, dando sentido e significado ao processo de alfabetização, sobretudo os trabalhadores que estudavam nos cursos noturnos, como os camponeses das Ligas e dos Sindicatos.

Mesmo alimentando grandes expectativas com essas experiências que aconteciam em Pernambuco, Callado alertou em suas reportagens para o perigo que representavam as forças armadas, tendo percebido isso em Recife, quando o IV Exército desfilou pelas ruas, sem qualquer pretexto, para mostrar a Miguel Arraes, *governador eleito pelo povo*, em 1962, que, no Brasil daquele tempo, um civil só tinha poder se obtivesse o consentimento das Forças

⁸¹ CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes**: a revolução sem violência. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 153.

Armadas. Ironicamente, Callado intitulou sua matéria de “O Partido Político das Forças Armadas”, comparando-o a um “Santo Ofício” que demonstrava uma democracia “escamoteada” por um “grande partido político” chamado Exército Nacional. Contudo, mesmo desconfiando dos perigos que representavam as forças armadas, ele também não contava com o golpe, por isso, em pouco tempo, passou da “utopia revolucionária” à “desilusão”, ao ver as pessoas com quem esteve e entrevistou serem presas, terem os direitos políticos cassados, além de algumas serem torturadas e humilhadas publicamente, como Gregório Bezerra (líder comunista), Miguel Arraes, Paulo Freire e, também, Celso Furtado.

O golpe militar rompeu com o horizonte de expectativas da experiência social de Pernambuco e começou a perseguir e a prender os líderes envolvidos, assim como os grupos de esquerda, já mencionados, que colaboravam com as Ligas e os Sindicatos. No entanto, a desilusão de Callado com o cenário brasileiro tornou-se combustível para seus romances políticos, bem como o motivou a manter sua convicção política de esquerda, levando-o, em 1978, a uma curta estada em Cuba para participar, na condição de jurado, do concurso Casa das Américas, embora, no retorno ao Brasil, tenha ficado detido por um dia para dar explicações aos militares, juntamente com Chico Buarque, que também participou do evento. Como fruto dessa viagem, Callado escreveu *Passaporte sem Carimbo* (1978). Mas a grande busca pelo sentido da Revolução Callado fez em 1968, ao conhecer o Vietnã do Norte.

1.4 VIETNÃ DO NORTE: EM BUSCA DO SENTIDO DA REVOLUÇÃO

Escolher ir ao *Vietnã do Norte* em 1968, em plena guerra contra os Estados Unidos, foi, de acordo com Callado, a “busca pelo sentido da Revolução”. Contudo, sua trajetória traz indícios expressivos de que sua busca foi também um processo de autocritica. O que fomenta esse raciocínio é o fato de em 1967 ele já ter publicado *Quarup* e *O Homem Cordial*, obras que apresentam a desconfiança em relação aos projetos de resistência das esquerdas. Nesse ano também morreu *Che Guevara*, o herói guerrilheiro. 1968⁸² foi um ano que se iniciou com grande efervescência na política nacional e mundial, como o *Maio de 1968* na França, marcado pelos protestos de estudantes e trabalhadores, o início da *Primavera de Praga*, quando tropas soviéticas invadiram a Tchecoslováquia, rompendo com um ideal de socialismo mais humano, e também a guerra dos Estados Unidos contra o *Vietnã do Norte*,

⁸² Para melhor compreensão de 1968, consultar:

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ZAPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968: eles só queriam mudar o mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011.

que tomou a imprensa mundial. No Brasil, a *Passeata do Cem Mil*, em junho de 1968, e as disputas entre as formas de resistência marcavam o cenário político, culminando no Ato Institucional AI-5, de 13 de dezembro de 1968, período de mais intensa repressão.

O segundo ponto, também relevante para a compreensão da “busca” de Callado, foi ter colaborado com o primeiro movimento de resistência armada, a *Guerrilha do Caparaó* (1966-1967), articulada por Leonel Brizola:

Caparaó foi uma coisa muito confusa. Confesso que ajudei no que pude, no sentido das informações que me davam e tal. [...] Era a ligação, a informação entre eles e a cidade, o governo, o que é que se podia fazer. [...] Thiago de Mello é uma figura interessantíssima [...]. Uma ocasião, Thiago me aparece com um carregamento de armas. Armas mesmo, que eu nunca tinha visto tanta arma junta. [Lá fui] eu, dirigindo o Volkswagen que tinha naquela ocasião, levando armas para um subúrbio aí. O carro chegou a gemer em cima dos pneus... O Thiago não sabia de nada, não sabia direito nem a quem tinha de entregar [...] É a tal história de você querer ajudar, mas se meter numa coisa que não tem nenhuma organização. [...] Caparaó foi um fracasso retumbante. Não adianta ir para Caparaó com a espingarda na mão e munição [...]. Isto é uma maluquice como outra qualquer. Você tem que ir para um lugar onde você tenha ligação com outras pessoas, com outros movimentos.⁸³

Nesse depoimento Callado diz que, durante o processo, percebeu que era uma “maluquice”, uma coisa que não tinha “nenhuma organização”. Em contrapartida, na maioria das vezes afirmou que nunca pertenceu a grupo algum. Diante disso, uma análise possível é a de que ele, enquanto intelectual, engajou-se na resistência armada, mas, diante do despreparo dos combatentes, se afastou e fez a autocrítica que aparecerá de forma bem explícita em *Bar Don Juan* (1971), romance que escreveu quando voltou do *Vietnã do Norte*.

Esse processo de autocrítica, de acordo com Ramos, ocorreu de outra forma no meio intelectual logo após o golpe militar, momento em que vários partidos políticos de esquerda lutaram contra o regime ditatorial e “[...] estavam diante de uma difícil tarefa: iniciar a ‘luta armada’ e, ao mesmo tempo, modificar o papel social do intelectual revolucionário”.⁸⁴ Mesmo não pertencendo a partido, Callado também se inseriu no questionamento sobre o seu

⁸³ RIDENTI, Marcelo. A guerrilha de Antônio Callado. In: KUSHNER, Beatriz. (Org.). **Perfis Cruzados: Trajetórias e Militância no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 29-30. [Entrevista concedida a Marcelo Ridenti, em 24 jul. 1996]

⁸⁴ RAMOS, Alcides Freire. A Luta Contra a Ditadura Militar e o Papel dos Intelectuais de Esquerda. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 3, ano III, n. 1, p. 01, jan./fev./mar. 2006. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF6/8%20-%20ARTIGO%20-%20ALCIDESFRAMOS.pdf. Acesso em: 10 abr. 2013.

papel no movimento de resistência, entretanto recuou e fez a crítica ao processo, antecipando uma discussão e gerando polêmicas em torno de sua ficção.

Nesse caminho, torna-se relevante indagar: o que tanto atraiu Callado no *Vietnã do Norte*? O que esse país representava em 1968? Algumas respostas estão presentes no conjunto de reportagens *Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores* (1969), também consideradas jornalismo literário. Nelas ele relata que, quando manifestou a intenção de ir ao Vietnã do Norte, em 1968, argumentou junto ao dono do Jornal do Brasil que “... o vatapá está em Hanói; lá sim você encontra a pimenta da guerra”. Com esse olhar, Callado quis entender a luta dos vietnamitas contra os Estados Unidos, mas ir ao Vietnã do Norte em plena guerra não foi algo fácil, diferentemente de ir para o *Vietnã do Sul*, que tinha a entrada facilitada pelos Estados Unidos.

Para conseguir o visto de entrada, teve que ir à Europa por duas vezes para conversar com diplomatas e, mesmo assim, levou dez meses para obter autorização. Nesse período de espera, o próprio dono do Jornal do Brasil foi convidado para visitar *Saigon* e, em dez dias, estava lá. A cautela dos vietnamitas foi compreendida por Callado, que ficou sabendo da investigação que fizeram sobre ele e de terem gostado do seu contato com Ênio da Silveira (importante nos comitês comunistas) no período em que esteve na França.

O resultado foi um relato jornalístico em primeira pessoa, que apresentou uma visão diferente da estabelecida pelos norte-americanos, trazendo um olhar que destoava da maioria da imprensa brasileira. Ao declarar seu objetivo em fazer a reportagem, Callado disse o que o intrigava: “[...] como conseguiram os vietnamitas derrotar completamente uma potência da Europa Ocidental, a França, em 1954, e como conseguiram levar os americanos à mesa de conferência, em Paris, em 1968?”⁸⁵ Nessa empreitada, ele repetiu o que fez em *Tempo de Arraes*: conversou com os mais diferentes agentes envolvidos – camponeses, dirigentes de Hanói, soldados e até prisioneiros de guerra, como os pilotos norte-americanos. Sobre esses prisioneiros, ele relatou a forma humana como eram tratados pelos vietnamitas, pautada no respeito, mesmo sabendo que esses soldados norte-americanos haviam utilizado armas violentas contra a população.

A partir dessa experiência, os temas evidenciados em suas matérias foram: a Reforma Agrária, os espaços conquistados pelas mulheres e, principalmente, a educação.

⁸⁵ CALLADO, Antônio. *Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores*. In: _____. **Antonio Callado Repórter**. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 127.

Esses temas foram, para Callado, o motivo de tanta resistência dos vietnamitas, que conquistaram sua independência em 1945, após oitenta anos de colonização francesa, com 95% da população analfabeta e dois milhões de pessoas morrendo de fome. Tamanho era o desamparo do país que Callado o compara aos recém-nascidos e moribundos. Por isso não lhes restava outra opção além de aprenderem a resistir a sucessivas invasões. Após a derrota da França, o Vietnã foi ocupado pelos japoneses e, assim que os japoneses foram expulsos, foram invadidos ao norte, pelas tropas de *Chiang Kai-Shek*, e, ao sul, pelos ingleses. Diante de um cenário tão desalentador, *Ho Chi Minh*⁸⁶ propôs que cada vietnamita se desdobrasse em três: um guerreiro, um aluno ou professor e um agricultor. Cada pessoa que soubesse ler ensinaria outras, não importava como.

Foi a partir do resultado desse esforço que Callado diz ter encontrado o *Vietnã do Norte*, em 1968, em guerra com os Estados Unidos desde 1965. Constatou ainda que “[...] as gerações anteriores e a geração de 1945 já haviam formado o homem vietnamita que vim encontrar aqui; o cidadão trinitário, mobilizado 24 horas por dia pela educação, pela produção, pela guerra”.⁸⁷ Portanto, o elemento essencial foi o homem que, na Guerra com a França, em 1954, já não era mais o mesmo de quando o país fora colônia francesa. Assim como na vitória contra os Estados Unidos, a resistência dos vietnamitas tornou-se uma grande lição. Mesmo tendo ajuda de Moscou, o que recebiam eram armas antiaéreas, embora não se beneficiassem de sistema de aviação, enquanto seu adversário atacava com artilharia pesada e bombas de fósforo.

O resultado foi que, em virtude das cartas que trouxe, de trinta prisioneiros norte-americanos, suas reportagens ecoaram nos Estados Unidos. O *The New York Times* publicou a matéria *Brazilian Tells of Visit to U.S. Fliers Held in Hanoi*, enquanto que, no Brasil, Callado disse não ter convencido ninguém de que o *Vietnã* venceria a guerra, tendo ele próprio ficado surpreso com a notícia. Entretanto, estava convicto de que a guerra foi vencida em solo americano, pela opinião pública. Esse fato levou o *Vietnã do Norte* a entrar para a história mundial pela sua capacidade de resistência, sendo uma grande lição para o mundo e, principalmente, para Callado, que utilizou esse aprendizado para sua reflexão autocrítica e para acirrar o debate sobre a guerrilha. Por isso, declarou que, no *Vietnã do Norte*, os homens

⁸⁶ A admiração de Callado pelo líder Ho chi Minh também foi manifestada em 1975 no jornal Opinião na ocasião da mudança do nome da cidade de Saigon para Ho chi Minh, quando escreveu que Ho nunca foi um líder que exercesse uma política de sangue correndo atrás de uma glória de pedra.

⁸⁷ CALLADO, Antônio. Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores. In: _____. **Antonio Callado Repórter**. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 142.

tinham aprendido a viver pela revolução, enquanto, na América Latina, nós geralmente só estamos prontos para “morrer por ela”. Essa reflexão contribuiu para o amadurecimento da crítica de Callado em relação à luta armada e ao sentido da resistência para as esquerdas brasileiras, resultando na forma irônica e desiludida com a qual seus romances dialogam com o iminente fracasso da guerrilha face ao autoritarismo e preparo da Ditadura Militar. A experiência no Vietnã do Norte foi incorporada ao seu projeto ficcional, um projeto que remonta a seus primeiros romances e a sua criação teatral.

1.5 O TEATRO E O ROMANCE: A GÊNESE DE UM PROJETO FICCIONAL

O olhar dos críticos sobre as obras de Callado traz elementos importantes sobre sua escrita. Os especialistas em literatura disseram que seus romances tinham as marcas do jornalista, os especialistas em teatro disseram que suas peças carregam a escrita que se assemelha ao romance e, sobre suas reportagens, mencionaram as marcas da literatura e da ficção na construção do fato jornalístico. Diante disso, não há como discordar de nenhum das leituras, pois a trajetória intelectual de Callado direciona para a ponte que ele construiu entre o jornalismo e seu projeto de escritor, iniciado na década de 1930, quando escrevia crônicas para jornais, e que tomou forma na década de 1950. Callado nunca parou de escrever crônicas para jornais, e as últimas, para o jornal Folha de São Paulo, foram reunidas na obra *Crônicas de Fim do Milênio* (1997).

Quanto ao teatro, a última peça escreveu em 1964. Mesmo sua dramaturgia sendo reconhecida pela qualidade literária e algumas montagens terem alcançado sucesso de público e de crítica, Callado não se destacou nesse segmento e não voltou a escrever para o teatro. O crítico teatral Yan Michalski⁸⁸ observou que, diante da notável criação de Callado no campo jornalístico e ficcional, seu teatro ocupa papel secundário no conjunto de sua obra. Entretanto, sua dramaturgia tem grande relevância em sua trajetória intelectual e também para seu projeto ficcional.

Nesse intuito, torna-se relevante evidenciar: o que levou Callado para sua jornada na dramaturgia? Com quais temas dialogou? Nesse raciocínio, primeiro foi a influência do teatro londrino e do teatro francês, nos meses em que viveu em Paris (de novembro de 1944 a

⁸⁸ Cf. MICHALSKI, Yan. **Pequena Enciclopédia do Teatro Brasileiro Contemporâneo**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 29 jan. 2015; MONTENEGRO, Antônio Torres. *Produções do Medo: algumas trilhas (1955-1964)*. In: _____. **História, Cultura e Sentimentos: outras Histórias do Brasil**. Recife: UFPE, 2008.

outubro de 1945), em seguida, o cenário que encontrou ao voltar ao Brasil em 1947. Callado diz ter sentido um grande impacto ao ver a realidade do nosso teatro: a atuação do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), fundado em 1948;⁸⁹ o desenvolvimento de autores nacionais, que estavam se tornando referência para a história da dramaturgia brasileira, como Nelson Rodrigues, que continuou a amizade e o atraiu para o teatro; a influência de diretores estrangeiros, assim como as leis de incentivo à produção de peças de autores nacionais, como a Lei 1952/1952, que estabelecia a montagem de uma peça brasileira para cada duas peças estrangeiras. A isso soma-se o encontro com Paschoal Carlos Magno em Londres, que se tornará influente no círculo cultural brasileiro, tendo sido o fundador do Teatro do Estudante (TE) e do Teatro Duse e crítico teatral do *Correio da Manhã*, do qual Callado se tornou editor-chefe em 1954.

Diante desse contexto favorável e das amizades que conquistou no meio teatral, Callado encontrou um campo de possibilidades e incentivos que o motivaram a escrever nove peças entre 1951 e 1964, publicadas até a presente data. Os temas com os quais Callado dialogou vinham ao encontro das propostas que, segundo Ginzburg e Patriota, no decorrer da segunda metade da década 1950⁹⁰ estiveram sob a égide do progresso, de nação e nacionalismo, tornando-se ideias a partir das quais o Brasil deveria ser pensado. Essas ideias foram compartilhadas por vários setores da sociedade e, ao serem incorporadas por intelectuais, fizeram-se presentes no campo artístico-cultural. No caso do projeto ficcional de Antonio Callado, ele também incorporou a busca pela transformação social no diálogo entre arte e política, abarcou temas como a reforma agrária e a inserção dos grupos marginalizados como os índios, o camponês nordestino, a mulher e o negro.

A partir dessa perspectiva temática, a dramaturgia de Callado foi dividida pela crítica especializada e pelos estudos acadêmicos em dois grupos, sendo o mais conhecido e estudado o “Teatro Negro”, composto por: *Pedro Mico* (1957), *O Tesouro de Chica da Silva* (1958), *A Revolta da Cachaça* (escrita em 1959 e publicada em 1983) e *Uma Rede para Iemanjá* (1961). Como o próprio título designa, a proposta temática central é a questão do preconceito

⁸⁹ Para além do TBC, fundado por Franco Zampari, no decorrer da década de 1940 foi fundada também a Escola de Arte Dramática (EAD) por Alfredo Mesquita e o Teatro Popular de Arte, por Maria Della Costa e Sandro Polloni. Na década de 1950 foram criados dois importantes grupos teatrais: Teatro Arena (1953) e Teatro Oficina (1958). Cf. GUINSBURG, Jacó; PATRIOTA, Rosângela. **Teatro Brasileiro**: ideias de uma história. São Paulo: Perspectiva, 2012.

⁹⁰ No plano político esse projeto nacionalista resultou na criação da Petrobrás (1953) e teve continuidade com a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) (1955), a eleição de Juscelino Kubstcheck (1956), a construção da nova capital Brasília (1961).

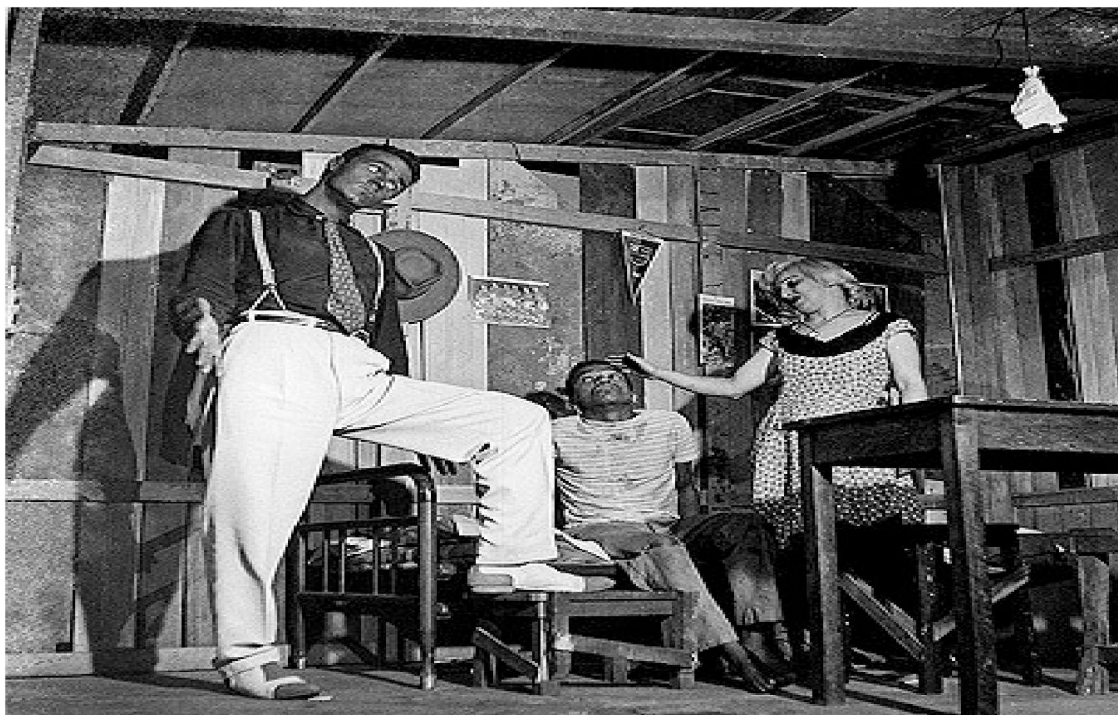
e da marginalização do negro, tanto no momento da escrita (década de 1950), quanto no processo histórico. As personagens de Callado vivem “à margem”, como Ambrósio (*A Revolta de Cachaça*), um ator que só conseguia pequenos papéis no teatro, ou na malandragem como forma de sobrevivência, no caso de Pedro Mico, o malandro carioca, ou na esperteza, como Chica da Silva, a escrava que conseguiu posição social, mas que temia voltar para senzala. Personagens que também representam a violência, o crime e a exclusão, independente da cor da pele, como Aparecida (*Pedro Mico*), uma mulher branca, mas nordestina e prostituta.

Dentre essas peças, *Pedro Mico* (1957) é a de maior sucesso de público e de crítica e, talvez por isso, a mais conhecida. Estreou em 1957, dirigida por Paulo Francis, e pela primeira vez uma “[...] favela do Rio de Janeiro é utilizada como assunto dramático”.⁹¹ Teve várias montagens e intérpretes, como Milton Moraes, Paulo Goulart, Jece Valadão, Renné Brown, Nicete Bruno, Thereza Austregésilo, Isabel Camargo. Uma das montagens foi dirigida por Antunes Filho para a TV Excelsior e se tornou filme em 1985, dirigido por Ipojuca Pontes, no qual o ex-jogador de futebol Pelé fez o papel do protagonista. Por último a peça foi adaptada para história em quadrinhos.

Pedro Mico teve singularidades, segundo Callado em entrevista ao jornal *O Globo*. D. Helder Câmara ficou preocupado com a incitação dos favelados para invadirem bairros do Rio de Janeiro. Outra curiosidade foi identificarem uma “casa branca” citada na peça como a casa de Filinto Muller, que chegou a escrever a Callado dizendo acreditar não ter sido intencional. Para além disso, a peça em um ato, ambientada em uma favela carioca da década de 1950, enfrentava o fato de atores negros não terem papéis importantes naquele tempo, por isso Callado escreveu uma peça em que o negro tinha o papel principal. Mas quando a peça foi encenada na mesma década, o protagonista foi um ator branco (Milton Alves) pintado de preto (*blackface*), o que é uma grande ironia.

⁹¹ CHIAPPINI, Lígia. Leveza e Humor na Encenação da Catástrofe: o teatro negro de Antonio Callado, *Signótica*, v. 16, n. 1, p. 81, jan./jun. 2004.

FOTOGRAFIA 3 – *Pedro Mico* (1959), Teatro Nacional de Comédia (TNC)



Fonte: PEDRO Mico. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento397722/pedro-mico>. Acesso em: 25 de Jul. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

O elenco em cena da esquerda para direita: Milton Moraes (ator branco pintado de preto) protagonizando o malandro da favela (Pedro Mico), Haroldo de Oliveira (Zemédio) e Nicette Bruno, a prostituta nordestina (Aparecida). Em resposta à exclusão do ator negro como protagonista no teatro brasileiro, em 1959 Callado escreveu *A Revolta da Cachaça*,⁹² abordando a situação do ator negro, e dedicou a peça a Grande Otelo. Em síntese, a peça também se passa no Rio de Janeiro nos anos de 1950, onde Vito, um diretor de teatro, há dez anos escreve uma peça para seu amigo, o ator negro Ambrósio. Vito é casado com Dadinha que já fora amante de Ambrósio. Após dez anos Ambrósio volta para cobrar o que lhe é devido pelos amigos:

AMBRÓSIO – Eu sei que vocês gostam de teatro sofisticado, moderno. Eu também gosto, mas não tenho papel nele. [...] Tentei fazer você compreender, ou reconhecer, o que você sabe melhor do que todo mundo. Estou de saco cheio de fazer papel de marginal, o cara que fica na praia

⁹² CALLADO, Antonio. *A Revolta da Cachaça*. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

Cf. NAKAGOME, Patrícia Trindade; SOUSA, Regina Claudia Garcia Oliveira de. Protagonismo Negro, Autoria Branca: *A Revolta da Cachaça* e *Arena Conta: Zumbi*. **Estação Literária**, Londrina, vagão-volume 8, parte A, p. 65-76, dez. 2011.

espiando o barco, no meio-fio olhando automóvel, sempre na beira, na margem. Vim aqui cobrar a fama que você me deve. Vim pra morar, pra morrer. Mas no meio do rio ou da rua. Chega de margem.⁹³

A discussão colocada envolve a exclusão do negro dos papéis principais não apenas do palco do teatro. Remete à exclusão de uma sociedade de passado escravagista, na qual o preconceito e a exploração recebem diferentes conotações. No caso do personagem Ambrósio, Dadinha o tratou como objeto sexual, para saber como era “transar com preto”, e Vito é o intelectual que desiste de terminar sua peça e põe fim à relação paternalista. Enfurecido com Vito, Ambrósio tenta matá-lo e acaba morrendo. Ou seja, ele não ocupará o papel principal, ainda não existe lugar para o negro ser o protagonista.

Enfrentando essa temática, Callado escreveu *O Tesouro de Chica da Silva* (1958), que no mesmo ano foi encenada pelo Teatro Universitário da Universidade Federal da Bahia sob a direção de Gianni Ratto. Em 1979 fez parte do programa teleteatro *Aplauso* da Rede Globo, com Zezé Mota e Raul Cortez nos papéis principais. A peça é protagonizada pela escrava Chica da Silva em 1760 na cidade de Diamantina e, assim como Pedro Mico, Chica da Silva recorre à esperteza para se livrar da chantagem do corrupto Conde de Valadares e salvar seu amante, o contratador de diamantes João Fernandes. Ela é uma mulher forte que consegue reverter a situação e colocar em evidência sua capacidade, mesmo na condição de mulher negra. Assim como em *Pedro Mico*, há referência a Zumbi como o grande líder e a elementos da cultura afro-brasileira.

Uma Rede para Iemanjá (1961) também se passa no Rio de Janeiro na década de 1950, onde aparecem trabalhadores da construção civil negros, nordestinos, mestiços, mas a trama é direcionada para a história de mulher branca (Jacira) que prometeu a *Iemanjá* dar à luz em uma rede. Abandonada pelo marido, ela tem seu filho na praia, no momento em que um velho rezava, próximo a ela, para *Iemanjá* trazer de volta seu filho morto. A peça é lida como um auto de natal afro-brasileiro. Assim, Callado problematizou questões que dialogavam com as temáticas de seu tempo, em que o intelectual insere os sujeitos excluídos socialmente e reflete sobre o projeto de modernização. Essa discussão também estava posta pelo Teatro Experimental Negro (TEN), sobre o qual Nascimento diz que, desde sua fundação

⁹³ CALLADO, Antonio. A Revolta da Cachaça. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 450.

em 1944 no Rio Janeiro, propunham “[...] trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte”.⁹⁴

Para além do Teatro Negro, Callado escreveu mais cinco peças: *O Fígado de Prometeu* (1951), *A Cidade Assassinada* (1954), *Frankel* (1954), *O Colar de Coral* (1957) e *Forró no Engenho Cananeia* (1964). *O Fígado de Prometeu* (1951) a peça só foi publicada em 2010, tendo sido pouco estudada e mencionada até o momento. Sua história se passa em 1590 no Rio de Janeiro e tem como ponto central da trama o processo de inquisição, mas também abarca o papel da Igreja Católica, a colonização portuguesa, a escravidão e a servidão, temas que perpassam sua ficção sob diferentes enfoques. Entretanto, sua estreia no teatro foi em 1954 com *A Cidade Assassinada*, cuja trama acontece em 1560. Foi encenada no Teatro Municipal, com montagem da Companhia Dramática Nacional (CDN), sob direção de Ribeiro Fortes. Escrita em comemoração aos quatrocentos anos da cidade de São Paulo, aborda a colonização portuguesa. Sobre a temática, Callado traz questões importantes da nossa formação, como o bandeirante e os conflitos morais, a Igreja Católica aliada ao Reino de Portugal e a mestiçagem tendo como figura central o índio. Uma crítica otimista foi publicada por Paschal Carlos Magno no *Correio da Manhã*, na qual fez referência ao “companheiro de redação” Antonio Callado. Quando a peça foi publicada, Portinari fez a capa, ou seja, os intelectuais com os quais Callado convivia tinham um vínculo com o jornalismo e uma relação de reciprocidade.

Mas nem só o sucesso e boas críticas marcaram a encenação de suas peças. *Frankel* (1954), quando estreada em 1957, foi, de acordo com Paulo Autran e Tonia Carrero, em entrevista ao programa *Roda Viva* em 2005, o “maior fracasso” em toda sua trajetória teatral de atores, e disseram que, mesmo a peça sendo linda e interessantíssima, o assunto não agradou ao público e ficou apenas três dias em cartaz. De acordo com Autran, “[...] aí o próprio Antonio Callado disse: ‘Olha, o espetáculo está ótimo, fiquei muito satisfeito de ver a minha peça montada assim, mas efetivamente vocês têm que tirar, porque o público não gosta’”.⁹⁵

⁹⁴ NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexão. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 18, v. 50, p. 200, 2004.

⁹⁵ MEMÓRIA RODA VIVA. Paulo Autran e Tonia Carrero. **Roda Viva**, Entrevista exibida em 14 maio 1990. Disponível em: www.rodaviva.fapesp.br/materia/103/entrevistados/paulo_autran_e_tonia_carrero_1990.htm. Acesso em: 12 fev. 2017.

A peça é ambientada no *Xingu*, no Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e debate questões sobre as políticas em prol a população indígena. Cabe ressaltar que, na Fotobiografia de Callado, escrita por sua esposa e também jornalista e escritora Ana Arruda, esse fato não foi citado, utilizando ela, na escolha de suas fontes, uma crítica de Paschoal Carlos Magno, que assistiu à estreia do espetáculo ao lado do Presidente Café Filho, ressaltando apenas a “qualidade do texto” e a importância do espetáculo para a história do teatro brasileiro.

Por fim, *O Colar de Coral* (1957) e *Forró no Engenho Cananeia* (1964) enfocam o tema do Nordeste. *O Colar de Coral* se inicia com o encontro de dois jovens pertencentes a tradicionais famílias do Ceará, os Monteiro e os Macedo, rivais há gerações, com uma história marcada pela posse de terras, crimes e também pelo amor de dois jovens. A história se passa em um casarão no Rio de Janeiro, no qual vivem os Monteiro, falidos e decadentes, mas que escondem os restos mortais do último Macedo assassinado dentro do casarão. A história se passa com a geração seguinte, protagonizada por Manuela Monteiro e Claudio Macedo. Cláudio procura Manoela e se identifica como anarquista, querendo utilizar as terras da família no Ceará para fundar uma comunidade, mas quer iniciar sem ódio das duas famílias, para o que precisa do símbolo do amor entre Matilde Monteiro (um colar de coral) e Radagásio Macedo (uma espada de prata). Cláudio descobre um porão secreto onde o corpo de seu pai (Joviano Macedo) foi escondido e o explode, recorrendo à ideia anarquista que é preciso destruir para construir algo novo. A avó de Manuela Monteiro também morre, pois é a única que guarda as lembranças e os rancores de uma família que chegou ao Brasil com uma “carta das Sesmarias” e comia em louça da “Compahia das Índias”. Não havia mais lugar para ela.

O questionamento lançado por Callado é sobre a decadência das velhas oligarquias rurais e a posse da terra, o que será tratado em *Forró no Engenho Cananeia* (1964), e a relação dos camponeses com o coronel dono do Engenho Cananeia, como já mencionando. O enredo se aproxima das reportagens feitas por Callado em 1959, *Os Industriais da Seca e os Galileus de Pernambuco*, fazendo referência direta ao Engenho Galileia, como a falta de caixões para enterrarem seus mortos, a forte ligação dos coronéis com políticos influentes, a denúncia da “indústria da seca”. Callado trouxe para o teatro o que também será tratado em *Quarup* (1967) a partir da situação do nordeste na luta pela desapropriação das terras. A trama de *Forró no Engenho Cananeia* se desenvolve no embate dos camponeses com o coronel Fuão pelo direito de terem um cemitério nas terras do Engenho Cananeia, ou seja, dignidade para enterrarem seus mortos. O ardiloso coronel consegue apoio do seu afilhado e diretor do

Molocs –“Movimento de Luta e Organização contra a Seca”, fazendo referência ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) –, que tramam para construir um açude no local do cemitério.

O interessante no desfecho da peça é que Callado, fazendo uso da liberdade ficcional, traz o papel de alguns órgãos de imprensa que estavam divulgando a situação dos trabalhadores rurais e insere um jornalista no meio do confronto para ouvir a versão dos cananeus. Ou seja, ele se representa como jornalista e ainda coloca armas nas mãos dos camponeses para conseguirem resistir. As armas haviam pertencido ao bando de Lampião e foram enterradas pelo beato Ermitão. A Associação Mortuária, símbolo da conformidade do camponês, se torna espaço de resistência.

Outro exemplo de análise é de Patriota, ao discutir a originalidade da escrita do dramaturgo, escritor e jornalista Hermilo Borba Filho, a partir da influência e contribuição de atores e diretores estrangeiros que realizaram atividades no Recife, “[...] provavelmente possibilitaram a Hermilo a construção de uma narrativa singular da História do Teatro sob o ponto de vista da cena popular do Nordeste brasileiro”.⁹⁶ De forma semelhante, Callado também incorpora o “processo vivido” em sua escrita, porém seu público são os que frequentam teatro, sobretudo no Rio de Janeiro. Por isso, quando a “experiência do Nordeste” toma proporções na temática do teatro, do Cinema Novo e da literatura, reforça o quanto o jornalismo desenvolvido por Callado construiu a ponte para a ficção.

Em virtude disso, ao se dedicar à dramaturgia e ao romance, Callado afirma sua “preferência” pelo romance. Declarou que “[...] numa peça o tema central é sempre um monarca absoluto enquanto no romance a forma é democrática. [...] quando acabo de escrever uma peça, a ideia de escrever um romance tem algo assim de um convite de férias...”.⁹⁷ Ele acrescenta que o teatro é “tirânico e exigente”, suga mais o escritor, tem o contato mais direto com o público, tem a recepção e a crítica imediata. O romance, por outro lado, é um processo mais lento, menos exigente, o que não significa que fosse mais fácil de escrever.

⁹⁶ GUINSBURG, Jacó; PATRIOTA, Rosangela. **Teatro Brasileiro**: ideias de uma história. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 84.

⁹⁷ CALLADO, Antonio. Callado Responde. **O Cruzeiro**, p. 36, 31 ago. 1957. [Entrevista concedida a José Alberto Gueiros]

Quando publicou seus primeiros romances *Assunção de Salviano* (1954) e *Madona de Cedro* (1957),⁹⁸ Callado já era mais conhecido como autor teatral e jornalista. Não tiveram a repercussão esperada e ficaram conhecidos pela maioria das críticas como obras da “fase religiosa”.⁹⁹ Entretanto, se compararmos *Assunção de Salviano* (1954), *A Revolta da Cachaça* (1964), *Tempo de Arraes: a revolução sem violência* (1964) e *Quarup* (1967), constatamos que existe um eixo condutor que entrelaça essas narrativas. Tanto que *Assunção de Salviano* foi considerado uma “antecipação” dos acontecimentos que serão temas das obras posteriores, principalmente *Quarup*. Contudo, uma análise mais atenta sobre suas reportagens mostra que Callado já debatia a questão da terra e da seca no Nordeste, como ocorre, por exemplo, na série de reportagens em tom crítico que escreveu para o *Correio da Manhã*: “O Nordeste que Planeja ou Morre” (1952); “Os Premiados na Loteria Federal da Irrigação” (1953); “A terra é boa, o céu é que não presta” (1953).

Assim, quando estudos dizem que algumas obras de Callado traziam questões que ainda não haviam se delineado no plano político e artístico, um dos exemplos é *Assunção de Salviano* quando aborda o conflito envolvendo o Partido Comunista, a “indústria da seca” e a distribuição das terras dos engenhos nordestinos. O outro exemplo é *Bar Don Juan* (1971), que faz a crítica ao fracasso da luta armada, e *Sempre viva* (1981), ao discutir a Operação Condor, a volta dos exilados e questionar qual democracia almejamos. Esses críticos não se atentaram ao fato de que o olhar singular de Callado está diretamente vinculado ao jornalismo e a sua capacidade crítica na análise da conjuntura que vivencia, ou seja, seu “espaço de experiência”.

Sobre *Assunção de Salviano*, o crítico Otto Maria Carpeaux, ao realizar uma reflexão em 1957 sobre o romance político como uma tendência da época, dizia que encontrava na obra características do romance político. Obviamente que não excluiu a questão da religiosidade, como tema central, mas também não eliminou a possibilidade de uma leitura mais abrangente da obra, pois ela realizava o debate com os temas da década de 1950. Outro dado interessante é que *Madona de Cedro* tornou-se a obra que, além de um filme (1968), foi minissérie da Rede Globo (1994). Sua trama gira em torno do roubo de uma imagem sacra em

⁹⁸ *Madona de Cedro* se tornou filme em 1968, dirigido por Carlos Coimbra, e também foi adaptado para televisão em 1994 em uma minissérie de oito capítulos, com direção de Tizuka Yamasaki.

⁹⁹ Martinele faz essa referência às leituras feitas de seus dois primeiros romances e à classificação como obras de “temática mística”, tornando-se obras marcadas pela leitura que foi realizada na ocasião do lançamento por Tristão de Athayde, um intelectual católico. Cf. MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006, p. 115.

uma cidade histórica de Minas Gerais e os conflitos interiores de Delfino, que tenta se redimir do erro de ter roubado a *Madona de Cedro*. E o padre Estevão retoma sua fé, que estava abalada, levando-o a buscar um projeto de verdadeira missão cristã: catequizar os índios da Amazônia.

Assim, quando esses dois romances são incorporados ao projeto ficcional de Callado que se delineava na década de 1950, os temas abordados convergem no diálogo que o autor estabeleceu tanto no teatro, quanto nas reportagens. Temas que mais adiante desembocarão em seus romances políticos, nos quais o olhar arguto do jornalista e escritor experiente, com cinquenta anos quando publicou *Quarup*, trará para o diálogo a crítica e a autocritica sobre a resistência armada ao regime militar.

1.6 “O ESQUERDÓIDE” E O SEU LUGAR NA LITERATURA DE RESISTÊNCIA

Callado foi um intelectual que viveu as grandes transformações do século XX e teve contato direto, como jornalista e homem do seu tempo, com o Estado Novo de Vargas, a Segunda Guerra Mundial, a Ditadura Militar e a redemocratização. Fez cobertura jornalística em vários países, foi preso, teve os direitos políticos cassados durante o regime militar, conviveu com artistas e intelectuais de diversas áreas. Participou ativamente da vida cultural do país e manteve-se atento às transformações político-sociais que o cercavam. Todas essas experiências o levaram a criar e a ocupar um espaço na literatura de resistência.

Sua atividade jornalística o tornou um observador atento e crítico da realidade. Isso se confirma no tipo de jornalismo que ele exerceu, mesmo que diversificado, pois Callado publicou matérias sobre política, teatro, literatura e reportagens de cunho social. E quando ocupou o cargo de redator-chefe de dois grandes jornais, não deixou de ir a campo, pelo contrário, escolhia o que lhe interessava investigar. Nessas escolhas, suas reportagens de cunho político-social sobressaíram, como se percebe pelas que foram analisadas anteriormente. Outro fator relevante foi ter ingressado muito jovem no jornal de oposição *Correio da Manhã*, o que contribuiu para a formação de um posicionamento de esquerda.

Isso ficou evidenciado no relato de Callado a Zuenir Ventura sobre o fato de ter sido investigado antes de ir trabalhar na Europa. Ficou sabendo pelo seu amigo Ralph Della Cava, um historiador brasilianista, que encontrou casualmente, quando fazia pesquisa em Roma, sobre uma carta da embaixada italiana no Brasil para o Ministério do Exterior da Itália, alertando para o fato de Callado estar indo para Europa difundir suas ideias “antiitalianas” e

“antigermânicas”, sendo por isso chamado de “comunistóide”. Ao saber do ocorrido, Callado fez o que sabia praticar tanto na vida, quanto na arte: ironizou, dizendo que, na verdade, ele era um “esquerdóide”.¹⁰⁰

Entretanto, também confessou que, durante o período em que viveu em Londres, esteve tentado a entrar para o Partido Comunista, mesmo porque nele tinha muitos amigos, mas resistiu, pois alguma coisa lhe dizia que não ia dar certo em virtude do aspecto dogmático aplicado à política partidária. Na maioria das vezes afirmou que foi de esquerda, votou na esquerda e compartilhou os ideais socialistas e, mesmo conhecendo bem vários grupos de esquerda, não pertenceu diretamente a nenhum, pois nunca se filiou nem mesmo a uma “escola de samba”. Entretanto, é salutar observar que a filiação político-partidária sempre foi uma questão delicada para os intelectuais, pois a liberdade de criticar pode ser restringida pela opção partidária, pelo lado “dogmático da política” que Callado temia. Isso torna compreensível sua descrição sobre sua participação na organização da Guerrilha do Caparaó, que ele só mencionava quando perguntado diretamente. Ou seja, foi um curto período de engajamento na luta armada, mas que não aparece de forma espontânea em suas entrevistas.

Diante disso, algumas questões precisam ser analisadas: qual a concepção de engajamento de Callado? Tal concepção se harmoniza com os projetos dos intelectuais de esquerda? Para refletir sobre a primeira indagação, torna-se importante compreender como Callado se posicionou frente ao debate. No *Ciclo de Debates do Teatro Casa Grande* (1975), ele apresentou sua noção de engajamento, distinguindo o escritor do homem/cidadão:

Eu não acho que escritores devam ser necessariamente engajados, quando escrevem, mas devem sê-lo como cidadãos. Escritores e todos os demais membros da classe pensante que, queira ou não queira, goste ou não goste, beneficia-se da injustiça que tem dominado a história do país, ou pelo menos não sofre muito com ela. E os escritores devem preocupar-se mais ainda com uma situação que lhes cerceia o público e não lhes concede o tempo integral de criação.¹⁰¹

¹⁰⁰ CALLADO, Antônio. Entrevista concedida a Zuenir Ventura. In: MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. (Org.). **3 Antônio & 1 Jobim**: histórias de uma geração. Rio de Janeiro: Relume-Delumará, 1993, p. 65.

¹⁰¹ Id. **Literatura**: Ciclo de Debates do Teatro Casa Grande – 19 de maio de 1975. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976, p. 182. Coleção Opinião.

O debate sobre literatura foi coordenado por Antonio Houaiss e os debatedores foram: Alceu Amoroso Lima, Affonso Romano, Antonio Callado e Antonio Cândido.

Sobre o Teatro Casa Grande, Mirian Hermeto observa que era um espaço de sociabilidade importante para o meio artístico-intelectual carioca de meados da década de 1970. “Em 75, ele teria tido início com a organização do *I Ciclo de Debates sobre a Cultura Contemporânea* e os ciclos se estenderam pelos anos seguintes: em 1976, 1977 e 1978, respectivamente, aconteceram os *I, II e III Ciclos de Debates sobre Economia*”. Antonio Callado estava entre os intelectuais e artistas que formavam o “núcleo” do grupo.

Nessa fala, dois importantes temas foram abordados. O primeiro diz respeito à “liberdade”¹⁰² do escritor de fazer opção ou não pelo engajamento, o que não elimina o compromisso do cidadão com a conjuntura política, pois não existia uma “condição prévia” para que o escritor e a obra fossem engajados simultaneamente. O segundo ponto é o fato de os artistas e intelectuais beneficiarem-se “da injustiça que dominava a história do país”, o que também pode ser lido como o crescente público consumidor de arte engajada e a indústria cultural que, de alguma forma, beneficiava o escritor e o intelectual.

Por isso, Callado afirmou que o Brasil é um país grande com vocação para ser pequeno, pois, como ele explica, o Brasil grande é analfabeto, paupérrimo e desassistido, e o Brasil pequeno é cioso de seus privilégios. Esse Brasil pequeno “pode pagar” aqueles que “o servem e que o divertem”, ou seja, é o país das elites, no qual se encontra a maioria do público consumidor de literatura. Nesse debate, também afirma: “[...] a luta pela ampliação desse espaço, de tanto tempo que dura, com tão poucos frutos, pode parecer improfícua e inútil, mas é a única luta que temos, nos livros ou fora deles”.¹⁰³ Assim a arte e o intelectual cumpririam sua função, rompendo as fronteiras do “Brasil pequeno”.

Ainda sobre a relação entre o escritor e o intelectual, Dias Gomes, no artigo *O Engajamento como Prática de Liberdade* (1968), publicado na *Revista Civilização Brasileira*, questiona o posicionamento de Antonio Callado de forma contundente:

Um dos autores mais representativos do novo teatro brasileiro, Antonio Callado, em trabalho publicado recentemente, afirmou de maneira surpreendente que “... o artista, como artista, não se engaja. Mas tem de pagar um preço pelo consumo que faz da liberdade. Esse preço é o seu engajamento como homem”. Esqueceu-se Callado de que o escritor Antonio Callado é um exemplo admirável da indissolubilidade artista-homem. Ou será que esta obra prima de arte engajada que é *Quarup* foi escrita pelo homem Callado, enquanto o artista tomava uísque no Antonio’s? E que fazia o homem Callado quando o artista escreveu *Franke*? Será que estas duas

HERMETO, Miriam. **“Olha a Gota que falta”**: um evento no campo artístico-intelectual brasileiro (1975-1980). 2010. 440 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. 89.

¹⁰² Sobre a liberdade de criação do escritor, em debate com Antonio Callado, o crítico literário Antônio Cândido disse que: “[...] os graves problemas brasileiros são em grande parte da coexistência, dentro dele, do escritor propriamente dito e do intelectual, isto é, do escritor que, para realizar a sua missão, a sua vocação profunda, cria livremente – possibilidade de criação que foi definida no Brasil pelos modernistas: criar livremente”. **Literatura**: Ciclo de Debates do Teatro Casa Grande – 19 de maio de 1975. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976, p. 183. Coleção Opinião.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 182.

obras não refletem claramente um processo de evolução do homem artista em direção a um engajamento que lhe deu a grandeza hoje reconhecida?¹⁰⁴

Dias Gomes está dialogando com o artigo de autoria de Callado, *O artista deve ter liberdade de criar* (1968), acreditando tratar-se de uma incoerência a separação feita pelo autor entre o escritor/artista e o homem/intelectual. Para Dias Gomes, o engajamento não constituía um obstáculo na busca da verdade, mas uma condição para sua plenitude. Os diferentes posicionamentos ficam evidenciados quando Callado afirma que o importante é a participação do intelectual, mesmo que o escritor queira elaborar uma obra inteiramente desligada de uma mensagem social direta, trazendo novamente o tema da liberdade do escritor e da sua obra, que também foi abordado por outros intelectuais, como Antunes Filho, em 1978, e José Celso Martinez, em 1967. Cabe observar que Dias Gomes também foi criticado por atuar nas “brechas do sistema”, quando começou a trabalhar na televisão (Rede Globo) em 1969.

Nesse campo de disputas ideológicas, que abarcava o papel do intelectual na resistência após o golpe militar de 1964, a esquerda estava dividida basicamente em dois grupos, a resistência democrática e a luta armada. Nesse cenário de enfrentamento, a historiadora Rosangela Patriota apresentou um episódio envolvendo os dois grupos, com o intuito de pensar a dramaturgia de Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha), que se engajou na resistência democrática:

Manifestou-se contra a censura, promoveu vigílias, denunciou o arbítrio, mas, em nenhum momento, advogou a proposta da “guerrilha a qualquer preço”, tanto que na passeata que acompanhou o corpo de Édson Luis até o cemitério “[...] Vianinha gritava feito um louco: ‘o povo organizado derruba a ditadura!’ A poucos metros de distância, Hugo Carvana puxava o couro dos ‘revolucionários’ ou ‘porra-loucas’, conforme a ótica: ‘o povo armado derruba a ditadura’”.¹⁰⁵

A *Passeata dos Cem Mil*, em junho de 1968, reuniu representantes de diversos setores, como artistas, políticos, intelectuais, padres e outros. Desencadeada pela morte do estudante Edson Luís, vítima da ação da Polícia Militar, se tornou símbolo da mobilização contra a ditadura. Callado estava entre os manifestantes e nesse momento histórico já havia assistido ao primeiro fracasso da luta armada e planejava sua ida ao *Vietnã do Norte*. Ele

¹⁰⁴ GOMES, Dias. O Engajamento é uma Prática de Liberdade. **Revista Civilização Brasileira**, Caderno Especial, n. 2, p. 16, jul. 1968.

¹⁰⁵ PATRIOTA, Rosangela. **Vianinha**: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 121.

também havia presenciado muitos grupos de oposição cair na ilegalidade e se tornarem clandestinos e, em um curto espaço de tempo, a esquerda brasileira formar um mosaico com dezenas de pequenas organizações políticas e com grandes divergências.¹⁰⁶ Mas o fato é que Callado não estava sozinho, outros intelectuais e artistas também perceberam a imaturidade dos projetos das esquerdas, fizeram a crítica e também foram criticados. Segundo Patriota, “[...] do ponto de vista estritamente político a alternativa à resistência democrática foi a escolha pela luta armada, no campo estético e cultural, o que não correspondia às expectativas do PCB passou a ser denominado tropicalista ou irracionalista”.¹⁰⁷

No caso de Antonio Callado, sua trajetória possibilita a análise de que, enquanto intelectual, se engajou no movimento de resistência à Ditadura Militar, chegou a fazer a opção pela luta armada quando colaborou com a Guerrilha do Caparaó, mas recuou e fez a autocrítica. Seus romances respondem ao seu posicionamento, como em *Quarup*, em que a opção pela guerrilha acontece no último instante, o protagonista Nando não tinha convicção de qual melhor caminho a seguir, pois considerava os projetos de resistência imaturos demais. A partir de então, sua narrativa enfrentará o debate com a conjuntura política, realizando a crítica ao despreparo da esquerda para a condução da resistência ao regime.

Quanto à defesa de Callado sobre a “não necessidade de a obra engajar-se”, ele sinalizava para a “liberdade do escritor”, não a se abster ou alienar-se da vida política do país, mas de poder representar sem tomar um único partido, fazendo a crítica ao processo. Ao mesmo tempo Callado enfrentou a discussão de que existia criação fora das duas vertentes: a política cultural do PCB e as orientações do regime militar para a criação de intelectuais a serviço da “modernização”. Tal posicionamento pode ser compreendido com a repercussão do

¹⁰⁶ O cenário das esquerdas no pós-1964 é descrito por Ridenti da seguinte forma: “[...] elas divergiam quanto ao caráter da revolução brasileira (nacional-democrática ou socialista), sobre as formas que a luta devia assumir (pacífica ou armada; se armada, guerrilha ou insurrecional; centrada no campo ou na cidade), sobre o tipo de organização política necessária para conduzir a revolução (partido leninista ou organização guerrilheira)”. (RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014. p. 33.) Quanto ao objetivo desses grupos, era ou derrotar a ditadura pela luta armada, ou vencê-la no campo político, destacando-se o grupo liderado por Leonel Brizola, adepto da luta armada de cunho revolucionário e nacionalista, e o PCB, que propunha uma revolução pacífica e democrática. Entretanto, o PCB apresentou várias dissidências, principalmente por seu perfil moderado, o que levou à criação da organização guerrilheira que obteve mais expressividade, a Ação Libertadora Nacional (ALN), liderada por Carlos Marighella, e, também, a criação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Mesmo com as cisões, ganharam terreno aqueles que se associaram a outros grupos, a exemplo do PCB, que se associou aos trabalhistas, além de outros movimentos que se viram derrotados com o golpe.

¹⁰⁷ PATRIOTA, Rosângela. A cena tropicalista no Teatro Oficina de São Paulo. **História**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 154, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a06.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2003.

romance *Bar Don Juan*, ao trazer à tona a tortura e o fortalecimento da ditadura e a completa desarticulação da esquerda armada. Callado foi chamado de “inconsequente” por escrever uma obra que expunha de forma muito dura o movimento de resistência.

Nesse entendimento, a concepção do engajamento intelectual de Callado está atrelada à participação no processo resistência, independente de grupo ou partido. Quando questionado sobre seu posicionamento, afirmou, depois do contato com Francisco Julião e Miguel Arrares: “[...] eu fui insistindo mais na crítica, até entrar em choque com o governo. Então ocorreram aquelas minhas prisões... mas não do tipo de engajamento do CPC...”.¹⁰⁸ Assim pensando e agindo, participou e sofreu sanções, como prisões e ter os direitos políticos cassados em 1969, o que incluía também restrições para escrever em jornais, livros, revistas, dar entrevistas, dentre outras atividades.

Quanto às prisões, a primeira e que mais repercutiu ficou conhecida como *Os Oito do Glória*, a partir de uma manifestação articulada também por Callado. Essa manifestação se deu que quando ele soube da intenção dos militares de convencer a opinião pública internacional de que o “magnífico” regime militar, além de ser a “salvação” contra a ameaça comunista, também não tinha opositores. Callado afirma que o plano dos militares se efetivou quando foi marcada uma reunião geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), em novembro de 1965, no Hotel Glória, para demonstrar para todos os países latino-americanos que a população apoiava os militares. Considerou tal gesto um desaforo, um acinte, pois não bastava terem vencido pela força das armas, mas queriam, também, passar a imagem de uma ditadura benemerita. Assim, um grupo de intelectuais de terno e gravata protestou, carregando faixas com as frases: “OEA Queremos Liberdade”, “Abaixo a Ditadura” e “Viva a Liberdade”.

¹⁰⁸ CHIAPPINI, Lúcia. Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Lúcia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 238.

FOTOGRAFIA 4 – Antônio Callado em “Os oito do Glória” (1965)



Fonte: Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/protesto-leva-oito-do-gloria-a-prisao>.

O caso *Os Oito do Glória* ganhou notoriedade, e Callado relatou que, durante a confusão, o maior temor dos manifestantes era “não serem presos”, visto que, naquele momento, eram necessárias suas prisões para que o caso ganhasse repercussão na imprensa e, assim, todo o trabalho que tiveram não fosse em vão. Conseguiram o feito, foram detidos e ficaram presos, durante vinte dias, os cineastas Glauber Rocha, Mário Carneiro e Joaquim Pedro de Andrade, o diretor de teatro Flávio Rangel, o embaixador Jayme Azevedo Rodrigues, o jornalista Márcio Moreira Alves, os escritores Carlos Heitor Cony e Antonio Callado, que foi eleito pelo grupo como seu “presidente”. O fato envolveu intelectuais e artistas a ponto de, em dois dias, já haver um abaixo-assinado com quatrocentas assinaturas em prol da liberdade dos colegas presos. O mais importante foi mostrar que o regime militar no Brasil tinha, sim, opositores, principalmente em um período em que o país não tinha consciência de luta e oposição contra aquele governo que, por sua vez, prometia eleições e volta à democracia. Isso acontecia, segundo Callado, porque “o golpe tinha sido fácil demais, praticamente sem resistência”.

Diferentemente da primeira prisão, sobre a qual Callado diz terem saído ganhando naquele momento, a segunda prisão, em 1968, foi considerada “chata demais”, pois os militares chegaram à sua casa às 3h e pediram para ver seus livros, mas, como eram muitos,

desistiram. A única coisa que levaram foi um quadro de Che Guevara, dizendo que o quadro “também estava preso”. Como os militares não sabiam onde deixar Callado, percorreram vários lugares. Em seus relatos, Callado diz ter ficado uma semana em uma prisão no Realengo, onde tinham estado Ferreira Gullar e Paulo Francis, e onde ainda estavam Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Outro fato relevante sobre as prisões é a forma de tortura: enquanto os intelectuais, em sua maioria, sofriam torturas psicológicas, os comunistas sofriam violência psicológica e física. Por isso, quando interrogado sobre as experiências de prisões, Callado respondeu ceticamente: “[...] a única lição foi achar que as pessoas que nos prenderam na ocasião não estariam hoje em dia ditando regras na política. Acho isso ofensivo. [...] Que País sem memória, sem vergonha na cara”.¹⁰⁹ Essa postura crítica imprimiu a marca em seus romances.

1.6.1 A LITERATURA DE RESISTÊNCIA E A CONSAGRAÇÃO DO ESCRITOR

As reportagens no Nordeste, marcam o momento em que começou a fazer uso da “palavra” a serviço de uma causa. Utilizou a notícia jornalística, veículo pelo qual teve contato mais imediato com o leitor, para dar visibilidade aos fatos que antecederam¹¹⁰ e sucederam o golpe civil-militar, por exemplo, quando relatou as arbitrariedades dos militares após o golpe, levando à prisão importantes líderes.¹¹¹ Ao transformar esses acontecimentos em matéria ficcional, Callado se insere em um complexo debate, em que a arte política terá o papel de resistência e, para muitos artistas e intelectuais, suas obras coadunavam com os grupos aos quais pertenciam. Esses intelectuais estavam agrupados em diversas correntes

¹⁰⁹ CALLADO, Antônio. Um prédio de doidos. *Isto É*, São Paulo, n. 1276, p. 3, 16 mar. 1994. [Entrevista concedida a Daniel Stycer]

¹¹⁰ No cenário que antecedeu ao golpe, havia vários grupos de esquerda atuantes, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop) e a Ação Popular (AP), os quais continuaram ativos após o golpe ou formaram outros grupos, como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), os Comandos de Libertação Nacional (Colina), o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), a Ala Vermelha do PCdoB e a Vanguarda Revolucionária Armada Palmares (VAR-Palmares).

¹¹¹ Em *Tempo de Arrais: a revolução sem violência*, Antonio Callado relatou os acontecimentos que sucederam ao golpe-civil militar, inclusive o caso de Gregório Bezerra: “Maltratado no Recife foi o líder comunista Gregório Bezerra, de 63 anos, um dos entrevistados neste livro. Gregório foi preso no campo, onde aliciava camponeses para os sindicatos rurais, e trazido para a cidade vestindo apenas um calção azul. Amarrado com cordas foi passeado pelas ruas e apontado à execração pública pelo coronel Darci Villocq. Diante do povo estarrecido Villocq apontava Gregório: ‘Este é o comunista que queria destruir os lares de vocês. Agita agora, traidor’. E Gregório, que só calava a boca aos puxões da corda: ‘Esta é a civilização cristã que eles pregam’”. CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 35.

ideológicas, como liberais, trotskistas, comunistas e trabalhistas de esquerda.¹¹² No entanto, o inimigo em comum era o regime militar, por isso espetáculos, como o show *Opinião* (1964),¹¹³ surgiram como resistência cultural, e alguns periódicos, como a Revista Civilização Brasileira (1965-1968), de Ênio da Silveira, que concentrava boa parte das publicações de intelectuais de esquerda, tornou-se símbolo dessa resistência.

É nesse processo que se inserem os romances de Callado, pois, ao mesmo tempo em que compartilhou dos ideais da esquerda, também criticou e questionou o seu papel como vanguarda. Ser de esquerda e ter uma visão crítica sobre ela dará o tom aos seus romances, o que resultou no debate acalorado com os seus interlocutores. Talvez por isso seus amigos escritores soubessem bem como defini-lo, entre eles Ferreira Gullar, que, quando interrogado em 1968 pelos militares, que queriam saber se Callado era comunista como ele, Gullar disse: “não, até que não!”, mas é um homem de esquerda. Isso traz indícios de que ambos tinham ideais compartilhados no período, como revolução, nacionalismo e modernização, que perpassaram uma gama significativa da produção cultural das décadas de 1960 e 1970. Essa produção cultural, em sua maior parte, tinha a base composta por aqueles que não se “alienavam da vida do país” e que assumiam a luta contra a ditadura. Em contrapartida, aqueles que colaboravam com o regime militar, como os intelectuais censores, eram vistos como traidores a serviço de um Estado arbitrário.

Assim, obras de cunho político abriram também um campo de possibilidades para muitos artistas e escritores, entre eles Callado, que conseguiu reconhecimento e consolidação na carreira literária a partir de *Quarup*. Portanto, o romance político, assim como toda arte de resistência, se estabelece em um cenário marcado pela indústria cultural e pela censura. O obstáculo da censura e da perseguição se acirrou com o Ato Institucional Nº 5, um grande golpe e um desafio para o meio intelectual e militante. Dias Gomes, em 1968, disse que “[...] os meios de comunicação de massa – rádio e televisão – estão sob controle absoluto. A imprensa tem a sua pseudoliberalidade vigiada por uma lei drástica [...]”,¹¹⁴ acrescentando que o teatro, o livro e o cinema eram aqueles meios que ainda tinham uma estreita faixa de

¹¹² Cf. NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014, p. 210.

¹¹³ “A democracia foi destruída enquanto organização, mas não enquanto absoluta aspiração do povo e do artista brasileiro. A destruição dos valores democráticos custou também a destruição de vários mitos que enredavam a consciência social. No teatro, 1965 começa para frente. Vá ver Opinião”. PATRIOTA, Rosângela. **Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 116.

¹¹⁴ GOMES, Dias. O Engajamento é uma Prática de Liberdade. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, Caderno Especial, n. 2, p. 09, jul. 1968.

liberdade: o cinema, por ter poucos filmes de produção nacional; o teatro e a literatura, por agirem de forma imediata sobre um público reduzido, possibilitando ao governo neutralizá-los no momento que julgasse oportuno. Quanto ao objetivo da censura aos escritores brasileiros, além de proibir, o intuito era desarticular, desestabilizar em todos os aspectos, inclusive, financeiro. O fato de recolherem livros, cassarem o direito de os jornalistas trabalharem e censurarem peças teatrais no dia da estreia tinha como objetivo atingir o processo criativo e, assim, arruinar o censurado na veiculação de seu trabalho ou de sua arte.

No que tange à indústria cultural, ela foi um dos setores mais dinâmicos da modernização da ditadura militar. Contraditoriamente, o mercado de bens culturais estimulava os artistas de oposição e de esquerda a criarem obras que seriam consumidas pela classe média. Entretanto, o principal eixo dessa modernização eram os mercados televisual e fonográfico, ou seja, a indústria cultural estava atrelada à política cultural da ditadura militar e, conseqüentemente, ao crivo da censura que se tornou uma “política cultural” que percorreu todos os governos militares. Contudo, essa política era, no mínimo, complexa, pois, ao mesmo tempo em que censurava e perseguia os artistas, a ditadura apoiava a produção cultural nacional. O exemplo disso foi a “Política Nacional de Cultura”, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1975, que revela os paradoxos da relação entre a Ditadura Militar e a cultura, pois, ao mesmo tempo, o Estado deveria manter o controle e intervenção sobre a cultura, zelando pelo “bom gosto”.

Esse “consumo cultural” está associado ao crescimento econômico e à produção em escala industrial de livros, revistas, telenovelas, jornais. Conseqüentemente, mais setores da sociedade passaram a ter acesso, pelos jornais e pela televisão, a formas de escrita, alcançando segmentos mais pobres da população. Conforme destacou Napolitano, esse consumo cultural atingiu operários qualificados, pequenos funcionários públicos e classe média baixa. Assim, em meio à censura e à repressão, proliferava o mercado cultural. E muitos artistas de diversos segmentos foram chamados de “oportunistas”, por se beneficiarem do contexto político para se inserirem no mercado cultural.

Nesse cenário Callado encontrou o reconhecimento como romancista. Quando *Quarup* foi lançado, seus críticos entusiastas, como Ferreira Gullar, o consideraram o “romance da revolução”. A partir daí, Callado tornou-se um escritor reconhecido pela sua literatura de resistência, sobretudo por dialogar com o tema da luta armada. Mas isso não impede que sua expectativa sobre o Brasil seja retomada, atualizada e ganhe novos

significados, pois, conforme declarou Arriguci Jr., “[...] um país que produziu homens como Callado não pode desistir de ser alguma coisa que preste algum dia na sua história”.¹¹⁵ Um Brasil com o qual Callado dialogou e ainda dialoga, pois seus romances trazem importantes questionamentos para nossa atualidade.

Diante disso, a trajetória intelectual de Antonio Callado nos guiou pela história do Brasil recente e seu projeto ficcional tomou forma a partir da década de 1950 com seus primeiros romances e peças teatrais, que se ancoraram nas discussões elencadas em 1930. Callado se propôs a dialogar com temas que traziam a questão dos excluídos sociais (negro, indígena, camponês, pobres, prostitutas), atrelada ao nosso processo histórico, e a seguir uma arte comprometida com a transformação social, pensando o Brasil a partir da perspectiva de tirar o país do atraso, do colonialismo e do subdesenvolvimento. Para isso, realizou a interlocução entre o jornalismo e a ficção, que ganhou fôlego nos seus romances políticos, nos quais enfrentou o debate em torno da conjuntura política marcada por um Estado autoritário e uma esquerda desarticulada. Nesse caminho, escolheu o tema da luta armada, mas sempre indagando o porquê de nossos projetos não amadurecerem antes de ganharem forma. Esse olhar de Callado será o eixo norteador para a análise de seus romances, objeto dos dois capítulos a seguir.

¹¹⁵ ARRIGUCI JR., Davi. Depoimento. In: JOFFILY, José. (Dir.). **A Paixão segundo Callado**. Brasil: Lumen Produções, 2007. 1 DVD, documentário (57min), son., color.

CAPÍTULO II

AS IMAGENS DA RESISTÊNCIA E DA DERROTA

Já bem perto procurou na base o único azulejo diferente, a inscrição em letras verdes no ladrilho branco: Terra do Centro Geográfico do Brasil. À memória de Levindo, amigo dos camponeses. O azulejo tinha sido arrancado. Tapado o buraco, apoiada contra a base do monumento, uma tábua quadrada, provisória, com os dizeres: Terra do Centro Geográfico do Brasil. Viva a Revolução. 31 de Março de 1964. Sem olhar para os lados, sem pensar em nada, concentrado a fundo no que fazia Nando abriu a braguilha das calças e mijou pausadamente em cima da placa.

O GOLPE CIVIL-MILITAR de 31 de março de 1964 rompeu com o horizonte de expectativas dos projetos de transformação social articulados pela esquerda. O desmoronamento desses projetos, que também se articulavam em torno da luta pela terra, deixou a esquerda perplexa, apática e em busca da compreensão de como não havia previsto a ação dos militares, enquanto, ao mesmo tempo, buscava alternativas para se organizar na resistência contra o autoritarismo estatal.

Em meio aos acontecimentos, a reação de Callado também foi a de “perguntar”: o que está acontecendo? Mesmo tendo compactuado com as críticas e a pressão sobre o presidente João Goulart, dizendo que “[...] agora mesmo vive o presidente da República acusado de preparar um golpe. Como não teve coragem de casar com a História, quer ver se a agarra de qualquer jeito, atrás de uma porta do Palácio”,¹¹⁶ ao mesmo tempo também declara que “[...] o grande partido político no Brasil é o Exército Nacional” e que a conjuntura que o país vivia era uma “democracia escamoteada”, pois o Exército paira como um “Santo Ofício”, não demonstra seu poder abertamente, “mas faz saber que tem os raios na mão”.¹¹⁷ As reportagens de Callado faziam uma leitura atenta da conjuntura política, mas, ainda assim, ele declarou ter sido difícil entender os acontecimentos, por isso denunciou com indignação as ações dos militares e o atropelamento dos grupos e dos projetos de esquerda quando os militares usurparam o poder.

Em um balanço sobre o período Carone (1982), diz que o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil (PCB) avaliou a situação após o golpe e reconheceu que foram pegos de surpresa e que estavam despreparados tanto para enfrentar os golpistas, quanto para prosseguirem suas atividades. Artistas e intelectuais saíram, então, em busca de uma resposta, iniciando uma fervorosa movimentação artística e cultural.

Diante do cenário instaurado, o uso da linguagem artística foi uma das respostas mais imediatas, principalmente a do teatro e do cinema. Isso ocorreu em virtude de algumas ações do governo militar, como o fechamento do teatro do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Alguns artistas que perderam seus espaços de atuação criaram o Grupo Opinião. Por isso, o primeiro resultado expressivo de contestação foi *O Show*

¹¹⁶ CALLADO, Antônio. **Tempo de Arraes**: a revolução sem violência. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 121-122.

¹¹⁷ Ibid.

Opinião (1964)¹¹⁸ inspirado na música de Zé Keti, *Opinião*, que usou como lema: *Podem me prender, podem me bater, que eu não mudo de opinião*. Em 1965 montaram *Liberdade, Liberdade* de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, também produzida pelo Grupo Opinião e o Teatro de Arena. Ainda nesse movimento de reação, Oduvaldo Viana Filho (Vianinha) escreveu a peça *O Moço em Estado de Sítio* (1965) e *A Mão na Luva* (1966), enquanto o filme *O Desafio* (1965),¹¹⁹ do diretor italiano Paulo Cesar Saraceni, também se destacou, pois o eixo condutor de todas as obras foi o questionamento sobre a atuação da esquerda e a arte como instrumento de reflexão, denúncia, enfrentamento e resistência. A resposta de Callado na ficção veio com *Quarup*¹²⁰ e o conto *O Homem Cordial*,¹²¹ ambos de 1967, obras em que o

¹¹⁸ Cf. OLIVEIRA, Sírely Cristina. **O encontro do teatro musical com a arte engajada de esquerda**: em cena o Show Opinião (1964). 2011. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

¹¹⁹ Cf. RAMOS, Alcides Freire. Diálogos: Paulo César Saraceni e o Cinema Italiano durante os Anos 1960. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais Fênix. v. 11, ano XI, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF34/Dossie_Artigo_Alcides%20Freire%20Ramos.pdf. Acesso em: 22 jun. 2016.

Sobre *O Desafio*, Ismail Xavier também observou: “O Desafio trabalha o dissabor, a fossa, a mescla da apatia e do inconformismo de um intelectual para quem a crise deflagra a culpa e contamina tudo; qualquer gesto ou sentimento se projeta, de imediato, na dimensão histórico-política da existência”. XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 17.

¹²⁰ *Quarup* foi escrito entre março de 1965 e dezembro de 1966 e publicado em 1967. Quanto a sua estrutura e enredo, está dividido esquematicamente em sete capítulos: *O Ossuário*, *O Éter*, *A Maçã*, *A Orquídea*, *A Palavra*, *A Praia* e *O Mundo De Francisca*. Os espaços narrativos são: Pernambuco, Rio de Janeiro (urbano e moderno, a capital do país) e o *Xingu*. Quanto à trajetória, é linear no tempo cronológico (de 1954 a 1964), haja vista a forma com que Nando constrói seu aprendizado antropofágico a cada capítulo, e os núcleos de personagens com os quais tem contato alimentarão sua “deseducação/desalienação” para o surgimento do “homem novo”.

O Ossuário: Padre Fernando (Nando) está envolto em seu círculo religioso e os personagens que o cercam são: D. Anselmo, Padre Hosana e Padre André. Nesse ambiente tem contato com Francisca (par romântico) e seu namorado, o jovem estudante Levindo. Outros personagens relevantes para o seu aprendizado são Leslie e Winifred, um casal inglês e protestante. Nando tem o primeiro contato com os problemas político-sociais e com a presença de sindicatos e da Sociedade Agrícola e Pecuarista dos Plantadores, que mais tarde se tornará Ligas Camponesas, assim como com a preocupação da Igreja e das forças armadas com a “ameaça comunista”.

O Éter: Nando desloca-se para capital Rio de Janeiro, centro do poder político, econômico e da corrupção. Está em busca junto ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI) dos meios para fundar sua Prelazia no *Xingu*. Os personagens são: Ramiro Castanho (diretor do SPI e amigo de Gouveia, o Ministro da Agricultura); Vanda (sobrinha de Ramiro que trabalha no SPI); Falua (jornalista da Folha da Guanabara); Otávio Cisneiro (comunista e herdeiro da Coluna Prestes, que trabalha no SPI); Fontoura (Trabalha no SPI); Sônia Dimitrovna (bailarina e alvo do assédio masculino: namorada de Falua, amante de Gouveia e alvo do amor platônico de Ramiro); Lídia (psicóloga que tem um relacionamento com Otávio).

A Maçã: todo esse grupo se desloca para o *Xingu* para a inauguração do Parque (julho de 1954) e para a festa do *quarup*. Realçam a contradição entre o mundo urbano e “civilizado” e o mundo “selvagem” os personagens indígenas: Canato, Aicá, Anta e outros. Em meio ao ritual do *quarup* ocorre o suicídio de Getúlio Vargas, quando se fundem o plano ficcional e o real e se acentuam as contradições do Brasil.

A Orquídea: a narrativa dá um salto de sete anos no tempo, período em que Nando se embrenha na selva e abandona o sacerdócio. Após esse período será formada uma expedição em busca do “Centro Geográfico do

escritor inaugura seu debate com o tema da luta armada, trazendo “as imagens da luta” que desaguarão nas “imagens da derrota”, como em *Reflexos do Baile* (1976).¹²² Dentre os

Brasil”, composta por Francisca, Ramiro, Fontoura; Olavo (o piloto) e demais personagens, como Lauro e Vilaverde, aparecem neste capítulo, bem como as tribos que encontrarão no percurso.

A Palavra: Nando e Francisca se deslocam do *Xingu* para Pernambuco, que está sob a liderança do governador Miguel Arraes, eleito em 1962. Os dois se engajam no projeto de alfabetização de camponeses através da “teoria de Paulo Freire”. Na trama, estão presentes os movimentos de esquerda do período e seus líderes: a Esquerda Católica (Padre Gonçalo), o Partido Comunista (Otávio), as Ligas Camponesas (Januário) etc. Novos personagens entram em cena, como os estudantes Jorge e Djamil, Manoel Tropeiro, os camponeses e jangadeiros. A ação ficcional desse capítulo se encerra com o fato histórico do Golpe Civil-Militar de 1964, pondo fim a um sonho, o de construir o mundo de Levindo (democracia) através da palavra.

A Praia: após o golpe civil-militar, Nando inicia uma nova fase em sua casa na praia da Boa Viagem, quando se aproxima dos excluídos sociais, dedica-se à arte de amar principalmente as mulheres feias e tristes, está prostituindo-se. Nando está cercado de gente simples, como jangadeiros e prostitutas. Nando exila-se em si mesmo.

O Mundo De Francisca: o capítulo final é o momento das escolhas de Nando: ir para o exílio no exterior com Francisca ou engajar-se na luta armada. Nando optou pela guerrilha e seguiu para o sertão com Manoel Tropeiro. Os acontecimentos finais “o levaram” para essa decisão, portanto não existe muita convicção da escolha realizada.

¹²¹ O conto *O Homem Cordial* foi escrito e publicado pela primeira vez em 1967 no livro *64 D.C* que reuniu contos de Antonio Callado, Carlos Heitor Cony, Hermano Alves, Marques Rabelo e Sérgio Porto. A segunda publicação de 1993 foi na coletânea de contos de Antonio Callado. *O Homem Cordial* abarca em sua narrativa o período específico de 1964 a 1967 no espaço da capital Rio de Janeiro. O seu enredo está estruturado em torno do protagonista Jacinto, um intelectual, professor de História e Sociologia, que teve seus direitos políticos cassados após o Golpe Civil-Militar de 1964. As outras personagens relevantes são Clara e Inês, ambas com visão crítica dos acontecimentos, contrapondo-se ao olhar de Jacinto. Clara, sua amante e uma jovem médica, sempre provoca e questiona Jacinto sobre seus posicionamentos e convicções políticas, afirmando que ele não tinha nada de comunista, apenas participava das reuniões da “esquerda festiva”, mas descartava qualquer possibilidade de confronto, ou seja, de lutar efetivamente contra o regime. Já Inês, filha de Jacinto, que aderiu ao movimento de resistência estudantil, vê a postura do pai e suas teorias aquém da realidade, o que a leva a debater com ele, que, mesmo sabendo dos acontecimentos, não concordava com as opiniões “radicais” da filha. Preferia acreditar que os militares devolveriam a democracia ao Brasil. Diante do embate entre estes personagens, a teoria de Jacinto sobre “O Homem Cordial” será desconstruída, fazendo com que ele compreenda o sentido da “cordialidade” a partir da dualidade proposta por Sérgio Buarque da Holanda, concluindo, assim, que a Ditadura Militar não era apenas transitória.

¹²² *Reflexos do Baile* foi escrito entre 1974 e 1976, sua trama foi articulada em torno da resistência armada, especificamente do sequestro de um embaixador americano Jack Clay, inspirado no sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick ocorrido em 1969. O romance traz uma narrativa fragmentada, montada a partir de cartas, bilhetes, ofícios, diários, trechos de textos, sendo as múltiplas vozes de seus personagens narradas por códigos e falas interrompidas. Para compreender a trama, o leitor precisa seguir as pistas apresentadas nas três partes da obra: *A véspera* (54 capítulos), *A noite sem trevas* (44 capítulos), *O dia da Ressaca* (49 capítulos). Três grupos de personagens se destacam: o grupo dos revolucionários, o grupo ligado aos embaixadores e às embaixadas no Brasil e o grupo da polícia política/torturadores. O fio condutor é o envolvimento do casal Beto e Juliana na luta armada. O Capitão Roberto (codinomes Beto, D’águas e Pompílio) era “capitão da polícia” e líder do grupo revolucionário, portanto um “traidor” inspirado em Carlos Lamarca. Mesmo experiente, Beto/“Capitão Roberto” tinha dificuldade para lidar com a inexperiência de seu grupo, que comprometia a operação por seu amadorismo. Também, apesar de seu conhecimento militar técnico e estratégico, não consegue enfrentar uma polícia política cada vez mais preparada. Quanto a Juliana, é personagem-chave na arquitetura dos sequestros, “amásia” de Beto e filha de Rufino, um embaixador brasileiro aposentado, fascinado pela antiga aristocracia e pelo império, o que o impede de ver o que acontece à sua volta, nem à própria filha. Juliana circula entre o grupo dos embaixadores e das relações de poder, em um universo de luxo e riqueza cercado de “privilégios”. Rufino preferia “lavar as mãos” face às arbitrariedades da ditadura militar, como fizeram Carvalhes, embaixador português, e Father Collins, americano, que se tornam informantes do governo/polícia política. As embaixadas também compõem a

caminhos possíveis, a escolha pela aproximação analítica desses dois romances se deu pela seguinte indagação: qual a crítica presente nos romances de Antonio Callado sobre o ideal da luta armada na década de 1960 e sua derrota em 1970? Quando lidos conjuntamente, eles criticam a ausência de um projeto de esquerda que fosse gestado com tempo suficiente para que evoluísse e tivesse resultados. Sob essa visão, Callado questiona as bases sobre as quais se pretendia fazer a revolução brasileira, a partir do diálogo que se configura tanto no conteúdo, quanto na forma de suas narrativas.

Quarup e *Reflexos do Baile* são obras que apresentam olhares sonhadores, amargurados, frustrados, desiludidos e irônicos, olhares que se refletem em uma escrita linear e fragmentada, realista e alegórica. São obras que se entrecruzam sob a perspectiva temática, no vai e vem de perguntas, respostas e incertezas sobre uma determinada conjuntura. Por isso, Callado trava um debate com todos os seus interlocutores, pois, ao mesmo tempo em que criticava, ironizava e denunciava as arbitrariedades e o autoritarismo da Ditadura Militar, também chamava para a discussão a esquerda armada, bem como a esquerda democrática e imobilista. Nesse raciocínio, todos os romances trazem questionamentos tanto ao regime militar, quanto à esquerda e ao projeto de Brasil, como se as ideias estivessem fora do lugar.¹²³

Dentre as possibilidades de análise sobre esse olhar arguto de Callado, está o processo de sua criação, que se dá no calor da hora: *Quarup* foi escrito entre março de 1965 e dezembro de 1966 e publicado em 1967 e *Reflexos do Baile*, entre 1974 e 1976. Sob o impacto da Ditadura Militar, a relação entre jornalismo, literatura e política assume o papel de enfrentamento e resistência. Com esse mesmo intuito, um número considerável de romances também foi publicado no mesmo período e grande parte deles, escritos por jornalistas, como

contraditória paisagem brasileira, assim como as árvores, os carros e a pobreza. O terceiro grupo é do Serviço de Segurança que monitora as ações da esquerda e consegue desarticular o plano, identificando o líder dos revolucionários dentro da própria polícia, o que significou a sentença de morte, não só para o “traidor” Capitão Roberto, mas para praticamente todos os que foram presos. Nesse ponto da narrativa Callado denuncia a violência que aparece sem limites, a repressão que atingiu altos níveis e a censura que impossibilitava os acontecimentos virem a público, pois a imprensa era controlada e vigiada. Diante do fracasso dos guerrilheiros, o final do romance traz a desilusão e a derrota da luta armada, pois a esquerda não estava preparada para resistir nesse campo.

¹²³ O artigo de grande repercussão “Ideias Fora do Lugar”, de 1973, mostra que a escrita não é apenas uma solução pessoal, mas pertence a uma história mais ampla, nacional, e que, no limite, o seu alcance pode ser mundial. “Eu sentia que a ironia de Machado se alimentava do vaivém entre oficialismo e desvio brasileiro da norma. Obviamente era uma retomada da ‘Dialética da malandragem’ de Antonio Candido, no âmbito de Machado de Assis. Meu esforço foi inicialmente fixar a caracterização estilística desse vaivém, as ‘Ideias fora do lugar’, que nasceram do esforço de uma explicação estética. O ponto de partida da reflexão social no caso foi estético”. SCHWARZ, Roberto. A ideias fora do lugar. In: _____. **Ao Vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 149.

O que é isso companheiro? (1979) de Fernando Gabeira, *A Festa* (1976) de Ivan Ângelo, *Pessach: a travessia* (1967) de Carlos Heitor Cony, *Zero* (1975) de Ignácio de Loyola Brandão, *Quatro Olhos* (1976) de Renato Pompeu, *Em Câmara Lenta* (1977) de Renato Tapajós e outros.

No que tange a *Quarup* (1967) e *Reflexos do Baile* (1976), são obras que tiveram como marco divisor entre elas o AI-5 de 1968. Por isso, trazem como fio condutor a expectativa em torno da organização da luta armada e, por conseguinte, sua derrota, ao mesmo tempo em que concretiza a proposta de Callado de ficcionalizar a história recente. Nesse propósito, cabe compreender: como *Quarup* e *Reflexos do Baile* lançam luz sobre o presente e projetam expectativas futuras?

Callado atrelou sua atividade jornalística a sua literatura, assim como bebeu na fonte de grandes teorias sobre nossa formação cultural e os questionamentos a ela inerentes. *Quarup* traz a complexidade desse debate fomentado na década de 1950 que deságua em 1960, incorporando temas que se configuraram no pós-1964, como a rearticulação da esquerda em torno das formas de resistência e o papel do intelectual nesse processo. O que também pode ser lido como os rumos políticos do Brasil continuamente colocados em discussão. A discussão proposta pelo romance em 1967 também é incorporada pelo conto *O Homem Cordial* e ganha fôlego quando analisada como um processo de autocritica de Callado após a malograda Guerrilha do Caparaó (1965).

Nesse diálogo com a conjuntura histórica, *Reflexos do Baile* (1976) responde às indagações realizadas em *Quarup* (1967) e em *Bar Don Juan* (1971), sendo uma espécie de acerto de contas, como se Callado dissesse “eu tinha razão!”, mas não de forma arrogante, ao contrário, em tom melancólico e por um viés autocrítico da derrota já anunciada. Em *Reflexos do Baile* a trama foi ambientada em torno do sequestro do embaixador norte-americano que ocorreu em 1969 e coincide com o auge da repressão, da tortura e da guerrilha urbana. Ou seja, quando confrontadas, suas obras apontam para a mesma direção ao questionar, denunciar e abrir um campo de possibilidades através de um olhar arguto e crítico sobre o seu tempo.

2.1 A LITERATURA LANÇANDO LUZ SOBRE O PRESENTE E PROJETANDO O FUTURO

O período entre 1964 e 1968 foi o primeiro momento repressivo da Ditadura Militar, cujo interesse primordial era eliminar as ligações entre a cultura de esquerda e as classes

populares, tanto que seus principais núcleos foram colocados na ilegalidade: o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), O Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP) e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Assim, mesmo que os artistas e intelectuais tivessem uma “certa liberdade” de expressão até 1967, a estratégia foi bem articulada para não desagradar às classes médias, a principal base social do regime militar, e ao mesmo tempo romper com os elos entre os artistas e as classes populares. Contraditoriamente, a classe média também abrigava grande parte dos intelectuais de esquerda.

Nessa movimentação, tem-se uma “indústria cultural” incipiente e uma esquerda que se rearticulava formando grupos de resistência. Os artistas e intelectuais, enquanto agentes de seu tempo, assumiram posicionamentos orientados pelos projetos que estavam em demanda: luta armada e resistência democrática. Grupos de esquerda, militantes ou não do PCB, e os movimentos estudantis criaram importantes espaços de discussão sobre esses projetos, o que consequentemente levou ao aumento da produção da arte de resistência. Os círculos intelectuais que se formaram a partir dessa conjuntura também produziram obras que dialogaram entre si.

Nesse raciocínio, tomarei como exemplo o episódio *Os Oito do Glória* (1965), que ganha sentido enquanto um “espaço de experiência” que resultará no “horizonte de expectativas” de três obras que foram lançadas em 1967:¹²⁴ os romances *Quarup*, *Pessach: a travessia* e o filme *Terra em Transe*. Cabe também observar que alguns anos depois Joaquim Pedro de Andrade, cineasta do Cinema Novo, lançará o filme *Os Inconfidentes* (1972), cuja trama é ambientada em uma prisão e, para o debate intelectual que se deu na época, de acordo com a análise de Ramos,¹²⁵ o referido episódio foi a “semente” para o processo criativo da película, enquanto o AI-5 de 1968 foi o “adubo”.

O caso *Os Oito do Glória* (1965) se deu após a manifestação em frente ao Hotel Glória e o grupo (Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Thiago de Mello, Jaime de Azevedo Rodrigues, Flavio Rangel, Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade e Mário Carneiro) ter sido preso por quase um mês, dividindo Antonio Callado, Carlos Heitor Cony e Glauber

¹²⁴ O ano de 1967 foi de grande efervescência no campo artístico-cultural: no teatro, o Grupo Oficina, dirigido por José Celso Martinez Corrêa, montou *O Rei da Vela* (1937) de Oswald de Andrade, e José Celso também dirigiu *Roda Viva* de Chico Buarque do Holanda. Na música popular brasileira, destacaram-se Gilberto Gil com *Domingo no Parque*, em parceria com os Mutantes, e Caetano Veloso com *Alegria, Alegria*. No cinema, *Fome de Amor* (1967), de Nelson Pereira dos Santos, faz alusão à guerrilha.

¹²⁵ RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos: cinema e História do Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2002.

Rocha a mesma cela.¹²⁶ Em entrevista, Cony disse que “[...] o Glauber já tinha levantado a produção do ‘Terra em Transe’ e estava escrevendo as cenas. Ele escrevia lá na prisão, em papel de embrulho. O Callado já tinha escrito cerca de 90% do ‘Quarup’, e eu começava a escrever, sem saber o que o Callado tinha feito”.¹²⁷ Durante o período de reclusão, os três estavam em pleno processo criativo. Conforme relato de Cony, eles discutiam assuntos diversos e política, por isso os finais das três obras carregam os dilemas enfrentados no pós-1964 e posteriormente ficarão entre as criações mais representativas de Glauber, Callado e Cony.¹²⁸

O entusiasmo com o qual o grupo recebeu as obras de seus pares também coaduna com esse raciocínio. Glauber Rocha, de forma entusiasmada, disse em entrevista para a revista *O Cruzeiro*, em 1968, que o seu próximo projeto para o Cinema Novo seria filmar *Quarup*, o que não se realizou. E Cony disse que *Quarup* era o grande romance da revolução brasileira. Callado também não poupou elogios para *Terra em Transe* e *Pessach: a travessia* e admiração por Glauber e Cony. O resultado desse “encontro” é fruto dos anseios e das escolhas que os intelectuais e artistas de esquerda tinham diante si.

¹²⁶ Em 2014 a Agência Nacional publicou que *Comissão da Verdade suspeita que ditadura planejava morte de Glauber Rocha*: “Acusado de difundir calúnias contra regime militar no Brasil e classificado como ‘um dos líderes da esquerda no cinema’, sendo o que ‘mais atuava na campanha contra o país, na Europa’, o cineasta Glauber Rocha foi vítima de espionagem e perseguição pela ditadura. Ontem, (16) a Comissão Estadual da Verdade revelou documentos produzidos pelas Forças Armadas contra o diretor. [...] Produzidos pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), os documentos compilam atividades do cineasta, declarações dadas aos jornais de fora do país e lista artistas ligados a Glauber e que criticavam o regime militar, como também o cineasta Luiz Carlos Barreto, apontado como ‘porta-voz da esquerda cinematográfica nacional’. Um dos documentos lembra que Glauber foi preso por ter vaiado o presidente Castello Branco, em 1965, e acusa o diretor de ter ‘difundido calúnias’ ao denunciar a jornais ingleses torturas e perseguições no Brasil pela ditadura. [...] A presidenta cobra que o general José Antonio Nogueira Belham, que assina um dos documentos, preste depoimento para esclarecer esse e outros casos”. VIEIRA, Isabela. *Comissão da Verdade suspeita que ditadura planejava morte de Glauber Rocha*. **Agência Brasil**, 17 ago. 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-08/comissao-da-verdade-suspeita-que-ditadura-planejava-morte-de>. Acesso em: 17 ago. 2014.

¹²⁷ CONY, Carlos Heitor. Na prisão com Glauber e Callado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996.

Outra matéria que também fez alusão ao fato, publicada no mesmo jornal foi:

_____. Dois livros que saíram da prisão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 abr. 1993.

¹²⁸ Sobre a representatividade das três obras, Franco diz: “Esses dois romances parecem manter estreita afinidade com a atmosfera cultural e política do período e, dessa maneira, com obras não literárias, como o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, também de 1967. Em comum, além da questão do engajamento e da narração da origem da luta armada, um certo modo de conceber a vida cultural como não mais provável diante tanto da modernização da própria produção cultural quanto das imposições repressivas adotadas pelos militares”. FRANCO, Renato. *O Romance de Resistência nos Anos 70*. **XXI LASA CONGRESS**, 1998, Chicago, EUA, p. 02, 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Franco.pdf>. Acesso em: 28 out. 2013.

Diante do exemplo, em que os intelectuais e suas obras respondem às demandas de seu tempo, torna-se relevante compreender qual o cenário político instaurado no pós-1964. Já no início da Ditadura Militar, o principal partido de esquerda, o PCB, teve uma cisão em sua cúpula diretiva, ocasionando o racha no Partidão. O líder Carlos Marighela criou a Aliança Libertadora Nacional (ALN) e o jornalista Mario Alves, o Partido Comunista do Brasil Revolucionário (PCBR), e ambos conseguiram retirar militantes do PCB para uma resposta, que consideraram mais imediata, que foi a luta armada. Entendiam as discursões de gabinetes propostas pelo PCB como descoladas da realidade e que levariam ao “imobilismo”, portanto, “[...] rompendo com as propostas *pacifistas* do PCB, iniciaram a luta armada”.¹²⁹

Nesse campo de disputas, os inúmeros grupos de resistência que surgiram após 1964 confirmam o que Callado havia criticado em *Tempo de Arraes* e posteriormente em seus romances, ou seja, as esquerdas não conseguiam ter um projeto coeso. Esses impasses políticos levaram os artistas e intelectuais a se questionar, aderir, criticar e a transpor essas expectativas para suas obras. Haja vista como se materializou o final de *Quarup*, quando o protagonista Nando, ainda indeciso sobre que rumo tomar, optou por seguir para o sertão e tornar-se um guerrilheiro. No final de *Terra em Transe*, o poeta Paulo Martins morre segurando uma metralhadora e no livro considerado autobiográfico *Pessach: a travessia*, o protagonista e também escritor, Paulo Simões, é induzido a colaborar com a guerrilha e, embora tendo a chance de desistir e partir, opta por ficar e contribuir para a luta revolucionária.

Tomando como referência o pós-1964, Paulo Francis, que também era jornalista e escritor, definiu com propriedade o papel que seus pares e suas obras desempenhavam: “[...] os intelectuais são uma espécie de sismógrafo social, retendo e retransmitindo em sua

¹²⁹ De acordo com o historiador Alcides Freire Ramos, após 1964 o Partido Comunista realizou a reflexão autocrítica sobre a condução do processo político e atribuiu os erros às influências negativas oriundas de indivíduos da “pequena burguesia”. Nesse período também houve a formação de novos grupos de resistência que também responsabilizaram a pequena burguesia, presente nos quadros de direção do Partido, pelos seus “descaminhos teórico-práticos”. Dentre estas novas organizações políticas que se formaram, destacaram-se a Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM-POLOP), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), o Partido Comunista Revolucionário (PCR), a Ação Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Comando de Libertação Nacional (COLINA). Cf. RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002; _____ A Luta Contra a Ditadura Militar e o Papel dos Intelectuais de Esquerda. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. 3, ano III, n. 1, jan./fev./mar. 2006. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF6/8%20-%20ARTIGO%20-%20ALCIDESFRAMOS.pdf. Acesso em: 10 abr. 2013.

Sobre a formação dos grupos de esquerda no pós-1964, consultar também *O Fantasma da Revolução Brasileira* de Marcelo Ridenti, capítulo 1: “A Constelação da Esquerda Brasileira nos Anos 60 e 70”.

sensibilidade as mínimas perturbações na ordem dos direitos humanos”.¹³⁰ Portanto, a recepção dessas obras provocou reações díspares, o que era esperado para um momento em que falar sobre política no âmbito das esquerdas gerava imediatamente controvérsias em relação à opção (democrática ou luta armada) pela resistência e o embate contra o regime militar. Cony declarou que foi “patrulhado, à esquerda e à direita”, inclusive dentro da própria Editora Civilização Brasileira, onde seu livro foi publicado. Segundo ele, na editora havia um grupo grande do Partidão e seu livro acabou tendo uma crítica muito extensiva à esquerda e ao Partido Comunista.

Quanto à recepção de *Terra em Transe*, Ramos afirma que, com ele, Glauber Rocha teve a maior repercussão que um filme brasileiro já obteve. E aguçou tanto o interesse entre os militantes políticos, quanto o de produtores culturais, mas também produziu um debate acalorado entre os intelectuais de esquerda, por defender a luta armada e se inserir na crítica ao pacto policlassista presenciado durante o governo de João Goulart. Nesse mesmo caminho, a recepção imediata ao lançamento de *Quarup* mostra como os temas que a obra carrega lançaram luz sobre o mesmo horizonte, sobretudo entre o grupo de intelectuais do qual Callado fazia parte, assim como projetaram perspectivas em relação aos caminhos da luta armada e da revolução.

Para além do fato de Callado, Cony e Glauber terem enfrentado o debate no pós-1964, existe também o círculo intelectualizado ao qual pertenciam, chamado de “elitista” e “pequeno burguês”. A capacidade de diálogo entre os autores, suas obras e as relações estabelecidas coaduna com essa visão, do que é exemplo o episódio no qual Callado, na condição de editor chefe do *Correio da Manhã*, teve que demitir seu amigo Cony por ter escrito crônicas contra o regime militar. Sucumbindo às pressões políticas e financeiras que o jornal sofria, Callado, ao demitir Cony, também se demitiu.

Nesse acalorado debate, os rumos das esquerdas estavam em pauta e, em 1967, o VI Congresso do PCB estabeleceu como diretriz a escolha pela resistência democrática. Já no ano seguinte, 1968, foi decretado o AI-5, conhecido como “linha dura” e o “golpe dentro do golpe”. Como decorrência dele, Gullar, Callado, Paulo Francis, Gilberto Gil e Caetano Veloso foram presos e logo liberados, mas com a consciência de que não seria fácil trabalhar e criar a partir de então. De acordo com Rollemberg, o AI-5 tornou-se um marco, sobretudo na

¹³⁰ FRANCIS, Paulo. A Travessia de Cony. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 13, ano III, p. 183, maio 1967.

memória dos militantes das esquerdas que aderiram à guerrilha, uma vez que inviabilizou a construção de qualquer movimento social, restando apenas o confronto armado.

Como consequência, a política autoritária do Estado utilizou a resistência armada como pretexto do “perigo que ela representava” para justificar o decreto do AI-5, recorrendo ao “dispositivo legal” para ter amplos poderes por tempo indefinido, o que durou até 1979. Em contrapartida, o acirramento do poder repressivo do Estado levou à intensificação da luta armada, tornando a guerrilha urbana uma alternativa em face da impossibilidade de movimentos de resistência no âmbito legal. *Pari passu*, a literatura de Callado lança luz sobre esses acontecimentos políticos e, com a intensificação da censura, sua escrita torna-se mais fragmenta e alegórica, fica mais próxima da forma jornalística e de um público mais intelectualizado, tendo sua expressão máxima em *Reflexos do Baile*.

Ao mesmo tempo em que se tornava mais difícil a arte política escapar do crivo da censura, o mercado editorial estava em expansão, haja vista que em 17 de novembro de 1976, quando *Reflexos do Baile* foi lançado, Callado anunciou que só faria o lançamento pessoalmente nos Estados do Sul e do Nordeste, como motivo para exclusão do Rio de Janeiro e São Paulo, tendo declarado à Folha de São Paulo que “[...] é tempo dos autores valorizarem outras cidades, geralmente esquecidas, e que, no entanto, são importantes mercados livres”.¹³¹ Em quatro de dezembro de 1976, o mesmo jornal apresentou *Reflexos do Baile* em terceiro lugar na classificação dos livros mais vendidos.

No que tange às obras literárias, o auge da censura também coincide com o lançamento de *Reflexos do Baile* e, contraditoriamente, o país caminhava para a “abertura” democrática. Sobre os livros que foram objeto de censura prévia, um levantamento realizado no Arquivo Nacional, apresentou o seguinte resultado:

QUADRO 1 – Fundo – DCDP / Seção – Censura Prévia / Série Publicações

Ano	Livros submetidos	Livros vetados
1970	25	5 - 20%
1971	6	0 - -
1972	16	2 - 12,5%
1973	11	4 - 36,3%
1974	20	11 - 55%

¹³¹ PARA SUA Informação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 39, 17 nov. 1976.

1975	132	109 - 82%
1976	100	61 - 61%
1977	49	30 - 61%
1978	84	62 - 73%
1979	47	38 - 80%
1980	0	0 - -
1981	1	1
1982	1	0 - -
1988	0	0 - -

Fonte: adaptado de REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e circulação...” – censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 79, jan./abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008. Acesso em: 02 mar. 2014.

Como consequência dessa censura prévia, ao determinar padrões de criação, ao realizar cortes, proibir, arquivar, confiscar, emergiu uma espécie de “estética do reflexo” de uma vasta produção, como peças teatrais, filmes, canções, telenovelas, artigos de jornal e obras literárias. Importante ressaltar que toda essa produção cultural também estava envolta no desenvolvimento de uma indústria cultural que resultou em outra fonte de comunicação – a televisão – que começou a ocupar um importante espaço. Nesse cenário, a TV Globo criou um produto inovador, a telenovela, que representava, principalmente, a vida urbana das grandes cidades, resultando seu perfil realista-naturalista em um grande problema para a censura de costumes do período.

Enfrentando a censura e em busca de um público leitor, Antonio Callado, assim como os demais artistas, também teve interlocução com seus críticos, que criaram expectativas, referenciais, orientaram leituras e fizeram juízo de valor como, por exemplo, ao considerar *Quarup* como o “melhor romance” e *Reflexos do Baile* como o romance mais “bem elaborado” no conjunto da produção ficcional Callado.

2.1.1 “O GRANDE ROMANCE” E O “MELHOR ROMANCE”: *QUARUP* E *REFLEXOS DO BAILE*

As críticas direcionadas ao romance *Quarup* foram objeto de análise em meu estudo de mestrado, que apresentou a discussão sobre o fato de algumas leituras terem se cristalizado e se tornado referência para a grande maioria dos estudos que as sucederam. Partindo desse entendimento e para reforçar a análise das obras, tomaremos como exemplo as

leituras/estudos que contribuíram para construir ou desconstruir as diferentes “posições” que os romances de Callado ocupam, haja vista que *Quarup* foi colocado como a “obra prima”, *Bar Don Juan* como o romance “menor”, *Reflexos do Baile* o mais “bem elaborado” estilisticamente, enquanto *Sempre viva* também se tornou uma obra “menos significativa”. Para a construção dessa análise, partimos do questionamento sobre como se consolidou a hierarquia entre esses romances. Nosso propósito não é abarcar a crítica sobre eles em toda a sua amplitude, mas sim recorrer às leituras que mais contribuíram para firmar o “lugar” em que cada romance passou a ser situado.

Nessa perspectiva, elencamos como referência teórico-metodológica estudos dos historiadores Ramos e Partiota,¹³² que se debruçaram sobre a pesquisa no campo da história e da estética e analisaram o papel da crítica na construção e no direcionamento do olhar do leitor para obra de arte. Esses estudos interdisciplinares trouxeram, para o diálogo com a crítica, questões centrais, como: quem é o crítico? Qual “o lugar” de onde ele fala? Tomando por base essas referências, buscamos compreender o que levou *Quarup* e *Reflexos do Baile* a ocupar uma “posição de destaque” entre os romances de Callado.

As primeiras críticas de *Quarup*, em 1967, se dividiram entre as entusiastas, que o colocaram imediatamente na posição de “o grande romance da revolução brasileira”, e as restritivas.¹³³ Entretanto a mais destacada nos estudos acadêmicos foi a de 1967, na ocasião

¹³² Elencamos como referência os trabalhos resultantes de tese de doutorado dos historiadores:

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002.

PATRIOTA, Rosângela. **Vianinha**: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

Para além das referidas obras, a produção intelectual desses historiadores, presente em parte na bibliografia deste estudo, também é referência que tange à análise sobre história e estética, assim como também o são os inúmeros estudos desenvolvidos no Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC). Esses estudos também têm se orientado pelos conceitos da estética da recepção e, para maior aprofundamento, pode-se consultar:

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Tradução de Sérgio Terallori. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor**: textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção**: travessias contemporâneas. São Paulo: Horizonte, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e Leitura no Horizonte da Literatura. **ALEA**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2008.

¹³³ As críticas restritivas se detiveram em questões formais da obra, como o número excessivo de páginas e a construção de alguns personagens, e também ao fato de mesclar o “realismo crítico” e a “alegoria” como forma narrativa. Esse material está distribuído entre jornais e a revista *Civilização Brasileira*. Cf. CRUZ, Cláudia Helena da. **Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política: Quarup** (1967) de Antônio Callado. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

do lançamento, de autoria do poeta Ferreira Gullar, que se tornou referência nas análises do romance, sobretudo por apresentar uma grande empolgação e ter uma clara orientação política. O lugar do qual Ferreira Gullar dialoga com *Quarup*, imediatamente após seu lançamento, traz os indícios de seu posicionamento. Gullar, após o golpe civil-militar, filiou-se ao Partido Comunista, mas antes havia presidido o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE e foi dos fundadores do grupo Opinião. Ou seja, fazia parte do grupo que se mobilizou na resistência à Ditadura Militar e viu em *Quarup* o sentido da luta contra o regime instaurado. O veículo de publicação da crítica de *Quarup*, a Revista Civilização Brasileira, também tinha orientação política declarada, sendo um periódico de referência para os intelectuais de esquerda e suas obras.

Assim como Callado, Gullar também recorre ao “presente passado” para se reportar às experiências sociais que aconteciam antes do golpe civil-militar, afirmando que “[...] o rio que vinha avolumando suas águas e aprofundando seu leito, até março de 1964, desapareceu de nossas vistas”.¹³⁴ Gullar está dialogando com o mesmo espaço de experiência a partir do qual Callado escreveu *Tempo de Arraes* e *Quarup*, por isso o poeta também apresenta suas expectativas em relação à esquerda e à resistência: “Mas um rio não acaba assim. Ele continua seu curso, subterraneamente, e quem tem bom ouvido pode escutar-lhe o rumor debaixo da terra”.¹³⁵ Nessa perspectiva, Gullar insere o romance como uma obra representativa da atualidade da vida brasileira, que surge em meio à perda das utopias sociais, quando o homem se individualiza numa sociedade autoritária e Callado flagra as incertezas da própria ficção em um país que desrespeitou todos os direitos dos homens: toda a luta de uma geração para a transformação das condições de vida no Brasil.

Diretamente envolvido nos acontecimentos pós-1964 na condição de intelectual e de militante, Gullar vê em *Quarup* o horizonte de expectativas para a luta e a resistência, o romance simboliza a própria revolução:

Isto é que é, na verdade, a Revolução Brasileira. E a gente acredita mais nela quando surge, diante de nós, um livro como *Quarup*, porque se vê, nêle, que a Revolução continua e se aprofunda, que ela ganha cerne, densidade, penetra fundo na alma dos homens.¹³⁶

¹³⁴ GULLAR, Ferreira. Ensaio de Deseducação para Brasileiro Virar Gente. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 15, p. 252, set. 1967.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 252.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 252-253.

Ao trazer a mensagem de *Quarup* para o centro do debate, Gullar também aponta o impasse vivido pelo intelectual de esquerda diante de um sistema repressor, em que uma das alternativas possíveis era a luta armada: “[...] pode-se discutir se o único caminho de reintegração do intelectual brasileiro é o seguido finalmente pelo padre Nando e mesmo se a melhor maneira de lutar contra a opressão é essa a que ele adere”.¹³⁷ Na condição de militante do PCB, Gullar está questionando a alternativa da guerrilha, tema que também já está sendo abordado por Callado. Portanto a crítica, além de lançar luz sobre as questões incorporadas pelo romance, também dialoga diretamente com a arte de resistência e com os pares de Callado, ou seja, artistas e intelectuais (produtores e consumidores), os chamados “intelectuais pequenos burgueses”, que em grande parte pertenciam à classe média, na qual também se encontrava a maioria de seu público. Nessa analogia, é compreensível Gullar ter identificado *Quarup* como “o grande romance da revolução brasileira”, afirmando, com empolgação não disfarçada, seu lugar como obra política, realista e comprometida com a transformação social, que não se omitiu diante do subdesenvolvimento brasileiro e da necessidade de superá-lo.

Em síntese, a leitura consagradora de Gullar serviu como norte para a recepção da obra na década de 1970, tendo em vista que o romance veio ao encontro das demandas do seu tempo. Entretanto, o fato de Callado ter-se tornado um escritor conhecido e reconhecido após a publicação de *Quarup* o incomodava. O recorrente questionamento sobre sua “obra prima” o fazia refutar a ideia e também tentar explicar o que havia acontecido para o romance ter sido um sucesso na ocasião do lançamento, tendo repetido em várias entrevistas que “aquela crítica de Gullar para a Revista Civilização Brasileira...” havia sobressaído. Alguns entrevistadores, ao indagarem Callado sobre *Quarup*, já inseriam a crítica de Gullar como parte do questionamento.

Outro fator relevante para longevidade da crítica de Gullar foi o fato de os estudos acadêmicos terem começado a se dedicar às obras de Callado em fins da década de 1970.¹³⁸ Por isso, o fato de Lígia Chiappini ter recebido o prêmio “Casa de Las Américas” em 1983, na categoria ensaio, com a obra *Quanto a Pátria Viaja: Uma leitura dos romances de Antonio Callado*, a colocou como referência a partir da década de 1980 para as pesquisas acadêmicas.

¹³⁷ GULLAR, Ferreira. Ensaio de Deseducação para Brasileiro Virar Gente. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 15, p. 251, set. 1967.

¹³⁸ Até onde essa pesquisa conseguiu alcançar, o primeiro estudo mais aprofundado foi a dissertação de Vera Lúcio Alonso, de 1979. ALONSO, Vera Lúcia. *Quarup: Ruína e Utopia*. 1979. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1979.

Com orientação política de esquerda, Chiappini foi professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo (USP), onde ingressou como estudante em 1966, fez mestrado e doutorado e, em 1973, tornou-se professora, permanecendo até 1997. Atualmente está exercendo o cargo de professora titular de Literatura e Cultura Brasileiras no Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade Livre de Berlim. Partindo dessa referência, a divulgação da obra de Callado se iniciou no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, confirmando as teorias já apresentadas em diversos estudos sobre os espaços de circulação da arte e da literatura, vinculados às instituições formais como as universidades,¹³⁹ assim como os destinados a arte e cultura, como teatros, cinemas e outros.

Nesse percurso, cabe explicitar qual foi a discussão que Chiappini trouxe no início da década de 1980 e que se tornou referência constante. A própria estrutura do livro apresenta sua escolha temática, ao percorrer os romances de Callado até *Expedição de Montaigne* (seu sétimo romance), mas destaca em sua análise *Quarup* e *Sempreviva*. Quanto à análise de *Quarup*, Chiappini apresenta o diálogo com a crítica no que chamou de “os críticos de primeira hora”, pelas publicações no lançamento do livro, mostrando os críticos que fizeram restrições à obra (como Paulo Hecker Filho) e os que a julgaram a grande obra da literatura engajada (como Ferreira Gullar). Essas posições foram consideradas parciais, pois não conseguem abarcar um projeto mais amplo que envolve o debate sobre linearidade e fragmentação na forma literária. Ao mesmo tempo elegeram Callado um representante do “projeto nacional-popular”,¹⁴⁰ quando na verdade *Quarup* transcende a problemática mais restrita, ao questionar se “existia uma nação brasileira”.

Em 1994 Chiappini reafirma a importância de *Quarup*, recorrendo a algumas questões sobre as quais já havia refletido, para firmar a historicidade e a atualidade do romance: “[...] mas Quarup resiste a essa leitura datada. Hoje podemos perceber isso, e essa é uma das razões da sua atualidade, entendendo agora atualidade no sentido da sua relação com

¹³⁹ A concentração de estudos no eixo Rio de Janeiro/São Paulo se dá sobretudo pelo papel que as instituições desses dois polos desempenharam e desempenham na vida cultural e intelectual do país. Por uma série de razões, somente no final da década de 1980 e início dos anos 1990 os estudos acadêmicos passaram a se multiplicar em outras instituições de ensino brasileiras. No que tange a Callado e sua obra, os livros publicados são, na maioria, resultado de teses e dissertações.

¹⁴⁰ Essa discussão sobre a obra de Callado representante do nacional-popular foi incorporada pelo sociólogo Marcelo Ridenti em *O Fantasma da Revolução Brasileira* (1993), diferindo da leitura de Chiappini. Em 2006 o historiador Marcos Martineli, em sua tese de doutorado, fez a aproximação dessas leituras, destacando que a proximidade entre elas é maior se for considerado o ideal democrático que emerge da obra de Callado.

o nosso hoje e não com o hoje de ontem”.¹⁴¹ Nesse ponto, concordo com a atualidade da obra, porém este estudo se ancora na construção de múltiplas temporalidades, na qual a relação presente/passado e presente/futuro compõem o horizonte de expectativas que possibilita pensar a atualidade e a historicidade da obra, entendendo que “o hoje” é resultante de um “espaço de experiência”. Para além disso, Chiappini foi extremamente feliz em afirmar que *Quarup* “é um livro profundamente histórico e profundamente artístico, desmentindo os preconceitos que frequentemente levam a crítica a opor o histórico ao estético”.¹⁴²

Ainda nesse percurso, a produção intelectual de Chiappini dos anos 2000 envolvendo Callado foi a obra *Brasil, País do Passado?*. Nesse ano, quando já estava na Universidade Livre de Berlim e coordenou o projeto abarcando autores brasileiros e alemães, no propósito de pensar o Brasil a partir de escritores que viveram no século XX e morreram na década de 1990, os escolhidos foram Antonio Callado, João Antonio e Darcy Ribeiro, para realizar o contraponto com a obra de Stefan Zweig “Brasil País do Futuro”. Retomando o lugar social do crítico, ser professora primeiramente da USP e depois de uma universidade europeia atribui ao trabalho de Chiappini o peso das instituições às quais pertenceu/pertence e também o de seu círculo intelectual. Atentando-se ao fato de *Quarup* ser a obra de referência em seus estudos, mesmo quando se propôs a analisar o conjunto da criação romanesca de Callado torna-se possível vislumbrar sua contribuição para afirmação do “grande romance”.

Nesse mesmo raciocínio temos a consagração de *Reflexos do Baile* como o romance mais bem “elaborado”, ou seja, aquele que estilisticamente possui “qualidade superior”, embora os críticos já não apresentem a mesma empolgação da recepção imediata de *Quarup*. O diálogo de *Reflexos do Baile* é com a derrota das esquerdas e com a forte censura, pois em 1976 a luta armada já havia fracassado, a ferida estava aberta, as torturas, as mortes e os desaparecimentos de presos políticos permaneciam. No círculo intelectual de Callado, a crítica que se destacou foi a de Antônio Houaiss, intelectual de esquerda, que assinou a orelha da primeira edição do romance, com os seguintes dizeres:

É de tão seca e tão dolorosa “imparcialidade”, que não se pode querer mais. Que seja lido, sofrido e vivido em cada palavra, exata, por todos os leitores, mesmo ingênuos, imergir-se nas roupagens desta Comédia outra - em que um subsorriso contrito esconde um rictus de dor pelo naco arrancado à nossa miséria física e moral.

¹⁴¹ CHIAPPINI, Ligia. Nem Lero nem Clero: atualidade e historicidade em *Quarup* de Antônio Callado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, São Paulo, n. 15, p. 99, maio 1994.

¹⁴² Cf. Ibid.

Já que não se pode gargalhar (o que poluiria a sonoridade condicionada da Ordem), que se arrebente por dentro, com o subsorriso por fora. Pode se pedir mais de uma obra prima?¹⁴³

Também do círculo intelectual de Callado, o jornalista, cineasta do Cinema Novo e militante de esquerda Arnaldo Jabor escreveu para a orelha da sexta edição de *Reflexos do Baile*, *O Espelho Partido dos Anos 70*, onde fez a crítica ao romance lembrando seu lançamento em 1977 e dizendo que “[...] o Glauber Rocha ficou louco. Finalmente, um romance brasileiro sobre a guerrilha que não ficava no maniqueísmo tosco de mocinhos e bandidos”.¹⁴⁴ E acrescenta como o leitor se sente na experiência da leitura: “[...] o romance flui como se nós, leitores, fôssemos detetives ou arqueólogos, reconstruindo os fatos [...]”.¹⁴⁵ E acrescenta que, ao fazer a escolha pela “alegoria gráfica dos tempos estilhaçados”, Callado tornou-se “o único narrador do delírio existencial-político-artístico” do período da luta armada no Brasil. Jabor também diz que o romance daria um grande filme: “Pois eu peguei os direitos de Callado, fiz um roteiro e tentei filmar. Impossível: dinheiro estrangeiro só se os guerrilheiros fossem transformados em assassinos; dinheiro brasileiro não havia”.¹⁴⁶ Restou ao romance ser atualizado pela leitura contínua, pois “[...] tudo passou, menos o livro de Antonio Callado, que tem todos os indícios de uma obra-prima. Este ficará”.¹⁴⁷

No âmbito acadêmico foi que surgiu a crítica a partir da qual *Reflexos do Baile* passava a ser considerado o “mais bem feito”. Callado também contribuiu para a formação desse juízo de valor, pois em diversas entrevistas afirmou ser o seu “melhor romance”. A crítica em questão foi o artigo de 1979 “O Baile das Trevas e das Águas”, de autoria de Davi Arrigucci Jr., professor da USP desde 1976, que foi orientando e herdeiro das teorias de Antonio Cândido de Melo e Souza e permaneceu na mesma universidade até 1996. Arrigucci Jr. fez elogios à qualidade literária do romance quando os estudos acadêmicos sobre a obra de Callado estavam incipientes, e sua leitura assumiu tamanha relevância que, a partir da sétima edição de *Reflexos do Baile*, a crítica veio como posfácio. Callado se apropriou dessa crítica, pois ela possibilitou que ele tivesse outra obra reconhecida além de *Quarup*, já que *Bar Don*

¹⁴³ HOUAISS, Antônio. Orelha. In: CALLADO, Antonio. **Reflexos do Baile**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

¹⁴⁴ JABOR, Arnaldo. O Espelho Partido dos Anos 70. In: CALLADO, Antonio. **Reflexos do Baile**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, orelha do livro.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

¹⁴⁷ Ibid.

Juan havia sido considerado um “romance menor”, e chegou a declarar que agradecia a leitura que Arrigucci Jr. havia feito. Diante da repercussão do artigo e de entendimentos díspares, o crítico julgou necessário acrescentar uma última nota em 1999 esclarecendo: “o mais bem feito, mas não necessariamente o melhor; a meu ver, *Quarup* é um livro mais poderoso e importante, embora seja muito irregular”.

Esses importantes olhares colaboram para a compreensão do “lugar” que as obras passaram a ocupar e como as sucessivas leituras foram sendo direcionadas, principalmente quando a crítica se torna uma “extensão” do romance. Diante disso, cabe o entendimento dos próprios romances, sem as hierarquias pré-estabelecidas e com o objetivo de analisá-los como obras que dialogam com as demandas do seu tempo.

2.2 *QUARUP* (1967): A EXPECTATIVA DA LUTA ARMADA

Com o propósito de pensar *Quarup* a partir de um projeto ficcional que dialoga com o Brasil incorporando a temática da luta armada e da transformação social como um caminho possível para a revolução democrática, faz-se necessário compreender como o romance apresenta uma pluralidade de visões e concepções que indagam o sentido da identidade nacional, ao mesmo tempo em que se posiciona como instrumento de resistência ao regime militar. Nessa empreitada, primeiramente cabe elencar as obras do próprio autor que exercem influência direta na construção de seus personagens, na urdidura do enredo e na composição temática, como o conto *O Homem Cordial* (1967) e *Tempo de Arraes: a revolução sem violência* (1964). As questões que essas obras lançam são incorporadas em *Quarup*, *Bar Don Juan*, *Reflexos do Baile* e *Sempre viva*.

Uma das grandes questões lançadas em *Quarup*, e que perpassará todos seus romances políticos, pode ser resumida na indagação: qual o sentido de caminhar para a luta armada/morte sem um projeto efetivo? E pode-se acrescentar ainda: qual o sentido de pessoas muito jovens pegarem em armas, enfrentarem uma polícia violenta e repressiva sem estarem preparadas? Esse foi o grande dilema do protagonista Nando ao ter que escolher entre o exílio no exterior e a guerrilha, ao incorporar um jovem estudante morto pela causa do camponês e tornar-se Nando/Levindo um guerrilheiro.

2.2.1 UM PROJETO AUTORITÁRIO E “UM HOMEM CORDIAL”

Quarup foi publicado no momento em que havia o fascínio pela Revolução Cubana¹⁴⁸ e a expectativa de que ela se expandisse para toda a América Latina. Entre 1964 e 1968 conviviam, no mesmo espaço, um governo autoritário e obras que faziam crítica a esse regime, embora o intuito inicial dos militares fosse fazer com que essa “produção cultural de esquerda”¹⁴⁹ não chegasse aos operários e camponeses. *Quarup* foi escrito entre 1965 e 1966, e Callado utilizou sua experiência jornalística e seu olhar consciente para tecer a trama narrativa. Nesse mesmo período, ele também contribuiu para o grupo de resistência armada, atuando como apoio estratégico na Guerrilha do Caparaó, cujo fracasso presenciou no início de 1967.

Callado também viu esfacelarem-se projetos nacionalistas como “Marcha para o Oeste”, e vivenciou o clamor pela participação do intelectual na vida política. Conforme abordado na sua trajetória intelectual, ele foi um jornalista e um leitor atento, que viveu e se destacou na imprensa carioca. Fez reportagens na Amazônia e trouxe a causa indígena para a imprensa nacional, tendo, posteriormente feito uma série de reportagens no Nordeste. Com toda essa bagagem, construiu *Quarup* em um percurso cronológico de dez anos (1954-1964), que se encerra com o golpe civil-militar, e leva seu protagonista Padre Nando por um caminho semelhante ao seu próprio: Recife, Rio de Janeiro, *Xingu* e Recife. No plano ficcional, transforma essa trajetória verossímil em múltiplos questionamentos, iniciando pelas teorias sobre a “essência” da identidade nacional, do que resultaria a ausência de uma definição sobre nossa cultura.

Nessa perspectiva, Callado contrapõe em sua ficção teorias como a do “homem cordial” com a proposta de uma política cultural de âmbito nacional, que vinha se

¹⁴⁸ A Revolução Cubana de 1959 foi “[...] tomada como exemplo de sucesso em termos de estratégia política centrada na luta armada, amplos setores da esquerda latino-americana tomaram como caminho essa última opção. Entre outras coisas, Cuba demonstrava de forma inequívoca que um pequeno grupo de guerrilheiros de firmes convicções poderia derrotar as forças repressivas de governo antipopular, que a conquista do poder estatal desencadearia um dinâmico processo de transição socialista, com rápida ‘expropriação dos expropriadores’, e que, mesmo com a oposição e o boicote sistemático do governo da nação mais poderosa da Terra, a revolução se consolidaria com base no seu fortalecimento interno e na solidariedade das forças progressistas do mundo e dos países socialistas. Essa última perspectiva foi sendo paulatinamente reforçada pelos sucessos alcançados pela resistência vietnamita na guerra com os Estados Unidos”. AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 17. Coleção Revoluções do Século XX, direção Emília Viotti da Costa.

¹⁴⁹ Foi a partir do Decreto-Lei n. 1.077/70 que se estendeu a censura prévia também aos livros, o que já se praticava contra o cinema, a televisão, o teatro, a música, o rádio e a imprensa. O fato se deve à capacidade de circulação da obra literária, que é mais lenta e atinge um público menor.

desenvolvendo e ganhara força com a instauração da Ditadura Militar. Essa política, para Ortiz, busca sua fundamentação no combate ao comunismo a partir da “[...] reinterpretação das ideias de sincretismo e mestiçagem, procurando acomodá-las à perspectiva autoritária do Estado. Era preciso modelar uma imagem convincente de um Brasil autóctone, sem influências estrangeiras (o comunismo), harmônico e cordial”.¹⁵⁰ Callado responde a essa “política” em *Quarup* e também em *O Homem Cordial*¹⁵¹ – um conto autobiográfico no qual dialoga tanto com as teorias da formação do Brasil, quanto com seu significado para o engajamento do intelectual na década de 1960.

O conto *O Homem Cordial* (1967), escrito no mesmo ano em que *Quarup* foi publicado, retoma os questionamentos apresentados no romance sobre a “cordialidade” presente na cultura brasileira, que historicamente faz parte de nossa tradição ibero-americana. Bebendo na fonte de Sérgio Buarque de Holanda, Callado aborda as dificuldades da nossa dualidade entre o atraso decorrente de uma tradição oligárquica rural – da qual recebemos o peso das relações de simpatia, orientadas pelo padrão pessoal e afetivo que dificulta o trato com o Estado – e a política e a sociedade urbana moderna, tornando-se assim esta dualidade também um empecilho para a elaboração de projetos coletivos. Portanto, ao retomar essas questões no pós-1964, Callado também está refletindo sobre o significado da cordialidade para o intelectual de esquerda.

As questões elencadas são apresentadas por Callado em *O Homem Cordial* através do personagem Jacinto, um intelectual, professor de História e Sociologia que teve seus direitos políticos cassados após o Golpe Civil-Militar de 1964. O motivo da cassação foi o conteúdo das obras que publicava, nas quais defendia a teoria do “homem cordial”, cuja fonte é citada no próprio conto, como expressão criada por Ribeiro Couto e fixada por Sérgio Buarque de Holanda. A visão do personagem se assemelha à polêmica leitura em torno do conceito de cordialidade, do homem não violento, afável no trato, haja vista a “tese” de Jacinto, na qual ele defendia que “[...] circunstâncias várias haviam criado tão imperativamente no Brasil o tipo do homem cordial que estávamos a caminho de ser o primeiro povo a construir um grande país por meios não-violentos: o primeiro país racional”.¹⁵² Jacinto quer provar com sua teoria que o brasileiro é pacífico.

¹⁵⁰ ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Estado e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 620, nov./dez. 2013.

¹⁵¹ SANTIAGO, Salviano. O homem cordial e outras histórias. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, CESP/FALE/UFMG, v. 13, n. 16, p. 134-136, jul./dez. 1993.

¹⁵² CALLADO, Antonio. **O Homem Cordial e Outras Histórias**. São Paulo: Ática, 1994, p. 9.

Nesse propósito Callado aproxima inicialmente seu protagonista da visão do “homem sempre bom” de Ribeiro Couto (poeta), para chegar à dualidade proposta por Sérgio Buarque de Holanda (historiador), na qual o brasileiro convive com o “bom e o mau” ao mesmo tempo.

Percebe-se que as ideias do poeta e do historiador divergem. Se há, na concepção dos dois, alguma coincidência no que diz respeito a um “fundo emotivo extremamente rico e transbordante” que caracteriza o homem cordial, o primeiro destaca nesse homem o “espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade”, enquanto o segundo analisa a natureza do “fundo emotivo” que dá origem ao tipo de cordialidade brasileira, afirmando que “a inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, visto que uma e outra nascem do coração, procedem da esfera do íntimo, do familiar, do privado”.¹⁵³

Callado se ampara nessas ideias para dialogar com o pós-1964, a partir da visão do personagem Jacinto, um intelectual de esquerda que não se engajava em nenhum movimento de resistência, mas que refletia sobre a formação do Brasil, se intitulava “criptocomunista” e era membro assumido da “esquerda festiva”. Acreditava na “democracia racial brasileira”, assim como na força da “onda democrática” como resistência à ditadura:

Saíra da reunião, como sempre, de alma nova. O Brasil morigerado vencera um acesso de boêmia política, curava a ressaca de mais uma tentação militarista. O presidente “nomeado”, apesar de ser outro marechal, simplesmente não ia poder resistir à onda democrática palpavelmente refeita no país. Essas reuniões políticas com os comunistas, com ex-pessedistas, ex-petebistas, com católicos e protestantes eram uma espécie de grande e irresistível congresso liberal.¹⁵⁴ [Destaque nosso]

A visão da cordialidade de Jacinto não permitia que ele saísse da sua esfera privada e compreendesse a dualidade da situação política instaurada, assim acreditando que a “boa diplomacia” seria capaz de derrotar os militares que ele considerava “pobres ‘revolucionários’ desastrosos”. As contradições de Jacinto estavam em sua própria origem, ao olhar-se no espelho e identificar um homem moreno de “cabelo bom”, herança de sua avó “até bonita, mas escurinha de verdade”, que sua família dizia ser “índia”, por não admitir na árvore genealógica uma negra. Entre as contradições, também está seu comportamento elitista e pequeno burguês, que é realçado pela crítica irônica sobre a “esquerda festiva” e o despreparo para a luta armada. Assim o personagem se indaga:

¹⁵³ BEZERRA, Elvia. **Ribeiro Couto e o Homem Cordial**. p. 127. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

¹⁵⁴ CALLADO, Antonio. **O Homem Cordial e Outras Histórias**. São Paulo: Ática, 1994, p. 20.

Por que não seria festiva a esquerda? Por que razão? Que mal havia em abraçar as idéias e instituições? E, sobretudo se houvesse dinheiro para isto, por que não discutir a revolução bebendo uísque, ora bolas. O que é que se havia de beber? Mate?

- Festiva ou não festiva, Clarinha, a esquerda está fazendo obra de boa diplomacia, encolhendo as próprias garras para buscar contatos com as outras áreas, armando uma rede em que acabarão por tombar esses pobres “revolucionários” desastrados.

- Hum...

- Que hum nada, meu bem, disse Jacinto. Não se derruba gorila rugindo e batendo no peito, feito outro gorila. Há gente aí disposta a chegar até a luta armada contra o governo. Uma asneira. Uma loucura. É nos transformarmos em gorila. Propor às Forças Armadas a luta pelas armas é como um homem qualquer desafiar um pugilista na rua. No terreno das armas é normal que o Exército ganhe. É o que ele sabe fazer.¹⁵⁵

Contrário à luta armada, Jacinto acreditava que “propor às Forças Armadas à luta pelas armas é como um homem qualquer desafiar um pugilista na rua”. Mas começa a se questionar, ao tomar contato direto com a realidade que o cerca, quando sua filha Inês se envolve em uma manifestação estudantil e é espancada, quando percebe que os militares usam da violência independente da classe social, da profissão ou da idade. No momento em que os efeitos da brutalidade do Estado invadem sua vida privada, Jacinto tem um “choque de realidade”, ou seja, percebe que a sua tese sobre a cordialidade não fazia sentido quando sai à procura de sua filha em meio a um confronto entre estudantes e a polícia e percebe a violência instaurada. Em um processo de aprendizagem, Jacinto teve que enfrentar a dura realidade, o que lhe provocou náuseas, ao entender que não havia saída pacífica para o Brasil, que o homem não violento e dócil não existia. Como não conseguiu digerir o autoritarismo instaurado e perceber seus equívocos sobre “o homem cordial”, se aproximou da dualidade proposta por Sérgio Buarque de Holanda.

Assim que toma consciência de não ser mais possível apenas observar os acontecimentos políticos, a reação de Jacinto foi vomitar sobre sua máquina de escrever, sobre suas ideias registradas nas folhas que diziam: “Houve sem dúvidas os momentos cruéis, mas ficaram guardados como *momentos*, como um vácuo num processo em que... cordialidade... cordial... cordial...”¹⁵⁶ Callado traz para o debate sua autocrítica, ao pensar a transformação do intelectual e o seu engajamento à medida que os acontecimentos políticos vão interferindo na sua vida particular. Entende, então, que a democracia não seria algo que se

¹⁵⁵ CALLADO, Antonio. **O Homem Cordial e Outras Histórias**. São Paulo: Ática, 1994, p. 14.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 30.

restabeleceria de forma rápida e tranquila, assim como percebeu, diante da violência que se instaurou, que os militares não eram “pobres ‘revolucionários’ desastrados” e que não deixariam o poder facilmente.

Nesse raciocínio, estabelece o elo entre suas obras, pois, ao mesmo tempo em que *O Homem Cordial* antecipa a autocrítica em relação à “esquerda festiva” – que será o eixo norteador de *Bar Don Juan* (1971) –, o conto também retoma a ideia do aprendizado do intelectual apresentada em *Quarup*. Assim, no seu conjunto, as obras questionam a visão de brasilidade e a multiplicidade de *Brasis*.

Brasilidade é o encontro marcado com o câncer. Brasilidade é a espera paciente da tuberculose. Brasilidade é morrer na cama. À frente de um grupo de camponeses, morrendo pelo salário do camponês, Levindo morreu uma bela morte estrangeira. Estamos hoje aqui para comer o sacrifício de Levindo, comer sua coragem e beber seu rico sangue de brasileiro novo. (*QUARUP*, p. 552)

Esse é o discurso de Nando, ao realizar a comedoria do jovem estudante Levindo, que foi morto lutando pelos direitos dos camponeses em um engenho de Pernambuco. O tom amargurado da narrativa também leva ao questionamento: qual o sentido da morte da juventude por uma causa? Assim como a perplexidade de Jacinto, de *O Homem Cordial*, ao ser “engolido” por uma manifestação estudantil e indagar: “Só que jovem demais. Revolução num internato?”. Eram esses jovens que estavam indo para a luta armada, juntamente com a “esquerda festiva”. Em *Quarup*, a decisão de Nando em aderir à guerrilha foi resultado de longo aprendizado que percorre as seiscentas páginas do romance, abarcando um enredo gigantesco que apresenta projetos e discursos de uma conjuntura política e cultural que não se prende a uma leitura datada, mesmo o tempo ficcional sendo simultâneo ao tempo histórico, pois seus questionamentos atualizam-se com sucessivos leitores e o seu “painel do Brasil”, ou “retrato do Brasil”,¹⁵⁷ que é continuamente colocado em discussão.

¹⁵⁷ “Retrato do Brasil” faz alusão à obra de Paulo Prado publicada em 1928, que recorre à questão da nacionalidade a partir do viés racial e cultural de nosso processo histórico. Nesse sentido, Ortiz também coaduna com a reflexão dizendo que “‘Retratos do Brasil’, ‘interpretação do Brasil’, ‘pensamento brasileiro’, ‘teoria do Brasil’, os termos remetem a uma unidade fundamental: um determinado país. Existe uma longa tradição que se dedica à sua compreensão, à sua decodificação, há mesmo uma plêiade de autores que fazem parte deste panteão: Rocha Pita, Varnhagen, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Darcy Ribeiro. A lista é imensa, novos nomes podem ser acrescentados uns ao lado dos outros, no entanto, a premissa que orienta este esforço classificatório de consagração é a mesma: pertencem ao conjunto os que se dedicaram ao entendimento de ‘nossa’ realidade”. ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. *Revista Estado e Sociedade*, v. 28, n.3, p. 609, nov./dez. 2013.

Em *Quarup*, Callado busca os pressupostos compartilhados na década de 1950, a partir de relações ambíguas entre desenvolvimento e civilização, entre o centro do país/interior representando o atraso e o urbano, o moderno. Ao mesmo tempo, contrapõe subdesenvolvimento, colonialismo e modernização como elementos para as diferentes concepções da Identidade Nacional. Retoma as bases populistas e desenvolvimentistas, assim como as teorias que foram referência para a construção do ideário de uma cultura nacional progressista. Esse grupo progressista, durante o governo de Juscelino Kubitschek, criou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em 1955, que reuniu *os isebianos para* debaterem as temáticas da cultura brasileira, resultando na “ideologia reformista” de modernizar o país. A cultura assume papel importante “como um elemento de transformação socioeconômica”. Nesse contexto, pretendia-se que os intelectuais desempenhassem um papel específico, isto é, eles criariam subsídios para realização de uma “revolução democrático-burguesa”. Desse modo, em 1960, a cultura recebeu forte impulso da década anterior.

Na esfera cultural a influência do ISEB foi profunda. [...] toda uma série de conceitos políticos e filosóficos que são elaborados no final dos anos 50 se difundem pela sociedade e passam a construir categorias de apreensão e compreensão da realidade brasileira. No início dos anos 60 dois movimentos realizam, de maneira diferenciada, é claro, os ideais políticos tratados teoricamente pelo ISEB. Refiro-me ao Movimento de Cultura Popular no Recife e ao CPC da UNE.¹⁵⁸

O movimento de Cultura Popular do Recife foi discutido por Callado em *Tempo de Arraes* como um grande projeto que tinha o apoio do governador do Estado Miguel Arraes, considerado o exemplo mais “democrático da federação”. *Quarup* carrega as expectativas dessa construção pelo sentido de Brasil, a exemplo das três concepções colocadas já nas primeiras páginas do romance: a do colonizador, que é compartilhada pela Igreja, a utopia comunista na luta do camponês pela terra e o olhar do estrangeiro sobre o país (si e o outro). Todavia, os posicionamentos de Nando vão sendo questionados ao serem confrontados com uma realidade social, ou seja, a Igreja não vai ao encontro do povo, que estava abandonado pelo Estado e pela religião. O povo em questão são os camponeses que vivem em situação de miséria e escravidão nos engenhos de Pernambuco, à mercê dos latifundiários usineiros. São os excluídos sociais que Callado incorporou a suas reportagens no Nordeste, assim como os negros, a prostituta, os povos indígenas, que também compuseram seus contos, crônicas e o teatro.

¹⁵⁸ ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 47-48.

Em *Tempo de Arraes* a problemática rural se faz presente como a grande fomentadora da exclusão socioeconômica. Por isso, a obra jornalística serve de âncora não apenas para os romances de Callado, mas também para diferentes gêneros artísticos nos quais a questão rural se faz presente, e de forma mais acentuada desde meados do século XX, tornando-se um grande eixo de discussão. De acordo com Ramos, o período que antecede 1964, “[...] do ponto de vista temático, o Cinema Novo tem quase a totalidade de sua crítica voltada para o sistema agrário, o campesinato, o latifúndio e os vários sistemas de opressão”.¹⁵⁹ Quanto ao teatro, Patriota afirma que “... a temática rural é uma constante na história da dramaturgia brasileira. Identificada a partir da obra de Martins Pena, como uma das pilastras sobre as quais deveriam se assentar tanto o texto cômico nacional quanto a identidade do país”.¹⁶⁰ Coadunando com essa visão, Callado levou para o romance e para o teatro o exemplo do camponês nordestino.

Quanto à construção, alguns personagens de *Quarup*, como Levindo, um jovem imaturo, estudante, comunista e adepto da revolução, e Januário, que estava ajudando a fundar a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores (SAPP), foram inspirados em suas reportagens no Nordeste. Levindo foi embasado na história relatada por Callado em *Tempo de Arraes*, em que Paulo Roberto Pinto, cujo nome de guerra era Jeremias, um jovem de 23 anos, trotskista, foi morto em 1963 numa emboscada quando foi ao Engenho Oriente, em Tambémé, chefiando os camponeses que faziam reivindicações. Januário está associado a Francisco Julião e à Criação das Ligas Camponesas, que enfrentava situação análoga no campo.

Ambientado no cenário de disputas políticas envolvendo a questão agrária, Callado contrapõe em *Quarup* o olhar da Igreja, do exército, do Partido Comunista e de um casal de estrangeiros. Os ingleses protestantes Leslie e Winifred apresentam o olhar do outro, da “cultura dominante” sobre a “cultura dominada”, que vê a imaturidade da esquerda no processo de transformação social do país, assim como os que se colocam em oposição ao poder instituído: “- Só há mesmo estudantes e ex-estudantes, como Levindo, pensando em alterar as coisas erradas do país – disse Leslie. – Crianças brincando de revolução”.

¹⁵⁹ RAMOS, Alcides Freire. Diálogos: Paulo César Saraceni e o cinema italiano durante os anos de 1960. *Fênix* – Revista de História e Estudos Culturais, v. 11, anos XI, n. 2, p. 06, jul./dez. 2014. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF34/Dossie_Artigo_Alcides%20Freire%20Ramos.pdf. Acesso em: 22 jun. 2016.

¹⁶⁰ PATRIOTA, Rosângela. Interlocuções entre História e Ficção – a Posse e a Luta pela Terra em Narrativas Cômicas, Dramáticas e Épicas no Teatro Brasileiro. In: CAPEL, Heloisa Selma Fernandes; RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). *Narrativas Ficcioneais e a Escrita da História*. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 46.

(*QUARUP*, p. 32.) A imaturidade desses jovens e sua pouca idade, como em *O Homem Cordial*, é alvo de amargura e da crítica de Callado.

Na urgência de iniciar a revolução pelo campo, não cabiam problemas de outra ordem, como a demarcação das terras indígenas. A visão “do outro” sobre o Brasil resultará no impulso que o “colonizado” terá em busca de sua essência, nesse caso o Padre Nando, após ser libertado por Winifred, seduzindo-o, ou, como disse o poeta Ferreira Gullar, em 1967, após ler o romance: “êle come (ou é comido) a ruiva inglesa Winifred”. As visões apresentadas também resultam em duas formas de nacionalismo: o de esquerda, que quer um país livre da influência estrangeira, e o de direita, que almeja livrar-se dos comunistas, ou seja, ambos buscam eliminar o que vem de fora. Sob esses eixos, a trama se desenvolve, incorporando novos olhares que demonstram como a dominação estrangeira é o grande dilema na construção da nossa identidade.

Nesse sentido, Ortiz diz que a relação entre a cultura e a identidade nacional brasileira não se configura como “[...] uma essência que poderia ser descrita como raiz ou algo a ser alcançado no futuro”.¹⁶¹ Ao contrário, é uma construção simbólica, por isso “[...] não existe identidade autêntica ou inautêntica, verdadeira ou falsa, mas representações do que seria um país e seus habitantes”.¹⁶² Torna-se relevante destacar que Callado propôs essa discussão em 1967, quando questionou as grandes teorias da nossa formação em *O Homem Cordial* e *Quarup*, estendendo-se no romance para as múltiplas teorias sobre a formação da cultura brasileira.

Os diferentes olhares são apresentados em *Quarup*, como, por exemplo, a relação entre o mundo “civilizado” e o “subdesenvolvido” cujo atraso estava nas origens do processo de colonização. O personagem Ramiro vê o Brasil como “um país doente” que deixou de seguir a França para seguir o ideal americano: “- Pegamos andando o bonde do *American Way of Life*. Viramos uma civilização pingente. Paramos de crescer em nosso corpo latino, pequeno mas elétrico e musculoso, para nos fundirmos até fisicamente com o homem ideal americano, Tarzan”. (*QUARUP*, p. 113) O nosso “atraso cultural” está nas origens, por isso o diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), um homem urbano, que odeia mato e nunca foi ao *Xingu*, considera incoerente, em nosso “estágio de evolução”, dedicar a vida a “caboclos que nem inventaram uma machadinha decente”. Ramiro personifica a contradição entre o

¹⁶¹ ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. *Revista Estado e Sociedade*, v. 28, n. 3, p. 621, nov./dez. 2013.

¹⁶² *Ibid.*, p. 622.

Catete (a capital, a urbanização/evolução, a civilização) e o *Xingu* (atraso, esquecimento, selvageria e colonização). Esse “atraso” é representado pelo ciclo vicioso de privilégios e corrupção no alto escalão do poder político, que só olha para o Brasil urbano.

Callado ainda traz para discussão o que já configurava em *Tempo de Arraes* como a ameaça da proximidade com os Estados Unidos. Como observou Schwarz, “A ênfase, muito justa, nos mecanismos da dominação norte-americana servia à mitificação da comunidade brasileira, objeto de amor patriótico e subtraída à análise de classe que a tornaria problemática por sua vez”.¹⁶³ Portanto, quando Callado apresenta “o centro do Brasil”, ele traduz-se como espaço das ambiguidades, a busca da “essência” do Brasil, vista sob a ótica de ideais contraditórios movidos por interesses políticos marcados pelo ideal de nacionalismo e desenvolvimentismo.

Inspirado em suas reportagens no *Xingu* e pela proximidade com os irmãos Villas Boas, *Quarup* traz a questão indígena tanto como uma discussão sobre a construção da identidade brasileira, como para um debate sempre em pauta, que é o da alteridade, nesse caso, como a cultura indígena é vista como parte de um “outro Brasil”. Em *Quarup*, no tempo ficcional da década de 1950, a preocupação da igreja representada por Padre Nando era com a “alma imortal” dos silvícolas. Seus objetivos “cristãos” são confrontados com os de Fontoura, o sertanista funcionário do SPI e defensor da preservação integral dos índios sem transformá-los, ou adulterá-los, como pretendia Padre Nando com sua visão colonizadora da “catequização”. E tudo com o aval do Estado, o que é ironicamente questionado pelo personagem Ramiro, que “descontrói” o sentido idealizado do centro do Brasil dizendo para Nando que seu grande defensor era Fontoura, um bêbado, que tentava salvar a cultura indígena, e um índio “morfético”, *Aicá*. Em síntese, Callado está apontando para a ideia de que não existe uma “essência de Brasil”.

O tema que também está colocado é “A Marcha para o Oeste” como projeto de base econômica iniciado no governo Vargas em 1943, pela expedição Roncador *Xingu*, que foi incorporada pela Fundação Brasil-Central (FBC), na qual os irmãos Villas Boas ficaram encarregados do contato com os vários povos indígenas. Callado trouxe essa questão para a imprensa e para a ficção. Em *Quarup* esse processo de colonização do norte e do centro-oeste brasileiro, a busca pelo “centro do país” também apresenta visões dúbias, como a do

¹⁶³ SCHWARZ, Roberto. Nacional por Subtração. In: _____. **Que horas são?:** ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 32.

personagem Rolando Vilar, um engenheiro ávido de progresso que acredita no desenvolvimento a partir de abertura de estradas de Norte a Sul (estava sendo construída a Transbrasiliana), construção de pontes, escolas etc. Vilar personifica o bandeirante, desbravador, com seu jeito imponente, comparado a um “herói”: “[...] surgia Vilar como um herói com físico de herói e se punha a agir como herói”. (*QUARUP*, p. 182.) Esse desbravador quer aproximar o “centro” da “periferia” e o litoral do interior do Brasil.

Outra grande ironia em *Quarup* é personificar o “bandeirante que se civilizara”, assim como o herói capaz de comandar a revolução, ou seja, a modernização é o elemento propulsor, por isso o centro do Brasil não representa o sentido tão almejado de “essência da Nação”. Quando esses projetos entram em crise, o tempo ficcional e o histórico se fundem com o suicídio de Getúlio Vargas e o ritual indígena do *Quarup* (*kuarup*: *Kuat*: sol/*rup*: madeira – madeira exposta ao sol), a festa funeral.¹⁶⁴ Ao serem colocados paralelamente a crise política e o ritual indígena, as contradições são realçadas. Talvez a maior de todas seja o Partido Comunista, representado pelo personagem ficcional Otávio Cisneiro, inspirado em Gregório Bezerra, que quer apoiar Vargas, o mesmo que colocou o Partido na ilegalidade. A grande crítica está na aliança entre setores do Partido Comunista e a burguesia nacional.

Outro exemplo de contradição é o da personagem Francisca, par romântico de Nando, que fora noiva de Levindo. Após a morte do noivo, do jovem estudante, Francisca passou a ensinar os camponeses pernambucanos a ler e a escrever pela “memória de Levindo”, que dedicou sua vida a uma causa. No entanto, poucos lembravam o sentido da sua morte e da sua luta. Nesse mesmo raciocínio, o personagem Lauro (etnólogo, sociólogo, polígrafo e especialista em lendas brasileiras), contradiz seu discurso ao ter que optar entre

¹⁶⁴ No plano ficcional Canato cuidava do velório e da comedoria de seu pai, o grande capitão *uialapiti* Uranaco. Quanto ao significado do ritual para cultura indígena, é explicado da seguinte forma: “A festa do *Quarup* e o significado da cerimônia funeral: quem oferece o *Quarup* tem a obrigação de não só alimentar os convidados, como lhes oferecer hospedagem. [...] *Quarup* – expor ao sol – tem sua origem na lenda da criação, do grande herói *Mavotsinim*, deus cultural de todas as tribos xinguanas, identificadas pelo uso do *uluri* – cinto de castidade – que as mulheres usam. [...] Sendo a lenda da criação, na qual se inspira e da qual se origina, o *Quarup* saúda os grande mortos, os guerreiros de grande linhagem. [...] Antes do *Quarup* de um grande lutador, toda vez que um índio de outra tribo encontra o parente do morto, ambos choram juntos sua lembrança, recordam seus feitos. Depois do *Quarup* esse morto nunca mais será lembrado, ele deixa de existir, ninguém mais chorará sua morte. Ao contrário, sua invocação provocará alegria, felicidade. Ele foi conduzido ao *Iuste* – céu – onde só os bons e valentes podem ir. Os aleijados e feios jamais irão ao *Iuste*. [...] Paramentados, pintados com óleo de pequi e tinta de jenipapo, os grandes capitães são apresentados pelo mestre-de-cerimônia e depois de uma saudação demorada, começa a luta do *hu-ka-hu-ka*”. MARTINS, Edson. **Nossos índios, nossos mortos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978, p. 31-33.

Sobre a origem da lenda do primeiro *Kuarup*, consultar:

VILLAS BÔAS, Cláudio; VILLAS BÔAS, Orlando. *Xingu*: os índios, seus mitos. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1976.

ajudar uma tribo de índios moribundos, os *cren-acádrore*, que foram contaminados por sarampo, ou abandoná-los à própria sorte. Ele não reluta em dizer que é ridículo sacrificar *homens civilizados e cultos* por *selvagens*. Nesse momento, Nando, que também integrava a expedição em busca do Centro Geográfico do Brasil, analisa os divergentes posicionamentos sobre a identidade nacional:

[...] pensava Nando, eram um bolo que já havia adquirido até homogeneidade racial. Os caraíbas emagreciam a poder de alimentar os cren que emagreciam de diarreia, todos crescendo em ossos e minguando em carnes. À medida que se descarnavam, ressecavam, empalideciam, os índios se tornavam menos mongóis, mais brasileiros, um grupo de paraíbas, de cearás, de jecas mineiros só que nus em pelo. A fome não era mais uma ânsia, mas um atributo coletivo. Os índios andavam atrás dos brancos e os brancos só andavam porque sabiam que se parassem iam virar índios. (QUARUP, p. 367.)

A luta pela sobrevivência diante da fome não foi o suficiente para atenuar as contradições entre “civilizados e bárbaros”. Ironicamente, a chegada ao “Centro do Brasil” é marcada pelo eclipse lunar de 25 de agosto de 1961, simbolicamente um fenômeno que representa “o fim e o começo”. Quando a narrativa remete ao plano histórico, representa o fim do governo de Jânio Quadros,¹⁶⁵ que ficou apenas sete meses no poder.

- Mas que coisa, o Jânio! Ele tinha o quê? Meses de governo, não?
- Sete meses – disse Nando – e aquela gana toda. Eu estou começando a entender a História do Brasil. São uns apressados, Francisca.
- Como apressados?
- Veja o Jânio. Gozou depressa demais. Fica a Pátria sempre nessa aflição, esperando, esperando, insatisfeita, neurótica. (QUARUP, p. 379.)

Callado traz para discussão um tema que será recorrente em suas obras e que ganhará força em *Reflexos do Baile*, que é a falta de preparo em nossos projetos, nossa incapacidade de lidar que problemas coletivos e consequentemente com a política, praticando sempre o imprevisto. Para isso, Callado dialoga com as teorias sobre nossa formação, como a morte de

¹⁶⁵ Jânio Quadros renunciou à presidência em agosto de 1961, “Jânio pretendeu conseguir do Congresso poderes excepcionais. Uma vez que não lhe foram concedidos, acreditou que a renúncia suscitaria pressão popular suficientemente forte para dobrar o Congresso. Errou no cálculo. Diante da ausência da esperada pressão popular, em vez de regressar a Brasília, tomou o navio em Santos para um passeio na Europa”. GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

Consultar também:

_____. A sociedade cindida. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, jan./abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142014000100003&script=sci_arttext&tlng=p. Acesso em: 12 abr. 2014.

Fontoura no plano ficcional, que foi, exatamente, no “coração do Brasil”, onde havia um grande formigueiro, no ponto em que se encontravam as coordenadas do Centro:

O que houve? – riu Nando. – É a dança da posse?
- Formiga – gemeu Vilaverde. – Isto é o maior painel de saúva do Brasil.
E de longe se via as formigas despertadas pelo movimento das pessoas, pela fixação do padrão, milhares, milhões de saúvas, como se os grãos da terra do mundo tivessem começado a andar transformados em içá, sabitu, tanajura. (QUARUP, p. 374.)

O Brasil já havia sido invadido pela corrupção, pelo estrangeiro e pela doença. O formigueiro simboliza a morte da busca de uma “essência”, assim como Fontoura morre, tentando ouvir o coração do Brasil bater com a cara enterrada no formigueiro, perguntando a Francisca se ela também ouve:

Na impossibilidade de erguer Fontoura, Francisca se curvou, deitou o rosto sobre as formigas enlouquecidas, sentiu viva e feroz a terra de Levindo.
- Está ouvindo? – disse Fontoura.
- O quê?
- O Coração.
[...]
- Estou perguntando por que a gente ouve leve. A batida é funda.
[...]
Nando encontrou Francisca sem sentidos contra um tronco de árvore, sentada. Entre suas pernas, aninhado no seu ventre, Fontoura como se tivesse acabado de nascer dela. Só que estava morto. (QUARUP, p. 378.)

A chegada do homem civilizado ao centro/sertão¹⁶⁶ deveria ser o elemento de unidade, contudo os diferentes projetos sobre o Brasil trazem uma pluralidade de concepções que não convergem para um objetivo comum, para uma “identidade nacional”.¹⁶⁷ Por isso, a morte de Fontoura, aninhado entre as pernas de Francisca e em cima de um painel de saúvas,¹⁶⁸ remonta aos clássicos da literatura que trouxeram essa discussão, simbolizando o atraso na construção do país.

¹⁶⁶ “[...] a consciência do espaço, da territorialidade, sempre esteve presente no Brasil como base da integração necessária à formulação de um projeto de nação. O ‘sertão’, ora recebendo avaliação positiva, ora negativa, se constituirá no lugar por excelência da nação”. LEONÍDIO, Almir. O sertão e “outros lugares”: a ideia de nação em Paulo Prado e Manoel Bonfim. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ / MAUAD, 2001, p. 25.

¹⁶⁷ Para Stuart Hall a identidade não é algo inerente, ela é construída: “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 48.

¹⁶⁸ No romance de Lima Barreto *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), seu herói recorre à frase: “ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”, que por sua vez foi empregada por Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) um naturalista francês.

Diante da fragmentação das concepções sobre “os Brasis”, e da impossibilidade de seu significado/sentido, Callado recorre à “Palavra” que agregará os projetos de diferentes grupos que almejam a revolução, um Brasil possível. Nesse cenário, Nando e Francisca estão engajados no Movimento de Cultura Popular (MCP), no projeto de educação popular em Pernambuco, alfabetizando camponeses a partir da teoria de Paulo Freire. O horizonte é promissor, agregando movimentos de esquerda do período, como a Esquerda Católica, o Partido Comunista, os Sindicatos Rurais, as Ligas Camponesas, entre outros. Mesmo incorporando diferentes posicionamentos políticos, esses grupos atuam para a transformação da realidade social.

2.2.2 A USURPAÇÃO DA PÁTRIA E A LUTA ARMADA COMO HORIZONTE POSSÍVEL

Quando a trama de *Quarup* vislumbra a guerrilha como uma alternativa, nota-se uma grande proximidade com *Tempo de Arraes*. Ao ler a ficção e as reportagens simultaneamente, surge a indagação: em qual ponto terminam as matérias jornalísticas e se inicia a ficção? Pois nessa interlocução entre jornalismo e literatura, as novelas de Callado guardam memórias de um determinado tempo, de experiências que ganham verossimilhança na composição de um enredo que lança luz sobre a conjuntura histórica. Em suas reportagens no Nordeste em 1963, Callado observou ironicamente que, embora estivesse muito “na moda” ajudar o camponês, não havia razão para afastarem os pioneiros. Ele se refere a Francisco Julião e seu trabalho nas Ligas Camponesas, sua forte influência entre os trabalhadores rurais e também sua falta de organização. As Ligas Camponesas eram alvo de críticas e disputa de espaço com os Sindicatos Rurais que estavam sob a liderança do Partido Comunista e da Igreja Católica. Callado relata a divergência de Francisco Julião com João Goulart, que queria transformá-lo em “pelego rural”. Como não aceitou, ficou a cargo do Partido Comunista e da Igreja desmoralizá-lo.

Dentre as fragilidades das Ligas Camponesas estava o fato de Julião ter enviado estudantes para alguns estados brasileiros para fazerem a promoção do movimento e

“O projeto de intelectuais como Lima Barreto, ou Mário de Andrade – da célebre máxima “Muita saúde e pouca saúde, os problemas do Brasil são” – vão num mesmo sentido. Todos ilustram o princípio de um nacionalismo esclarecido em que, paradoxalmente, na construção da Nação, se lança mão tanto do ideal individualista universal, quanto do particularismo necessário ao traço diacrítico. O Brasil em fase de definição: seu atraso e sua civilidade tropical conferindo-lhe a autenticidade necessária à construção de uma especificidade nacional”. BORGES, Antonádia M. A Nação contra a formiga: o uso possível da literatura nas interpretações sócio-históricas de conflitos rurais no Brasil. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ / MAUAD, 2001, p. 61.

implementarem métodos para resolver o problema social no campo. O resultado não foi bom, pois alguns dos jovens rapazes caíram na farra, outros tentaram “organizar a guerrilha de qualquer jeito”. Nesse ponto Callado aborda a proximidade de Julião com Cuba de forma sutil, dizendo que, enquanto as Ligas cresciam, Julião passou de Deputado Estadual para Deputado Federal e Fidel Castro “baixara da sua serra, herói do mundo inteiro”. Sobre essa proximidade, Rollemberg observa que Julião esteve presente em 1962 quando o governo cubano, em reunião de dirigentes de movimentos sociais da América Latina, conclamou “[...] à revolução através da guerrilha com apoio de Cuba”.¹⁶⁹ Contudo Julião manteve uma posição definida em relação à luta guerrilheira.

No plano ficcional, Nando, ao discutir com Januário (Julião), observa que Miguel Arraes (mesmo nome na ficção), governador do Estado de Pernambuco, deve manter os grupos de esquerda nos respectivos lugares para que seus projetos caminhem:

- Isto você sabe que não é verdade – disse Nando. – O governador tem que manter vocês nos respectivos lugares para que tudo e todos caminhem.
- Lugares ou não lugares – disse Januário – eu vou sapecar vinte mil camponeses na rua, em solidariedade aos do Engenho Auxiliadora. Aquele safado do Coronel Barreto devia ser sangrado como um porco e enforcado em seguida. (*QUARUP*, p. 388. Destaque nosso)

A palavra atua no “não lugar”,¹⁷⁰ de dentro para fora, sanando as diferenças em um espaço onde prevalecem a alienação e a ausência de direitos, bem como os grupos de esquerda e a própria ideia de revolução. A luta do camponês pernambucano toma o cenário da narrativa, que transita entre projetos, como o do Partido Comunista, representado pelo seu líder Otávio Cisneiro (Gregório Bezerra). O Partido e a Igreja Católica, representada por Padre Gonçalo, têm grande influência sobre os Sindicatos Rurais, embora a atuação de ambos no mesmo espaço tenha sido marcada por contendas e rixas. Otávio ainda acredita que, no plano político, quem vencerá é o Partido em detrimento da Igreja e ironiza, dizendo que os comunistas só aceitariam Deus de volta “se a Igreja canonizasse Marx”. Para Otávio, o líder dos camponeses, Januário (Francisco Julião) fez as Ligas e a Igreja, os Sindicatos, contudo foi o Partido que forneceu “os quadros”, ou seja, as condições para que ambos se formassem.

¹⁶⁹ ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001, p. 23.

¹⁷⁰ O “lugar” corresponde ao espaço identitário e o “não lugar” seu oposto, entretanto a proliferação do não lugar provoca alteração na organização social, política, econômica e simbólica de uma sociedade. Cf. SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, Revista de Sociologia, USP, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 210-229, nov. 2014.

Esse embate de forças Callado traz para ficção, apresentando a “autocrítica” da esquerda, a exemplo de Otávio, ao falar da imobilidade do Partido e de sua negligência com o Brasil: “– [...] Eu sou o fundador do Partido no Brasil e pretendo morrer membro do Partido. Mas aqui entre nós que ninguém nos ouça, o Partido tem feito tão pouco no Brasil que o único jeito era empurrar a culpa para cima do Brasil”. (*QUARUP*, p. 409.) Mesmo diante da fragilidade declarada, ainda existe a crença de que o terreno para a revolução está sendo preparado, tendo em vista que as Ligas Camponesas e os Sindicatos Rurais espalhavam-se pelo Nordeste e, a partir da organização dos trabalhadores, seria possível conseguir melhorias nas condições de vida e de trabalho do camponês.

Ao mesmo tempo em que *Quarup* apresenta a disputa política e trata de grandes temas como a revolução e a luta armada, Callado também faz denúncias que estavam presentes em seu relato jornalístico. Por exemplo, a da difícil situação na qual ainda permaneciam os trabalhadores rurais, como o caso dos camponeses morrendo de fome e de varíola, abordado em *Tempo de Arraes*, fato ocorrido no Engenho Serra, cujo proprietário, Alarico Bezerra, em “outros tempos” foi homem forte da Secretaria de Segurança do Estado. Agarrado à “civilização da chibata”, fechou seu engenho para que os camponeses partissem sem salários e indenizações. Os camponeses que resistiram e permaneceram no Engenho começaram a morrer de fome, de revolta e de varíola: “Se alguém chegasse, em plena Idade Média e em tempo de peste, a uma aldeola miserável de Portugal, não encontraria quadro mais fantástico do que o desses camponeses do Engenho Serra”.¹⁷¹ Ao transpor o acontecimento para o romance, o escritor também assume o compromisso com uma causa e a obra toma posicionamento político, dizendo de que lado está.

Outro exemplo é a reportagem sobre o caso de Elizabete Teixeira, líder camponesa na Paraíba e viúva do líder camponês João Pedro Teixeira, morto em 1962. Callado a entrevistou na reportagem que intitulou “História Trágica de Elizabete Teixeira”. Outra referência sobre a história é o filme *Cabra Marcado para Morrer* de Eduardo Coutinho, cujo projeto inicial é de fevereiro de 1964 e estava ligado ao Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, CPC da UNE. A equipe se instalou no Engenho Galileia, que havia sido desapropriado. O projeto era contar a história de João Pedro Teixeira, líder da Liga Camponesa de Sapé, assassinado por latifundiários, cuja morte teve tanta repercussão que em seu enterro compareceram cinco mil pessoas.

¹⁷¹ CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes*: a revolução sem violência. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 67.

O filme de Eduardo Coutinho contava com os próprios camponeses como atores e Elizabete Teixeira faria seu próprio papel. Com o Golpe Civil-Militar, o exército invadiu o Engenho Galileia, prendeu os líderes camponeses, os membros da equipe de filmagem e os equipamentos, sob a acusação de estarem envolvidos com o governo cubano e de ser “material subversivo”. Mas conseguiriam salvar parte das filmagens e algumas fotografias, possibilitando que Eduardo Coutinho, dezessete anos depois, concluísse o filme. Ele encontrou Elizabete Teixeira vivendo clandestinamente em São Rafael–RN, com o nome de Marta Maria da Costa. Em *Quarup*, Callado conta a história de Isabel Monteiro (Elizabete Teixeira) e seu marido assassinado Pedro Monteiro de Mari (João Pedro Teixeira). Isabel Monteiro enterra o marido e vai denunciar sua morte em um comício.

Da mesma forma como incorporou casos jornalísticos à sua ficção, Callado incorporou a ela suas convicções políticas, seus temores e suas críticas. Admirador confesso do governo de Miguel Arraes, de quem se tornara amigo, viu com grande entusiasmo sua gestão em Pernambuco. Em 1979 Miguel Arraes escreveu a introdução da coletânea de reportagens *Tempo de Arraes: a revolução sem violência* e reconheceu a importância da obra como testemunho das experiências que ocorreram em Pernambuco, por isso não faria nela nenhum retoque, cabendo apenas “[...] fazer anotações que ajudem a compreender o presente e sobretudo a olhar o futuro”.¹⁷² A reflexão de Arraes, mesmo que pontual e específica, também abre o campo de possibilidades para a leitura dos romances de Callado, que iluminam o presente e lançam expectativas futuras.

Nesse entrelaçamento de experiências jornalísticas e personagens ficcionais, ele traz para seu enredo o árduo aprendizado de Nando, que acredita no poder transformador da “palavra”, no “mundo de Levindo”, e via o cenário de Pernambuco com as melhores perspectivas. Uma experiência que deveria ser espalhada por todo o Brasil, sendo os meios para isso tornar o governador do Estado, Miguel Arraes, Presidente da República, em 1965, ou realizar a “Revolução Armada no país”.

Nando acreditava que a força vinha do povo, por isso tantos grupos de esquerda se reuniram em torno da questão agrária no Nordeste. O encontro com os camponeses também demonstra como as pessoas estavam alheias aos projetos da esquerda e à conjuntura política, como deixa transparecer o diálogo entre Nando e Manuel Tropeiro:

¹⁷² ARRAES, Miguel. Introdução. In: CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes: a revolução sem violência**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 10.

- Você não acredita? O Presidente da República é a favor de vocês...
- O Jânio – disse Manuel.
- Jango – disse Nando.
- Ah, sim, é o outro.
- E o governador do Estado então nem se fala – disse Nando. – Este morre com vocês se for preciso.
- Seu Otávio diz a mesma coisa. Me falou que o governador é do sertão, feito a gente. Deve ainda gostar de cavalo.
- Manuel – disse Nando – uma coisa é importante, muito importante mesmo, a mais importante de todas. Vocês precisam acreditar no que estão fazendo com a gente. Se vocês acreditarem a gente chega lá. O Brasil inteiro está dependendo do que a gente vai mostrar que pode fazer aqui, em Pernambuco. (QUARUP, p. 405.)

A experiência de Pernambuco seria o exemplo de transformação social para o Brasil, no entanto, de chofre, tudo começou a ruir, todas as expectativas alimentadas pelo povo e pela esquerda (Ligas Camponesas, Partido Comunista, Igreja Católica, MCP) tornaram-se um “sonho distante”. Os líderes políticos de orientação de esquerda já estavam sendo cerceados, entre eles Leonel Brizola e Miguel Arrares. Manifestações de populares contra o presidente João Goulart e, conseqüentemente, contra o “avanço do comunismo” traziam para a cena a burguesia brasileira apoiando o golpe, como manifestou o estudante Djamil: “grã-finos” contra a democracia. Após ser preso e posteriormente libertado, Nando percebe que não havia mais o grande projeto de transformação social no campo. Ele vai à sede do Sindicato e procura o monumento que Francisca fez em homenagem a Levindo, com a terra do Centro do Brasil.

Já bem perto procurou na base o único azulejo diferente, a inscrição em letras verdes no ladrilho branco: *Terra do Centro Geográfico do Brasil. À memória de Levindo, amigo dos camponeses*. O azulejo tinha sido arrancado. Tapado o buraco, apoiada contra a base do monumento, uma tábua quadrada, provisória, com os dizeres: *Terra do Centro Geográfico do Brasil. Viva a Revolução. 31 de Março de 1964*. Sem olhar para os lados, sem pensar em nada, concentrado a fundo no que fazia Nando abriu a braguilha das calças e mijou pausadamente em cima da placa. (QUARUP, p. 475.)

O sentido da violação do monumento, a inversão da “homenagem” e o ato de Nando “mijar” sobre os dizeres que aludiam à vitória do golpe civil-militar representam o rompimento do horizonte de expectativas das esquerdas, pois questionam a falta de alternativas diante de um projeto que se esfacelou, assim como apresentam a ausência de perspectivas diante do que foi instaurado. Ao sair da prisão, Nando também questiona a tortura que os camponeses estavam sofrendo e a resposta que obteve foi que a culpa era de pessoas como ele (intelectuais) que não podiam ser torturadas, pois a imprensa denunciava,

restando torturar apenas os presos de origem mais humilde. Callado, ao se referir ao tema da tortura logo após o golpe, ainda em 1964, dando exemplos de técnicas como “o telefone”, “a Sibéria” e outras agressões, toca em um ponto crucial. Ou seja, os militares afirmaram que o uso da tortura foi uma resposta à luta armada, mas, como relatado em *Quarup*, já existiam imediatamente após o golpe, fato que se tornou tema de investigação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) e foi veiculado na mídia em 2013.¹⁷³

Após o golpe civil-militar, Callado dialoga abertamente com os projetos que estavam sendo alvo de disputa das esquerdas: a guerrilha no campo, ou resistência democrática? Nesse sentido, *Quarup* apresenta a dicotomia de Nando diante da escolha pelo engajamento na luta armada. Antes de se decidir, inicia uma reflexão sobre o Brasil, sobre a esquerda e, também, sobre os excluídos. Nando viverá rodeado de gente simples, como jangadeiros e prostitutas, tornando-se seu conselheiro na arte de amar e começa a ter discípulos, como os jangadeiros Amaro e Zeferino e o estudante Djamil.

Enquanto os militares intensificam a repressão e fecham o cerco contra os “conspiradores”, Nando não vê nenhuma perspectiva política para a esquerda, que falhou por sua falta de paciência e organização e por ter-se esquecido de fazer, primeiramente, a transformação interior. Novamente, o interior aparecerá sob uma pluralidade de sentidos, como uma crítica à falta de estrutura e organização no interior dos próprios movimentos, assim como a rearticulação de resistência no interior do país.

Quando procurado pelos camponeses que saíam da prisão sem rumo, Nando recomendava voltarem à luta com prudência e informava que Manuel Tropeiro estava juntando gente no sertão. Esse reencontro de Nando simboliza um momento de fazer escolhas: ou volta a fazer uso da “palavra” ou parte para “ação”, ou seja, tem que fazer escolhas. Assim inicia o *Quarup* de Levindo, um ritual antropofágico que repercute e se torna alvo de preocupações, tanto do Partido Comunista, que teme algo que não está sob o seu controle, quanto do Governo Militar, que entende o comportamento de Nando como uma afronta à moral e aos bons costumes, por isso já lhe concede exílio. Portanto, a atitude de

¹⁷³ A Revista Carta Capital, em 2013, apresentou o acontecido: “[...] no balanço divulgado na segunda-feira 21, a Comissão Nacional da Verdade fez um enorme favor ao Brasil. A CNV revelou que as torturas ocorridas durante a ditadura não foram uma resposta à luta armada, como afirmaram por anos os ex-integrantes do regime e seus apoiadores, mas tiveram início logo após a derrubada de João Goulart”. LIMA, José Antonio. Um favor à verdade. **Carta Capital**, 22 maio 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/um-favor-a-verdade-9876.html>. Acesso em: 12 maio 2013.

Nando incomodava a todos (direita e esquerda), incitava o povo, os estudantes, questionava valores tradicionais, o governo e, também, o sentido da resistência ao regime.

Mesmo diante de vários apelos para que partisse, Nando se recusa a fazê-lo antes de jantar, devorar, incorporar e nutrir-se de Levindo. Seu *Quarup* terá comida típica de todas as regiões brasileiras e muitos convidados. Antes de começar a comedoria, Nando apresenta o sentido do ritual: “- Estamos hoje aqui para comer o sacrifício de Levindo, comer sua coragem e beber seu rico sangue de brasileiro novo”. (*QUARUP*, p. 552.) O jantar tornou-se festa do povo que irá de encontro à *Marcha da Família* já formada no centro da cidade: “[...] com círios, velas, tochas de resinas, confrarias, federações e confederações, patronato, Governo, clero, nobreza e até povo. Tem música, com orfeão. Está tocando **Dies Irae**”. (*QUARUP*, p. 552.)

Mesmo após ter “se nutrido de Levindo”, Nando ainda não tinha convicção de qual caminho seguir, tem que decidir se parte para a Europa ou se vai ao encontro de seus amigos. Otávio estava contrabandeando armas nas fronteiras do Paraguai e do Uruguai, preparando a guerrilha, e Januário estava no interior do país, em Goiás, reorganizando as Ligas. Somente quando Nando faz a fusão de Francisca, ele completa sua “deseducação”, tornando-se Nando/Levindo guerrilheiro. E nos últimos diálogos do romance, diz:

- Boa essa roupa, Manuel.

Manuel Tropeiro falou com sua ironia sem malícia:

- Com seu perdão, Seu Nando, a roupa preta não fez o senhor padre. Esse gibão de couro não vai fazer o senhor cangaceiro não.

Nando sorriu:

- Não se assuste, Manuel. Eu agora viro qualquer coisa. (*QUARUP*, p. 600.)

O romance fecha sem a convicção da escolha feita e, quando a crítica de Manuel é lançada, subtende-se que não basta “uma roupa”, ou “uma arma” para tornar alguém guerrilheiro. Assim como a escolha do codinome de um jovem estudante morto pela polícia defendendo os camponeses também é uma amarga ironia, pois Callado demonstrou sua crítica em relação aos jovens despreparados enfrentando militares treinados, ou, como disse a personagem Winifred: “crianças brincando de fazer revolução”. Callado também mencionou em *Tempo de Arraes* a tentativa fracassada de Francisco Julião em organizar a guerrilha no campo, atribuindo como umas das causas o despreparo de jovens estudantes. Sobre esse processo incipiente de guerrilha, Rollemberg¹⁷⁴ (2001) observou que, durante o governo

¹⁷⁴ Cf. ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.

democrático de João Goulart, já havia a relação das Ligas com Cuba e parte da esquerda no Brasil já evidenciava a definição pela luta armada.

Atento a esses movimentos, a grande crítica de Callado, tanto no jornalismo quanto na ficção, foi à ausência de projetos com tempo e organização suficiente para darem certo. Ele retoma desde as teorias da formação da identidade nacional até o projeto de revolução democrática burguesa, dialogando paralelamente com múltiplas visões sobre a formação do Brasil, que na sua concepção é um país jovem e com projetos políticos apressados demais, para, no final, apresentar a grande metáfora de Nando, que estava “caolho” e não enxergando muito bem, escolher incorporar a coragem do jovem Levindo, “que morreu uma bela morte estrangeira”, e seguir para o sertão. Callado mostra no plano ficcional que, no horizonte de expectativas das esquerdas, a alternativa pela luta armada era um caminho possível, mas questionável, deixando a indagação: seria ela um caminho possível através da guerrilha rural, ou uma utopia?

2.3 REFLEXOS DO BAILE (1976) E A DERROTA DA LUTA ARMADA

*Já que não se pode gargalhar (o que poluiria a
sonoridade condicionada da Ordem), que se
arrebente por dentro, com o subsorriso por fora.
Pode se pedir mais de uma obra prima?*

Houaiss – Reflexos Do Baile

Em *Reflexos do Baile*, três palavras-chave direcionam para a composição do enredo: censura, tortura e derrota. O cenário é a guerrilha urbana, que está envolta por cenas de horror, de amargura, de desilusão e ironia provocadas pela violência grotesca da repressão militar. Nesse percurso, cabe refletir: como a trajetória e desarticulação da resistência armada e a ação violenta e arbitrária do Estado podem ser compreendidas à luz do olhar irônico e crítico de Callado? Com quais temas a obra está dialogando? Atente-se a que transcorreram nove anos entre a publicação de *Quarup* (1967) e *Reflexos do Baile* (1976). Nesse período os romances dialogam com a utopia da luta armada e com sua derrota, em um jogo de perguntas e respostas.

A estreita afinidade entre os romances tem na luta armada o seu elo principal. Haja vista que, em 1967, a guerrilha já contava com muitos adeptos, principalmente da ala jovem

do Partido Comunista, que não via resultados no imobilismo da resistência democrática. Após o AI-5, no final de 1968, as frustrações aumentaram, assim como a repressão foi intensificada pela rearticulação no interior da polícia política, acarretando o desmonte da luta armada. Mesmo que, por um curto período, a reação da resistência armada também se tenha intensificado, em setembro de 1969 houve o episódio do sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, articulado pela Ação Libertadora Nacional (ALN) e pelo Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8). Esse feito chamou a atenção, tanto no Brasil quanto no exterior, para as práticas de tortura e prisões políticas que a ditadura negava existir.

De acordo com Aarão Reis, a guerrilha urbana conseguiu ações espetaculares entre 1969 e 1972, como “[...] expropriação de armas e fundos, ataques a quartéis, cercos e fugas, sequestros de embaixadores. Os revolucionários chegaram a ter momentos fulgurantes, mas, isolados, foram cedo aniquilados”.¹⁷⁵ Cabe acrescentar que esse “aniquilamento” ocorreu a partir de confrontos violentos e atos desumanos de tortura e mortes, pois a polícia política estava instrumentada para combater essas ações em seu “território”.

Nessa conjuntura, a narrativa de *Reflexos do Baile* foi elaborada em torno da articulação do sequestro de um embaixador que também ocorreu em 1969. De forma verossímil, o romance traz um horizonte de expectativas que dialoga com *Quarup*, principalmente com as incertezas de Nando em aderir à guerrilha e indagando os fracassos e a falta de perspectivas diante do que está instaurado. Enquanto escrevia, Callado acompanhava os efeitos do AI-5 com a intensificação da censura que atingia tanto seu ofício de jornalista, quanto de escritor. Ao mesmo tempo presenciava o combate aos “terroristas de esquerda” e as artimanhas da Ditadura Militar para “justificar” a violência, chegando a utilizar a Lei de Segurança Nacional para decretar pena de morte e prisão perpétua aos terroristas.¹⁷⁶

O recurso da tortura praticado pela polícia política, associado ao despreparo da esquerda armada, culminou no fracasso da resistência. A ex-guerrilheira Juliana Rocha, na obra coletiva *Memórias do Exílio*, declarou que em 1969, aos 22 anos, estava

¹⁷⁵ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000, p. 52.

¹⁷⁶ De acordo com Rollemberg, a Lei de Segurança Nacional (LSN) foi reformulada no governo Costa e Silva pela junta militar que estava no comando, durante o afastamento do presidente por problemas de saúde. A LSN ficou mais rigorosa, prevendo, inclusive, a prisão perpétua e a pena de morte. Quando Médici assumiu a presidência (1968-1974), a nova LSN já estava em vigor. Cf. ROLLEMBERG, Denise. A ditadura civil-militar em tempo de radicalizações e barbárie. 1968-1974. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. (Org.). **Democracia e ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.

“queimadíssima” com a Ditadura e em 1970 participou da tentativa de reorganizar a luta no campo a partir das experiências das Ligas Camponesas, contudo não souberam aproveitar o que os camponeses já conheciam, “porque éramos muito inexperientes, e confundíamos a luta legal e a luta ilegal”. Ainda sobre o despreparo, menciona que no meio estudantil do Recife “[...] topávamos qualquer parada. Víamos a repressão e a injustiça, e isso nos bastava para sermos corajosos. Então, imediatamente, éramos puxados para dentro das organizações de esquerda, mas sem a preparação necessária”.¹⁷⁷ Para além do despreparo, estudos sobre a temática observam que também havia o isolamento em relação à sociedade, que não se identificava com o projeto da luta armada.

Nesse entendimento, estudos como de Reis, Rollemberg, Ridenti¹⁷⁸ e outros convergem na visão de que a sociedade ficou fora do processo de resistência, pois estava dividida entre, de um lado, os que simpatizavam com as façanhas dos jovens guerrilheiros, como no caso do sequestro do embaixador norte-americano, em que “bravos meninos” conseguiram que fossem para o exílio no México quinze prisioneiros políticos e que fosse lido nos meios de comunicação o “manifesto revolucionário” e, de outro, uma grande parcela da população que não compreendia o que estava acontecendo, as pessoas ligadas à ala conservadora da Igreja Católica, além dos que denunciavam os esconderijos, colaborando com a polícia política.

Existe consenso nos estudos sobre a luta armada quanto a que a ALN, fundada em 1967 por Carlos Marighella e por ele liderada, foi o grupo mais combativo. Seu surgimento está relacionado à participação de Marighella na Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS) em Cuba, cuja proposta era a revolução na América Latina como forma de combate ao imperialismo norte-americano. Sua adesão ao enfrentamento armado resultou no seu desligamento do Partido Comunista, do qual era militante desde os dezoito anos. No comando da ALN tornou-se, para o governo, o “inimigo público número um”. Para muitos dos militantes da esquerda, um exemplo de guerrilheiro, para outros, um irresponsável

¹⁷⁷ CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (Coord.). **Memórias do Exílio: Brasil 1964-19??**. n. 1 – de muitos caminhos. São Paulo: Livramento, 1978. p. 180; 178. A primeira edição foi no exterior em 1976.

¹⁷⁸ Sobre o tema existe convergência entre vários estudos como:

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: UNESP, 1993.

ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.

que levava pessoas muito jovens para a luta armada, imprimindo-lhes quase uma sentença de morte.¹⁷⁹ Foi morto em uma ação da polícia política em 1969, mas esteve à frente de ações de grande repercussão, mesmo que por curto tempo. Contraditoriamente, ele vivenciou o acirramento da repressão, a intensificação e a aniquilação da luta armada em um espaço de dois anos.

Quando publicou em 1976 *Reflexos do Baile*, Callado já havia presenciado a derrota da guerrilha, contudo escolheu a temática dos sequestros como ponto central da trama. A guerrilha urbana foi tema de outros dois romances, cujos autores também eram jornalistas. *Em Câmara Lenta* (1977), de Renato Tapajós, foi escrito durante sua prisão (1969-1974), tornando-se ele o único escritor preso pelo conteúdo do seu livro. A riqueza de detalhes com que narra a captura e a tortura até a morte de uma jovem guerrilheira “ela” e de seu companheiro “ele”, culminando com sua morte por uma rajada de metralhadora, incomodam o leitor. Assim como em *Reflexos do Baile*, todos do grupo guerrilheiro que foram presos morreram sob intensa tortura a ponto de decapitarem Juliana e deixarem o corpo do Capitão Roberto boiando como exemplo para que todos vissem o que acontecia àqueles que se opunham à ditadura.

A outra obra que lança luz sobre a ação guerrilheira é *O que é isso, companheiro?* (1979) de Fernando Gabeira, militante do MR-8 e que esteve diretamente envolvido no sequestro do embaixador norte-americano. Quando lançado, teve grande sucesso de público, assim como o filme baseado na obra e dirigido por Bruno Barreto em 1997. Da mesma forma que Callado, Fernando Gabeira mostra que a resistência armada estava cada vez mais acuada pelos militares e, embora ações ousadas como os sequestros tivessem dado certo, a situação ficava cada vez mais perigosa. A grande contribuição da obra de Gabeira é sua capacidade de lançar luz ao debate sob a ótica de ex-guerrilheiro que estava no exílio, trazendo questões sobre a própria ação da esquerda armada. Franco¹⁸⁰ considerou *Reflexos do Baile* como o

¹⁷⁹ Sobre a trajetória de Marighella, consultar:

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012. Em entrevista recente ao programa “Conversa com Bial” (11/07/2017), o ator e diretor Wagner Moura, declarou que está dirigindo o filme sobre a vida de Marighella, baseado na referida obra de Mário Magalhães. O que também remete a atualidade sobre o debate da luta armada no Brasil. Cf. WAGNER MOURA no “Conversa com Bial”. **Newsvidade**, Canal do YouTube, publicado em: 12 jul 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-lqufxvTgg>. Acesso em: 12 jul. 2017.

¹⁸⁰ Renato Franco faz uma leitura atenta dos romances da década de 1970 e inclui outros que foram lançados próximos a *Reflexos do Baile* como, entre eles: *Zero* (1975) de Ignácio de Loyolla Brandão, *A Festa* (1976) de Ivan Ângelo, *Quatro-Olhos* (1976) de Renato Pompeu, *Armadilha para Lamartine* (1976) de Carlos &

romance da repressão, enquanto *Em Câmara Lenta* é autobiográfico e *O que é isso, companheiro?* é depoimento, mas todas são obras do memorialismo político. E, em comum, objetivam dar uma resposta à conjuntura política, lançando diferentes olhares sobre a luta armada e as atrocidades da prisão.

Diante de uma política altamente repressiva, que praticou a censura indiscriminada aos meios de comunicação, a ficção assume um papel crucial, seja como literatura memorialística, seja de denúncia. Mas, sobretudo, o que está sendo posto em questão é: como essa ficção responde ao debate estabelecido? Na obra de Callado, esse enfrentamento está posto tanto na forma, quanto no conteúdo.

2.3.1 A INTENSIFICAÇÃO DA CENSURA E A FRAGMENTAÇÃO DA ESCRITA

Durante o regime militar, houve duas censuras: uma era legalizada, praticada pelo censor e existia desde 1945, sendo seu alvo os autores, diretores e artistas do cinema, do teatro, da música, da literatura e das artes plásticas; a outra, a censura da imprensa, “[...] praticada de maneira acobertada, através de bilhetinhos ou telefonemas que as redações recebiam”.¹⁸¹ Houve distinção entre as formas de censura e sua intensidade, no final da década de 1960 e início de 1970, sendo o auge da repressão marcado pela tortura, prisões, assassinatos, perseguições políticas, entre outros atos arbitrários, enquanto, no final de 1970, intensificou-se a censura de diversões públicas. Essa década foi também marcada pelas mudanças comportamentais, como a liberdade sexual, movimento hippie e o crescimento da indústria cultural, que também influenciou as manifestações culturais.

A literatura de Callado se insere nesse debate, a partir de uma narrativa alegórica, fragmentada, cuidadosamente elaborada e complexa, que exigiu mais atenção do leitor e afastou a obra de um público mais amplo. Nesse entendimento, Franco observou que os romances da década de 1970 não se dirigiam ao “leitor comum”, e sua feitura é resultante de uma “atitude experimental” por parte do romancista, que recorre à técnica da montagem como procedimento literário, mas sem abrir mão da cultura de resistência, incorporando elementos do jornalismo, do cinema e da televisão. A condição existencial dessas obras foi trazer a diferença real entre “o escritor, o intelectual e o povo”.

Carlos Sussekind. Cf. FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa**. São Paulo: UNESP, 1998.

¹⁸¹ FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 22-23, 2004.

A montagem enquanto método narrativo, ela alterou profundamente a tradição romanesca, pois implicou a destruição da totalidade interna da obra: em outras palavras, exigiu a extinção do princípio de autoridade do todo sobre as partes, as quais se revelam então – por particularidades próprias do novo projeto literário – autônomas e independentes. [...] A simultaneidade parece mesmo ser exigida por uma época que, como os anos 70, foi marcada tanto pela modernização como pela censura – que estimularam ‘o desaparecimento de quem sabia narrar a história inteira’. Ela torna viável o confronto de diferentes consciências, de diferentes pontos de vista ou mesmo de diferentes experiências pessoais, de modo a representar um presente instável, no qual as forças em conflito tendem a esboçar uma configuração efêmera, transitória; enfim, um presente aberto à história.¹⁸²

Enquanto *Quarup* narra linearmente, *Reflexos do Baile* e também *Bar Don Juan* adotam a fragmentação e a ironia, mergulham no universo dos personagens: policiais torturadores, guerrilheiros assaltantes de bancos e sequestradores, intelectuais, diferentes grupos de esquerda, embaixadores e inúmeros outros. Ao fazer isso, Callado, utiliza um recurso que é muito próprio do jornalismo. Estilisticamente, *Reflexos do Baile* foi considerado pelo crítico Arrigucci Jr. seu romance mais bem elaborado. Nesse sentido, Callado declarou que, “[...] através do método de apresentar os fatos por cartas e bilhetes, pretendi me distanciar como narrador e passar ao leitor o clima de perplexidade que o carioca vivia naquela época, segundo o comportamento de cada personagem”.¹⁸³ Ao recorrer à experimentação que marcou a produção artística da década de 1970, *Reflexos do Baile* foi construído a partir de uma “narrativa epistolar”¹⁸⁴ e definido pela crítica literária como “romance alegórico”, tendo sido montado por meio de cartas, bilhetes, ofícios, diários, fragmento de textos, sendo as múltiplas vozes de seus personagens narradas por códigos, as falas são interrompidas e os vazios surgem para camuflar o plano dos revolucionários. Para compreender a trama, o leitor precisa seguir as pistas a partir de três partes da obra: *A véspera* (54 capítulos), *A noite sem trevas* (44 capítulos), *O dia da Ressaca* (49 capítulos).

Esse romance, ao se afastar do “leitor comum”, também responde às indagações de *Quarup* e *Bar Don Juan*, como observou Franco:

O romance de Callado não apenas representa um avanço em relação a sua obra anterior, *Bar Don Juan*, como participa dessa tendência literária que, ao lançar mão de procedimentos narrativos originais ou oriundos das vanguardas históricas para narrar a contrapelo a história recente, logra renovar o romance entre nós e, ao mesmo tempo, conferir-lhe súbita

¹⁸² FRANCO, Renato. *Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 131.

¹⁸³ CALLADO, Ana Arruda. *Fotobiografia*. Recife: Cepe Editora, 2013, p. 263.

¹⁸⁴ Cf. EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

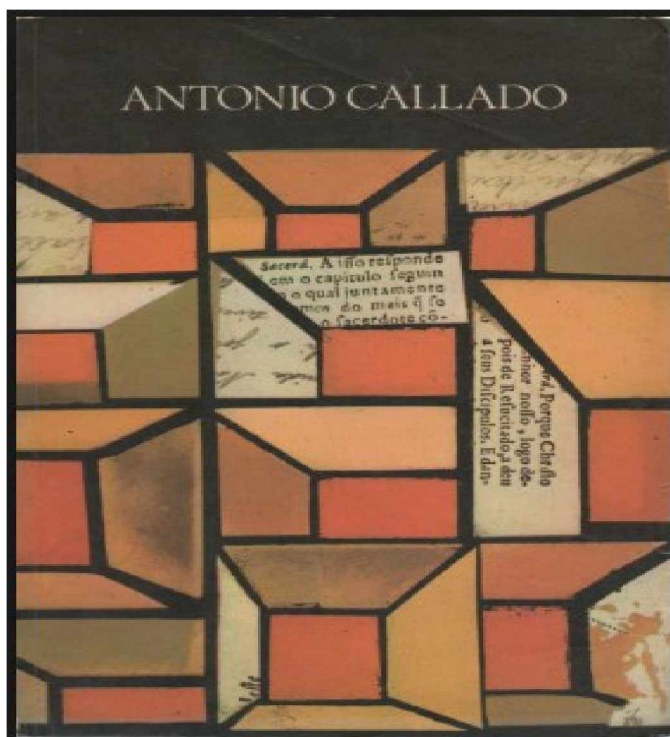
atualidade em época em que a modernização da produção cultural parece criar atmosfera que conspira contra sua mera existência.¹⁸⁵

A experimentação estética também se fez presente em outras manifestações culturais, como na música tropicalista, no Cinema Novo, principalmente no filme *Terra em Transe*, no teatro e nas artes plásticas. O exemplo pode ser encontrado na capa da primeira edição de *Reflexos do Baile*, criação de Carlos Scliar, artista plástico engajado que se tornou um leitor privilegiado da proposta literária de Callado. A capa/obra já foi objeto de análise, pois transcende a mera ilustração do livro, trazendo para o debate o horizonte compartilhado entre intelectuais engajados e suas respectivas visões. A obra de Scliar estabelece a paratextualidade – a relação do texto literário com outros textos –, nesse caso, com *Reflexos do Baile*.

Na capa, como no miolo do livro, a pluralidade fragmentada de formas, cores, matizes e pontos de vista – “os cacos do vitral” de um tempo de existências aos pedaços, aparentemente autônomos e isolados em sua constituição singular – só faz sentido porque existe uma complexa organização interna, determinando e garantindo a forma e o sentido total do mosaico de signos. Assim, as imagens da capa de Scliar espelham o conteúdo do livro, lendo, intertextualmente, e traduzindo, em verdade, num outro código mas na mesma perspectiva, as imagens que constituem os reflexos do intrincado jogo proposto por Antonio Callado.¹⁸⁶

¹⁸⁵ FRANCO, Renato. O Romance de Resistência nos Anos 70. **XXI LASA CONGRESS** 1998, Chicago, EUA, p. 4-5, 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Franco.pdf>. Acesso em: 28 out. 2013.

¹⁸⁶ CUNHA, João Manuel dos Santos. Texto-paratexto: interpretação visual de *Reflexos do baile*. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 26, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/315/289>. Acesso em: 11 nov. 2013.

FIGURA 1: capa de *Reflexos do Baile* (1976) de Carlos Scliar

Fonte: digitalização da obra impressa.

O jornalismo influenciou a nova forma de representar o “jogo enigmático” proposto por Callado. E Scliar buscou no cubismo a inspiração para a visão fragmentada do romance, assim como Callado coadunou com o universo cultural de 1970 para inovação na feitura da obra que também objetivava sair do crivo da censura. Nesse debate, Arriguicci Jr. observa que o caminho para a compreensão do mosaico na forma de alegoria irônica¹⁸⁷ construído por Callado, está no “horizonte de expectativas do livro”, que é composto por uma “rede de reflexos” que leva a “uma espécie de inferno dantesco, do medo e da violência”. Essa violência está expressa na banalização da tortura como o ofício do torturador, tanto quanto na forma trágica e cruel como os jovens guerrilheiros morrem.

2.3.2 TORTURA E MORTE: REFLEXOS DO TERROR.

Callado mergulha no universo dos torturadores, dando desfecho à trama ficcional, e por meio dos ofícios é possível acompanhar as investigações relatadas pelos policiais aos seus

¹⁸⁷ Sobre os aspectos formais do romance:

ARRIGUICCI JR., Davi. Baile das Trevas e das Águas. In: _____. **Achados e Perdidos**. São Paulo: Pólis, 1979.

superiores. As informações eram conseguidas por meio da tortura e a ordem era para “cortarem as cabeças” dos subversivos. A exacerbação dessa violência foi praticada contra a personagem Juliana a ponto de comprometer a identificação do corpo: “[...] a gente tem que pensar logo numa identificação sumária, quer dizer caixão de aço e tampa soldada, com uns arrebites para rebater”. Quando são mencionadas as denúncias da imprensa, a reação é de fazer os jornalistas calarem: “[...] a hora é do esporro, é do murro na mesa, é de encanar esses advogados e de picar reportagem pra jornalista comer. Não desenterra ela não.” (REFLEXOS DO BAILE, p. 140 e 146). Como prêmio de consolação, dois membros do grupo foram soltos para “acalmar os jornalistas”. Para além das torturas e das mortes, Callado também chama a atenção para a entrada da tecnologia nos órgãos de repressão, como o aparelho “detetor de mentira”. Quanto ao interrogatório sob tortura, Joffily entende que “foi uma das linhas mestras da repressão política. A violência dos tapas, socos e pontapés dos primeiros tempos sofisticou-se em torturas que seguiam uma ordem de intensidade crescente: palmatória, afogamento, ‘telefone’, pau de arara.”¹⁸⁸ Com olhar irônico, Callado mostra que a desarticulação da esquerda caminha na contramão da sofisticação da polícia, seja no aspecto tecnológico, seja na ação estratégica de dismantelar os planos dos guerrilheiros antes que fossem colocados em prática. Ao libertar alguns prisioneiros políticos, a ditadura estava “dando um prêmio de consolação” por pressão dos meios de comunicação. E astutamente poderia usar o fato em seu favor.

Nesse raciocínio, um exemplo foi a morte de Carlos Marighella, considerada pela ditadura e seus simpatizantes como o grande de feito da captura do inimigo número um do Estado. Já para muitos adeptos da resistência armada, sua morte foi o fim de um herói, de uma lenda. Outro exemplo de líder guerrilheiro foi o “capitão da guerrilha” Carlos Lamarca, no qual Callado inspirou-se para criar seu personagem “Capitão Roberto”. Callado tomou como modelo de guerrilheiro aquele que era a referência para os jovens, pois o fato de Lamarca ter ingressado nas forças armadas quando jovem, ter atingido o posto de capitão do exército aos vinte e nove anos e ter-se tornado um exímio atirador lhe deu preparo e vantagens que a maioria dos jovens revolucionários não tinha. Ao desertar do exército levando armas e tornar-se o comandante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), conseguiu formar o único foco da guerrilha rural que resistiu de 1972 a 1975. Encurralada na região do Araguaia e com

¹⁸⁸ JOFFILY, Mariana. O aparato repressivo: da arquitetura ao dismantelamento. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014, p. 165.

um número não muito expressivo de pessoas, a resistência foi brutalmente exterminada. Mesmo assim, a Guerrilha do Araguaia foi considerada uma das tentativas mais consistentes de resistência da esquerda revolucionária.

Em *Reflexos do Baile* o personagem que a ele corresponde, também líder do grupo revolucionário, é o Capitão Roberto, cujos codinomes são Beto, D'águas e Pompílio, tendo sido o principal articulador do sequestro do embaixador americano Jack Clay. Mesmo experiente, o Beto, “Capitão Roberto”, tem dificuldade para lidar com a inexperiência de seu grupo. Mesmo com seu conhecimento técnico e estratégico, Beto não consegue enfrentar uma polícia política cada vez mais preparada, tendo a operação que liderava comprometida pelo amadorismo:

46

Dirceu: Pô, companheiro, estou com o rabo que é uma panqueca de mostarda com molho de pimenta. A bala me rasgou a calcinha feito um caralho de fogo e me deixou aquele lanho de navalha na nádega. O pior é que bem umas duas milhas de notas florianas tivemos que jogar no lixo. Ficou tudo chamuscado do tiro e grudado de sangue aqui da Amalinha [...]. A gente não podia combinar essas bacanidades do Beto de pane de eletricidade com assalto? A idéia é gênio. Pensa bem. (*REFLEXOS DO BAILE*, p. 59.)

O comportamento de Amalinha lembra as ações da “esquerda festiva” de *Bar Don Juan*, a partir de ações inconsequentes que resultam em mortos. A ideia da guerrilheira Amalinha é completamente rejeitada por Beto, que percebe o perigo de colocar toda a ação do sequestro em risco.

49

Vitor: Eu não podia estar mais de acordo com Dirceu. Reforço, grifo e sublinho o *não*. Me convocaram até para discutir roubos banais ocorridos durante uma de nossas panes de teste. O mais tênue dos nexos que se estabelecesse entre um assalto a banco ou um sequestro e um desligamento me poria perfilado entre um muro branco e a boca de fuzis. A resposta é *não*. [...] (*REFLEXOS DO BAILE*, p. 61.)

A visão de Beto (Capitão Pompílio) é mais crítica, por isso discorda de ações inconsequentes que poderiam terminar com seu “fuzilamento” e o extermínio do grupo. Ele tem pressa para fazer a revolução e colocar em prática o plano malogrado de cem anos atrás. Callado traz para o plano ficcional a mesma ideia de diferentes *Brasis* como o do camponês nordestino que luta pela sobrevivência e o do “senhor do engenho” atrelado às elites políticas. Em *Reflexos do Baile* a intenção do grupo guerrilheiro ao invadir o baile, é também fazer parte da festa, ou seja, “valsar com a Pátria”, já que o povo estava sempre excluído: “[...]”

desta vez o povo, que não suja prato porque não tem o que comer, vai ser convidado a quebrar e não lavar a louça. Comeremos com a mão. Combateremos no escuro”. (*REFLEXOS DO BAILE*, p. 31.) O escuro se refere ao apagão e também à metáfora dos tempos sombrios da ditadura; já as referências à água sugerem a renovação e a própria história.

As influências das reportagens *Tempo de Arraes* e *Vietnã do Norte* estão presentes nessa construção. Se do ponto de vista estilístico o romance se renovou, sob a perspectiva histórica apresenta a desilusão ensejada em *Quarup* e explicitada em *Bar Don Juan*. Lembremo-nos de que Callado esteve no *Vietnã do Norte* em 1969, o que influenciou sua concepção sobre revolução e resistência. Diferentemente dos que consideravam a experiência do *Vietnã do Norte* como ideal a seguir, Callado não via em nossa realidade prática condições para tal feito. Entre ser preparado para lutar por uma causa e simplesmente se jogar nela havia uma grande diferença, cujo preço foi a vida de muitos jovens. Por outro lado, a Ditadura se fortalecia a cada ação guerrilheira, pois o seu papel era “manter a ordem” e livrar a sociedade da nocividade dos “inimigos da pátria”. Mesmo que esses inimigos estivessem entre a elite do país.

No plano ficcional, o exemplo é da bela Juliana, personagem-chave na arquitetura dos sequestros, “amásia” de Beto e filha de Rufino, um embaixador brasileiro aposentado, fascinado pela antiga aristocracia e pelo império e que, por isso, não consegue ver o que acontece à sua volta, nem a própria filha. Juliana circula entre o grupo dos embaixadores e das relações de poder, em um universo de luxo e riqueza cercado de “privilégios”. As embaixadas são tratadas por Callado como um ambiente fechado, alienado dos acontecimentos à sua volta, preferindo “lavar as mãos” face às arbitrariedades da ditadura militar, como fizeram Carvalhes, embaixador português e Father Collins, americano, que se tornaram informantes do(a) governo/polícia política. As embaixadas também compõem a paisagem brasileira composta de árvores, de carros e de “gente com fome”. Assim Callado retoma dois temas recorrentes em sua ficção, os excluídos e a visão do estrangeiro sobre o Brasil.

Esse jogo de conspiração e arquitetura de sequestros, o próprio Callado declarou ser um momento “surreal” na história o Rio de Janeiro em plena ditadura. Para aproximar sua ficção do universo da polícia política e dos guerrilheiros, o romance mergulha na rotina das ações investigativas da política. Uma polícia que estava sempre um passo à frente dos movimentos de esquerda.

29

Chefe: [...] o Serviço de Segurança não foi “surpreendido pela criminoso pane geral de luz e força ontem ocorrida”. Muito pelo contrário, foi o Serviço de Segurança que planejou a pane geral, digo mal, pressentiu, e pressentindo permitiu e facilitou o risco calculado do ensaio de sabotagem que ocorreu quando eles não queriam. [...] Não sei se me explico, mas o jeito de não haver a pane foi exatamente consentir que a pane houvesse. [...] o chefe reluta mas pode aceitar como um turismo, digo truísmo, que não se trata de endeusar ninguém como um dos nossos fez com o Antônio Conselheiro porque desta vez o Conselheiro propriamente dito é um dos nossos, o Capitão Roberto, Chefe, aquele mesmo, da sua estima, serpente em nosso seio. Aguardo instruções. (*REFLEXOS DO BAILE*, p. 103.)

O Serviço de Segurança estava monitorando as ações da esquerda e conseguiu desarticular o plano, identificando o líder dos revolucionários dentro da própria polícia, o que significou sua sentença de morte. Não só para o líder e “traidor” Capitão Roberto, mas praticamente para todos os que foram presos. Nesse ponto da narrativa Callado faz uma espécie de denúncia da violência que parecia sem limites, tendo a repressão atingido altos níveis enquanto a censura impossibilitava que os acontecimentos viessem a público, pois a imprensa era controlada e vigiada.

As consequências da ação subversiva do grupo guerrilheiro terão, em *Reflexos do Baile*, a tortura e a morte como desfecho, o que se aproxima do final de *Câmara Lenta*, em que os personagens “ela” e “ele” têm o mesmo fim trágico. Entretanto, Callado também chama atenção para os que assistem sem fazer nada, a exemplo da esposa do embaixador inglês, cuja carta (traduzida) para uma amiga faz alusão aos acontecimentos, às arbitrariedades do governo e à “revolução” como algo que não sabe bem o que é e que prefere não saber.

4

Dear Penélope: I'm absolutely in the doldrums. I suppose you've better destroy my letters. Henry is Haunted by the idea that anything one says nowadays somehow gets broadcast by the BBC or that anything you write down will find its way to The Observer if not God forbid to The News of the World. [...] Well, the news is that that girl Juliana is dead, savagely murdered apparently by the Police or the Government, you can never ascertain anything in this country. Oh, Penny, I have an awful feeling one is treading on some tender thing which is trying to be born here, crushing and maiming it for life: there's this quivering dark ground we hardly care to look at and where we walk with our heavy shoes on. Please destroy this latter. The girl is dead. The Queen is gone. I can keep my mouth shut now.

TRADUÇÃO:

Querida Penélope: Estou na maior fossa. Acho que é melhor você rasgar minhas cartas. Henry vive apavorado com a idéia de que tudo que a gente diz hoje em dia de um jeito ou de outro acaba irradiando pela BBC e de que tudo

que se escreve vai para no *Observer* ou Deus nos livre no *News of the World*. [...] Bom, a novidade é que a moça Juliana morreu, brutalmente assassinada pela Polícia, ou pelo Governo, nunca se consegue apurar nada neste país. Ah, Penny, tenho a sensação esquisita de que estamos triturando alguma coisa frágil que tenta nascer aqui, esmigalhando, aleijando para sempre não sei o quê. Há este chão escuro e trêmulo que mal olhamos e no qual pisamos com sólidos sapatos. Rasgue a carta por favor. A moça morreu. A rainha foi embora. Já posso ficar de bico calado. (*REFLEXOS DO BAILE*, p. 128-129. Destaque nosso)

Nessa cena, sob o olhar de uma estrangeira, está anunciada a morte da resistência e de um projeto que tentava nascer. Assim como, no plano histórico, a morte de Marighela e Lamarca marcou o fim da resistência armada. E a forte instrumentalização da polícia, que já não se preocupava em exhibir seus feitos, pois a imprensa estava controlada. Nesse cenário “surreal”, Callado representou muito bem como parcela da sociedade preferia não se “envolver” no que estava acontecendo por meio do personagem Rufino (embaixador aposentado), que não conseguiu enxergar sua filha Juliana como uma revolucionária, bem como não via o Brasil ditatorial no qual a população vivia. Sua recusa é também uma forma de mostrar sua escolha pela “civilização”. Analisando esse personagem, Arrigucci Jr. recorre a Roberto Schwarz para observar que Rufino representa as “ideias fora do lugar”.

A ideia do Brasil como um país bárbaro (Caliban) e incivilizado também é expressa pelo colonizador (Próspero), o embaixador português Carvalhes e informante da polícia:

Avisa pessoalmente ao senhor ministro que estou convocando de volta a mim meus dispersos espíritos vitais para retornar sexta-feira a Lisboa, com ou sem permissão, pois descobrimos mas não civilizamos os canibais que não conhecem, como dizem os italianos, o *Galeto*, e jamais abriram o *Cortigiano*, em cujas páginas, ai de mim, há séculos Castiglione avisa que um cavalheiro não deve meter-se em jogos ou justas com rústicos, a menos que tenha absoluta certeza de ganhar. (*REFLEXOS DO BAILE*, p. 147.)

Após fazer o jogo do informante delator, cercando Juliana e se rendendo à sua beleza, Carvalhes não estava preparado para o desfecho brutal, resultado de ação dos órgãos de repressão. Escreve aos seus pares que os portugueses “descobriram”, mas “não civilizaram” o Brasil, um país de canibais e pessoas rústicas, que não sabiam jogar como “cavalheiros”. O embaixador americano Jack Clay, após seu sequestro, também fica perturbado e, como forma de vingança, mata todos os beija-flores que criava, mandando empalhá-los para os levar consigo, pois está deixando o Brasil. Sir Jack levará também o cuidador dos beija-flores, o capixaba que, na verdade, é seu amante. Assim, a estada de Jack no Brasil também poderá resultar em um *Best Seller* sobre o episódio.

Nesse desfecho, Callado coloca a literatura como um instrumento possível para divulgação dos fatos, obviamente da perspectiva de cada escritor, que dará o tom de acordo com suas convicções políticas. No seu caso, *Quarup* apresentou a busca por uma alternativa diante do autoritarismo estatal, apontando para as incertezas da luta armada e *Reflexos do Baile* confirmou a derrota da esquerda, sobretudo o horror da tortura e dos crimes cometidos pela ditadura. Nesse entendimento, ao mesmo tempo em os romances debatem com a conjuntura política, também dialogam entre si, como em *Bar Don Juan*, que aponta as fragilidades da “esquerda festiva” apontando para uma “ferida aberta”, e em *Sempreviva*, que traz as expectativas sobre a anistia e aguarda com desilusão a ideia de um processo de transição democrática. Pensando nesse debate amplo, que as próprias obras propõem, o capítulo a seguir objetiva entrelaçar, seguindo a proposta inicial, a experiência jornalística de Callado e o horizonte de expectativas de seus romances.

CAPÍTULO III

AS IMAGENS DO DESPREPARO E DA DESILUSÃO

Ninguém tinha gasolina, fósforo,
isqueiro. Pode-se fazer ficção de
quase tudo, mas inventar uma
revolução é impossível.

Bar Don Juan

[...] em lugar de lutar preferia que se
apagasse a chama da luta, feito um
cigarro que o torturador extinguisse,
chiando, no peito dele, Quinho.

Sempreviva

COMO UM “JOGO” de prognósticos, *Bar Don Juan* (1971)¹⁸⁹ traz o debate sobre o despreparo da “esquerda festiva”, sobre a autocritica do intelectual e a iminente derrota da luta armada. Também nesse diálogo com a conjuntura histórica, *Sempreviva* (1981)¹⁹⁰ retoma as discussões dos três romances anteriores confrontando as expectativas de *Quarup* (1967) de que a guerrilha poderia ser uma alternativa possível, confirmando a crítica de *Bar Don Juan* (1971) sobre o despreparo da esquerda e sua inevitável derrota no campo da luta armada, que, somada à violenta repressão e às torturas, resultará na trama de *Reflexos do Baile* (1976). Com *Sempreviva* Callado avançou até o início da década de 1980, foi o “último fôlego” de um romance político em meio às publicações autobiográficas que já discutiam o tema da memória dos exilados, presos e mortos políticos. Haja vista que o tema central carrega as marcas da resignação e do fracasso que move a vingança solitária de um exilado político contra os ex-torturadores do regime militar.

Nesse entendimento, os romances políticos de Callado, estabelecem elos entre presente/passado e presente/futuro ao retomar discussões sobre os caminhos seguidos pela resistência armada e apresentar sua ruína como resultado final. Ao mesmo tempo, no percurso de dez anos que separam *Bar Don Juan* (1971) e *Sempreviva* (1981), sua ficção realizou o balanço das experiências, trazendo a impossibilidade da luta e dos projetos das esquerdas, que estavam despreparadas para resistir no terreno da Ditadura Militar. Restava à ficção lançar as

¹⁸⁹ *Bar Don Juan* foi publicado em 1971 e o tempo ficcional de sua trama é o período de 1966 a 1967. Está estruturado em 3 partes e 12 capítulos sem título, cada parte agregando um núcleo de personagens que, mesmo de forma fragmentada, se unem em torno da “organização” de um grupo guerrilheiro. A narrativa foi construída em torno do grupo que organizava a guerrilha no Mato Grosso, liderado por João (professor e escritor), casado com Laurinha. Os demais membros são: Amâncio Pereira/Mansinho (jornalista e cronista), Murta (cineasta do Cinema Novo), Mariana, esposa de Gil (escritor) e amante de Mansinho, Aniceto (ex-pistoleiro Alagoano), Joelmir (ex-sargento do exército e guerrilheiro da Serra do Caparaó) e Geraldino (ex-padre). Outros personagens surgem na trama, mas sempre relacionados ao grupo ou aos seus interesses, como João Batista (estudante), Karin, uma jornalista sueca e uma das namoradas de Mansinho, os guerrilheiros cubanos e o próprio Ernesto Che Guevara (único personagem real), bem como a família de Mansinho, cujo irmão, o jovem estudante Jacinto, se engajará na luta contra a ditadura.

¹⁹⁰ *Sempreviva* está estruturado em 52 capítulos, distribuídos em três partes: *Regresso à chácara materna*, *O dia da caça* e *A deusa arrumadeira*. Foi publicado em 1981, mas sua escrita se deu no período de 1979 e 1980. Em 1982 recebeu o prêmio do Instituto Goethe do Brasil como melhor livro de escritor brasileiro no período de quatro anos. *Sempreviva* tem como fio condutor a história do ex-guerrilheiro e exilado político Quinho, que desenvolve uma ação individual e solitária para conseguir se infiltrar entre os ex-policiais torturadores do regime militar. Quinho volta disfarçado de Vasco Soares Lanceiro, um “membro” da *Wildlife Foundation*, sociedade internacional de proteção à vida selvagem, com sede na Suíça. Com esse álibi, o personagem está encarregado de realizar uma reportagem sobre as fazendas do Pantanal, o que inclui a *La Pantanera*, do onceiro Antero Varjão/Claudemiro Marques (inspirado no delegado Sérgio Paranhos Fleury). A partir desse fio condutor, a trama se desenvolve em torno de dois grupos: “a esquerda”, composta por comerciantes (comunistas e contrabandistas de uísque escocês e cigarros americanos) e os fazendeiros caçadores (ex-policiais/torturadores e contrabandistas, principalmente de coca vinda da Bolívia).

expectativas para que a própria história “passasse a limpo” os crimes e o retrocesso de um Estado arbitrário.

Para a construção desse repertório ficcional as experiências jornalísticas de Callado continuaram sendo sua referência, visto que, no início da década de 1970, ele já havia acompanhado a frustrada Guerrilha do Caparaó (1966-1967) e, concomitantemente, realizava seu processo de autocritica em relação à resistência armada, que já aparece de forma sutil em *Quarup* (1967) e mais explícita no conto *O Homem Cordial* (1967). Essa autocritica também o motivou a ir em 1969 para o *Vietnã do Norte* e escrever a série de reportagens que apresentam a reflexão sobre o sentido da revolução, sobre o que é ser um guerrilheiro e a função do próprio intelectual e do romance político. Nesse movimento, as obras da década de 1970 e início de 1980 questionam o ideal revolucionário de 1960 e as bases sobre as quais as esquerdas alicerçaram seus projetos. Mostram o descompasso entre a articulação e preparo da Polícia Política e o despreparo da “esquerda festiva” e também o descompasso entre o fim dos projetos coletivos e a volta dos exilados com a anistia política.

Diante disso, alguns questionamentos se apresentam como possibilidades de análise, dentre eles: qual a singularidade da crítica de *Bar Don Juan*, uma vez que Callado antecipa um debate que incomodará tanto a esquerda quanto a direita? Como *Sempreviva* retoma o tema da luta e da derrota e avança na discussão que desaguará na década de 1980, lançando em seu horizonte de expectativas questionamentos sobre qual democracia estava por vir?

3.1 ROMANCES DA AUTOCRÍTICA E DA IRONIA: *BAR DON JUAN* E *SEMPREVIVA*

Bar Don Juan consegue reunir elementos marcantes da literatura da década de 1970, como fragmentação e jornalismo, alegoria e ironia, autocritica e experimentação estética, o papel do intelectual e a resistência armada. Esses elementos foram aprofundados em *Reflexos do Baile* e se tornaram o ponto de maior debate nas análises sobre os romances políticos do período. Nesse sentido, a crítica especializada concebeu a fragmentação e a alegoria como resultantes da experimentação estética e da própria conjuntura histórica, na qual o intelectual também precisava driblar a censura, ao mesmo tempo em que reavaliava, de forma autocritica, as alternativas e erros cometidos pela resistência no pós 1964.

No entendimento de Chiappini, “[...] a fragmentação do romance tem a ver, portanto, com a dificuldade de construir uma visão de mundo coerente”.¹⁹¹ Mas, para alguns críticos, essa “experimentação” na escrita, que contrapunha fragmentação *versus* linearidade, foi considerada uma influência direta do jornalismo sobre a criação literária, técnica criticada por tornar-se “um problema” para a ficção que buscava aproximar-se da “realidade”, ou seja, das questões sociais.¹⁹²

No que tange à alegoria e à técnica jornalística em *Reflexos do Baile e Bar Don Juan*, Arrigucci Jr. afirmou:

Concordo que haja condições sociais favorecendo uma alegoria generalizada. Certamente poderíamos explorar também a questão da alegoria na tradição literária, mais a fundo. A tendência à alegoria mostra que não é apenas a repressão da linguagem que num determinado momento obriga a falar através de metáforas continuadas – e daí a alegoria. Mas há uma coisa mais grave, mais profunda, e é o problema de que é muito difícil se ter a visão da totalidade, a visão da abrangência. A alegoria é a forma alusiva do fragmentário. Este é o ponto.¹⁹³

Nesse ponto se insere a discussão que ultrapassa a experimentação de novas técnicas na escrita do romance, pois ela também se fez presente na linguagem fílmica, na cena teatral, nos arranjos musicais, nas artes plásticas, enfim, nas manifestações artísticas do período. Sobre a alegoria no Cinema Novo, Ramos compartilha da visão de Arrigucci Jr., ao alertar que “[...] não parece correto [...] afirmar que esta forma de composição foi mobilizada *simplesmente* em virtude de sérios impedimentos à liberdade de expressão”.¹⁹⁴ Tal argumentação leva em consideração o fato de o cinema novo ter optado pela comunicação

¹⁹¹ CHIAPPINI, Lígia. Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Lígia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 170.

¹⁹² Em análise sobre o binômio arte e política e o compromisso da arte com a questão social, Rosângela Patriota exemplifica como se materializaram em trabalhos de importantes dramaturgos como Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho, Fernando Peixoto, Celso Franteschi: “Sob este prisma, a identificação de uma dramaturgia e/ou de uma cena teatral comprometidas com a questão social, em geral passava por temáticas relações entre opressores e oprimidos, denúncias ao arbítrio e falta de liberdade, exposição de péssimas condições de vida e de trabalho. Nessas circunstâncias, embora vários desses trabalhos fossem resultados de pesquisas de linguagens cênicas e diversidade narrativa, o que, efetivamente, os qualificou foi a capacidade de construir identidades entre questões sociais e realizações artísticas”. PATRIOTA, Rosângela. A Cena Teatral como Trânsito entre a História Cultural e a História Social: processos de construção de subjetividades artísticas. In: RAMOS, Alcides; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Paisagens subjetivas, paisagens sociais**. São Paulo: Hucitec, 2012, p. 263.

¹⁹³ ARRIGUCCI JR., Davi. Baile das Trevas e das Águas. In: _____. **Achados e Perdidos**. São Paulo: Pólis, 1979, p. 94.

¹⁹⁴ RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 131.

alegórica antes do AI-5, como forma de dialogar com problemas complexos, que não se resumiam unicamente aos problemas de um cotidiano imediato.

Nesse diálogo, Rosângela Patriota amplia a discussão ao tratar a ideia tropicalista como um movimento no campo teatral que emergiu como forma de questionar uma determinada prática política cultural a partir da incorporação de novas linguagens e novos conteúdos, com destaque ao filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, à encenação de *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, pelo *Grupo Oficina*, à instalação *Tropicália*, de Hélio Oiticica e às músicas *Alegria, alegria*, de Caetano Veloso, e *Domingo no parque*, de Gilberto Gil. Sob a perspectiva política, o movimento se apresentou como a opção para os que não se adequaram à resistência democrática, nem à luta armada, ou seja, “[...] no campo estético e cultural, o que não correspondia às expectativas do PCB passou a ser denominado tropicalista ou irracionalista”.¹⁹⁵ O que todas essas obras têm em comum vem ao encontro da ideia inicial, que se apresentou no romance na forma da fragmentação, da alegoria, da autocrítica e da ironia.

Como exemplo disso, *Bar Don Juan* enfrentou o debate de forma singular, pois Callado realizou sua crítica e autocrítica rapidamente, iniciando com as obras de 1967 os questionamentos que se aprofundam em *Bar Don Juan*. Para tanto, o romance traz esses elementos não só no conteúdo, mas também na forma (capa, contracapa e orelhas), como um material de apoio “preparando o leitor”, antes de “enfrentar” a trama romanesca. Na “orelha”, a crítica intitulada *Festiva, Ma Non Troppo*, assinada pela Editora Civilização Brasileira, direciona para uma “certa explicação” sobre as condições históricas no momento da escrita:

Caberá aos historiadores, aos cientistas sociais, a análise objetiva, não emocional, desses fenômenos, mas só o poderão fazer, no entanto, quando a perspectiva do tempo lhes permitir o indispensável distanciamento crítico, o estudo sereno de causas e efeitos, de contradições internas e de motivações nem sempre aparentes no momento em que o processo se desenvolve.¹⁹⁶

¹⁹⁵ PATRIOTA, Rosângela. A cena tropicalista no Teatro Oficina de São Paulo. **História**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 154, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a06.pdf>. Acesso em: nov. 2013.

Cf. BARBOSA, Kátia Eliane. **Teatro Oficina e a encenação de O Rei da Vela (1967): uma representação do Brasil da década de 1960 à luz da antropofagia**. 2004. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

¹⁹⁶ EDITORA CIVILIZAÇÃO Brasileira. *Festiva, Ma Non Troppo*. In: CALLADO, Antônio. **Bar Don Juan**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, orelha do livro.

Escrever no calor dos acontecimentos é a questão colocada, assim como o papel exercido pelo escritor de ficção naquela conjuntura, no caso específico de Antonio Callado, foi traduzido como “sentir” e “refletir” sobre os fenômenos sociais:

Seja qual for sua posição pessoal diante do quadro político, o escritor de ficção é sempre um filtro, um termômetro, um sensímetro, um aparelho, em suma, que *sente* a presença de fenômenos sociais e *reflete* as reações subjetivas que produzem nos seres humanos – personagens ou expectadores – a eles expostos.¹⁹⁷

Após apresentada a conjuntura de produção do romance, o papel do escritor e da obra de ficção nesse contexto, o próximo ponto foi discutir o posicionamento de Callado como um intelectual de seu tempo. Ou seja, a linha de raciocínio apresentada sugere que a crítica polêmica em torno do romance já estava sendo esperada, haja vista a forma como o papel do romancista está colocado:

Ao escritor de ficção, pois, não interessa sugerir caminhos, analisar tendências, estabelecer programas e métodos políticos em sua obra literária. É o observador apaixonado, o homem que se realiza ética e socialmente com a apresentação dos primeiros *flashes*, das reportagens feitas na linha de frente, durante o próprio combate, onde o perigo de ser atingido é infinitamente maior do que em momentos de paz, na calmaria dos gabinetes e bibliotecas.¹⁹⁸

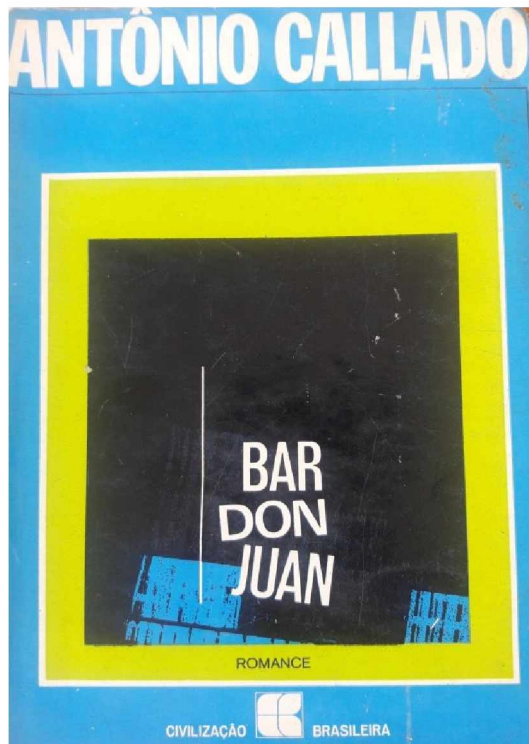
Nessa comparação, aparece o intelectual/escritor e o jornalista que esteve na “linha de frente” para fazer suas reportagens, portanto o conteúdo da obra não é um juízo de valor, uma receita de caminhos e métodos, mas fruto de uma observação atenta e direta, que resultou em um “quadro escuro” de tempos nebulosos. Esse quadro é apresentado de forma intertextual na capa¹⁹⁹ de *Bar Don Juan*, que reproduz fielmente a imagem de um quadro com fundo escuro, ou seja, como o horizonte de expectativas (presente/futuro) se apresenta na obra.

¹⁹⁷ EDITORA CIVILIZAÇÃO Brasileira. Festiva, Ma Non Troppo. In: CALLADO, Antônio. **Bar Don Juan**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, orelha do livro.

¹⁹⁸ Ibid.

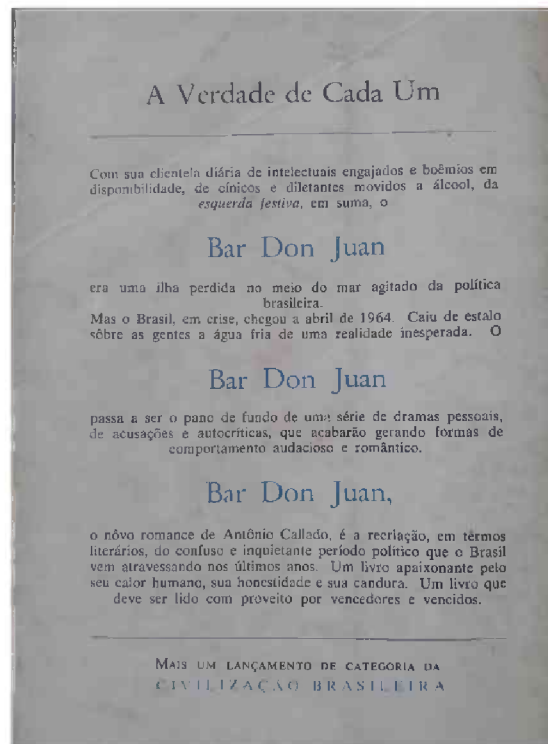
¹⁹⁹ A capa de *Bar Don Juan* foi criação do artista Dounê Rezende Spíndola, que, entre outras atividades, desenhou inúmeras capas para a Editora Civilização Brasileira, criou charges para o *Pasquim*, cartum para o *Jornal do Brasil* e colaborou em outros periódicos relevantes.

FIGURA 2 – Capa do romance *Bar Don Juan*, criação de Dounê Rezende Spíndola (1971)



Fonte: reprodução da obra impressa.

FIGURA 3 – Contracapa do romance *Bar Don Juan*



Fonte: reprodução da obra impressa.

O resumo da obra na contracapa também é uma preparação para a leitura, assim como o romance apresenta uma escrita fragmentada, trazendo a mensagem sobre o que esperar da obra. Primeiro apresentando o *Bar Don Juan* como um espaço de encontro de boêmios engajados, ou seja, da “esquerda festiva”, em seguida a ideia é de um grupo que vivia em uma “ilha perdida”, envolta por um cenário político agitado até 1964, quando esse mesmo *Bar Don Juan* passa a ser o cenário “de dramas pessoais, de acusações e autocríticas”. E, por fim, a informação de que o romance é a “recriação” do inquietante e confuso período político, por isso o livro “deve ser lido com proveito por vencedores e vencidos”.

Tomando como referência o conteúdo do romance, cabe a reflexão sobre quem são os vencedores e os vencidos em 1971, visto que nem as esquerdas (a democrática e a resistência armada) nem a Ditadura Militar haviam assumido a derrota. Mesmo *Bar Don Juan* anunciando o fracasso da luta armada, somente com o fim da Guerrilha do Araguaia, em 1972, é que se tomou a derrota da esquerda como um fato. Diante dessas forças opostas, a “leitura indicada” não ocorreu, pois, quando lançado em 1971, *Bar Don Juan* despertou várias

críticas: de um lado, os censores da Ditadura Militar criticaram seu conteúdo e, do outro, a esquerda também ficou incomodada pela forma como a obra tratou o fracasso do projeto guerrilheiro e o despreparo da “esquerda festiva”.

Nesse polêmico cenário, exemplares do romance foram apreendidos pelo governo militar em 1972, sob a alegação de ser subversivo e ofender “a moral e os bons costumes”. Antônio Callado recorreu e ganhou o direito de publicar novas edições. O ocorrido foi noticiado em alguns jornais, como o Estado de São Paulo: “[...] há vários meses, a segunda edição romance *Bar Don Juan*, de Antonio Callado, foi apreendida pela polícia federal do Rio, sob alegação de que a obra continha ‘propósito subversivo’”.²⁰⁰ A juíza que deu o parecer sobre o caso declarou que o romance “não era ilegal”, mas era “imoral”.²⁰¹ A mesma obra considerada subversiva pela Ditadura Militar também rendeu severas críticas por parte da esquerda. A esse respeito, Callado mencionou em entrevista a Holanda: “Em ‘*Bar Don Juan*’ – realmente eu andei levando porrada por aí, exatamente porque eu estava tratando aquilo de uma maneira...”.²⁰² A “maneira” à qual ele se refere pode ser exemplificada com base no estudo de Franco, que menciona ter o escritor Ivan Ângelo, ao ler *Bar Don Juan*, se sentido incomodado com a crítica à esquerda armada. A partir disso, esse último teve alguns encontros com Fernando Gabeira, por volta de 1974:

Ambos mostraram-se descontentes com *Bar Don Juan* por acharem que o autor não elaborou, de modo consequente, o material histórico, ao contrário, ele teria realçado, de modo superficial, a irresponsabilidade daqueles que se envolveram com a guerrilha. Dada à visão negativa que ambos construíram sobre o romance, decidiram que era necessário retomar o assunto e escrever novas obras sobre as lutas do período.²⁰³

Como desdobramento dessas diferentes concepções sobre a esquerda armada, Ângelo e Gabeira criaram suas obras ficcionais: *A Festa* (1976) e *O que é isso, companheiro?* (1979). Esse dado apresentado por Franco nos leva ao seguinte questionamento: o despreparo para análise de *Bar Don Juan* por parte dos intelectuais de esquerda ocorreu porque em 1971 ainda não tinham feito a autocrítica sobre a resistência armada? Nesse raciocínio torna-se relevante observar que a obra de Gabeira também é lida como a crítica e a autocrítica sobre a luta

²⁰⁰ CALLADO INTERPÕE recurso ao TRF. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 07, 19 abr. 1972.

²⁰¹ JUÍZA ENTENDE que o “*Bar Don Juan*” não ofende bons costumes. **O Globo**, p. 11, 10 fev. 1972.

²⁰² HOLANDA, Heloisa Buarque. Antônio Callado, profissão escritor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1981.

²⁰³ FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-65: *A Festa***. São Paulo: UNESP, 1998, p. 87.

armada, mas foi escrita após o reconhecimento da derrota por parte da esquerda. Conforme pontuou Ramos, “Embora mantenha algumas de suas convicções políticas, o militante (no livro), no momento da autocrítica, revê sua trajetória com distanciamento e ironia”.²⁰⁴ O que pode ser observado é que nesses romances, além de todos serem jornalistas, os caminhos escolhidos levam à reflexão sobre a resistência armada, respondem a *Bar Don Juan* e dialogam mais de perto com *Reflexos do Baile*. Ou seja, a recepção estava orientada pelo fato de Callado estar antecipando o debate sobre o iminente fracasso da luta armada.

3.1.1 O “ROMANCE MENOR” E O “ROMANCE DA MATURIDADE”

Bar Don Juan e *Sempreviva* não receberam “leituras consagradoras”, como ocorreu com *Quarup* e *Reflexos do Baile*. A partir de trabalhos acadêmicos é que foram abordados em análises que, na maioria das vezes, os incorporam ao conjunto da narrativa política de Callado, sendo poucos os estudos que se aprofundam em sua trama. Contraditoriamente, o lançamento de *Bar Don Juan* foi palco de um acalorado debate e polêmicas que colocaram em questionamento o “olhar irresponsável” de Callado sobre o movimento de resistência armada. Em meio ao processo de autocrítica dos próprios intelectuais, o romance toca em temas delicados, que ainda estavam sendo “digeridos”, o que reafirma a discussão anterior sobre o lugar social da crítica que conferiu a *Bar Don Juan* (1971) a condição de “um romance menor” do ponto de vista estilístico e temático, haja vista que está situado entre: *Quarup* (1967), “o grande romance”, e *Reflexos do Baile* (1976), “o melhor romance”.

No caso de *Bar Don Juan*, a própria circunstância de seu lançamento e as “críticas no calor da hora” possibilitam um olhar sobre o debate. Contudo, não é nosso propósito alcançar a amplitude dessa discussão, e sim compreender o lugar em que o romance “foi colocado” pelas sucessivas leituras em virtude de seu conteúdo. O escritor e jornalista Hélio Pólvora, por exemplo, mesmo reconhecendo que o romance aborda uma nova temática brasileira, em consonância com as mudanças ocorridas a partir de 1964, escreveu para o *Jornal do Brasil* questionando a intenção política de *Bar Don Juan*: “Romance político? Não creio. A ficção que leva este rótulo guarda zelosamente um compromisso básico com os fatos – ou melhor, com a versão ideológica dos fatos – que informam o universo intelectual do autor”.²⁰⁵

²⁰⁴ RAMOS, Alcides Freire. Ensino de História e Cinema Brasileiro na Década de 1990 (*Carlota Joaquina e O que é isso, companheiro?*). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver histórias: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011, p. 130.

²⁰⁵ PÓLVORA, Hélio. *Bar Don Juan*. **Jornal do Brasil**, p. 54, 02 jun. 1971.

Explicita sua divergência atribuindo-a à forma como Antônio Callado “fere os temas” tão caros para esquerda brasileira, como a subversão, ao mesmo tempo em que “[...] tocou num dos aspectos, os bastidores da clandestinidade, que compõem, no cenário atual, o especialíssimo drama latino-americano ferido pelos desejos de dignidade humana e legitimidade representativa”.²⁰⁶ Nesse entendimento, pode-se acrescentar que Callado não só criticou a esquerda, mas tocou em pontos estratégicos, como a subversão e a clandestinidade, ou seja, foi longe demais! Ironizou uma causa e expôs as fragilidades da resistência armada.

Ainda na ocasião do lançamento do romance, Wilson Martins, escritor, professor e crítico literário conhecido por seus embates com os intelectuais e críticos de esquerda, mesmo se intitulando “nem de esquerda, nem de direita”, publicou no jornal Estado de São Paulo a crítica *A esquerda festiva*. Inicia dizendo que *Quarup* não é um grande romance, mas um excelente romance e prossegue afirmando que, enquanto *Quarup* é o romance da Revolução, “*Bar Don Juan* é ao contrário o malôgro da Revolução”. Exemplifica através dos personagens da trama o plano ficcional e histórico, chamando a atenção, também de forma irônica, para o descontentamento que o romance causou entre “esquerdistas”.

Por fim, conclui que o romance é uma visão sarcástica e melancólica da “esquerda festiva” e que também exprime as frustrações pessoais do autor Antonio Callado, inclusive as sexuais, assim como a descrença no “processo revolucionário”. Mesmo considerado um crítico de direita pelos militantes da esquerda, Wilson Martins apontou um dado relevante sobre *Bar Don Juan*: a autocritica de Callado e a reação da esquerda, pelo fato de o romance tocar em temas delicados e que ainda estavam no calor dos acontecimentos.

Em análise comparativa entre *Quarup* e *Bar Don Juan*, o crítico Davi Arrigucci Jr. observou que o segundo é menos ambicioso, caminhou para a inevitável construção da personagem grupal e do balanço melancólico da “esquerda festiva”. No todo considera que *Bar Don Juan* decepciona, “[...] como se não encontrasse forças para particularizar suficientemente sua personagem coletiva a ponto de atingir a essência complexa do fenômeno que se propõe a contar”,²⁰⁷ contudo reconhece que as falhas não diminuem a importância da obra.

Sob esse prisma, a importância do romance está também na forma como Callado lança o olhar sobre as questões de seu tempo, temas que são compartilhados com outras obras

²⁰⁶ PÓLVORA, Hélio. Bar Don Juan. *Jornal do Brasil*, p. 54, 02 jun. 1971.

²⁰⁷ ARRIGUCCI JR., Davi. Baile das Trevas e das Águas. *Achados e Perdidos*. São Paulo: Pólis, 1979, p. 65.

e linguagens artísticas, como o papel do intelectual e a autocrítica que realiza através do personagem Gil, de *Bar Don Juan*, e Jacinto, de *O Homem Cordial* (1967). Entre as linguagens que incorporaram o debate, pode-se destacar o Cinema Novo, que, de acordo com Ramos, também enfrentou, no período de 1968 a 1972, uma conjuntura adversa, “[...] marcada pela censura imposta pelo AI-5, pelos impasses vivenciados pela esquerda brasileira (especialmente dos setores envolvidos com a luta armada) e pela reação violenta do aparelho repressivo da ditadura”.²⁰⁸ Ao analisar o filme *Os Inconfidentes* (1972), o historiador apresenta aspectos temáticos e metodológicos fundamentais para a compreensão da produção cultural do período.

Nesse debate, *Bar Don Juan* acrescentou mais um olhar crítico à discussão sobre a autocrítica e o despreparo da esquerda.

Bar Don Juan tenta narrar o início, o desenvolvimento e a morte do projeto guerrilheiro no país, visto, pelo narrador, como fadado ao fracasso não só pelo despreparo dos revolucionários mas sobretudo pela impossibilidade de se eliminar o acaso no planejamento das ações. Consequentemente, narra também o fim do engajamento revolucionário da arte e o retorno do romance às suas matérias tradicionais: o escritor Gil, personagem do livro de Callado, abandona o Rio de Janeiro para viver em Corumbá, com a dupla tarefa de preparar a revolução e, ao mesmo tempo, escrever o romance desse processo. No entanto, não faz nenhuma coisa nem outra e acaba por tentar narrar uma história de amor, de caráter autobiográfico, bem pouco incomum, mas o livro, pateticamente, míngua na mesma proporção que o escritor engorda.²⁰⁹

A análise de Franco confere a *Bar Don Juan* importância para a literatura política da década de 1970, tendo como premissa os temas com os quais Callado dialoga. Colabora para o entendimento de que a crítica relativa aos romances tem função importante, pois apresenta até certa medida o debate gerado em torno das obras e a formação de um juízo de valor quanto a sua qualidade literária. Em suma, a crítica de primeira hora, inclusive a dos intelectuais de esquerda, foi em grande parte restritiva e a crítica acadêmica consolidou esse olhar, colocando *Bar Don Juan* como um “romance menor” estilisticamente. E, mesmo a crítica acadêmica tendo se avolumado nos estudos das obras de Callado, ainda não conseguiu realizar o debate que coloque *Bar Don Juan* no mesmo registro dos outros romances, ou seja, que mergulham nos temas de seu momento.

²⁰⁸ RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 45.

²⁰⁹ FRANCO, Renato. O Romance de Resistência nos Anos 70. **XXI LASA CONGRESS** 1998, Chicago, EUA, p. 4-5, 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Franco.pdf>. Acesso em: 28 out. 2013.

Esse mesmo raciocínio também é possível na aproximação temática entre *Bar Don Juan* e *Sempreviva*. Sobre o diálogo entre essas obras, Chiappini afirmou que “[...] um elemento constante é sintoma desse fenômeno mais geral da ficção brasileira: o povo sai de cena, se constrói uma alegoria dos impasses do intelectual, como condutor da revolução falhada e como condutor da narrativa que perdeu a dimensão de totalidade”.²¹⁰ Ainda é possível acrescentar que, assim como *Bar Don Juan*, *Sempreviva* suscitou um número menor de estudos acadêmicos, mas em contrapartida recebeu uma crítica favorável em virtude dos próprios acontecimentos do início da década de 1980. Sob esse ângulo, Callado avançou e ainda conseguiu dialogar com as obras anteriores e abrir para o questionamento sobre qual seria o caminho para a esquerda com o fracasso do ideal revolucionário e as incertezas de uma abertura democrática. Callado considerou *Sempreviva* o “romance da sua maturidade”, pois estava aposentado como jornalista desde 1975 e, como ele próprio se definiu, “escritor de tempo integral”. Portanto, é compreensível sua preocupação com o público leitor e consumidor de literatura, o que também ocorreu após o lançamento de *Reflexos do Baile* e a constatação de que a obra atingia um público específico, mais intelectualizado.

Em *Sempreviva* retomou a escrita mais linear, tentando se aproximar do “leitor comum”, contudo, três anos após o lançamento, afirmou que a receptividade popular do romance não atingiu o que ele esperava. Sobre a escrita desse romance, o crítico Leandro Konder a viu como uma adequação: “[...] o resultado é que ‘Sempreviva’, com maior coesão que ‘Quarup’ e maior fluência do que ‘Reflexos do Baile’, pode ser considerado o melhor romance de Callado”.²¹¹ Ou seja, na visão do crítico, o romancista Antonio Callado conseguiu aperfeiçoar sua técnica à medida que foi se afastando do confronto direto com os temas da Ditadura, que deixou de atuar como um “ensaísta”, que passou a expor sua opinião e se ateve mais à ficção.

Esse romance conta com duas críticas importantes, pois as demais são de cunho informativo sobre o lançamento da obra, embora tragam nos títulos a mesma desilusão da obra: o Brasil “abandonado” e “inexplorado”. A primeira foi do escritor, jornalista e crítico literário de esquerda Franklin de Oliveira, intitulada “Com a mesma fúria das onças”, em que fala da experiência transformadora que a leitura de *Sempreviva* opera no leitor/receptor.

²¹⁰ CHIAPPINI, Lúgia. Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Lúgia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 232.

²¹¹ KONDER, Leandro. A vocação maior. **Veja**, p. 112, 27 maio 1981.

Sempre-Viva cai em cima da gente como uma das onças que trafegam sobre suas páginas. Mete os dentes na nossa carne – dilacera, cumprindo bem a tarefa de toda obra de arte, que é colocar de pernas pro ar os núcleos de nossa vida interna. Ninguém sai de sua leitura como entrou. O livro opera mutações interiores, promovendo uma reviravolta axiológica que atinge todas as raízes de nosso ser.²¹² [Destaque nosso]

Em síntese, *Sempreviva* incomoda, mexe em feridas abertas trazendo temas como o desaparecimento de presos políticos, corpos enterrados em valas clandestinas, o retorno do exilado que foi enxotado, mas que, ao voltar, tem que se inserir em uma sociedade que nem sempre o vê com “bons olhos”. Coloca de “pernas pro ar” ao apresentar indagações sobre o que está por vir.

A crítica mais aprofundada sobre a obra foi a de Ligia Chiappini “Sempreviva: ‘ainda um grito de vida e voltar’ de 1983, presente em “Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado”, na qual dedicou mais atenção a *Quarup* e, em seguida, a *Sempreviva*. Considera o romance um jogo de espelhos no qual o passado se espelha no presente e as personagens, umas nas outras, mas “[...] a novidade deste romance de Callado é que ele tenta sondar por dentro o lado dos torturadores. Em *Bar Don Juan* mal se esboçara essa tentativa”.²¹³ Para além das aproximações com os outros romances, Chiappini recorre ao fato de Callado ter sido jornalista e homem de teatro, fato que deixou marcas em sua ficção, como, no caso da dramaturgia, no jogo entre a “máscara e a figura”. Em *Sempreviva* Callado retoma e aprofunda caminhos já percorridos:

Conservando, portanto, muito do estilo, da urgência e do engajamento de jornalista e teatrólogo presentes nos livros anteriores, com muito de romance social, muito de romance ligado à tradição religiosa e um pouco ainda do gosto pelo regional, na verdade, *Sempreviva* aprofunda certas trilhas antes experimentadas: transfere os padres, de personagens a narrador, transformando o romance em paródia da missa. Confunde tradições e filosofias eclesiais, calcando firme a palavra na expressão do amor, levando mais longe o projeto de Gil, o escritor de *Bar Don Juan*, e explicitando-o, na medida mesma em que o corrige, para abrir a narrativa e deixar a nós, leitores, a caça ao sentido do narrado e do vivido.²¹⁴

Se Gil, o romancista de *Bar Don Juan*, desistiu de escrever obras políticas, *Sempreviva* mostra que outros temas estavam por vir, sendo preciso retomar e avançar em seu

²¹² OLIVERIA, Franklin. Com a mesma fúria das onças. *Isto É*, p. 56, 29 abr. 1981.

²¹³ CHIAPPINI, Lígia. Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Lígia. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira*: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 203.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 220.

projeto ficcional. Entre esses temas estão o do exílio e o da memória, que se tornaram recorrentes nos romances de fins de 1970 e início de 1980,²¹⁵ como no exemplo já citado de *O que é isso, companheiro?* (1979) de Fernando Gabeira, que retomou acontecimentos arbitrários sob a perspectiva da memória dos exilados, que perderam no campo da luta armada, mas que buscavam o reconhecimento e não o esquecimento. O livro e o filme tornaram-se sucesso de público e também alvo de polêmicas.

Portanto, na aproximação entre *Sempreviva* e *Bar Don Juan*, cabe indagar: por que a crítica de *Bar Don Juan* desagradou tanto parte dos intelectuais da “esquerda festiva”, quanto seus opositores políticos, os representantes do Regime Militar? Como *Sempreviva* se insere nesse debate projetando o horizonte de expectativas para as incertezas de uma democracia que está por vir? Em busca de responder a tais questionamentos, é preciso conhecer a trama e os temas de *Bar Don Juan* e *Sempreviva*.

3.2 BAR DON JUAN (1971) E A ESQUERDA FESTIVA

Bar Don Juan inicia com a epígrafe extraída da obra de W. H. Auden, que diz: “[...] quando o processo histórico se interrompe... quando a necessidade se associa ao horror e a

²¹⁵ “Alguns livros de oposição tiveram ótimos resultados comerciais, ou seja, tornaram-se, em alguns casos, verdadeiros *best-sellers*, em outros, alcançaram bom nível de vendas no quadro do mercado brasileiro, o que pode ser um bom parâmetro para atestar a repercussão do trabalho das editoras que os publicaram. Constatamos que muitos deles apareceram nas listas de livros mais vendidos, principalmente entre os anos 1978 e 1980 [...]”. MAUÉS, Flamarion. Livros, editoras e oposição à ditadura. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 93-95, jan./abr. 2014.

Flamarion Maués dividiu os livros de oposição mais vendidos no período de 1978 a 1980, em quatro grupos:

– Livros de memórias de ex-presos políticos ou ex-exilados que tiveram grande êxito a partir de 1979: o de maior destaque foi *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira (1979). A seguir, *O crepúsculo do macho*, do mesmo Gabeira (1980); *Memórias, 1a. parte*, de Gregório Bezerra (1979); *Querida família*, de Flávia Schilling (1979); *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*, de Alfredo Sirkis (1980); e *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*, de Frei Betto (1982).

– Livros de denúncia sobre a ditadura estiveram entre os mais vendidos desde 1978: *A ditadura dos cartéis*, de Kurt Mirow (1978); *A sangue-quente: a morte do jornalista Vladimir Herzog*, de Hamilton Almeida Filho (1978); *Opinião x censura: momentos da luta de um jornal pela liberdade*, de J. A. Pinheiro Machado (1978); *Dossiê Herzog: prisão, tortura e morte no Brasil*, de Fernando Pacheco Jordão (1979); *Tortura: a história da repressão política no Brasil*, de Antonio Carlos Fon (1979); *Guerra de guerrilhas no Brasil*, Fernando Portela (1979); *Projeto Jari: a invasão americana*, de Jaime Sautchuk (1980); e *O massacre dos posseiros*, Ricardo Kotscho (1982).

– Obras sobre militantes da oposição: *Lamarca, o capitão da guerrilha*, de Emiliano José e Oldack Miranda (1980); e *Prestes: lutas e autocríticas*, de D. Moraes e F. Viana (1982).

– Temas que a ditadura considerava tabus: o pioneiro foi *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes (1976); *Cuba de Fidel*, de Ignácio de Loyola Brandão (1978); *Cuba hoje: 20 anos de revolução*, de Jorge Escosteguy (1979); *A história me absolverá*, de Fidel Castro (1979); *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*, de Florestan Fernandes (1980); *Revolução cubana*, de Che Guevara (1980); e *Diário*, de Che Guevara (1980). Cf. *Ibid*.

liberdade ao tédio, a hora é boa para abrir um bar”.²¹⁶ Em 1976 o romance *A Festa*, de Ivan Ângelo, também citou W. H. Auden na sua abertura. A partir dessas semelhanças, Franco²¹⁷ se refere à ideia do bar na literatura como um espaço de conversas, planos de grupos recalcados pela censura e pela repressão, motivo pelo qual se tornou um cenário comum em outros romances como *Os novos* (Luiz Vilela), *Combati o bom combate* (Ary Quintella), *Operação silêncio* (Márcio de Souza). Quanto ao *Bar Don Juan*, ele é representado na obra de Callado como o espaço da boemia, mas também de encontros políticos, e foi inspirado no bar *Antonius* do Rio de Janeiro e no grupo de intelectuais ao qual Callado pertencia. Assim como o *Antonius*, o *Bar Don Juan* está localizado Bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, local onde se reunia a “esquerda festiva” formada pelo pessoal do teatro, do cinema, por intelectuais que se encontravam para beber, discutir sobre a revolução e a sufocante situação da vida nacional, no pós-Golpe Civil-Militar. Esses artistas e boêmios tinham em comum o compromisso com o ideal de libertação e pouca ou nenhuma experiência no campo da ação.

Nessa mesma analogia, Bastos também associou o bar ao “estereótipo” da “esquerda festiva”, que “[...] situava-se em torno das mesas de um bar, em especial na Zona Sul do Rio de Janeiro, reunindo intelectuais e artistas a intermináveis discussões teóricas”.²¹⁸ Quanto a Antonio Callado, incorporou essa discussão em 1967 no conto *O Homem Cordial* (1967, p. 14.): “[...] por que não discutir a revolução bebendo uísque, ora bolas. O que é que se havia de beber? Mate?”. O personagem Jacinto estava refletindo sobre a expressão “esquerda festiva” e seu tom jocoso, mesmo sendo ele um intelectual adepto desse grupo. Mas, afinal, qual o significado dessa expressão para as décadas de 1960 e 1970? Uma referência recorrente é a de Zuenir Ventura, ao explicar a sua origem:

[...] uma expressão inventada pelo colunista Carlos Leonam em 63, durante a primeira grande festa que Jaguar organizou. O falecido ministro San Thiago Dantas acabara de decidir que havia duas esquerdas: “a esquerda positiva e a esquerda negativa”. Leonam, um atento cronista do comportamento carioca, estava dançando quando teve a idéia. Correu para mesa de Ziraldo e disse: “Tem outra esquerda, é a esquerda festiva”. No dia seguinte, ele denunciava sua descoberta na coluna que mantinha no *Jornal do Brasil*. Estaria inaugurada uma expressão que teria presença assegurada no léxico e no espectro ideológico da política nacional. “A esquerda festiva começou

²¹⁶ Wystan Hugh Auden (1907-1973), de origem inglesa e naturalizado norte-americano, poeta, crítico literário, dramaturgo, ensaísta e editor, foi considerado um dos maiores escritores do século XX.

²¹⁷ Cf. FRANCO, Renato. *O Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, p. 215.

²¹⁸ BASTOS, Alcemeo. *A História foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000, p. 28.

mesmo a ser realidade depois de 64”, acredita o poeta Ferreira Gullar, um membro assumido do grupo. “A esquerda recorreu então à festa com uma forma de se manter, de ir adiante, de não morrer, de resistir”.²¹⁹ [Destaque nosso]

Callado apresenta uma visão mais crítica do que a atribuída ao poeta Ferreira Gullar. Tanto em *O Homem Cordial* quanto em *Bar Don Juan*, surge a autocrítica que insere Callado em uma discussão mais ampla, que indaga: qual o papel do intelectual? Essa discussão perpassa inúmeros estudos sobre a produção cultural dos tempos da Ditadura Militar e foi incorporada em *Bar Don Juan* ao trazer a “esquerda festiva”, representada pelo escritor, pelo cineasta do Cinema Novo, pelo professor, pelo jornalista. Mas o exemplo mais contundente é o personagem Gil Setúbal, um intelectual que questiona o papel do escritor e a função do romance político a partir de um projeto guerrilheiro malogrado. Na condição de escritor, ele se vê diante da constatação de que a esquerda brasileira não conseguirá fazer a revolução e resolve então distribuir suas anotações de pesquisas sobre os grupos e temas, como as Ligas Camponesas, os Sindicatos Rurais, os brizolistas, os marxistas, setores da Igreja Católica e o Partido Comunista. Todos seriam fontes para sua grande obra não realizada.

Gil foi distribuindo feixes de páginas:

- Para o camarada Murta, tenho aqui Arraes, Julião e a revolução nos campos. Documentei o trabalho das Ligas Camponesas e dos sindicatos rurais do Nordeste. Para Mansinho ausente, se lhe interessar, tenho a revolução pelo foco de Brizola, com a formação, e em seguida o abandono, de grupos guerrilheiros por toda parte. Ao camarada Geraldino ofereço os padres na revolução, o retorno do Cristo às multidões, a missa de iê-iê-iê. Para João há de tudo, do cristianismo marxista dos santos espanhóis que, segundo ele, foram buscar o canto dos espanhóis da alma com Deus na cama do povo, até a História do Partido Comunista, que vai do brilhante Prestes dos inícios ao morigerado pai de família que ele se transformou, e até a rebelião de Marighela, contra Prestes. Documentei tudo, arrumei tudo, e esperei até agora o fio condutor, uma bela história qualquer, uma resistência armada de seis meses e quatro cadáveres. [...] Ninguém tinha gasolina, fósforo, isqueiro. Pode-se fazer ficção de quase tudo, mas inventar uma revolução é impossível. (*BAR DON JUAN*, p. 122. Destaques nossos)

Callado criou um personagem autobiográfico, pois, assim como na ficção, o romance anterior do personagem Gil Setúbal e do escritor Antonio Callado foram sucessos e toda a metáfora da experiência do autor ficcional que tinha vivido e coletado informações já não fazia sentido. Quando Gil distribui as páginas com os dados do que seria o seu grande “romance da revolução”, é como se Callado estivesse distribuindo suas reportagens no

²¹⁹ VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 47.

Nordeste, sobretudo *Tempo de Arraes*. Nesse entendimento Renato Franco também coaduna ao afirmar que muitas obras se deparam com o problema da militância política do intelectual, entre eles os romances *Os Novos*, de Luis Vilela, e *Bar Don Juan*, que também indagam sobre o papel do próprio escritor. E Lígia Chiappini diz que “[...] escrever é resistir à fragmentação que ameaça destruir o romance, resistindo também à hibernação da pátria, dentro do exílio de cada um”,²²⁰ ou seja, o problema dos escritores da década de 1970 é o problema de Gil de *Bar Don Juan*.

Callado traz para *Bar Don Juan* o que outras obras do período também estavam discutindo, como se constata pela leitura da obra de Ramos quando aborda como a autocrítica foi enfrentada pelos diretores do Cinema Novo. Em sua análise sobre o filme *Os Inconfidentes*, afirma que “[...] há uma crítica ao comportamento dos conjurados intelectuais/poetas do século 18, ela, ao mesmo tempo, acaba funcionando como uma espécie de *autocrítica* feita pelos (oferecida aos) artistas revolucionários do final dos anos 60/início dos setenta”.²²¹ Nessa mesma conjuntura Callado também faz sua autocrítica e a “oferece aos” seus pares, os intelectuais de esquerda. Haja vista que o tempo ficcional de *Bar Don Juan* vai de 1966 a 1967 e seu tempo da escrita por Callado foi de 1969 a 1970, momento em que a primeira resistência armada contra a Ditadura Militar, a Guerrilha do Caparaó, havia fracassado e a guerrilha urbana estava em andamento.

O mesmo episódio surge em *O que é isso, companheiro?*, quando Fernando Gabeira também fala com ironia e tristeza de sua experiência: “Caparaó foi para mim a primeira possibilidade de ajudar, do fundo dos bastidores, num teatro estranho, onde não se ouviam nem os tiros nem as palmas. Na realidade não houve nem um nem outro”.²²² Do “fundo dos bastidores” foi também a forma como Callado contribuiu para a guerrilha. Assim como Gabeira, lançou o olhar crítico ao projeto que não resultou “em tiros nem palmas”. Nesse momento Callado fez sua autocrítica e lançou em *Bar Don Juan* temas que incomodaram, como o despreparo e a derrota.

²²⁰ CHIAPPINI, Lígia. Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Lígia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 170

Cf. FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-65: A Festa**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 47.

²²¹ RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 80.

²²² GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p. 37.

3.3 O DESPREPARO DA “ESQUERDA FESTIVA”

Em *Bar Don Juan* o eixo central é o tema do despreparo, a começar pela trajetória confusa do grupo liderado por João (professor e escritor), que se assemelha a uma “novela em capítulos”. Logo no início da trama, Callado traz a intensificação da tortura adotada pela polícia política, que se mostra cada vez mais autoritária e arbitrária. O exemplo no romance é a violência que foi praticada contra João e Laurinha, abrindo a discussão sobre o despreparo e a vaidade/ingenuidade do intelectual que esperava a prisão como as “bodas da revolução”. João estava sendo preso pela terceira vez e sentia certa alegria em estar sendo “posto à prova” novamente, pois, nas prisões anteriores, foi apenas interrogado. Para Laurinha, era a primeira vez e ela sentia “uma pontinha de medo, mas feliz”, já imaginando como seria contar para os companheiros como enganou os “inquisidores estúpidos”. A subestimação da capacidade de violência dos policiais fica evidente na perplexidade de João:

Não havia, como das outras vezes, a cerimônia da identificação, com as impressões digitais, as perguntas. Tiravam-lhe a roupa, despiam Laurinha também, e quando lhe deram o primeiro choque elétrico na glândula e no ânus João pensava o que estaria Laurinha pensando. [...] Tinha tido vontade de gritar a Laurinha que jamais fora assim antes, que não era invenção o que lhe contara. (*BAR DON JUAN*, p. 5.)

O que está acontecendo? Foi essa a ideia lançada por Callado no aparente descompasso entre o fortalecimento e acirramento do poder coercitivo da ditadura e os movimentos de resistência. João ainda conservava a visão sonhadora do jovem Levindo de *Quarup*, que, ao levar um tiro de raspão, disse: “- [...] Levei um desses tiros com que a gente sonha quando se mete na luta: de raspão [...]” (*QUARUP*, p. 11). A tortura²²³ também foi abordada no final de *Quarup*, mas a forma que ela assume no início de *Bar Don Juan* é mais elaborada, e, enquanto isso, a esquerda não consegue se articular na mesma proporção, como acontece com João, que, ao ver sua esposa sendo estuprada por um policial, tenta

²²³ “O interrogatório sob tortura foi uma das linhas mestras da repressão política. A violência dos tapas, socos e pontapés dos primeiros tempos sofisticou-se em torturas que seguiam uma ordem da intensidade crescente: palmatória, afogamento, ‘telefone’, pau de arara. Entre os instrumentos aplicados, ficaram célebres as máquinas de choque importadas dos Estados Unidos, a cadeira do dragão, que servia, no DOI paulista, para imobilizar as vítimas durante as descargas de energia elétrica; e a caixa conhecida pelo nome de ‘geladeira’, empregada pelo DOI carioca, dentro da qual os prisioneiros eram submetidos a intensas variações de temperaturas combinadas com períodos sucessivos de silêncio completo e ruído em altos decibéis. Foram inventariadas pela equipe do Projeto Brasil: Nunca Mais, em todo o país, 310 variações de tortura, catalogadas em nove categorias usadas contra presos políticos e, por vezes, seus familiares”. JOFFILY, Mariana. O aparato repressivo: da arquitetura ao desmantelamento. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014, p. 165.

compreender a situação, pois não sabia se queriam matá-lo ou “apenas curá-lo definitivamente da revolução”. Essa experiência vivida pelo personagem incorpora outro elemento importante, o universo do torturador, que tomará maiores proporções em *Reflexos do Baile* e se aprofundará em *Sempreviva*.

Penetrar no cotidiano de torturador também é uma forma de separar o “homem” do “carrasco da ditadura”, exercício apresentado por Callado na construção do personagem João, que inicia a busca pelo carrasco de Laurinha, com o intuito de vingança. Após seguir os passos de Salvador (torturador), João começa a identificar o policial torturador e o “homem” em uma mesma pessoa: tinha “rosto comum entre o moreno e o mulato”, frequentava o botequim de comida simples, morava em uma casa modesta e tinha esposa e filho. Diante do homem/torturador, decide que deve ser rápido em seu propósito antes que a imagem do algoz desapareça:

Antes de Salvador fechar a porta atrás de si João ouviu uma animada voz de menino, que dizia estridente alguma coisa sobre uma bicicleta e um sanhaço, e uma voz de mulher. João atravessou a rua e, do outro lado, observou a sala acesa, Salvador que tirava o paletó e desprendia do peito a correia que lhe segurava o revólver debaixo do braço esquerdo. Até de um carro de pouca velocidade um homem com a pontaria de Aniceto podia fácil e limpamente fazer o serviço. Só que tinha que ser hoje, agora, antes que o monstro que torturava mulheres e se cevava nelas ficasse de todo incompreensível. (*BAR DON JUAN*, p. 10.)

Diante do impasse entre a vingança pessoal e a causa coletiva, não conseguiu levar seu plano adiante, optando pela causa revolucionária, pois ainda existia a “crença” na revolução, marcada pela mesma visão idealizada dele próprio, que não conseguia ter uma percepção crítica: “Nossos patrícios estão hibernando, como diz Gil, mas quando saírem ao sol nem vai mais chegar ao chão da América, tantos seremos nós”. (*BAR DON JUAN*, p. 30.) Contrapondo-se a essa visão equivocada, Callado apresenta o personagem Joelmir (ex-sargento), que ficou esperando na Serra do Caparaó.

O tema da espera é compartilhado pelos personagens Gil e por Joelmir (ex-sargento), que ficou sozinho por catorze meses, sem notícia, esperando amargurado, hibernando em Corumbá até se cansar, e partiu ao saber que os guerrilheiros da Serra do Caparaó²²⁴ haviam

²²⁴ “Em outubro de 1966, 14 homens se instalaram na Serra de Caparaó, onde passaram cinco meses, isolados da população local e enfrentando todo o tipo de dificuldades. Entre os guerrilheiros cinco tinham treinamento em Cuba. E, em início de abril de 1967, sem ter havido nenhum embate com as forças inimigas, caía o foco *mais promissor* de Brizola. Em condições muito precárias, mal-alimentados, isolados, alguns doentes, psicologicamente debilitados, os guerrilheiros foram presas fáceis da Polícia Militar de Minas Gerais. O Exército, logo avisado, mobilizou cerca de dez mil soldados para enfrentá-los. A Aeronáutica enviou dezenas

caído: “[...] caíram de armas na mão, caíram apodrecidos de esperar como eu esperava”. Por isso, não compreendia por que semeavam em vão a vontade de luta e a coragem dos homens. Mesmo assim, quando foi para o Pantanal, manteve as armas escondidas e continuou seu ritual de limpá-las e deixá-las prontas para serem usadas pelos guerrilheiros. E, caso o Brasil “nunca fizesse nada”, elas serviriam como prova da intenção.

Callado associa metaforicamente, no romance, o tema da “espera” pela revolução ao processo de gestação, caso da gravidez de Valdelize, mulher de Joelmir, que ficou esperando na Serra do Caparaó até desistir, e de Mariana, mulher de Gil, que ficou esperando no Mato Grosso e fazendo sua autocrítica. Enquanto esperavam, também questionavam o sentido da luta armada, como o fazia o personagem Joelmir.

Na longa espera da Serra mineira do Caparaó tinha talvez feito a descoberta, mas escurecida, dominada pela pergunta tirânica de querer saber por que se semeava em vão a vontade de luta e a coragem dos homens. Feito semear lavouras nas águas do Miranda, pensava, falando baixo e esticando o beijo na direção do rio. Trocada a esperança da bela morte na Serra pela vida plácida no chão pantaneiro, Joelmir olhava para dentro de si mesmo e via as perguntas que subiam incessantes feito bolhas de ar dum fundo de corixo. (*BAR DON JUAN*, p. 18.)

O contato com Joelmir deveria ter sido feito pelo grupo liderado por João há quase um ano, mas tinha sido abandonado. Enquanto parte do grupo (Joelmir e Gil) estava distante, isolada, esquecida e questionando o sentido de suas ações, a outra parte estava no *Bar Don Juan*. E, no momento de partirem para Mato Grosso para encontrarem Gil e Joelmir, Mariana (servidora pública) e Mansinho (jornalista) tiram férias para fazer a Revolução. O comportamento do grupo também é marcado por rivalidades, a exemplo de Mansinho, que seduziu Mariana, que era casada com Gil, e, após ter como troféu a esposa do “grande escritor”, não a quis mais. Mansinho também vivia bebendo e seduzindo as mulheres, chegando a optar por um encontro amoroso em vez de comparecer às reuniões do movimento de resistência.

Mesmo diante de todos os indícios, João continuava com o seu olhar equivocado, que se tornava mais substancial à medida que o grupo articulava os assaltos a bancos e preparava a guerrilha. Questionadora da “esquerda festiva” é a personagem Laurinha, a própria esposa

de aviões. [...] A escolha da região de Caparaó revelou-se um equívoco, da mesma forma que foi a da região de Ñancahuazu, a leste da Bolívia, onde Che tentou implantar o foco na mesma época. Nem uma nem outra tinha uma realidade de conflitos sociais”. ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001, p. 34;37.

de João, que já não é mais tão confiante; após ter sido presa, torturada e violentada, aguça sua percepção sobre o grupo e sobre os planos da guerrilha.

Antigamente, quando algum companheiro balançava a cabeça, dizendo que o Governo Militar era cada vez mais forte e a resistência cada vez mais desmembrada, que as perspectivas revolucionárias eram negras, João, com seu amor pela poesia espanhola, dizia: Aunque sea de noche, e ela concordava, fervorosa, mas agora chega, chega, depois da noite da Rua da Relação chega, noite em poesia é uma coisa e na Rua da Relação é outra. (*BAR DON JUAN*, p. 49.)

Insistentemente, Laurinha questiona João sobre como ele vai organizar um movimento guerrilheiro em meio a uma balbúrdia, com gente que “anda no mundo da lua”. Mas, apesar de tudo, João segue confiante na tentativa de levar adiante a guerrilha. Para tanto, estabelece contato com os cubanos e encontra, em São Paulo, Adolfo Mena (Che Guevara disfarçado), que lhe diz não saber onde começaria a guerrilha, mas que já havia um grupo armado (os brizolistas) que deveria se transformar em um foco.

Esses acontecimentos ficcionalizados por Callado Rollemberg analisa em seu estudo, observando que em 1966 teria havido um encontro em São Paulo entre Che Guevara, Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, dirigentes da Ação Libertadora Nacional (ALN). Quanto à adesão de Leonel Brizola à teoria do foco guerrilheiro cubano, também diz:

[...] Brizola acabou ‘aderindo’ à teoria do foco guerrilheiro cubano. A partir daí, os planos da luta armada ganharam novos rumos. Seriam implantados três focos: um na Serra de Caparaó, na divisa de Minas Gerais e Espírito Santo, sob o comando do ex-sargento Amadeu Felipe, que, aliás, não tinha treinamento em Cuba; um no norte do Mato Grosso (Fronteira com a Bolívia), comandado por Marco Antônio da Silva Lima, ex-fuzileiro naval, liderança da Associação do Marinheiros, com treinamento; e outro na região norte de Goiás, que acabou se concentrando em Imperatriz, oeste do Maranhão, sob o comando de José Duarte, ex-marinheiro, também treinado em Cuba. Haveria mais ‘um grupo de apoio na região fronteira do RS e MT’.²²⁵

No plano ficcional Callado segue o mesmo caminho, no qual seus personagens têm o propósito de instalar vários focos guerrilheiros que cruzariam a fronteira e se juntariam a Che Guevara. Mas a grande ironia está em quando João encontra o cubano Maldonado e lhe pergunta se há algum brasileiro na guerrilha: “- Nenhum. E o importante – disse Maldonado

²²⁵ ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001. p. 29.

Sobre o foquismo consultar também:

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

com uma sobra de ironia – é que haja brasileiros no Brasil, que se forme uma guerrilha aqui”. (*Bar Don Juan*, p. 74.) Esse era o grande desafio para a esquerda brasileira, tanto na ficção quanto no plano histórico.

João, enquanto líder revolucionário, engana a si mesmo e mente para Maldonado, dizendo que “o grupo do ex-sargento Joelmir” aguardava ordens de Montevideu e que ele poderia criar um foco no território brasileiro, enquanto outro grupo atravessaria a fronteira e se juntaria a Che na Bolívia. No entanto, Joelmir estava sozinho e João nem sequer sabia onde encontrá-lo: “Que certeza tinha ele do que dizia? Que certeza tinha sequer de encontrar Joelmir?” (*BAR DON JUAN*, p. 74). As incertezas do personagem estão atreladas à inconsistência da guerrilha, pois, de acordo com Gorender, “[...] inconsistente desde o começo, o projeto de guerrilha rural se esfumava”.²²⁶ Ou seja, o problema da articulação da luta armada estava na formação, organização e divergências dos próprios grupos de esquerda. Ainda de acordo com Gorender, alguns militantes passaram por até cinco organizações de esquerda e, quando presos e submetidos a torturas, dispunham de informações sobre todas.

Outro tema que surge em *Bar Don Juan* é a proximidade entre Brasil e Cuba para criação dos focos guerrilheiros (foquismo). A narrativa incorpora Eustáquio, um guerrilheiro experiente que já havia lutado em *Sierra Maestra* e na guerrilha da Bolívia e, naquele momento, cuidava do transporte das armas para os focos guerrilheiros que estavam em formação. Eustáquio se apresenta com “crise de consciência” por ter cedido à “cachaça e a uma puta” durante sua missão, diferentemente do grupo de João, que tinha a mesma vocação para boemia e nenhuma crise de consciência. O diálogo entre João e Eustáquio evidencia as contradições entre quem “pretende ser guerrilheiro” e um “guerrilheiro experiente” capaz de fazer sua autocrítica.

- Isto não é grave - disse João. - Daqui a pouco você volta ao fogo da guerrilha, onde não tem mulher nem cachaça.

- Mas é isto que atrapalha, a mulher e a cachaça. Quando a gente nunca esteve na guerrilha, não tem importância. Mas imaginar os companheiros na selva sem saber o que vão comer no dia seguinte, sem nem saber se vão ter água no cantil, enquanto a gente enche de cachaça e rola na cama com uma puta, é feito traição. (*BAR DON JUAN*, p. 75)

O paralelo entre os personagens contrapõe “um guerrilheiro de verdade” e a “esquerda festiva”, a teoria e a prática revolucionária. Quando Eustáquio fala sobre traição e

²²⁶ GORENDER, Jacob. **Combate na Trevas**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 225.

“crise de consciência”, refere-se também ao Partido Comunista e ao apelido irônico que recebeu, Mário Monje, reportando-se ao primeiro secretário do Partido Comunista boliviano.

Entre uma queda de braço e um jogo de sedução, Mário Monje, primeiro-secretário do PC boliviano, e os cubanos se aproximavam, mediam forças, se afastavam, se encaravam, desviavam olhares, dissimulavam mutuamente, fingiam acreditar no fingimento. Foi assim que Monje fez treinamento guerrilheiro em Cuba, sem se envolver, sem entusiasmo, em silêncio, como um remédio que se toma, mas no qual não se acredita, mas que toma.²²⁷

O personagem de *Bar Don Juan* levanta a discussão sobre a disputa de poder entre o Partido Comunista de Mario Monje e Che Guevara, alegando que os membros do Partido Comunista procuraram o Comandante (Che Guevara), querendo assumir o comando. Diante da recusa, o Partido virou as costas para Che Guevara, dizendo “não ter nada que ver com a guerrilha”. Assim o Partido optou pelo imobilismo e pela indiferença. A crítica ao Partido Comunista reforça as diferenças ideológicas dos movimentos revolucionários.

A relação de Eustáquio com *Sierra Maestra* é semelhante à de Fontoura, em *Quarup*, com o “centro do Brasil”: ambos tentam ouvir/extrair da terra/Pátria o que está acontecendo. Fontoura ouve o coração bater levemente, enquanto o guerrilheiro cubano diz que, “[...] quando a gente cola o ouvido naquele chão, tem a impressão de que estão caindo todas as bananeiras do mundo”. (*BAR DON JUAN*, p. 79.) As bananeiras caindo também representam os focos guerrilheiros sendo derrotados. Outra questão relevante é o fato de muitos dos cubanos que estavam na Bolívia sob o comando de Che Guevara também desconhecem os fatos históricos que os levaram à revolução:

Eustáquio tirou o veado do embornal e o suspendeu no ar pelas pernas. [...] e disse, riscando a barriga do veado com o fio do facão:

- Eu te batizo com o nome de Mário Monje.
- O saca chama a gente de trotskista – disse El Rubio.
- Aqui entre nós – disse Pacho – que merda é essa de trotskismo?
- O PC acha que a Revolução só pode ser feita em um país de cada vez, quando dá vontade – disse Eustáquio.
- Feito cagar – disse Pacho.
- [...]
- Daí, só tem cinquenta anos que a gente espia a URSS fazendo cocô sozinha e ela ainda não acabou. A gente precisa esperar que ela acabe.
- Mas onde é que entra o trotskismo nessa cagada?
- O Trotski achava que todo mundo devia cagar ao mesmo tempo, numa caganeira universal, até sair o último verme capitalista dos intestinos dos países pobres. Fedia tudo ao mesmo tempo, depois fazia-se a faxina.
- [...]

²²⁷ ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001, p. 15-16.

- É – disse Pacho – mas Cuba não quis saber disto não. Cansou de tancar a merda no corpo e abriu o rabo num peido que hoje dá maremoto no Caribe. O Comandante, que é médico, veio dar purgante a esta Bolívia que tem uma prisão de ventre de pedra. (*BAR DON JUAN*, p. 108-109.)

Eustáquio sente que estão “transparentes” na Bolívia, pois, quando passam, “o povo não os vê”. Sobre o comportamento da população local em relação aos guerrilheiros, Rollemberg estabeleceu a seguinte comparação: “[...] a Guerrilha do Caparaó, tal qual a experiência de Che Guevara e seus guerrilheiros na Bolívia, jamais conseguiu apoio da população local. Ao contrário, a presença dos estranhos despertou suspeitas e levou a denúncias”.²²⁸

Entretanto, ao olhar desses guerrilheiros, o Comandante (Che)²²⁹ aparece como um homem forte, justo, que, mesmo diante da morte iminente com o pouco que resta do seu grupo na Bolívia, quer dar sentido à revolução, à sua morte/vida: “- A morte. Todo revolucionário tem o dever de transformar sua morte em vida. O homem é o único bicho que melhora as condições de vida da espécie por meio da morte. Vou usar toda minha astúcia para morrer direito”. (*Bar Don Juan*, p. 161.) O último desejo do comandante foi que a sua luta não fosse em vão, por isso a herança deixada para os “países leprosos” eram “pedaços de si mesmo”, para serem semeados nas terras onde já tinha vivido. Segundo o personagem Che, “Há um tempo de plantar com as mãos, e há um tempo de plantar as próprias mãos”, (*Bar Don Juan*, p. 164.) desejando que mandassem sua mão direita para Argentina e sua mão esquerda para o Brasil, visto que Cuba não precisava, pois já havia feito a revolução, mas que mandassem para lá seu coração para não perderem a ternura. Contudo, assim que foi capturado e morto pelo exército Boliviano, com o reforço dos EUA, “[...] ergueram juntos uma machadinha de açougue e deceparam primeiro a mão esquerda e depois a mão direita do Comandante”. (*Bar Don Juan*, p. 165.) Ao cortarem as mãos, representando primeiro o Brasil e, depois, a Argentina, a narrativa questiona a continuidade da revolução na América Latina, que está condenada ao fracasso, restando apenas Cuba, o coração da revolução.

A morte de Che é o único momento em que o plano histórico e o ficcional se fundem. A iminente derrocada do projeto guerrilheiro, ou seja, da “utopia da luta armada”, só

²²⁸ ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001, p. 35.

²²⁹ De acordo com Denise Rollemberg, “Quando Guevara chegou com seus homens à Bolívia ficou profundamente irritado: as condições para a guerrilha eram nulas, sem apoio do Partido, isolados, sem armas, num meio hostil, onde os camponeses que apareciam eram para denunciar a presença dos guerrilheiros”. Ibid. p. 16.

consegue ser vista por Gil, que se desilude após um longo período de espera em um sítio no Mato Grosso, local do encontro de seus companheiros do *Bar Don Juan* antes de partirem para a Bolívia, ao encontro de Che Guevara, e se tornarem combatentes na guerrilha. Nesse ponto da narrativa, é lançado o seguinte questionamento: irão “parir” o que foi gestado ou tomarão outros rumos? Da mesma forma que Joelmir, que já tinha feito sua escolha e foi cuidar da sua vida privada, Gil também quer fazer o mesmo. O posicionamento de cada personagem vai sendo colocado à medida que chegam ao sítio de Gil. Mariana é a primeira a chegar, tendo abandonado Gil para ser amante de Mansinho, que a desprezou. Gil a recebe como se o tempo tivesse parado, como se nada tivesse acontecido, assim como a “espera” pela revolução que não acontece. Para o grupo, esse é o momento das escolhas: seguir em frente com os planos ou mudar o curso?

O projeto individual vence, como acontece com Gil, que, pela autocrítica, amadurece sua visão sobre a esquerda e seu grupo: “[...] nossos companheiros não querem realizar a revolução e sim realizar-se nela. Acho que talvez sejam assim os que começam a revolução. Talvez morram nela como carne de canhão, carne rara. São os faisões da revolução”. (*BAR DON JUAN*, p. 113.) A contradição é que, tendo feito fama como escritor de romances engajados, escrevendo sobre o preparo da revolução, quando chegou o momento da “ação” e de seu grande romance, percebeu a inutilidade do que pretendiam fazer, pois, sem preparo e com poucas pessoas, o resultado seria “morrer pela revolução”.

Essa foi também a visão de Antônio Callado ao voltar do Vietnã do Norte e perceber a diferença entre a resistência vietnamita, que vivia pela revolução, e a brasileira, que morria pela revolução, num despreparo diante do qual o fracasso era iminente.

3.4 O FRACASSO DA “ESQUERDA FESTIVA”

Ao trazer o despreparo da esquerda para discussão central, Callado realiza a reflexão de que a guerrilha no campo nasceu fracassada. Novamente é o escritor de ficção Gil que consegue antecipar a grande possibilidade da derrota do grupo (esquerda). Gil diz preferir se inspirar nas viagens dos grandes escritores latino-americanos e partir para a Europa. O exílio é uma alternativa já apresentada anteriormente em *Quarup*, quando Nando teve que escolher entre ele ou a guerrilha. Entretanto, Gil não tem a mesma expectativa e prefere seguir a trajetória dos grandes escritores, exilando-se, mas ainda dará um prazo de dois anos para que a resistência armada fracassasse de vez:

- Não seja por isto. Eu ainda tenho tempo de mudar de rumo. Se Mariana for comigo para o Chapadão provavelmente fico lá uns dois anos. Senão, toco antes para a Europa seguindo o exemplo de Cortázar, Garcia Márquez, Asturias, Vargas Llosa, Alejo Carpentier. Ou então construo aqui mesmo um castelo inglês, como o de Borges em Buenos Aires. Todos eles sabem que o urso está dormindo. (*BAR DON JUAN*, p. 125.)

O “urso” é o povo ausente dos países latino-americanos; quanto ao Brasil, que vai ficar para a história, é o dos livros e não o Brasil improvável dos revolucionários. Diante da constatação do fracasso da luta armada, Gil foge com Laurinha para Cuiabá e insiste em escrever seu livro, cujo título será *Livro do que fazer?* A ironia do título, com uma pergunta provocativa, se assemelha ao da obra de Gabeira, que também questiona: *O que é isso, Companheiro?*

Diferentemente, João (escritor/professor) não consegue ter uma visão mais ampla do processo, pois assim admitiria o fracasso sem sequer ter começado a guerrilha. Por isso, questiona Gil, dizendo que a revolução está acontecendo ao lado, na Bolívia, sem saber que a situação de Che Guevara se complica sem o apoio do povo. Gil responde que basta ouvir o rádio boliviano para saber que estavam vencidos e que, na Bolívia, havia “mais americanos que no Texas”. Somente um ano após encontrar Adolfo Mena (Che), em São Paulo, é que João vai à sua procura em Cuba, descobre que esteve com o verdadeiro “Comandante” e que ele tinha grandes expectativas em relação ao Brasil, mas a ajuda dos guerrilheiros brasileiros demorou muito a chegar.

O descompasso entre a organização dos grupos guerrilheiros e o tempo necessário para a ação foi a crítica apresentada por Callado, enquanto a “esquerda festiva” praticava assaltos a bancos como forma de “levantar fundos” para comprar armas, suprimentos e fomentar a guerrilha rural. Do outro lado, o serviço de inteligência do regime militar se fortalecia, condenando a luta armada ao fracassado, antes mesmo de ela surgir. Em *Bar Don Juan*, a função de Mansinho no grupo era organizar assaltos a banco e, na escolha dos bancos a serem assaltados, novamente, o enredo revela a subestimação, a ousadia e o despreparo dos guerrilheiros. Uma das agências bancárias escolhidas para o assalto ficava entre o Ministério do Exército, o Ministério do Exterior e uma Delegacia de Polícia. A justificativa era a de que ali ninguém imaginaria um assalto.

Planos ousados como esse da trama ficcional de Callado foram relatados por Gorender em *Combate nas Trevas*, quando menciona a articulação de um grande assalto em setembro de 1969.

O GTA nº 1 da ALN preparava uma ação gigante: o assalto simultâneo a quatro agências bancárias na avenida Afonso Bovero. Pela primeira vez, os dois subgrupos iam atuar em conjunto. Membros do GTA estariam armados de fuzis FAL, na previsão do ataque de um helicóptero, que estacionava em terreno próximo ao Hospital das Clínicas. Imediatamente após o assalto quádruplo, o GTA devia se deslocar para área estratégica ao sul do Pará.²³⁰

De acordo com Gorender, o plano fracassou com a morte do líder do GTA em confronto com a polícia e a prisão de outros membros, levando à desarticulação do próprio grupo. Diante do quadro, Carlos Marighela, líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), abandonou o plano. Com o mesmo destino, em novembro de 1969, foi morto a tiros pelos agentes do Dops em São Paulo, sob o comando do delegado Sérgio Paranhos Fleury.

Em *Bar Don Juan* o personagem Mansinho sentia-se um “especialista em assaltos” e um “garimpeiro da revolução”. Com essa atitude, resolve, por conta própria, assaltar uma agência em Corumbá, sendo baleado e morto. Sua ação desencadeou também as mortes de João e Geraldino, além do desmantelamento do próprio grupo, tornando todos os que sobreviveram procurados pela ditadura. Mas o legado de Mansinho é seguido por seu irmão mais novo, o jovem estudante Jacinto, que também será morto pela polícia e acusado de ter resistido e “suicidado”.

A morte também está associada a Aniceto, um “pistoleiro” alagoano que tinha o “corpo fechado” e trabalhava como “leão-de-chácara” no *Bar Don Juan*, o único que sabia pegar em armas em meio aos intelectuais que preparavam a guerrilha. Era o instrutor de tiros de João e o único capaz de matar por uma causa, ou por encomenda, e depois conviver com seus demônios. Suas opções fogem aos padrões morais e religiosos, mas ele é capaz de conviver com elas. Na vida particular, optou por viver em pecado, tendo como esposa sua irmã Da Glória e, no plano político, optou pela revolução. Aniceto tornou-se um representante do povo, respeitado por João e por Gil.

No projeto de levantar fundos para a Revolução, Aniceto adulterava uísque escocês com o mesmo objetivo dos assaltos a banco. João entende os assaltos como uma causa coletiva, mas quando vê Aniceto falsificando uísque diz: “- Aniceto, meu filho, isto dá cana. E é uma falta de respeito”. João recorre aos valores morais como regra dos fins para justificarem os meios: “- Aniceto, você me agride sem piedade com o dilema eterno dos fins e dos meios. Você acha que o caminho que leva ao uísque generalizado passa pelo uísque

²³⁰ GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 190.

falsificado”. (*BAR DON JUAN*, p. 28.) Entretanto, o projeto de Aniceto dava resultados imediatos e era feito com perícia, enquanto o engenhoso plano de assaltos de Mansinho enfrentava obstáculos, sendo ironizado por João: “- É o nosso amadorismo eterno”. E também acrescenta para o grupo: “[...] somos todos uns irresponsáveis. E a sorte do Continente depende de nós, uns porristas”. (*BAR DON JUAN*, p. 39.)

Outro membro da “esquerda festiva” é Murta, que encarna os projetos inacabados, como o cineasta que não fazia filmes e o poeta amoroso que não amava ninguém. O personagem é descrito como “[...] a cara doida, os cabelos compridos, o peito magro com medalhão de Iemanjá pendente de cadeia”. (*BAR DON JUAN*, p. 155.) Sua função era dirigir o carro da fuga durante os assaltos, mas, após o fracasso da ação em Corumbá, Murta acaba entregando parte do grupo (João, Geraldino, Joelmir e Laurinha) que estava a bordo de uma lancha, levando armas para Bolívia, e acabou sendo metralhado pelo exército. Ironicamente, Murta se salva e consegue chegar à Bolívia, sendo o único brasileiro do grupo que conseguiu tal façanha.

Ao chegar ao território boliviano, se refugia com um casal de seringueiros, Martinez e Carmencita, que viviam isolados, mas próximos a uma tribo de indígenas canibais. Quando Murta diz a Martinez que Che Guevara havia morrido, ele, que não falava uma palavra do seu “castelhano puro”, entra em desespero, volta a falar, atirar para todos os lados e acaba matando um índio. A tribo, revoltada, deu fim à vida de Martinez a cacetadas e o comeu, fazendo Murta também comê-lo. Assim, o cineasta do Cinema Novo participa do ritual antropofágico, comendo Martinez, pensando em Laurinha, e tornando-se Murta-Martinez, o primeiro latino-americano autêntico.

Após o plano malogrado, Gil e Mariana vão para Cuiabá viver isolados no Chapadão, hibernando na mais completa felicidade. Enquanto Mariana engorda em virtude da gravidez, Gil também engorda como um “urso” à espera do seu “livro menor”, mas o romance está diminuindo tanto que, “no fim pode inscrever a história num lenço, como uma verônica”. Mas a chegada de Aniceto e Da Glória, e depois do engenheiro do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN), redimensionará a “espera”. O povo e a modernização estão chegando, sendo o grande sonho do engenheiro interligar as Bacias dos Rios Amazonas e da Prata sem a interferência dos Estados Unidos. Enfim, Gil reencontra sua fonte inspiradora e resolve unir os rios no seu livro.

Laurinha também entra em hibernação e revolta após o plano fracassado e a morte de João: “[...] tudo mais continuava o mesmo, o poder nas mesmas mãos em toda parte, os países da América sentados de costas uns para os outros, plantando maconha no Atlântico e cuspingo coca no Pacífico”. (*BAR DON JUAN*, p. 175.) Mas, agora, João havia se tornado “herói” para os jovens estudantes como Jacinto (irmão de Mansinho) e João Batista, que diz a Laurinha:

- A senhora não sabe o que representa para mim conhecer quem amou e acompanhou João até o fim. Em comparação com ele somos duros e frios e por isso nossa revolução há de vingar. Mas será graças a ele, sabe, até graças aos erros dele, que seriam os nossos. Estamos organizados para uma luta que morte nenhuma pode alterar. Só incendiando as cidades do Brasil conseguiriam destruir todos nós. (*BAR DON JUAN*, p. 179.)

Com a chegada dos jovens estudantes e a mudança de foco para a “guerrilha urbana”, tem-se a esperança na renovação da esquerda. Laurinha vê esses jovens com ternura e pena, comparando a esquerda ao exército, quando, no final da guerra, o exército tem seus homens aniquilados e, em ato de desespero, convoca os garotos para lutarem, condenando-os à morte.

Ao longo do romance, a morte simbolizou um momento de mudança, redimensionando a vida dos personagens, como a de Karin, sueca, fotógrafa e repórter, que traz a visão do “outro” sobre o Brasil. Ela estuda as crenças populares e se interessa pela esquerda. Callado assim a descreve quando ela se depara com os peixes mortos na Lagoa Rodrigo Freitas e descobre que a sujeira vem das favelas, dos favelados: “A idéia de países já prontos, como o seu, dava-lhe um cansaço incrível. - Karin queria ficar no Brasil, mas, de repente, aquele Lago – que queira dizer a Lagoa?”. (*BAR DON JUAN*, p. 68-69.) Outra morte que anuncia um momento de mudança é a da menina Amelinha, filha de alemães cuidadosos, ricos, que se afoga na piscina que fica em frente à janela do apartamento de Laurinha. Após a tragédia, a piscina é soterrada.

Em seu período de “luto”, Laurinha consegue auxiliar a desenterrar a piscina e inicia uma nova fase. A “exumação” dos mortos lhe permitirá seguir em frente, assim como Murta, ao comer Martinez, e também os pais de Mansinho e Jacinto, que passaram a ter contato com os filhos no plano espiritual. Cada um encontrou sua alternativa para superar suas dores e Laurinha retomará o projeto de João em busca da liberdade/revolução: “[...] só lhe restando agora o caminho da absoluta liberdade em que se movia – aquela liberdade que ninguém escolhe, que ninguém prefere, que chega para alguns como chega, para todos, a noite”. (*BAR DON JUAN*, p. 218.) Dessa maneira, ela compreende o sentido da luta, fazendo opção por ela.

O final da trama foi o desfecho para os personagens que restaram do plano fracassado, ou melhor, os que sobreviveram. Enquanto no final de *Quarup* Nando se funde com Francisca e vai ao encontro do povo, em *Bar Don Juan*, Gil (o escritor engajado) vai adiar mais uma vez o “encontro com o povo”²³¹ e, em vez de ir para o Rio de Janeiro com Mariana, Aniceto e Da Glória, parte sozinho, optando pela ficção em vez da ação. Ao voltar para o Rio de Janeiro, Aniceto sequestra o avião em que estava com Mariana (grávida) e Da Glória e seguem para ilha de Cuba, encaminhando o período de gestação para novos rumos. Murta está em um hospício ainda ruminando seu ritual antropofágico que não foi capaz de digerir. Quanto a Laurinha, essa consegue transformar a morte de João em sentido para sua vida, e, assim como os jovens revolucionários, pretende aprender com os erros. O fim de *Bar Don Juan* mostra Laurinha indo em busca da revolução e do sentido de liberdade/engajamento. Afinal, a resistência continuará.

3.5 *SEMPREVIVA* (1981): “O SONHO ACABOU E O SACRIFÍCIO CHEGOU AO FIM”

Em *Sempreviva* Callado responde às dúvidas e aos questionamentos do personagem Gil de *Bar Don Juan* sobre qual seria o papel do escritor e do romance político. O narrador chega à constatação de que “[...] é hora do cada um por si e Deus por todos e quem quiser que conte outra que aqui o livro acabou, xô, gente, ide a missa já era, foi, e acabou”. (*SEMPREVIVA*, p. 286.) Ou seja, escrevam livros sobre outros temas, pois a conjuntura política não abarca os projetos e as lutas engendradas pelas esquerdas. A ironia²³² dá força à narrativa de Callado, que, aliada às experiências do teatro e do jornalismo, traz para a trama ficcional um jogo entre personagens com identidades falsas, em que as máscaras e as metáforas camuflam e, ao mesmo tempo, elucidam os sentidos da conjuntura política em discussão.

²³¹ Sobre a ausência do povo em *Bar Don Juan* e *Reflexos do Baile*, Antonio Callado mencionou em entrevista: “É, como eu disse, historicamente, o povo está ausente. Na medida em que a gente vai progredindo na investigação ficcional do país, realmente vai sentindo isso mais agudamente. Não é que eu tenha chegado a essa conclusão e feito o livro a partir daí”. CALLADO, Antônio. Entrevistas com Antônio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Lígia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 243. [Entrevista concedida a Lígia Chiappini]

²³² “A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos, e situa-se no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar instável, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura. Por isso mesmo, pressupõe que o interlocutor não a compreenda, ao menos de imediato: escamoteado, o pensamento não se dá a conhecer prontamente. Quando, porém, o fingimento empalidece e a ideia recôndita se torna direta, acessível à compreensão instantânea do oponente, temos o *sarcasmo*”. MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 247.

O próprio título do romance pode ser lido como a memória de Lucinda, que representa os presos políticos mortos e desaparecidos durante o regime militar. O amor está associado ao amor à Pátria, que surgiu entre Quinho e Lucinda no engajamento revolucionário antes de 1964 e ficou congelado no tempo, quando ela foi arrancada de uma sala de cinema por policiais, e, mesmo estando grávida, foi torturada e morta. Ou seja, a essência dos romances de Callado é mantida em *Sempreviva*, ao mesclar “amor e revolução”, como com Nando e Francisca (*Quarup*), João e Laurinha (*Bar Don Juan*), Beto e Juliana (*Reflexos do Baile*) e Vasco/Quinho e Lucinda (*Sempreviva*).

Diferentemente dos outros três romances anteriores, Quinho, o protagonista, “em lugar de lutar preferia que se apagasse a chama da luta”, uma luta que o expurgou de sua própria terra, tornando-o um exilado por dez anos. Vivia em Londres e trabalhava na Anistia Internacional. Movido pela vingança, ele se envolveu no plano de retornar clandestinamente ao solo brasileiro, antes da Lei da Anistia de 1979 ser sancionada, e se infiltrar entre os ex-policiais torturadores que viviam em Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Seu objetivo inicial junto à Anistia Internacional era descobrir e comprovar o desaparecimento e a morte de presos políticos que tinham os corpos sepultados clandestinamente na fazenda *La Pantanera*.

Fotografar os horrores da fazenda, descobrir o túmulo das duas mulheres, comprovar que um rio de coca boliviana passava, como aquele riacho, entre aqueles muros, e identificar, entre os que cercavam Claudemiro-Antero, o legista Knut: esses trabalhos, Quinho vira no fundo de si mesmo, enquanto recapitulava Lucinda. [...] A atividade que Quinho se atribuía a si mesmo não era mais, como pudera supor antes, a de combater o inimigo, medir forças com ele, deixando ao capricho das armas o resultado: ele era o astuto mensageiro das forças que, partidas do fundo da terra, cavam o chão por baixo dos transgressores, era o agente sutil da danação do Onceiro. (*SEMPREVIVA*, p. 34. Destaque nosso)

Quinho revela a mudança de posicionamento quando se refere a enfrentar a Ditadura Militar, “o inimigo”, entendendo que não cabe medir forças recorrendo “ao capricho das armas”, mesmo porque a resistência armada já havia sido derrotada. Diante dessa constatação, Callado constrói seu personagem como “astuto mensageiro das forças”, um indivíduo solitário que representa os exilados, os presos políticos, os mortos, torturados e desaparecidos durante o regime militar. Contudo, esse personagem está associado ao grupo de exilados que foi para a Europa, conseguiu trabalho condizente com sua qualificação, continuou de certa forma sua

militância. Estudos sobre a condição do exilado²³³ durante a Ditadura Militar apontam que a adaptação e sobrevivência no exterior nem sempre foram favoráveis.

Mesmo Callado trazendo o tema do exílio para *Sempreviva*, o que sobressai é a desilusão de Quinho face à derrota da resistência ao regime militar e o desejo/necessidade da vingança, de passar a limpo, de desmascarar os agentes da polícia política. Portanto, a trajetória do protagonista está direcionada para os temas que emergiam no final da década de 1970 e princípio da década de 1980. Por isso, a relevância do lugar social da escrita de Callado para compreensão de sua criação ficcional. Nesse entendimento, um aspecto relevante de sua atuação em meados de década de 1970 foi fazer parte do grupo de intelectuais que organizou os ciclos de debates no Teatro Casa Grande do Rio de Janeiro. Seu objetivo foi pensar os projetos políticos e estéticos que estavam em discussão após onze anos de ditadura. Para isso foram organizados três ciclos de debates, começando pelo *I Ciclo de Debate sobre Cultura Contemporânea* (1975).²³⁴ Esse grupo, além de reunir intelectuais que se opunham à Ditadura Militar, também conseguiu socializar a discussão junto aos estudantes.

Em 2015 Zuenir Ventura, que participou do grupo, relembrou na crônica *Maus tempos aqueles*, em sua coluna para o jornal O Globo, que o Grupo do Teatro Casa Grande – como eram chamados seus organizadores – sofreu ameaças por abrigar debates culturais, “[...] os encontros reunindo toda semana cerca de dois mil jovens, sentados em cadeiras e no chão. De um lado os censores; de outro, os telefonemas avisando que havia bombas na plateia”.²³⁵ Dentre as questões debatidas, Zuenir Ventura cita que o dramaturgo Paulo Pontes já trazia a

²³³ “Diversos fatores atuaram na maneira de viver o cotidiano, a começar pelos traços de caráter e personalidade de cada um. O *status* social igualmente pesava: enquanto alguns exilados eram reconhecidos como profissionais ou como personalidades públicas, não lhes faltando convites institucionais para prosseguirem trabalhos interrompidos, outros precisavam impor sua presença, lutando pelo visto e pela sobrevivência material, muitas vezes realizando atividades que nada tinham a ver com suas expectativas e para as quais estavam superqualificados. Os recursos pessoais também produziam diferenças: alguns contavam com reservas de dinheiro ou com a ajuda de família, outros não. A idade interferia: em geral, os mais novos, com menos *bagagem* acumulada e solidificada, eram mais flexíveis diante das adversidades, mas, por outro lado, os exilados com alguma notoriedade, eram também os mais velhos; o conhecimento da língua estrangeira e o grau de dificuldade para aprendê-la faziam diferença; ter a companhia da família, às vezes, representou um fator de segurança e apoio, mas às vezes, foi uma sobrecarga de responsabilidade. As fases do exílio também foram decisivas: as referências de cada período podiam abrir horizontes ou eliminar esperanças, facilitando ou não o enfrentamento das situações concretas; os países de exílio interferiam diretamente, aguçando ou atenuando as contradições. Finalmente, pertencer a um partido ou organização ou ter uma militância mais definida, ou redirecioná-la para um projeto profissional, em geral, dava um sentido à vida no exílio”. ROLLEMBERG, Denise. Exílio. Refazendo identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 40, 1999.

²³⁴ O I Ciclo de Debates da Cultura Contemporânea foi realizado de 1 de abril a 7 de maio de 1975.

²³⁵ VENTURA, Zuenir. Maus tempos aqueles. *Jornal O Globo*, 08 ago. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opinia/maus-tempos-aqueles-17125943>. Acesso em: 12 set. 2015

ideia da abertura política dizendo: “a abertura é inevitável. O capitalismo agora precisa de um Estado mais aberto”.²³⁶ Nesse debate sobre a abertura política e o fim da Ditadura Militar, Aarão Reis diz que a expectativa de que a abertura caminhava inevitavelmente para o fim da ditadura não era muito clara. “Ao contrário: havia muitas dúvidas no ar, e também muita repressão, não se devendo esquecer que os temíveis aparelhos da polícia política ainda estavam intactos, à espreita”.²³⁷ Portanto, no calor dos acontecimentos, as questões não se delineavam de forma simples, ou talvez óbvias, como se imagina após o distanciamento dos fatos.

As incertezas e as expectativas do final da década de 1970 se tornaram o extrato para Callado escrever seu último romance político sobre a Ditadura Militar. Cabe indagar: quais temas foram incorporados à ficção, possibilitando a Callado avançar até o início da década de 1980? Nas primeiras páginas de *Sempreviva* surgem os indícios para responder tal questionamento, quando desponta na trama a volta clandestina de um exilado político, que também era um ex-guerrilheiro. Callado escolhe um tema complexo, mas que já estava nos debates da década de 1970 e presente em obras de ficção e não ficção. Segundo Rollemberg, o exílio e a anistia estiveram na pauta política envolvendo temas como o balanço da luta armada e sua autocrítica, a reorientação dos rumos da esquerda brasileira, as denúncias das torturas e a questão dos Direitos Humanos e da conjuntura política. O exílio é analisado a partir de diferentes perspectivas e suas consequências para o que vivenciaram essa experiência foram diversas.

Depois de se sentir no centro dos acontecimentos, em uma conjuntura de intensa agitação política, o exílio foi, para as gerações 1964 e 1968, a ruptura com uma realidade e o desenraizamento do universo de referências que dera sentido à luta. A derrota de um projeto político e pessoal, o estranhamento em relação a outros países e culturas, as dificuldades de adaptação às novas sociedades, o sentimento de infantilização que a adaptação muitas vezes implica, o não-reconhecimento nos novos papéis disponíveis, tudo isto subvertia a imagem que os exilados tinham de si mesmos, desencadeando crises de identidade. Em diversas situações cotidianas, foi possível ver a manifestação destas crises: na batalha pelos documentos ou na recusa em obtê-los; no trabalho e no estudo; na militância política ou no seu abandono; nas atividades culturais e artísticas; na vida familiar e afetiva.²³⁸

²³⁶ VENTURA, Zuenir. Maus tempos aqueles. **Jornal O Globo**, 08 ago. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniaio/maus-tempos-aqueles-17125943>. Acesso em: 12 set. 2015.

²³⁷ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000, p. 69.

²³⁸ ROLLEMBERG, Denise. Entre raízes e radares, o exílio brasileiro (1964-1979). **XI Jornadas Interescuelas**, Departamento de Historia, Facultad de Filosofia y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, p. 08, 2007. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-108/758.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

Ao lado disso, também foi colocada em discussão a forma como as visões sobre o exílio foram sendo construídas e transformadas ao longo das décadas de 1970 e 1980. Tomando como referência o personagem Quinho de *Sempreviva* e sua condição de exilado há dez anos, ele fez parte “das gerações 1964 e 1968” que sofreu o desenraizamento e fracasso político e pessoal. Suas memórias são marcadas pela dor e a saudade da Pátria (mãe e madrasta), e retornar, para ele, era a libertação de algo que lhe foi arrancado, seus projetos e sua esposa Lucinda que ficaram parados no tempo e no espaço “feito um copo que se vai estilhar no chão mas lá não chega”.

Nesse entendimento, a criação ficcional de Callado antecipa as questões colocadas por Rollemberg, quando ela afirma que “[...] o afastamento do universo de referências faz com que o exílio pareça como vazio, ausência, intervalo. As noções de tempo e lugar perdem a nitidez, confundindo o passado e o presente [...]”.²³⁹ O personagem de Callado vive atormentado por suas memórias e, mesmo tendo conseguido se inserir no exterior, trabalhando, tendo vida afetiva, seus fantasmas não lhe permitiam viver fora de seu lugar de origem. Assim, o sentido da trama de Callado continua sendo indagar: qual direcionamento o Brasil estava tomando com a luta pela anistia e a abertura política?

As memórias de Quinho também se aproximam da obra *Memórias do Exílio* (1976), publicado no Brasil em 1978 sob o patrocínio de Abdias do Nascimento, Paulo Freire e Nelson Werneck Sodré. De acordo com os seus organizadores, o projeto nasceu de uma preocupação com o passado, mas também com a construção de uma ponte para o futuro. A obra tornou-se referência, pois os próprios exilados deram seu testemunho, recorrendo à memória da luta política, da tortura e condição no exílio. No plano ficcional, Quinho também foi expurgado da sua terra natal e não tinha mais “a chama da luta”, pois haviam sido derrotados no campo das armas, como anunciado em *Bar Don Juan*. No entanto, ao regressar, passa a ser estrangeiro em sua terra, vivendo clandestinamente e resignado com a derrota da esquerda. Entretanto, Callado lança ao mesmo tempo a desilusão com a derrota da esquerda e

²³⁹ ROLLEMBERG, Denise. Entre raízes e radares, o exílio brasileiro (1964-1979). **XI Jornadas Interescuelas**, Departamento de Historia, Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, p. 08, 2007. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-108/758.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

a expectativa em relação ao apoio de órgãos internacionais, como a Anistia Internacional e a campanha pela anistia “ampla, geral e irrestrita”,²⁴⁰ em debate desde 1975.

Em 1978, houve a criação do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) e surgiram movimentos em prol da anistia. As aspirações dos brasileiros exilados ganharam força, como por meio do Movimento Feminino pela Anistia, por manifestações estudantis e também pelo apoio de artistas e intelectuais.²⁴¹ A questão da anistia também foi uma estratégia de integrantes do regime militar para enfraquecer a oposição e manter o controle sobre a abertura política, de maneira que os crimes/criminosas da ditadura não fossem punidos. Carlos Fico, Denise Rollemberg e Marcos Napolitano estão entre os historiadores que debatem a distinção entre a Campanha pela anistia e A Lei da Anistia (Lei 6.683), que também serviu aos interesses da ditadura.

Outro tema em voga nesse período é a “Operação Condor”, que, na ficção de Callado, aparecerá como uma denúncia direta contra as ditaduras do Cone Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), que mantinham um acordo de cooperação durante a década de 1970, formalizado em 1975. O grupo agia clandestinamente, com o objetivo de “[...] vigiar, sequestrar, torturar, assassinar e fazer desaparecer militantes políticos que faziam oposição, armada ou não, aos regimes militares da região”.²⁴² *Sempreviva* incorpora em sua trama as denúncias sobre ações conjuntas entre essas ditaduras, antecipando, assim, um debate que tomará fôlego a partir de meados de 1980 com a abertura democrática e culminou

²⁴⁰ “A campanha pela Anistia que já existia organizada desde 1975, com a fundação da MFPA por Therezinha Zerbine, tornou-se também uma bandeira dos exilados brasileiros no exterior, onde se formaram 30 comitês para lutar pelo tema. Mas ganhou força com a fundação do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA), em fevereiro de 1978, que tinha a proposta de articular a luta pela Anistia com a democratização geral da sociedade, levando o tema para as ruas”. NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014, p. 297.

Cf. NAPOLITANO, Marcos. No exílio, contra o isolamento: intelectuais comunistas, frentismo e questão democrática nos anos 1970. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 41-58, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/06.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.

²⁴¹ Um caso que teve repercussão foi o da cantora Nara Leão, ao falar à imprensa sobre a “urgência em anistiar” os que foram cassados pelo regime. Após a repercussão da entrevista e a possibilidade de prisão de Nara Leão, um grupo de 150 artistas e intelectuais lhe prestaram apoio em frente a sua casa. Entre eles estava Antonio Callado. A este respeito consultar:

OLIVEIRA, Sirley Cristina. 2012, 305 f. *O encontro do teatro musical com a arte engajada de esquerda: em cena o Show Opinião* (1964). 2011. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

²⁴² **COMISSÃO NACIONAL DE VERDADE (CNV)**. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/index.php/2-uncategorised/417-operacao-condor-e-a-ditadura-no-brasil-analise-de-documentos-desclassificados>. Acesso em: 17 jun. 2017.

em uma série de ações cobrando a investigação dos crimes cometidos contra os Direitos Humanos.

No entanto, ainda não se sabia como esta colaboração estava organizada e qual o grau de participação de cada país e, muito menos, seus colaboradores não oficiais. Isto só foi possível com a descoberta dos documentos secretos da polícia secreta do ditador paraguaio Alfredo Stroessner, em 22 de dezembro de 1992, quando, após uma denúncia anônima, a imprensa e líderes de organizações de defesa dos direitos humanos no Paraguai se dirigiram para o Departamento de Produções da Polícia de Investigações – em Lamaré – onde se encontravam arquivos da repressão paraguaia. Nas pilhas de documentos encontrados estavam fotos, documentos pessoais de mortos e desaparecidos e documentos oficiais da polícia que permitiram compreender a atuação da repressão paraguaia assim como comprovar a existência de um *mercosul do terror*, a Operação Condor.²⁴³

Conforme o relato, somente em 1992, com a descoberta de documentos secretos do ditador paraguaio Alfredo Stroessner, é que se comprovou a existência da Operação Condor, bem como a dimensão de suas ações repressivas. Observador atento, Callado tornou esses fatos substrato para *Sempre viva*, chegando a declarar que o romance era sombrio: “[...] estamos em um país atolado em seu próprio pantanal”.²⁴⁴ Callado traz a amargura, a desilusão e a derrota do ideal revolucionário, ao apresentar como fio condutor de sua trama um horizonte de expectativas marcado pelas incertezas de “um jogo de interesses” em que o lado mais forte e estrategicamente articulado era o da Ditadura Militar.

Ao lado disso, Daniel Aarão observou que, a partir de meados da década de 1970, os remanescentes das esquerdas revolucionárias estavam dispersos nas cadeias e no exílio. Os que permaneceram no Brasil ficaram à margem e em sua maioria haviam abandonado a resistência armada, por terem mudado de convicção, ou por reconhecerem a superioridade do inimigo. Mas continuavam incomodando com suas denúncias, principalmente sobre as torturas, que recebiam a atenção dos organismos internacionais.

Nessa nova atmosfera, desenvolveram-se as primeiras manifestações públicas desde 1968. O movimento estudantil e a luta pela anistia ocuparam espaços a partir de 1977, agitando reivindicações democráticas. Em 1978 entraria em cena, inesperadamente, o movimento operário, com a greve de São Bernardo.²⁴⁵

²⁴³ QUADRAT, Samantha Viz. Operação Condor: o “Mercosul” do Terror. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXVIII, n. 1, p. 168, jun. 2002.

²⁴⁴ CALLADO, Anatonio. Um escritor em busca do Brasil. In: CHIAPPINI, Ligia. **Antonio Callado**. São Paulo: Abril Educação, 1982, p. 7. Literatura Comentada. [Entrevista concedida a Ligia Chiappini]

²⁴⁵ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000, p. 69.

Nessa atmosfera Callado também incorporou a indignação no seu personagem Quinho, ao ver os torturadores vivendo suas vidas livremente, sem punição e até se dando bem, enquanto os que foram torturados e exilados eram os “inimigos da pátria”. Por isso, o projeto individual de Quinho, ao voltar do exílio, foi encontrar os torturadores de Lucinda e vingar sua morte, uma forma de a ficção dar uma resposta à derrota da esquerda e às arbitrariedades do autoritarismo do Estado. Diferentemente do personagem Quinho, o personagem João de *Bar Don Juan*, mesmo tendo visto sua amada Laurinha ser estuprada, não conseguiu levar sua vingança a cabo, pois o sentimento pessoal se contrapunha à causa revolucionária do final da década de 1960, que ainda era coletiva.

Nesse caminho, a trama de *Sempre Viva* gira em torno da busca de Quinho pelos extorturadores (carrascos disfarçados). Com a ajuda dos comunistas (comerciantes), Quinho atravessa a fronteira entre Puerto Soares (Bolívia) e o Brasil para reencontrar sua terra natal e a si mesmo (sua libertação). Após dez anos de exílio, Quinho vive a experiência do retorno: “[...] sentiu de repente a tremenda gravitação exercida sobre o seu corpo pela massa terráquea do Brasil, mãe madrastra descomunal, que o expelira duas vezes, primeiro do ventre, para lhe dar a terra, e depois dessa própria terra natal para torná-lo deserdado, errante”. (*SEMPREVIVA*, p. 13.) Voltar para sua terra representa a busca de um passado que não era mais o mesmo, bem como a busca do elo que foi interrompido com a morte de Lucinda (luz, iluminada), arrancada de seus braços:

O me arrancarem Lucinda dos braços me pôs, digamos assim, na romaria, na peregrinação, para reatar, não no plano físico, é lógico, mas no de uma libertação que me é exigida, aquele momento que ficou, de uma forma muito literal, no espaço, feito um copo que se vai estilhaçar no chão mas lá não chega, gestos e copos e cópulas sem consumação. (*SEMPREVIVA*, p. 72; 73.)

Quinho se sente ainda no vazio da sala escura do cinema, pois o momento em que lhe arrancaram Lucinda ficou suspenso como “um copo que vai estilhaçar e lá não chega”,²⁴⁶ ou seja, algo que não se consuma. Por isso, diante da impossibilidade da luta, a vingança tornou-se o caminho para sua “tarefa justiceira”. Nessa tarefa, a esquerda aparece inativa, contudo os comunistas que vivem em Corumbá pavimentarão o acesso do protagonista ao grupo dos ex-

²⁴⁶ A cena do copo descrita por Quinho refere-se ao filme a que estavam assistindo quando Lucinda foi presa: *O Ano Passado em Marienbad* (1961), de Alan Resnais, considerado o ápice do cinema moderno.

Cf. COELHO, Luiz Antônio. O objeto na condução narrativa: o caso *O Ano Passado em Marienbad*. **Estudos de Cinema**, Ano III, 2001.

policiais. Para compreender o jogo proposto por Callado, no qual os personagens se escondem por trás de nomes falsos, é preciso conhecer esses dois grupos: torturadores e comunistas.

3.6 “APAGANDO A CHAMA DA LUTA”: TORTURADORES E COMUNISTAS

O universo dos ex-policiais e torturadores vai sendo revelado em *Sempreviva* à medida que o cotidiano desse grupo é aprofundado na trama. Mais que em *Bar Don Juan* e *Reflexos do Baile*, *Sempreviva* envereda nessa dimensão, sobretudo com os dois alvos de Quinho: o fazendeiro Antero Varjão/Claudemiro Marques, inspirado no delegado Sérgio Paranhos Fleury, do Departamento Estadual de Investigações Criminais (DEIC) de São Paulo, que morreu em 1979, e o médico legista Juvenal Palhano/Ari Knut. Callado apresenta dois perfis de torturador e traz para o debate o fato de homens preparados e com refinamento intelectual também pertencerem ao serviço de inteligência da polícia política. Sobre esses diferentes perfis, Aarão Reis argumenta que o regime militar reunia “animais de todos os tipos”, desde oficiais treinados e sofisticados a facínoras e bate-paus obtusos.

Nesse entendimento, em *Sempreviva*, Antero Varjão/Claudemiro Marques (delegado Sérgio Paranhos Fleury), o onceiro, dono da Fazenda *La Pantanera* ou “Onça Sem Roupa”, que não gosta de gente, que caçava e matava as onças de forma cruel, assim como fazia com os presos políticos, assemelha-se ao grupo que Aarão Reis definiu como: “[...] facínoras de todo o tipo, sem falar nos bate-paus obtusos, e nos que se haviam corrompido no submundos do crime e da contravenção, protegidos pela impunidade dos chamados *homens do sistema*”.²⁴⁷ O personagem Antero Varjão/Claudemiro é o representante desse grupo de facínoras, tanto pelas práticas ilícitas do contrabando de drogas que ele chefiava, quanto pelo requinte de crueldade com o qual torturava os animais. Suas lembranças dos tempos em que estava em ação na polícia política e “perseguido” pela imprensa também remontam ao mundo de “trevas”, marcado pelas imagens das torturas e assassinatos de presos políticos.

[...] e iam querer saber de novo, eternamente, se o frei tinha se enforcado de tanto que enrabavam ele ou ele, Claudemiro, tinha mesmo testado com um cabo de vassoura a virgindade do babaca, um tanto engelhada, diga-se de passagem, da madre. (*SEMPREVIVA*, p. 104.)

Callado apresenta as memórias do torturador sem nenhuma crise de consciência, remetendo a acontecimentos verossímeis como o “enforcamento do frei”. A obra *Memórias do Exílio* (1976) trouxe a história/denúncia da morte de Frei Tito, que, após ser preso e

²⁴⁷ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerda e sociedade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000, p. 66.

torturado, foi banido em 1971 e em 1974 enforcou-se em um convento na França, aos trinta e um anos de idade. Frei Xavier Plassat descreve como Tito viveu atormentado pela tortura.

Tito tornou-se ausente, impenetrável, caindo depois em um delírio amedrontador: ele ouvia permanentemente a voz do comissário Fleury, seu torcionário, que lhe ordena que se renda enfim e confesse, do contrário cada um dos membros de sua família será torturado. Tito ouve os gritos dos seus. Ele obedece à interdição de entrar no convento, que lhe é dada por Fleury. Ele não se alimenta mais; geme sob o peso de uma culpabilidade intensa.²⁴⁸

Enquanto as vítimas da tortura vivem seus pesadelos, tanto na vida real quanto na ficção, seus algozes continuavam a praticar crimes políticos e a servir aos interesses da ditadura. Com olhar crítico, Callado trouxe a denúncia para seus romances, como, por exemplo, no momento em que houve a delação da cooperação entre as ditaduras do Cone Sul. No plano ficcional, Claudemiro, em seu monólogo interior, confessa um desses crimes: “Corina, que morreu de teimosa, foda-se, quem mandou. [...] e no fim a própria vaca de tanto não querer abrir a boca nem a cona teve que abrir a cova lá dela, o que afinal é feito fazer a própria cama” (*SEMPREVIVA*, p. 105.) Na fazenda Onça Sem Roupa/*La Pantanera*, a antiga senzala se transformou em um cemitério de presos políticos desaparecidos.

Mesmo diante de tantos crimes, o personagem Antero/Claudemiro não temia que sua verdadeira identidade fosse descoberta, pois, como declarou: “está cagando” para o fato, visto que era um “homem do sistema” e tinha seus privilégios. Na construção desse personagem, Callado recorreu a um vocabulário chulo, com intensa conotação sexual e com alusão aos atos de violência que aquele praticou ou deseja praticar. Ao mesmo tempo, é apresentado um Antero/Claudemiro apaixonado por Jupira, que se comporta como cavalheiro e consegue sentir pena de uma onça que matou quando defendia seus filhotes.

O outro perfil de torturador (homem do sistema) é Juvenal Palhano/Ari Knut, que teme ser desmascarado. O ex-médico legista é um personagem intrigante, que se esconde muito bem e consegue enganar a todos atrás de sua intelectualidade e refinamento. Fazia parte do grupo que Aarão Reis assim definiu:

²⁴⁸ PLASSAT, Frei Xavier. In: CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (Coords.). **Memórias do Exílio: Brasil 1964-1977**. n. 1 – de muitos caminhos. São Paulo: Livramento, 1978, p. 355.

Os coordenadores da obra *Memórias do Exílio* intitularam a Parte III do livro como: “III PARTE: DOSSIER FREI TITO”, composta por uma rica documentação.

A história de Frei Tito também está presente na obra autobiográfica *Batismo de Sangue* (1982), de Frei Beto, que enfoca as ligações dos frades dominicanos com Carlos Marighella. O livro de Frei Beto teve boa repercussão, tornando-se filme em 2007.

Havia os oficiais treinados nos sofisticados serviços de inteligência e contra-informação, acostumados a ler e analisar textos políticos e organogramas de organizações clandestinas, e a dar instruções que viabilizassem a tortura como método de coleta de informações. Esses homens trabalhavam em salas climatizada e não se misturavam ao trabalho sujo e degradante da tortura, embora o sucesso dessa deles dependesse. Eram homens *normais*, naquele sentido em que Hannah Arent falou da *banalidade* e da *normalidade* do Mal.²⁴⁹

Pertencente ao grupo “sofisticado”, o personagem de Callado se apresenta como um naturalista pesquisador e amante das plantas, um homem de extrema educação e inteligência. Acima de qualquer suspeita, conquista a amizade de Jupira, tornando-se seu confidente e conselheiro amoroso de toda a cidade. Quinho também foi seduzido pelo cultivador de plantas carnívoras e colecionador de pássaros Juvenal Palhano e, somente no final da trama, consegue desvendar o segredo. Na verdade, o segredo de Quinho é que foi desvendado por Knut, quando esse interceptava as cartas que recebia de Londres, sendo ele que permitiu que Quinho continuasse com seu plano de vingança. Na verdade, quem estava no controle era o representante da Ditadura Militar.

A admiração de Quinho pelo amplo conhecimento do médico legista traz para discussão os diferentes tipos de profissionais que serviam à ditadura e que, fora do exercício de suas funções, eram considerados “homens normais”. Em *Bar Don Juan* Callado já havia enveredado por esse tema e no filme *O que é isso, companheiro?* a cena em que o torturador liga para mulher e diz “vou chegar mais tarde”, também foi criticada, por atribuir ao torturador a imagem de “humanizada”. Se, por um lado, o universo do torturador é tratado com ironia, por outro, o grupo dos comunistas que viviam próximos a eles também apresenta um comportamento questionável, iniciando por Quinho, que ainda tem ligações com Partido Comunista, mas resolve agir por conta própria e realizar sua vingança.

No grupo dos comunistas, os personagens que se destacam são Jupira Iriarte e seu pai o velho Iriarte, com quem Quinho tem um relacionamento, principalmente por ela se parecer com Lucinda. Suas histórias se assemelham, pois Jupira também teve seu noivo torturado e morto pelos órgãos de repressão quando estava grávida de sua filha Herinha, que tinha a mesma idade da “criança de mármore que tinha ficado emparedada” no ventre de Lucinda. Por isso, ao encontrar Jupira e retornar à “chácara materna”, Quinho estabeleceu o elo entre os

²⁴⁹ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000, p. 65-66.

dois mundos: desaparecidos políticos (mortos), que precisavam ser vingados, e seus carrascos, que continuavam impunes.

Outros elos vão se encadeando na trama, como a relação da esquerda inerte com o contrabando. Os Iriartes eram contrabandistas “históricos, tradicionais e convictos” há gerações. O velho Iriarte, pai de Jupira e avô de Herinha, e seu irmão Pepe Iriarte, cidadão boliviano, assumiram a tarefa de consertar o mundo à sua maneira e o contrabando foi o caminho que encontraram. Além de bebidas e cigarros, também faziam contrabando de veneno de cobra para conseguirem importar soro antiofídico e salvar as inúmeras vítimas de sua comunidade. Mesmo que os meios fossem escusos, acreditavam que os fins os justificavam e o resultado era o que lhes interessava. Por isso, Quinho indagou abertamente sobre a possibilidade de a atividade ilícita colocar em risco a reputação do Partido:

- Pergunto, Iriarte, não por curiosidade, ainda que ela exista, e muito menos por espírito crítico, mas sim por uma estrita exigência de véspera de guerra, pois estou tomando aquele trago de vinho do pé no estribo antes de arremeter: você acha que, para realizar o conserto do mundo, vocês, Iriartes, estão agindo bem, que vai tudo bem, o Partido vai bem, com vocês sob as vistas da polícia, podendo ser presos como contrabandistas, processados pela lei comum, arrastando o Partido nesse jogo ambíguo, perigoso, você acha mesmo que está tudo bem, Iriarte, que não corremos riscos? (*SEMPREVIVA*, p. 84.)

A referência ao Partido Comunista incorpora outra discussão, que envolve a crise do Partido e sua rearticulação no final da década de 1970, na qual a pauta já não era a revolução e a ditadura do proletariado, mas sim a democracia. Callado incorpora essa discussão no plano ficcional, chamando a atenção para o fato de que os comunistas não eram os “mocinhos” da história, pois também utilizavam métodos escusos para atingir seus objetivos, como a resistência armada. Agora faziam contrabando e colocavam em risco o Partido, caso do personagem o velho Iriarte, que não compartilhava os receios de Quinho e do Partido. Para ele, sob o ponto de vista da “moral e dos bons costumes”, as “autoridades” respeitavam o Partido, visto que, mesmo que essas autoridades o odiassem e o perseguissem, ele continuaria existindo e resistindo. Quanto à sua atividade de contrabando de “secos e molhados”, essa não havia levantado suspeita e não levantaria, pois comunismo e contrabando são ideologias incompatíveis.

Callado também mostra que as ideologias também se mostram incompatíveis na formação do “homem novo”, enquanto, em *Quarup*, Nando e Levindo são exemplares desse homem. Agora, em *Sempreviva*, Quinho compreende que havia se formado “[...] o grupo do

homem novo, doença da espécie, cujo veneno será fatal contra ele se não invocarmos a cólera velho-testamenteira e wiesentálica”. (*SEMPREVIVA*, p. 87.) A nova espécie que surgiu não foi a que compartilhava a luta pela transformação social, mas, sim, a que combatia, formada por criminosos, torturadores inescrupulosos que serviam a uma causa contrária, que banalizavam a violência e a vida humana em prol de um regime autoritário.

3.7 A HISTÓRIA: “DEUSA ARRUMADEIRA”

Em seu tempo de guerrilheiro na década de 1960, o personagem Quinho queria transformar o Brasil a partir do Rio de Janeiro e São Paulo, os lugares que conhecia. Quando se tornou um exilado na Bolívia e depois na Europa, mudou a percepção sobre o seu país. Por isso, ao retornar do exílio pela fronteira de Corumbá e se embrenhar no pantanal mato-grossense, Callado retoma a ideia do interior do Brasil desconhecido. Assim como em *Quarup*, lança o novamente o questionamento sobre qual Brasil nós conhecemos, incorporando-o à discussão da permanente desarticulação das esquerdas. Como afirmou em abril de 1981, “[...] as esquerdas demonstraram que não estavam aptas para influir nos destinos do país”.²⁵⁰ No início da década de 1980, o balanço de Callado sobre as esquerdas é a síntese de *Bar Don Juan* e *Reflexos do Baile*, ou seja, do despreparo e da derrota.

Nesse itinerário, coube a *Sempreviva* a desilusão e a vingança, por isso a trama se articula para a morte daquele que foi o chefe dos torturadores e grande representante da polícia política. No plano ficcional, Antero/Claudemiro (delegado Sérgio Paranhos Fleury) continua praticando a tortura contra animais, por exemplo, quando mata Jurupixuna, o macaquinho da menina Herinha. Ao encontrar o animal morto, Quinho associa o fato às práticas dos porões da Ditadura Militar:

- Jurupixuna foi torturado feito gente, Jupira, feito Lucinda, feito seu noivo, foi estrangulado e empalado como um comunista, atormentado, pendurado na vara num pau-de-arara e varado por outra vara, nas entranhas dele, como se quisessem que ele desse endereços, dedurasse os outros e falasse e falasse. (*SEMPREVIVA*, p. 116.)

O tema da tortura é sempre retomado, pois permanece na memória dos que foram vítimas do regime, estabelecendo proximidade temática com outras obras, como com a personagem *Ela* do romance *Em Câmara Lenta* (1977) de Renato Tapajós e Juliana de *Reflexos do Baile* (1976), assim como Lucinda de *Sempreviva*. Todas foram mortas sob

²⁵⁰ CALLADO, Antonio. O Brasil Profundo de Antonio Callado. *Isto É*, São Paulo, Literatura, p. 56-57, 29 abr. 1981, p. 57. [Entrevista concedida à Isto É]

tortura e, da mesma forma cruel, Quinho se vinga matando Claudemiro (o torturador), fazendo com que parecesse que fora atacado por onças. O anúncio da morte do onceiro Antero Varjão é o único momento em que o povo se faz presente, perplexo com a morte de um caçador que se tornou caça. Quando as pessoas vão para as ruas apurar o acontecido, estabelece-se a versão aceita para o caso, como observou o velho e sábio Iriarte: “Está tudo apurado pelo povo, minha filha, e você sabe de quem é a voz do povo, quando ela fala assim, segura e forte. [...]”. (*SEMPREVIVA*, p. 213.) Assim como o povo, o Partido e os militantes de esquerda não participam de nenhuma ação direta, sendo apenas expectadores dos acontecimentos.

A incapacidade de ação desses diferentes grupos transfere para a História a tarefa de revelar os crimes do regime. E quem assume o papel de “deusa arrumadeira” é a menina Herinha,²⁵¹ que tem forte ligação com a natureza e com os animais, como com Joselina, sua cobra cascavel, “a costureira”, que tece as tramas da História, picando tecidos/retalhos que depois são alinhavados por ela, refazendo os caminhos dos acontecimentos.

[...] Joselina tinha entendido e armado o desenho que contava a história que, embora feita de remendos coloridos, diferentes entre si, era completa, como uma roupa de arlequim ou uma colcha paraguaia. Pelos furos que Joselina fazia com a língua e deixava no retalho Herinha enfiava o fio de linha. Um dia, pregados um no outro, os panos de Joselina iam contar a Herinha a história feita de todas as histórias, que davam a impressão de não ser a mesma coisa só por falta de agulha e de linha. (*SEMPREVIVA*, p. 148.)

Com seu olhar atento, Herinha consegue ver por trás das máscaras e dar o desfecho para a parte final do romance, que se desenrola rapidamente quando Juvenal Palhano/Ari Knut, que também fez o jogo da vingança, se revela após a morte de Antero Varjão/Claudemiro, com quem sua relação ficou estremecida quando foram viver clandestinamente em Corumbá. Claudemiro deixou Knut de fora do enriquecimento ilícito que comandava na fazenda. Sentindo-se descartado, já que, no Pantanal, não precisavam de um legista. Por isso, não denunciou Quinho, deixando-o seguir com seu plano, e, ao mesmo tempo, abrindo caminho para tornar-se o novo “chefe” do grupo.

²⁵¹ “Ela personifica a relação harmônica entre o ser humano e a natureza. Herinha remete à deusa grega Hera, esposa de Zeus, nome que etimologicamente significa ‘a forte, a protetora’. A deusa, por ser a esposa principal de Zeus, era protetora, vingadora e ciumenta. No começo do romance, a menina Herinha é um ser inocente, mas no final ela se transforma na grande vingadora e assume o papel de protetora, coisa que nenhum dos integrantes do grupo de ex-combatentes tinha conseguido”. ROJAS, Juan Pedro. **Juan José Saer, Antonio Callado e a “Literatura do contra”**. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Departamento de Teoria e Literatura e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015, f. 100.

Ao se revelar para sua “amiga” Jupira, Juvenal Palhano/Knut reconhece que o passado nunca é o mesmo, assim como não é possível esconder de alguém toda a verdade/identidade

Me olhe pela última vez com os olhos anteriores, creia que fui, com a sinceridade possível, aquele e aquilo que fui, e se alguma coisa posso dizer que me enalteça, ou defenda, é que se ninguém se banha duas vezes no mesmo rio – mas finge que sim – eu me vali, para o banho de uma só vida, de mais de um rio, e não nego não. (*SEMPREVIVA*, p. 150. Destaque nosso)

No desfecho da obra, Herinha e sua serpente (personagens da mitologia grega) fecham o ciclo de vida e morte, passado e presente, pois, sob a máscara da “inocência”, “Herinha [...]. Comprovou diante da gaiola da cascavel, que Joselina também tinha mudado a pele e, [...] transformada ela própria em agulhão, se costurava, se trançava, se enroscava, perigosa, na tapeçaria da história do Jurupixuna, criando um cintilante e venenoso pano vivo”. (*SEMPREVIVA*, p. 265.) Como “presente”, a menina leva uma caixa para tio Juvenal (Kunt), e esse, acreditando ser o sabiá Verdurino que ele tanto cobiçava, aproximou o rosto e abriu a caixa, tendo a cascavel Joselina lhe depositado seu veneno com uma picada mortal. A vingança contra o torturador de presos políticos está concluída, sendo seu corpo encontrado coberto por formigas.

Quinho (ex-guerrilheiro) cumpre sua tarefa ao matar e morrer,²⁵² conseguindo concluir sua vingança ao ver o corpo de Knut, o qual “[...] dava a impressão de ter se exumado a si mesmo, ter emergido dos porões da morte, do fundo para a flor da terra, fugindo, quem sabe, às vítimas que reencontrara além, expulso, enxotado talvez pela própria Lucinda”. (*SEMPREVIVA*, p. 288.) No momento em que fica parado, observando o corpo do carrasco, as formigas começam a subir pelos seus tornozelos e em suas entranhas. Assim, “Quinho encheu de ar os pulmões, [...] como se levasse um sopro ao festivo balão de insopitável júbilo, [...] não aguentou nos tornozelos as formigas nem, nas entranhas, o balão que ameaçava subir com ele para os céus – e, batendo forte com os pés, riu”. (*SEMPREVIVA*,

²⁵² Sobre a relação dos militantes que aderiam à resistência à Ditadura Militar com a morte, Ramos diz: “[...] aquele que se decide por uma vida dedicada à revolução, passa a conviver permanentemente com a ideia de que a qualquer momento pode ser preso, torturado e morto. Para enfrentar isso, alguns mecanismos de defesa precisariam ser construídos. As organizações concentram suas forças na educação ideológica e na construção do ideal de sacrifício. O militante revolucionário só consegue prosseguir sua tarefa se racionalizar o suicídio. Em outros termos, a condição básica para que os combatentes pudessem resistir às adversidades era a introjeção da inevitabilidade/necessidade da morte (iminente) em nome da revolução”. RAMOS, Alcides Freire. A Luta Contra a Ditadura Militar e o Papel dos Intelectuais de Esquerda. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 3, ano 3, n. 1, p. 14-15, jan./fev./mar. 2006. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF6/8%20-%20ARTIGO%20-%20ALCIDESFRAMOS.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2013.

p. 289.) Por fim, deixa o local com sua vingança concluída e a caminho de sua morte pelo capanga de Claudemiro, sob ordens de Knut, que o esperava na rua e lhe dá uma forte coronhada de revolver na cabeça. (*SEMPREVIVA*, p. 288-289.)

Frente ao horizonte de expectativas de uma esquerda sem projeto coletivo, que vai da luta armada ao encontro com o povo idealizado por *Quarup*, fortemente criticado em *Bar Don Juan*, com a desabusada “esquerda festiva” e sufocada em *Reflexos do Baile* pela opressão do AI-5, resta a *Sempreviva* a vingança e o desejo da anistia, do retorno à Pátria mãe (democracia). Esse era o ideal compartilhado em fins da década de 1970 e o último folego para um romance que encerrou a opção e a viabilidade temática para o romance político. Enquanto os três romances anteriores apontam caminhos ainda possíveis ao término de suas narrativas, *Sempreviva* finda com a morte de Quinho, que também representa o fim do ideal coletivo. Com ele também morre o romance político: “[...] é hora do cada um por si e Deus por todos e quem quiser que conte outra que aqui o livro acabou, xô, gente, ide a missa já era, foi, e acabou”. (*SEMPREVIVA*, p. 286. Destaque nosso)

Contudo, uma nova Pátria/Lucinda estava nascendo, mas Quinho “[...] nunca jamais, em tempo algum, nunca ia poder ver a nova Lucinda, recente, sem...”. (*SEMPREVIVA*, p. 44.) Não completando a frase, o narrador induz o leitor à sua própria conclusão, que está atrelada aos projetos do final da década de 1970, que incorporavam uma abertura democrática “proposta” pelo regime militar: “distensão lenta, segura e gradual”, que aconteceu num período de onze anos, sob o controle dos militares, passando em seguida para os políticos civis conservadores, aliados da ditadura e antigos chefes da poderosa Aliança Renovadora Nacional (ARENA).²⁵³

Para Quinho, “a missa acabou, o sangue estancou e o sacrifício chegou ao fim”, ou seja, conseguiu se libertar da sala escura do cinema e ver o copo se estilhaçar no chão. Assim, a memória de Lucinda foi arrebatada e, no momento de sua morte, “Quinho ainda teve tempo de ver o copo que afinal se estilhaçava no chão. E desta vez ele guardou para sempre, na sua, sem soltá-la a mão de Lucinda, e guardou ela própria, toda ela, Lucinda perene, perpétua, imortal, sempreviva”. (*SEMPREVIVA*, p. 289.) Nesse sentido, a “Pátria mãe” prevalece para

²⁵³ Com o golpe civil militar de 1964, o governo ditatorial determinou o fim dos partidos políticos e instituiu o bipartidarismo. Os que apoiavam a Ditadura Militar ficaram conhecidos como arenistas, membros da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e o grupo de oposição o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em dezembro de 1979, com o fim do bipartidarismo, a ARENA mudou o nome para Partido Democrático Social (PDS).

além do regime de governo, cabendo agora a preservação da memória das “Lucindas” que foram assassinadas pela ditadura.

Ficará a cargo da História “alinhar” as diferentes histórias que precisam ser ainda esclarecidas, cabendo ao leitor atualizar perenemente os romances, à medida que seu horizonte de expectativas também vai se transformando e construindo, incessantemente, a historicidade dessas obras. Como observou Rollemberg, “[...] a construção da memória deste passado tem sido feita menos à luz dos valores que nortearam as lutas de então e mais em função do presente, dos anos 1980, quando a referência era a democracia – e não mais a revolução. Em jogo, a busca de legitimação, dando sentido ao passado e ao presente”.²⁵⁴ *Sempreviva* pode ser lido como a busca dos sentidos e, ao mesmo tempo em que faz denúncias e dialoga com os temas de sua atualidade, também abre o debate sobre o que a “história” contará.

Ao buscar em seu espaço de experiência os questionamentos para seus romances políticos, Callado conseguiu dar um tom crítico para suas obras, não apresentando uma visão unilateral nem do ponto de vista da esquerda, nem da direita. Com isso antecipou temas que são ainda hoje alvo de um acalorado debate historiográfico. Callado representou a Ditadura Militar como golpista, violenta, arbitrária, fazendo uso do autoritarismo do Estado para praticar a ilegalidade dos crimes de tortura e ferindo os Direitos Humanos. Ao mesmo tempo, a esquerda surge como desarticulada e a luta armada como um projeto que nasceu fracassado. Ao enfrentar a Ditadura, a esquerda, sobretudo a resistência armada, também foi violenta, radical e praticou crimes como assaltos, sequestros e assassinatos. Callado não apresenta uma esquerda “vítima”, exceto pela tortura, mas como uma resistência que não conseguiu se articular à altura de seu adversário.

Assim, Callado não fecha o itinerário de seus romances políticos, pois abre um campo de possibilidades em relação ao presente/futuro, lançando a indagação: qual democracia está por vir?

²⁵⁴ ROLLEMBERG, Denise. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001, p. 3.

CAPÍTULO IV

A ATUALIDADE DE ANTONIO CALLADO: O CALEIDOSCÓPIO DA FICÇÃO SOBRE O DEBATE HISTORIOGRÁFICO

[...] o que estende o horizonte de expectativa é o espaço de experiência aberto para o futuro. As experiências liberam os prognósticos e os orientam.

Koslleck

[...] país que não consegue andar para a frente por que todo mundo rouba as rodas do carro...

Callado

A ATUALIDADE DOS romances de Callado “vive batendo à porta”, pois os temas com os quais dialogam lançam luz sobre nosso presente e coadunam com o debate sobre os rumos da democracia no Brasil, que é resultante de nosso processo de formação marcado pela tradição conservadora, autoritária e oligárquica. Callado demonstrou sua inquietação e desconfiança sobre a abertura democrática, controlada pela “distensão lenta, segura e gradual”, na qual os representantes do governo arbitrário estavam saindo impunes dos crimes cometidos e da violência praticada durante o regime militar. Em *Sempreviva* (1981) também reafirmou sua crítica ao despreparo e à ausência de projetos da esquerda, assim como questionou o sentido da democracia que estava por vir.

Callado não se encontra isolado em seu posicionamento, a própria historiografia confirmará as críticas lançadas por sua ficção. Obras como *Combate nas Trevas* (1987), de Gorender, e *A Revolução Faltou ao Encontro* (1990), de Reis, incorporaram o que ele já havia dito no final da década de 1960. Quanto aos rumos da democracia no Brasil, as desconfianças de Callado também são compartilhadas pelo o cientista político Weffort,²⁵⁵ em *Por que democracia?* (1984), ao questionar nossa tradição política autoritária marcada por sucessivos golpes. E após três décadas de democracia,²⁵⁶ o olhar crítico e irônico de Callado é de uma

²⁵⁵ Francisco Weffort, professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), teve sua trajetória intelectual ligada a essa IES na condição de discente e docente, portanto fez parte do grupo dos “uspianos” considerados intelectuais de esquerda que marcaram a vida política do país. Fez parte do CEBRAP e do CEDEC (1976-1985), voltados para análises dos movimentos sociais. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) e seu secretário geral entre 1984-1988. Deixou o PT e tornou-se ministro cultura do governo de Fernando Henrique Cardoso, do PSDB.

Em entrevista recente à Folha de São Paulo (25/05/2017), aos 80 anos, declarou ter apoiado o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e que considera o governo do presidente em exercício Michel Temer legítimo. Posicionou-se a favor das reformas em andamento, “Reforma Trabalhista e Previdenciária”, e declarou que a oposição ao governo de Michel Temer e as acusações que ele vem recebendo são fruto de “uma tentativa de golpe contra as reformas”. Também defende a controversa “Operação Lava Jato”, afirmando que “A Lava Jato não criminaliza a política. Criminaliza os criminosos que operam na política e acaba com a impunidade da corrupção do Estado. É o maior e o mais benéfico acontecimento político da história da democracia brasileira”. COSTA, Luís; MAMMI, Antonio. Ex-ministro de FHC diz que gravação é ‘tentativa de golpe contra reformas’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1886094-ex-ministro-de-fhc-diz-que-gravacao-e-tentativa-de-golpe-contra-reformas.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2017.

²⁵⁶ O conceito de democracia é amplo e este estudo não se propõe a investigá-lo em profundidade. Contudo, alguns apontamentos são necessários. De acordo com Bobbio, a teoria contemporânea de democracia pode ser entendida da seguinte forma: “Ao longo de todo o século XIX, a discussão em torno da Democracia se foi desenvolvendo principalmente através de um confronto com as doutrinas políticas dominantes no tempo, o liberalismo de um lado e o socialismo do outro. [...] Juntamente com a noção comportamental de Democracia, que prevalece na teoria política ocidental e no âmbito da ‘political science’, foi-se difundindo, na linguagem política contemporânea, um outro significado de Democracia que compreende formas de regime político como as dos países socialistas ou dos países do Terceiro Mundo. [...] Chama-se formal à primeira porque é caracterizada pelos chamados ‘comportamentos universais’ (universali procedurali), mediante o emprego dos quais podem ser tomadas decisões de conteúdo diverso (como mostra a co-presença de regimes liberais e democráticos ao lado dos regimes socialistas e democráticos). Chama-se substancial à

incômoda atualidade, seus questionamentos estão sendo compartilhados por estudiosos e críticos que se debruçam sobre a crise política brasileira e também retomam os temas da Ditadura Militar para problematizar o modelo democrático que construímos.

Diante disso, cabe indagar: qual o legado da obra de Callado? Em busca dessa reflexão, partimos do entendimento de que a historicidade de sua literatura é permanentemente construída a partir da sua atualidade temática e das sucessivas leituras. Haja vista o considerável número de estudos acadêmicos que se têm dedicado a sua obra, a maioria ainda privilegiando os romances políticos, mas pesquisas recentes estão tomando sua dramaturgia e suas matérias jornalísticas como objeto de análise.

Suas reportagens também se tornaram referência para o jornalismo literário e político: *Esqueleto na Lagoa Verde* e *Vietnã do Norte: advertência aos agressores* são mencionados como clássicos nesta forma jornalística e Callado, um de seus representantes. Outro exemplo consiste nas matérias publicadas sobre a questão agrária no Nordeste, que têm sido uma bibliografia recorrente nas investigações sobre Ligas Camponesas, sindicatos rurais e toda a movimentação que Callado levou para imprensa em fins de 1950 e início de 1960. Ou seja, também têm sido tomadas como referência para uma determinada perspectiva da História Regional do Nordeste, principalmente de Pernambuco.

segunda porque faz referência prevalentemente a certos conteúdos inspirados em ideais característicos da tradição do pensamento democrático, com relevo para o igualitarismo. [...] Como a democracia formal pode favorecer uma minoria restrita de detentores do poder econômico e portanto não ser um poder para o povo, embora seja um Governo do povo, assim uma ditadura política pode favorecer em períodos de transformação revolucionária, quando não existem condições para o exercício de uma Democracia formal, a classe mais numerosa dos cidadãos, e ser, portanto, um Governo para o povo, embora não seja um Governo do povo. [...] é necessário reconhecer que nas duas expressões ‘Democracia formal’ e ‘Democracia substancial’, o termo Democracia tem dois significados nitidamente distintos. A primeira indica um certo número de meios que são precisamente as regras de comportamento acima descritas independentemente da consideração dos fins. A segunda indica um certo conjunto de fins, entre os quais sobressai o fim da igualdade jurídica, social e econômica, independentemente dos meios adotados para os alcançar. [...] Os dois tipos de regime são democráticos segundo o significado de Democracia escolhido pelo defensor e não são democráticos segundo o significado escolhido pelo adversário. O único ponto sobre o qual uns e outros poderiam convir é que a Democracia perfeita – que até agora não foi realizada em nenhuma parte do mundo, sendo utópica, portanto – deveria ser simultaneamente formal e substancial”. BOBBIO, Norberto. Democracia. In: _____; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 9 ed. Brasília: Ed. UnB, 1997, p. 323-329. v. 1.

Para maior aprofundamento da questão:

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ARISTÓTELES. **A Política**. 2ed. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Para esta análise, buscamos a maneira como Callado está inserido no debate contemporâneo, recorrendo às diferentes formas como continua sendo “lembrado”,²⁵⁷ seja por meio de suas obras, de publicações sobre seu lugar enquanto intelectual (escritor e jornalista) ou espaços a que tem seu nome vinculado. Nesse intuito, primeiramente apresentaremos os temas presentes em sua obra (o legado da obra), como as incertezas da abertura democrática, e o lugar que ele próprio ocupa no debate contemporâneo (o lugar de Callado).

4.1 A ABERTURA DEMOCRÁTICA E O “LUGAR” DO INTELECTUAL

Outros intelectuais também compartilharam dos anseios de Callado, como o cientista político Weffort, que no mesmo período da abertura democrática questionou “Por que democracia? Por que não revolução?” ao presenciar o processo de “transição democrática”. Assim como Callado, Weffort refletiu sobre o sentido de uma abertura política que “começou pelo alto”, ou seja, começou autoritária e sob o controle dos militares. Portanto, as críticas do escritor/jornalista e do cientista político caminharam na contramão do entusiasmo compartilhado por aqueles que almejavam que o fim da ditadura reestabelecesse a “mesma democracia” que foi rompida com o golpe civil-militar de 1964.

Callado e Weffort compartilharam a indagação sobre qual democracia estava por vir. A análise de Weffort, quando aproximada do projeto ficcional de Callado, resulta no diálogo direto com a noção de “tradição política autoritária”, que na história brasileira pode ser exemplificada com a recorrência de “golpes”²⁵⁸ e a forma como influenciaram a construção de nossa democracia.

²⁵⁷ Nesse entendimento recorremos a Ricoeur ao discutir a relação entre a memória e história e os recursos da memória: “[...] desde Platão e Aristóteles, falamos da memória não só em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração, aquilo que chamavam *anamnesis*. E quando essa busca termina, falamos de *reconhecimento*”. RICOEUR, Paul. **Memory, history, oblivion**. Budapeste, 2003. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/219745688/Memoria-Historia>. Acesso em: 17 ago. 2014.

Para maior aprofundamento:

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François e outros. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

Sobre o papel do intelectual no mundo contemporâneo:

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

RAMOS, Alcides. A Representação do Intelectual. In: _____. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e história do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002.

²⁵⁸ A palavra golpe tem sido amplamente utilizada no cenário político atual, deixando de ser tema quase exclusivo das salas de aulas e ganhando os meios de comunicação. Alguns intelectuais têm publicado em periódicos suas reflexões e/ou “explicações” sobre o tema, utilizando uma linguagem mais acessível, pois

Caminhando *pari passu* com as incertezas da década de 1980, Weffort recorre à “visão do outro”²⁵⁹ para responder a “Por que democracia? Por que não revolução?”, partindo da desconfiança de um diplomata americano sobre a “transição democrática” brasileira. O diplomata via em nossa conjuntura política a relação conflituosa entre “democracia”, “revolução” e “golpe”. Para tanto, Weffort explica que o motivo de sua inquietação em 1983 foi ter sido interrogado, na condição de um intelectual de esquerda, sobre o embaraçoso tema:

‘Por que democracia? Por que não revolução?’ Vinda de um diplomata americano, uma pergunta como esta suscita em qualquer intelectual brasileiro uma pontinha de paranoia. [...] Ninguém no Brasil falava, naquele momento, em revolução. Por que um diplomata americano haveria de interessar-se pelo assunto?²⁶⁰

O mais inverossímil de tudo, para Weffort, era que muitos brasileiros acreditavam que estava acontecendo uma “transição para democracia”, mesmo sabendo que o Brasil não era um bom exemplo nesse campo e muito menos de estabilidade política. Diante disso, a questão colocada era que, sob perspectivas antagônicas, tanto a direita quanto a esquerda falavam em revolução, mas tendo a violência como ponto em comum, e também o paradoxo de que, após a fase mais truculenta da Ditadura Militar, tanto a direita quanto a esquerda estavam falando em democracia.

objetivam alcançar um público maior. Estas explicações são necessárias, pois na história de nossa República os golpes são recorrentes e alguns se destacaram, como a ditadura do Estado Novo (1937) e o golpe civil-militar (1964). Os golpes têm-se tornado cada vez mais sofisticados, como em 2016, quando do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, que está sendo considerado um “golpe parlamentar”, com apoio da mídia e do judiciário, revelando também um aprimoramento da direita em manipular o “jogo político” em prol seus interesses de manutenção do poder. “Quem não se inspira na história está condenado a repeti-la, repetindo seus erros”. AMARAL, Roberto. Brasil, de golpe a golpe. **Carta Capital**, 18 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-de-golpe-a-golpe>. Acesso em: 12 fev. 2016.

²⁵⁹ Weffort explica em seu livro que a provocação sobre “Por que democracia? Por que não revolução?” surgiu durante entrevista com um diplomata americano que queria saber a visão de um intelectual de esquerda sobre o processo de redemocratização no Brasil. “Diplomatas, em especial os americanos, acreditam necessário ter a visão pessoal do país que devem trabalhar. [...] O exercício da dominação em escala mundial tem seu preço. E este certamente inclui o envio de pessoas para ouvir e informar. Não tenho dúvida de que pessoas como este funcionário americano andam por todos os países, trabalhando por uma melhor informação, ansiosos pelo que deve vir ocorrer amanhã”. WEFFORT, Francisco. **Por que Democracia?** São Paulo: Brasiliense: 1984, p. 13-14.

Mais de três décadas depois da observação de Werffort, é salutar observar que a “dominação em escala mundial” continua tendo seu preço, mas, com o avanço tecnológico, o trabalho de ouvir, informar e “espionar” tomou proporções imensuráveis. O maior escândalo de espionagem do século XXI foi em 2013, quando Edward Snowden, o ex analista Agência Nacional de Segurança (NSA), divulgou a espionagem do governo dos Estados Unidos envolvendo “grampos telefônicos” da comunicação da presidenta Dilma Rousseff e Lula. A presidenta Dilma Rousseff cancelou a viagem oficial para os Estados Unidos em virtude do ocorrido.

²⁶⁰ *Ibid.*, p. 13.

Em fins de 1984 Weffort delineou o quadro da transição que se fazia “pelo alto”, apresentado os partidos políticos e seus representantes. De um lado o Partido Democrático Social (PDS), representando a direita e tendo como candidato Paulo Maluf, fruto da ditadura. Em oposição, o partido moderado e com proposta mais liberal, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), onde se agruparam parte dos dissidentes do PDS. Ambos apresentavam laços com o regime militar que, ao sair do poder, deixou o comando do Estado em “mãos confiáveis”. Ou seja, o Brasil teve a Ditadura Militar porque nossa democracia sempre foi frágil e, ao restabelecê-la, as expectativas não eram nada animadoras, pelo menos para intelectuais como Callado e Weffort, que questionaram o fato de a transição democrática ter tido acolhida otimista das pessoas que compunham a esquerda brasileira na década de 1980.

Antecipando o debate, Callado trouxe em sua ficção o questionamento sobre o sentido do Brasil, mostrando que em suas bases havia uma tradição conservadora e autoritária e, enquanto a esquerda não conseguia se articular e organizar um projeto coeso, a direita estava sempre um passo à frente, pois nossos sucessivos erros, nosso excesso de confiança, nossa “cordialidade” contribuíram para manter no poder os mesmos grupos e indivíduos. Callado chegou a afirmar que o Brasil era um país “sem vergonha na cara”, ao presenciar antigos colaboradores do regime militar estarem no poder em “plena democracia”, ou seja, a história estava mostrando que os conservadores sempre venceram.

Nesse mesmo entendimento, Weffort disse: “[...] tenho a nítida impressão de que o nosso passado conservador, ao invés de oprimir, invade ‘o cérebro dos vivos’ sem cerimônia, com a maior desfaçatez”.²⁶¹ Ambos estavam lançando seus prognósticos a partir de suas “experiências e expectativas”, que, no distanciamento de mais de trinta anos, se apresentam como uma amarga atualidade. Nessa reflexão, Weffort acrescenta que a noção de política herdada de nossa tradição não se apresenta com quase nenhuma diferença entre a esquerda e a direita, pois ambas são conservadoras e fazem parte do “velho jogo” que vê a política como

²⁶¹ WEFFORT, Francisco. **Por que Democracia?** São Paulo: Brasiliense: 1984, p. 25.

Em 2015 Weffort foi alvo de sua própria crítica, quando o jornalista Mino Carta o chamou para prestar contas com o passado. Mino Carta disse abertamente que Weffort é um direitista: “[...] há de se temer, e muito, aquele que sai da esquerda para descambar à direita. Esta é, a meu ver, uma regra básica do relacionamento com o semelhante. Melhor o caminho inverso, e louve-se, acima de tudo, a coerência. Não foi própria do comportamento de Weffort: de secretário e ideólogo do PT a ministro de FHC”. CARTA, Mino. Só a ideia sobrou. **Carta Capital**, 30 mar. 2015. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/revista/843/so-a-ideia-sobrou-7581.html>. Acesso em: 12 mar. 2015.

“liberdade”, residindo nesse ponto o grande problema que, se continuasse predominando, a democracia seria ameaçada.

A democracia que teremos daqui para a frente será tão capenga quanto a que já tivemos no passado. Mais ainda, a continuar prevalecendo este conceito conservador de política, se a democracia será capenga, uma revolução será simplesmente impossível.²⁶²

Diante de tal constatação, Weffort critica a democracia vindoura, tendo como parâmetro nosso processo histórico. Cabe confirmar que suas reflexões foram assertivas, pois o ideal democrático que se apresentou com o fim de um estado arbitrário continua sendo parte de uma tradição política “capenga”, conservadora, autoritária e marcada pela tradição de golpes para usurpação do poder estatal. Ou seja, está relacionada à nossa cultura política²⁶³ e ao papel desempenhado por nossas instituições.

Nesse entendimento, continuamos herdeiros da ambiguidade entre democracia e autoritarismo, por isso aquela se torna “um instrumento para o Estado”, por isto os militares tomaram a dianteira no processo de transição, pois, com o AI-5, haviam conseguido controlar a sociedade civil e os meios de comunicação com uma política de “terror do Estado” que se traduziu em violência (prisões, torturas e mortes). Quando a ideia de liberdade democrática contra o Estado autoritário uniu socialistas, comunistas, liberais, empresários, sindicalistas, todos esses grupos criaram novas identidades políticas e sociais, como, por exemplo, o movimento operário e a criação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Qualquer que seja o governo que venha resultar do confuso processo de sucessão em que nos encontramos, não poderá resolver a questão da democracia até porque, para tal, precisaria cortar o galho autoritário onde se apoiará. A transição para a democracia continuará. Mas se até aqui tem

²⁶² WEFFORT, Francisco. **Por que Democracia?** São Paulo: Brasiliense: 1984, p. 30.

²⁶³ “Esse diagnóstico da política brasileira está, portanto, inteiramente ligado à construção de uma tradição dicotômica de pensar o país, muito compartilhada no campo intelectual a partir dos inícios da República e que tinha fortes raízes no pensamento sociológico conservador, com destaque mas não exclusivamente. Essa tradição se desenvolveu sob o impacto de alterações que atingiram, de forma geral, todas as relações sociais até então existentes. Simbolizada pela oposição ‘Brasil real x Brasil legal’, fixava um conjunto de oposições em o lado ‘real’ era representado por uma sociedade rural e exportadora, na qual dominava a descentralização e o poder patriarcal, familista, clientelista e oligárquico dos chefes da ‘política profissional’. Já o lado ‘legal’, visto também como ‘artificial’, emergia como o de uma sociedade urbano-industrial, na qual o poder centralizado e concentrado no Estado teria bases impessoais e racionais, sendo exercido por uma burocracia técnica. [...] essa tradição clássica no pensamento social brasileiro, a qual produz uma avaliação dualista de nossa formação em que, grosso modo, as causas de nossos males advêm de um desajuste em que ‘falta poder público e sobra poder privado’ [...]”. GOMES, Angela de Castro. A Política Brasileira em Busca a Modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando. (Org.) **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 500-501. v. 4.

caminhado sob a iniciativa do regime e sob a hegemonia dos liberais, daqui para a frente surge a vez dos de baixo erguerem a própria voz.²⁶⁴

A chave interpretativa dos equívocos, segundo Weffort, reside no fato de que não se separa democracia e revolução, pois ambas buscam a liberdade. Por isso, quando revolucionários tomam o caminho da democracia convergem no sentido de o povo procurar seu destino com suas “próprias mãos”. Assim o autor apresenta o entendimento de “por que democracia?”, pois ela é herdeira de um processo em que passado/presente/futuro se entrelaçam ou, mais precisamente, a democracia que temos hoje é herdeira da que tivemos no passado e será a base para a que virá. Contudo, em 1984 Weffort afirmou que esperava que se construísse uma democracia socialista, enquanto Callado, no início da mesma década, também esperava por esta democracia, mas desconfiava dos que estavam no comando para que ela se efetivasse, pois nossa tradição sempre caminhou para uma democracia “formal” e liberal, caminho diferente de uma democracia “substancial” de base socialista.

A forma como Callado trouxe esta discussão para a ficção foi singular. Em fins da década de 1970 e início da de 1980, grande parte das obras ficcionais e não ficcionais enveredava para o tema da memória, ou se embasava em relatos, depoimentos e entrevistas. Enquanto isso Callado retomou a busca pelo “centro do Brasil” no romance *Sempreviva*, pensou com amargura o tema da anistia que estava beneficiando os antigos torturadores e a ausência da esquerda no momento em que o país não vislumbrava uma boa saída. O pessimismo do escritor/jornalista em parte pode ser entendido quando diz:

Mas sinto que realmente fiquei mais pessimista em relação ao Brasil. Não vivemos mais um Brasil novo, como se dizia antigamente... O país já é muito antigo, tão velho quanto os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália. E é um país que tem recursos extraordinários, há muito tempo que os tem, e no entanto não sai de um ritmo ridículo de país pequeno, corrompido, país que não consegue andar para a frente porque todo mundo rouba as rodas do carro...²⁶⁵

Com a abertura democrática, intelectuais e artistas que se opuseram ao regime militar, seja pela luta armada, seja na resistência democrática, se frustraram com os rumos políticos do país e, enquanto alguns se agruparam em partidos, outros se afastaram do cenário político. Em *Sempreviva* Callado não só compartilhou sua desconfiança com os rumos da

²⁶⁴ WEFFORT, Francisco. **Por que Democracia?** São Paulo: Brasiliense: 1984, p. 99.

²⁶⁵ CALLADO, Antonio. **3 Antonios & 1 Jobim: histórias de uma geração.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 86. [Entrevista concedida a Zuenir Ventura, também presente no vídeo com o mesmo título]

democracia, como também anunciou o fim do “romance político”, e com isto tocou em um problema que estava sendo enfrentado pelos seus pares. Ou seja, aqueles que se projetaram ou tiveram reconhecimento com a arte de resistência, com o fim do regime de militar e o reestabelecimento do Estado de Direito ficaram sem espaço. Nesse raciocínio, Patriota observou que, após a abertura democrática, um novo quadro político-cultural foi instaurado e com ele alguns artistas engajados tornaram-se ultrapassados.

Pouco a pouco, decretou-se a morte das ideologias, e a retomada, para muitos, do princípio da arte pela arte. Paulatinamente, houve a substituição de um princípio pelo outro. De um lado, estavam os que se intitularam em ‘sintonia’ com seu tempo. De outro, aqueles que passaram a ser vistos como ‘ultrapassados’, pois nada mais tinham a dizer ou a contribuir, tanto estética, quanto politicamente.²⁶⁶

O que está sendo colocado pela historiadora é o complexo tema de a arte engajada/política ser uma “arte datada”. Ou seja, obras que dialogaram com uma determinada conjuntura a partir de posicionamentos políticos declarados de seus autores só teriam sentido e significado para aquele tempo, como se estivessem “presas” ao momento da sua produção. Tomaremos como exemplo a análise que Patriota realiza sobre a contemporaneidade da obra do dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha, 1936-1974), mostrando que mesmo seus textos teatrais tendo sido escritos no princípio de 1960, continuam atuais.

Embora existam interpretações que sistematicamente trabalhem a ideia de que Vianinha seja uma página virada na história do teatro brasileiro, que se tornaram consenso para determinados grupos, elas são profundamente limitadoras, pois se é verdade que Vianinha é um homem de seu tempo, é também falso restringir seu trabalho e sua reflexão a um único momento histórico, na medida em que a abrangência temática de seus escritos continua pulsando em nossa sociedade.²⁶⁷

O exemplo cabe às obras de muitos artistas e intelectuais engajados, cujos temas continuam “pulsando em nossa sociedade”. Entretanto, muitos deles não conseguiram se inserir²⁶⁸ nos espaços artístico-culturais, o que também significou um lugar de trabalho, a

²⁶⁶ PATRIOTA, Rosângela. História, Teatro, Política: Vianninha, 30 anos depois. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. I, ano I, n. 1, p. 02, out./nov./dez. 2004. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/pdf/Artigo%20Rosangela%20Patriota%20Ramos.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

Para maior aprofundamento:

_____. **Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo**. São Paulo: Hucitec, 1999.

²⁶⁷ PATRIOTA, 2004, op. cit., p. 16.

²⁶⁸ A discussão sobre o espaço ocupado, desde o início do processo de abertura democrática, pelos intelectuais de esquerda, tem resultado em vários estudos. Um deles o de Ribeiro, que traz esta discussão, ao mostrar que

divulgação e o reconhecimento de sua criação artística após a abertura democrática. No tocante a Callado, que já estava aposentado do jornalismo desde 1975, precisou encontrar espaço para sua literatura, continuou escrevendo romances, mas sem grande sucesso de público. Sua forma de se “reinventar” foi continuar escrevendo crônicas para periódicos de grande abrangência, como a *Revista Isto É* (1978-1982 “As Sacadas”) e o jornal *Folha de São Paulo* (1992-1996). Assim manteve o vínculo com o jornalismo, espaço onde tinha prestígio. Em 1997 as crônicas da *Folha de São Paulo* foram reunidas na obra *Crônicas de fim de milênio* (1997),²⁶⁹ lançada pouco tempo após sua morte. Quanto aos seus romances posteriores, *A Expedição Montaigne* (1982) e *Concerto Carioca* (1985), buscaram outro público, mas ele permaneceu refletindo sobre o tema dos excluídos, ao retomar a questão indígena, e último, *Memórias de Aldeham House* (1989),²⁷⁰ teve o formato de um livro de memórias.

Gianfrancesco Guarnieri não conseguiu nele se inserir porque nunca saiu da ortodoxia, pois seu engajamento no Partido Comunista impedia uma visão mais ampla do processo.

Para maior aprofundamento:

RIBEIRO, Nádia Cristina. **Temas e Acontecimentos do Brasil Contemporâneo pela Dramaturgia de Gianfrancesco Guarnieri**. 2012. 179 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

Em contrapartida, outros intelectuais conseguiram migrar o para meio cultural e para os meios de comunicação e se adequaram a uma nova linguagem, como Dias Gomes, que se tornou autor de telenovelas, Antunes Filho, diretor teatral (continuou resistente à televisão), Caetano Veloso e Gilberto Gil na música, Ferreira Gullar na literatura e outros. Cabe retomar o exemplo de Vianinha, que também pertencia ao Partido Comunista e migrou para televisão, alcançando grande sucesso como roteirista da “comédia de costumes” *A Grande Família*.

Para maior aprofundamento:

PATRIOTA, Rosângela. **Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo**. São Paulo: Hucitec, 1999.

²⁶⁹ CALLADO, Antonio. **Crônicas de fim do milênio**. Organizado por Martha Vianna. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997.

A obra conta com o estudo de mestrado:

KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. **A presença da literatura em Crônicas de fim do milênio de Antonio Callado**. 2003. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2003.

²⁷⁰ Sobre a obra *A Expedição Montaigne* (1982), Callado disse que trouxe para a ficção a tragédia que a civilização significou para o índio. O livro é também uma sátira à abertura do Xingu para o homem branco. O romance conta a história do jornalista Vicentino Beirão que organiza uma expedição com a intenção de fazer uma revolução no Brasil Central para retomar as terras indígenas. Beirão leva consigo apenas o índio Ipavu (tuberculoso e que estava preso no reformatório de Crenaque). Com olhar irônico e desiludido, Callado traz a reflexão sobre a situação do índio no Brasil.

Concerto Carioca (1985) tem como protagonista o índio Jaci, um hermafrodita, que veio da região do Araguaia e acabou morando no Jardim Botânico no Rio de Janeiro. Callado traz a discussão do índio sem tribo, marginalizado e abandonado, que vem para cidade e “invade” o espaço urbano. Outro personagem relevante é o ex-sertanista Xavier, que vive atormentado por ter matado um índio Responsável por Jaci e mesmo não gostando do índio, terá que cuidar dele. A trama se encerra quando Xavier assassina Jaci e depois

Nesse caminho que busca o lugar da obra de Callado está a sua contribuição para o debate historiográfico, uma vez que a sua ficção sempre indagou de forma irônica e desiludida os rumos do Brasil. As percepções de Callado mostraram que, mesmo em uma democracia, os donos do poder permaneceriam,²⁷¹ o que é típico de uma sociedade oligárquica que utiliza as instituições para seus interesses. E que a esquerda sempre foi fragmentada, sem projetos coesos e sem ações propositivas claras. Esse olhar tornou seus romances uma espécie de “caleidoscópio da ficção” sobre as esquerdas e uma fonte que lançou a crítica sobre uma determinada conjuntura histórica, muitas vezes antecipando o debate historiográfico.

4.2 O CALEIDOSCÓPIO DA FICÇÃO SOBRE AS ESQUERDAS: A CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Sobre a contribuição da ficção de Callado para o debate historiográfico em torno da Ditadura Militar brasileira, cabe indagar: de que forma a crítica e a autocrítica de Callado trouxeram temas que se tornariam recorrentes nos estudos sobre nossa tradição política conservadora e autoritária? Por que projetos de resistência como o da luta armada já nasceram condenados à derrota? O diálogo entre História e ficção apresenta um olhar sobre os acontecimentos, permitindo compreender que, enquanto Callado escritor/jornalista escreve no calor da hora, os historiadores precisam de um distanciamento temporal para tecer suas críticas e ter mais clareza e segurança sobre os fatos. O exemplo disso está no cinquentenário do golpe civil-militar, em que muito se produziu no campo da análise histórica, com perceptível intensificação após 2004, quando as publicações se avolumaram.

Em contrapartida, somente em fins da década 1980 e início de 1990 os estudos acadêmicos se debruçaram sobre o tema da luta armada. Além das obras ficcionais já mencionadas, o início do debate nos anos de 1970 consistiu principalmente em entrevistas,

se suicida. Nessa obra Callado questiona a própria ideia de “civilização” e dialoga com perspectivas desanimadoras para relação entre o “branco civilizado” e o indígena. Quanto à qualidade literária, o crítico Wilson Martins disse ser “uma obra de arte”.

Memórias de Aldeham House (1989) traz no título o nome da mansão inglesa do século XVII que sediou as instalações de BBC durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse último romance, Callado retoma no plano ficcional seu “espaço de experiência” na BBC de Londres (1941-1947). A trama do romance também incorpora jornalistas correspondentes de guerra e seus conflitos, ao mesmo tempo em que lança um olhar melancólico sobre a América Latina. O romance estabelece o elo entre o início e o fim do projeto de escritor de Antonio Callado.

²⁷¹ Nesse raciocínio, cabe também considerar a clássica obra de Faoro, que discute “os donos do poder” na tradição política brasileira. Publicada em 1958, sua discussão mostra que somos herdeiros de tradição portuguesa limitadora de mudanças, por isso reina a supremacia do Estado sobre a sociedade. Questões que permanecem atuais. Cf. FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.

como as reunidas no livro *A esquerda armada no Brasil* (1972), depoimentos e obras memorialísticas ligadas aos militantes de esquerda que viviam no Brasil ou no exterior, também reunidas no livro *Memórias do exílio* (1976). Periódicos, como revistas e jornais, também incorporaram o debate. Uma importante pesquisa organizada pela Arquidiocese de São Paulo intitulada *Brasil: Nunca Mais* (1985) foi resultante de um vasto levantamento de processos militares nos anos 1970 e tornou-se referência na denúncia da violência e da tortura.

Quanto aos estudos acadêmicos, duas obras são referências e consideradas clássicas sobre o tema da luta armada no Brasil, sendo ambas pesquisas históricas de autoria de sujeitos participantes na resistência armada²⁷². São elas *Combate nas Trevas* (1987) de Jacob Gorender²⁷³ – que não teve formação no ensino superior, mas teve sua produção intelectual

²⁷² Para além da resistência armada, um grande e profícuo debate em torno da resistência democrática pode ser observado nos estudos arrolados:

OLIVEIRA, Sírely Cristina. **O encontro do teatro musical com a arte engajada de esquerda**: em cena o Show Opinião (1964). 2011. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PATRIOTA, Rosângela. **Vianinha**: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

RIBEIRO, Nádia Cristina. **Temas e Acontecimentos do Brasil Contemporâneo pela Dramaturgia de Gianfrancesco Guarnieri**. 2012. 179 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Cabe observar que no campo historiográfico há estudos que enaltecem a luta armada e desconsideram, ou minimizam a importância que a resistência democrática apresenta para a compreensão do período. No tocante à obra ficcional de Antonio Callado, ela se insere no exercício de crítica e autocritica sobre as quais o romancista se debruçou, dialogando de forma simultânea com a desarticulação da luta armada e trazendo para cena a resistência democrática como um campo de possibilidades. Nesse entendimento, “classificar” a ficção de Callado em um lugar do debate, incorreria em não estar atento ao “horizonte de expectativas” que as obras apresentam.

²⁷³ A trajetória de Jacob Gorender (1923-2013), em grande parte, está associada ao Partido Comunista, do qual foi dirigente. Historiador marxista de origem baiana e também judeu, viveu a ditadura varguista e a Ditadura Militar. Comunista desde os dezenove anos, tornou-se membro do Partido Comunista em 1942 quando foi recrutado por Mario Alves, que também se tornaria um dos dirigentes do Partido. Lutou na Segunda Guerra Mundial na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Ao voltar para Salvador, o Partido Comunista do Brasil havia sido legalizado e Gorender, que já era jornalista, foi trabalhar no jornal do Partido no Rio de Janeiro – quando disse ter-se tornado comunista de profissão. Em 1947, dirigido por Luiz Carlos Prestes, o Partido voltou à ilegalidade, mas, mesmo na clandestinidade, Gorender continuou militando. Sobre a crise do Partido Comunista em 1956, admitiu que no Brasil se praticava o culto à personalidade de Stalin e relatou que estava em Moscou quando, no Vigésimo Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, foram denunciados, no famoso “Relatório Kruchchov”, os erros e os crimes de Stalin e também a crítica ao culto de sua personalidade. A partir de então criou-se no Partido uma situação de luta interna e Gorender fez parte de um grupo que se reuniu para pensar uma saída para o Partido Comunista e formular uma nova linha política à margem. A declaração de março de 1958 – que Gorender confessa ter escrito, mas foi assinada e apresentada por Prestes – assumia que por meios políticos e pacíficos era possível chegar ao socialismo, teses que já circulavam na Europa. Em 1962, com o racha, os que ficaram se aproximaram de Jango, Prestes principalmente, tornaram o comitê central caudatário do poder, mas um pequeno grupo se colocou contra essa posição de proximidade com o poder (João Goulart). Dentre eles Gorender, Marighela, Joaquim Câmara Ferreira, Mario Alves, Jover Teles (que se tornaria delator) e outros. A aliança do PCB com a burguesia foi considerada como apoio ao golpe de 1964, mas, para Gorender, o que ocorreu foi a incapacidade de se opor ao golpe. De 1964 a 1966 ele ficou em Porto Alegre e depois voltou para o Rio de Janeiro, onde começaram a formar outro partido e elaborar a ideia de construir uma organização de fato combativa, pelas vias da luta

reconhecida pela academia – e *A Revolução Faltou ao Encontro* (1990) de Daniel Aarão Reis Filho,²⁷⁴ intelectual ligado à universidade. Ambas as pesquisas realizaram uma análise mais ampla sobre o tema, pois foi a partir da década de 1990 que outros estudos²⁷⁵ e abordagens se debruçaram sobre a temática. Contudo, para delimitação desta análise, que objetiva aproximar o debate historiográfico da ficção de Callado, a questão que se coloca consiste em saber: com quais temas estão dialogando? O fato de a literatura de Callado ter sido escrita no calor hora antecipou o debate incorporado pela historiografia? Que problematizações a historiografia incorporou/acrescentou?

Trazemos para esse debate Gorender, que foi dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), com o qual, após divergências, rompeu e tornou-se um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Em *Combate nas Trevas*, com o propósito compreender a derrota da esquerda armada, recorreu a sua experiência como membro fundador de um dos partidos que optou pela resistência armada. Para Gorender, problematizar a derrota da luta armada é também lançar luz sobre o percurso de uma geração de comunistas brasileiros “que teve a má sorte” de ter sido influenciada pelos mitos de Stalin e Prestes. Sua crítica ancora-se no fato de ser um intelectual estudioso do marxismo e também um militante que vivenciou os impasses do Partido Comunista tanto no Brasil, quanto internacionalmente.

Quanto à situação do Partido Comunista no pós-1964, Gorender apresentou o quadro que hoje é recorrente, ou seja, o desgaste do Partido e a fragmentação da esquerda, que se

armada. Divergiam de Marighela, que fundou a Aliança Libertadora Nacional (ALN), pois acreditavam na necessidade de um partido, enquanto Marighela, influenciado pelas ideias cubanas, acreditava na vanguarda guerrilheira e que partido só atrapalhava. Em 1968 criaram o PCBR e, em dezembro, surgiu o AI-5. Cf. GORENDER, Jacob. *Das Trevas, ao Combate nas Luzes*. **Clandestino Edgard de Almeida Martins**, Canal do YouTube, publicado em 14 ago. 2014. [Originalmente: TVCÂMARA, depoimento Exibido em 08 out. 2009]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DsuKeztuMBY>. Acesso em: 15 jun. 2017.

²⁷⁴ Daniel Aarão Reis Filho (1946) iniciou sua militância política no movimento estudantil, em 1965 ingressou na Dissidência da Guanabara do Partido Comunista do Brasil, no mesmo ano foi preso pelo envolvimento no movimento estudantil. Em 1969 migrou para o Movimento Revolucionário 8 de outubro, foi preso novamente em 1970 e se exilou na Argélia. Formou-se em História em Paris e voltou ao Brasil após a Lei da Anistia. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e 1983, afastando-se para exercer a carreira acadêmica na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde permanece. Em 1993 foi presidente regional do PT no Rio de Janeiro. É autor de vários estudos sobre a Ditadura Militar brasileira. Informações disponíveis em: ASSIS JR., Itamar de. Daniel Aarão Reis. **A UNE**, 07 mar. 2005. Disponível em: <http://www.une.org.br/2011/08/daniel-aarao-reis/>. Acesso em: 12 maio 2017.

REIS, Daniel Aarão. **A Revolução Faltou ao Encontro**: os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

²⁷⁵ Algumas pesquisas sobre a luta armada no Brasil desenvolvidas a partir de 1990 estão presentes ao longo deste estudo e relacionadas na bibliografia.

agravou em 1966, quando duas teses vigoraram: a da “resistência democrática”, que propunha a aliança com a oposição burguesa, e os arranjos de cúpula. “Reiterava-se a confiança na burguesia nacional e na possibilidade do caminho pacífico da revolução”, contrapondo-se à proposta de Marighella para a “luta armada”. Gorender exemplifica que, em 1967, em uma Conferência Estadual dos comunistas de São Paulo, em Campinas, os delegados rejeitaram as teses do Comitê Central apresentadas pelo próprio Prestes e aprovaram o informe de Marighella, que propunha a luta armada. Cabe observar que a situação da esquerda se agravou com o conteúdo das “cadernetas de Prestes”, que foram apreendidas pela polícia, nas quais ele fazia anotações de centenas de reuniões do Partido e registrava os nomes verdadeiros, encontros e informações diversas e foram guardadas sem maiores cuidados, comprometendo a identidade e a vida dos militantes.

Sobre o pós-golpe em 1964, Gorender afirma:

À exceção da maioria do Comitê Central do PCB, a esquerda considerou a falência do caminho pacífico ao fato provado. Seguiu-se que a luta armada, não travada contra o golpe de direita, tornava-se imperativa quando os golpistas já tinham o poder nas mãos.²⁷⁶

Mas nem por isso a esquerda se unificou, mas, pelo contrário, o quadro que se delineou foi a proliferação de várias siglas. Por exemplo, as cisões como a do grupo de Gorender, que fundou o PCBR, e Carlos Marighella, que fundou a ALN. Entretanto, mesmo adepto da resistência mais combativa, Gorender diz ter sido reticente ao foquismo como teoria oficial da Revolução Cubana, pois desconfiou da “generalidade” do que pretendiam e também pelo fato de a esquerda não ter feito a crítica a essa forma de enfrentamento armado, inspirando-se nos exemplos da década de 1960, em que as guerrilhas orientadas no foco fervilharam na América Latina. E mesmo com o malogro de Che Guevara na Bolívia em 1967, continuou válido entre os setores mais radicais da esquerda brasileira o “[...] apelo guevarista para que surgissem novos Vietnãs, como se isto dependesse de um ato de vontade”.²⁷⁷ Cabe ressaltar que essa crítica foi feita por Callado após ter realizado uma série de reportagens no Vietnã do Norte em 1968, antecipando discussões que só seriam incorporadas posteriormente.

Em meio à dissensão política, em janeiro 1968 Gorender diz que ficou sabendo pela grande imprensa que haviam sido expulsos do Partido Carlos Marighella, Mário Alves,

²⁷⁶ GORENDER, Jacob. **Combate na Trevas**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 87.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 89

Manoel Jover Telles, Joaquim Câmara Ferreira, Miguel Batista dos Santos, Apolonio de Carvalho e o próprio Gorender. Nesse cenário de divergência política, o PCB se converteu no *Partidão* e o que se tornaria o conhecido racha originou os núcleos fundadores do PCBR, PC do B e da ALN. Além desses, vários grupos de esquerda já haviam se formado com diferentes orientações, o mesmo acontecendo no movimento estudantil. De forma detalhada e documentada, Gorender apresenta o posicionamento das várias esquerdas, seus equívocos e suas ações, como os assaltos a banco.

A matriz dos erros está no fato de que os militantes de esquerda viajavam para Cuba, China, União Soviética em busca de treinamento e de um modelo de revolução, mas faltava a análise de nossa realidade histórica, por isso os modelos e teorias importados (trotskistas, marxistas, maoístas, cubanos) se tornaram estéreis e fracassados. Na origem dos erros estão as disputas internas que levaram à fragmentação e à proliferação de inúmeros grupos de resistência. Além disso, não se entendiam quanto ao direcionamento e à orientação política, ocasionando o afastamento das bases populares e inviabilizando o recrutamento de novos militantes para luta. Uma luta desigual, pois as esquerdas armadas não tinham o preparo necessário para enfrentar os militares, num cenário onde a violência era praticada por ambos os lados.

No tocante à violência, Gorender trouxe a questão dos erros e “justiçamento”, o que serviu mais uma vez para a direita justificar o uso da força como resposta à ação da resistência armada. Os erros foram atribuídos à morte de inocentes, que se tornaram alvos por engano, o justiçamento foi atribuído à morte de “traidores” que entregaram os companheiros de luta, do empresário²⁷⁸ que financiava a polícia política no combate ao terrorismo e do sargento torturador de presos políticos. Sua crítica e autocrítica permite avaliar as esquerdas.

Este livro não apresenta a esquerda no papel de vítima passiva. Toda a esquerda se opôs à ditadura militar e a maior parte dela adotou a linha da luta armada. Organizações de esquerda praticaram atos aqui expostos sem subterfúgios: atentados a bomba e armas de fogo, assaltos a bancos, sequestros de diplomatas e de aviões, matança de vigilantes, policiais e

²⁷⁸ Em 2009 foi lançado o documentário *Cidadão Boilesen*, de Chaim Litewski, que conta a ligação política e econômica entre civis e militares no combate à luta armada a partir da história do empresário Henning Boilesen, presidente do grupo Ultragaz, que financiou o principal órgão de repressão da Ditadura Militar, a Operação Bandeirante (OBAN), e foi assassinado pela guerrilha em 1971, tendo os grupos MRT e ALN assumido a ação. No documentário, é relatado que Boilesen, além de financiar a OBAN, também frequentava os locais onde os presos políticos eram torturados. Cf. CIDADÃO BOILESEN – Um dos Empresários que Financiou a Tortura no Brasil. **Hélder Leão**, Canal do YouTube, publicado em 5 jan 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGxIA90xXeY>. Acesso em: 19 jun. 2017.

elementos das Forças Armadas, justicamento de inimigos, guerrilha urbana e rural. [...]

A ditadura militar deu forma extrema à violência do opressor. “A violência do oprimido veio como resposta”.²⁷⁹

Em 1997, após dez anos da publicação inicial de *Combate nas Trevas*, Gorender fez a reflexão de como os “bandidos” e “terroristas” eram chamados de guerrilheiros de forma positiva. Também observa que houve o “olhar humanizador” da ditadura militar e elegeu como “primeira manifestação” o livro de Gabeira e depois o filme: “[...] ali se deu o passo decisivo de contrastar o sequestrador facinoroso e boçal com o torturador afligido por dúvidas hamletianas”.²⁸⁰ Não cabe aqui a discussão sobre a crítica de Gorender ao romance *O que é isso, companheiro?*, mas vale lembrar que *Bar Don Juan* e *Reflexos do Baile* já haviam iniciado o olhar para o universo do torturador,²⁸¹ o papel do intelectual, a tortura e muitos outros temas que serão incorporados por Gabeira, portanto seu romance não é a “primeira manifestação”.

Para Gorender, a década de 1970 foi o período das trevas para a esquerda armada, e cita como exemplo o seu próprio partido, o PCBR, que foi uma das organizações mais abaladas. O líder Mario Alves era otimista com a luta armada, mas Gorender diz que receava os caminhos que o partido estava tomando ao afastar-se cada vez mais do apoio das massas, o que era característico das organizações esquerdistas militaristas, ou seja, “[...] eram aquelas que adotavam formas de luta de propaganda armada e desprezavam as formas de luta de massas”,²⁸² o que para ele significou o grande erro da esquerda de forma mais ampla.

Em 2009, durante entrevista à TV Câmara, Gorender reafirmou seu balanço feito em *Combate nas Trevas*, quando disse que, enquanto a Ditadura tinha forças e recursos inesgotáveis, para a esquerda cada militante morto e preso era uma perda irreparável, não tendo como repor ou substituir os militantes que caíam, pois haviam saído dos sindicatos e das organizações (das atividades de massas) e não tinham contato com as pessoas simples

²⁷⁹ GORENDER, Jacob. **Combate na Trevas**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 269.

²⁸⁰ GORENDER, Jacob. **Combate na Trevas**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 288

²⁸¹ Esta reflexão também foi realizada por Hanna Arendt em a “banalidade do mal”, no livro “Eichmann em Jerusalém”, obra que é resultado de uma série de artigos que escreveu sobre o julgamento do carrasco nazista Adolf Eichmann, ocorrido em 1961 em Jerusalém. Arendt mostra que torturador poderia ser qualquer homem comum (pai, marido, filho, religioso) a serviço do Estado. Essa discussão lhe rendeu duras críticas por parte da comunidade judaica. Cf. ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

Cabe sublinhar que o filme *Hannah Arendt* (2013) também traz essa discussão.

²⁸² GORENDER, 1999, op. cit., p. 92.

para aderirem à resistência. Como a queda dos militantes era inevitável, Gorender também foi preso ao ser entregue por um companheiro, permanecendo encarcerado por dois anos (1970 a 1972) sob a acusação de ser militante do PCB e do PCBR, partidos clandestinos. Esclareceu que não foi acusado de nenhuma ação violenta, como assalto a banco, porque era contra, considerava as prisões um derramamento de sangue da esquerda, assim como a violência e tortura exercidas pela polícia política chefiada por Sérgio Fleury.

Em sua autocritica admitiu que a luta armada foi a “tragédia da esquerda, hoje podemos ver isso”, mas também foi “uma demonstração de valentia, de convicção, de espírito de luta”. Assim como muitos envolvidos, entendeu que a resistência armada engrandeceu a esquerda brasileira e, mesmo sendo contraditória, ela não desonra e nem causa vergonha: “foi errado fazer a luta armada, mas foi digno”. Gorender também relatou que, quando saiu da prisão, decidiu não pertencer a nenhum partido de esquerda, pois já conhecia como eles funcionavam, ou seja, sua experiência também o levou a uma visão crítica e desiludida sobre a esquerda e não alimentou expectativas quanto ao engajamento político-partidário naquele período, pois sua avaliação do processo lhe mostrou que “o proletariado é reformista e não revolucionário”. Portanto, sua tese aceita a explicação de que houve influência internacional sobre as esquerdas brasileiras, mas até certo ponto, pois as orientações não tinham função decisiva. O que, por sua vez, reforça a discussão sobre o imobilismo do PCB, que resultou em derrota diante do golpe civil-militar de 1964.

O olhar crítico de Gorender, ao mapear os erros cometidos pela esquerda comunista, somado ao seu “espaço de experiência” na condição de militante do PC, tornou sua obra necessária para a compreensão da luta armada no Brasil. *Combate nas Trevas* é frequentemente retomada, tanto para avanços, como a reflexão sobre atuação da esquerda armada e seus erros, quanto para retrocessos, ao recorrerem ao seu estudo para apenas desqualificar a ação da luta armada como ato puro e simples de “terrorismo” e “banditismo”.

Nesse diálogo com a luta armada, uma das pesquisas acadêmicas mais relevantes, também por seu pioneirismo, surgiu em 1990 e foi a tese de doutoramento de Reis, publicada com o título *A Revolução Faltou ao Encontro*. O historiador também foi militante da luta armada e atuou no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), grupo que sequestrou o embaixador norte-americano no Brasil. Reis parte da discussão sobre que o cenário pré-1964 enfrentado pelo Partido Comunista, no qual o Brasil vivenciava interesses conflitantes entre a industrialização e sua base agrária, os interesses do capital nacional e do capital estrangeiro, o

que também pode ser entendido na tensão entre Brasil e Estados Unidos. Esse cenário apontava para a necessidade das polêmicas Reformas de Base propostas por João Goulart, cujo governo se configurou como nacional democrático.

Resultante dessas tensões, o golpe civil-militar de 1964 reforçou a hegemonia do capital internacional e pegou desprevenidas as organizações da esquerda comunista, que já estava dividida antes do golpe. No pós-1964, os comunistas começaram a se desagregar e, do processo crítico do PCB, nasceu a “corrente revolucionária” que se agrupou em torno dos dirigentes tradicionais: Mário Alves, Jacob Gorender, Apolônio de Carvalho, Jover Teles, Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira. O caminho seguido por esse grupo foi a luta armada. Por seu lado, o PCB estabeleceu como objetivo a retomada do processo democrático pré-64, chegou até o AI-5 de 1968 como se fosse possível retomar a oportunidade perdida de um caminho pacífico para a revolução. Reis inclui Gorender no núcleo que discorda do direcionamento do Partido.

Quanto às matrizes ideológicas comuns entre os comunistas, estavam: marxismo, leninismo, stalinismo, o PC do B e suas dissidências ao maoísmo, o PCB e VPR, Guevara e Debray. Entretanto, nenhuma proposta de enfrentamento alcançaria ressonância social, levando a “um encadeamento fatal de equívocos”.

Em resumo, tanto o PCB como as organizações comunistas alternativas são unânimes, aparentemente, na atitude ‘incondicional’ frente aos modelos/centros revolucionários internacionais. Não é gratuito, assim, que muitos – quase todos – estudiosos que se dedicaram à análise da trajetória dos comunistas no Brasil partilhem a tese dos mesmos como projetos locais de movimentos internacionais.²⁸³

Reis aprofunda a tese de Gorender, dizendo que a influência do movimento comunista internacional não tinha tanto peso quanto lhe era atribuído pela direita e pela esquerda. Na verdade, os modelos internacionais se apresentavam mais nos discursos das organizações, para assegurar legitimação, coesão e autoridade. Essa visão ainda gera controvérsias, uma vez que estudos posteriores²⁸⁴ aos de Reis e Gorender admitem que a

²⁸³ REIS, Daniel Aarão. **A Revolução Faltou ao Encontro**: os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 82.

²⁸⁴ “Entender que a história das esquerdas é fruto de questões internas, tanto das organizações quanto do país, não deve implicar na negação da força que as relações internacionais desempenharam nas organizações comunistas”. SALES, Jean. Guerrilha e revolução: um balanço dos estudos e debates sobre a luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Taller (Segunda Época). **Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina**, Buenos Aires, v. 4, n. 5, p. 90, 2015.

influência internacional não foi decisiva, mas teve sua contribuição. Quanto à derrota da luta armada a partir de 1967, Reis a atribui à distância intransponível entre o projeto de esquerda e a sociedade.

A derrota da luta desencadeada em 1967 não se deu em função da melhor organização da repressão, como interpretou Gorender, e sim pela distância intransponível do projeto das esquerdas de mudanças pela subversão da ordem estabelecida e o desejo de mudanças da sociedade que deveriam acontecer no âmbito da ordem, da afirmação do sistema econômico e da elite política autoritária e conservadora.²⁸⁵

A tese apresentada em *A Revolução Falta ao Encontro* continua sendo referência, mas, para além dela, Reis, ao longo de sua trajetória de docente e pesquisador, continuou se dedicando ao tema da Ditadura Militar. Autor de vários outros estudos, também realizou leituras polêmicas, como em *Ditadura e Democracia no Brasil* (2014), obra na qual compactua com a visão de outros estudiosos sobre o tema, sobretudo de historiadores, quanto à necessidade de amadurecer o debate para não consolidar apenas as visões já estabelecidas. Entretanto, seu posicionamento sobre o período da ditadura civil-militar – que é anterior à obra citada – gera divergência na própria historiografia, ao afirmar que, entre 1979 a 1985, não ocorreu a ditadura civil-militar:

CHAMAMOS DE TRANSIÇÃO democrática o período que se inicia com a revogação das leis de exceção, os Atos Institucionais, em 1979, e termina com a aprovação de uma Constituição, em 1988. De transição, porque nele se fez um complicado e acidentado percurso que levou de um estado de direito autoritário, ainda marcado pelas legislações editadas pela ditadura, conhecidas como “entulho autoritário”, a um estado de direito democrático, definido por uma Constituição aprovada por representantes eleitos pela sociedade.²⁸⁶

Nessa análise, Reis direciona para um entendimento complexo, pois, com o fim do estado de exceção, chegava ao término o regime ditatorial em 1979, contudo ainda não havia democracia, o que aconteceria a partir de 1985, com as eleições indiretas. Reis também

Cf. SALES, Jean Rodrigues. **A Luta armada contra a ditadura militar**: A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

²⁸⁵ ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano – O Tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 52. v. 4.

²⁸⁶ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014. p. 125.

Sobre o entendimento pelo historiador da terminologia “Ditadura Civil-Militar” consultar:

REIS, Daniel Aarão. A ditadura civil-militar. **O Globo**, 31 mar. 2012. Disponível: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-ditadura-civil-militar-438355.html>. Acesso em: 17 jun. 2014.

defende seu posicionamento afirmando que o período denominado como ditadura militar (1964-1985) é reforçado por boa parte da historiografia, pelo senso comum e pela memória social, sendo 1985 um paradoxo, pois quem assumiu o governo foi José Sarney, que ocupou cargos significativos no período militar. Portanto, Reis afirma que, no Brasil, houve uma junção de interesses e vontades em prol da ideia de que a ditadura teria se encerrado em 1985 e, ainda, que os fomentadores dessa concepção também a atribuíram apenas aos militares, porém, obviamente, embora protagonistas, não foram os únicos responsáveis.

Dessa maneira, surge a discussão presente nas análises de outros historiadores sobre a participação da sociedade civil e o jogo de interesses que envolveram o período. Reis sustenta sua posição, argumentando que, mesmo os militares tendo protagonizado o plano inicial, tendo assumido a presidência da República, assim como outros papéis importantes, não pode ser atribuída a eles a exclusividade da ditadura.

A participação da sociedade civil no golpe é aceita por vários estudiosos, mas o fato de a ditadura ter sido civil-militar é objeto de divergências.²⁸⁷ Outro ponto de discordância é o do “golpe sem violência”: Reis coloca que tanto a ditadura varguista, o “Estado novo”, quanto a civil-militar “[...] foram instauradas quase sem um tiro e deixaram de existir suave e pacificamente”.²⁸⁸ Essa visão é contestada,²⁸⁹ pois os primeiros anos da ditadura não foram brandos.

²⁸⁷ Marcos Napolitano, no cinquentenário do golpe civil-militar em 2014, compartilhou da ampla percepção historiográfica de que o golpe de 1964 foi civil-militar, mas prosseguiu como uma Ditadura Militar. Afirmou que a sociedade brasileira pré-1964 estava dividida em concepções diferentes sobre como deveria ser a modernização e as reformas sociais no Brasil. Alertou que a memória histórica “esqueceu” o importante fato de que o golpe não se restringiu apenas a uma “rebelião militar” e, sim, para além disso, agrupou um número significativo e heterogêneo de novos e velhos conspiradores contra Jango e contra o trabalhismo. Cf. NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

Nesse entendimento, Carlos Fico, que tem uma significativa pesquisa historiográfica sobre a ditadura militar, lançou a seguinte questão problematizadora sobre o golpe militar: “por que tantos o apoiaram?” e, seguindo esse raciocínio, discorda dos estudos que vêem o golpe e a ditadura como “civil-militar”. Ao sustentar seu posicionamento, Fico diz que “[...] não é o apoio político que determina a natureza dos eventos da história, mas a efetiva participação dos agentes históricos em sua configuração”. (FICO, Carlos. **O Golpe de 1964: momentos decisivos**. São Paulo: FGV, 2014, p. 8-9.) Portanto, o autor considera correto afirmar que o golpe de Estado em 1964 tenha sido civil-militar, mas a ditadura, indiscutivelmente, militar (1964-1985), mesmo que parte da sociedade tenha dado apoio a ela posteriormente ao golpe.

²⁸⁸ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014, p. 171.

²⁸⁹ Em sua análise da história “incrudente”, Fico contrapõe visões como a do jornalista Élio Gaspari, quando esse diz que não houve violência, nem derramamento de sangue, pois o golpe foi decidido por telefone. E, mais do que isso, uma visão marcada por mitos, como a da “democracia racial assinalada pela convivência pacífica das raças e teríamos uma história incrudente”. Sob essa perspectiva, teríamos apenas versões simplistas sobre o golpe de 1964, com a da ditabranda. Dentre as versões simplistas, Fico alerta para o entendimento de repressão política apenas como “repressão contra a (?) esquerda”. Esse olhar direciona para a vitimização, em

Ao problematizar o cinquentenário do golpe militar, Reis afirma não ser possível manter uma leitura unilateral pela qual aqueles que fizeram parte da resistência democrática sejam tidos como os “heróis” e os militares, os “culpados”, suplantando e beneficiando os setores da sociedade civil que, também, foram agentes nesse processo, visto que financiaram e se beneficiaram da ditadura. Nesse ponto, cabe ressaltar que a participação de diferentes setores da sociedade civil no golpe militar e durante o regime tem sido tema, ou ponto de análise de diferentes estudos, não caracterizando uma lacuna na historiografia atual, embora talvez haja um campo de possibilidades para aprofundamento desses aspectos.

Nesse entendimento, cabe observar que a produção acadêmica sobre o golpe civil-militar de 1964 tem causado polêmicas,²⁹⁰ sobretudo no campo historiográfico, e de forma mais expressiva a partir de 2004, em comemoração aos quarenta anos do golpe, e aos cinquenta anos, em 2014. No entanto, terão evoluído quantitativamente e qualitativamente? As questões colocadas têm acrescentado e fortalecido o debate historiográfico? Alguns historiadores argumentam que o distanciamento no tempo propicia um aprofundamento analítico e menos passional do que o calor da hora pode acarretar. Mas também pairam as dúvidas quanto à contribuição dessas polêmicas, uma vez que as obras publicadas do final da

que, de um lado, está a “sociedade vítima”, e, de outro, os “militares brutais”. Nesse ponto, Fico menciona o papel que está sendo desempenhado pela Comissão Nacional da Verdade. Um entendimento mais refinado do período pode ser comprometido se não for levado em conta que o golpe teve o apoio da sociedade civil, de empresários, da Igreja Católica, da classe média, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Portanto, compreender o período a partir da dicotomia repressão *versus* luta armada incorreria no senso comum, pois deixaria de incluir as pessoas comuns que não eram de esquerda. Como exemplo desse olhar mais refinado, Fico apresenta a “utopia autoritária” de transformar o Brasil em potência mundial, tendo sido ela conduzida por dois tipos diferentes de militares: os saneadores, que retiravam os obstáculos, como o comunismo, da subversão. O outro grupo chamou de pedagogos, o qual entendia ser “necessário educar os brasileiros despreparados”, obviamente, pelas suas ideologias. Ainda, Fico cita também a contribuição da historiografia ao elencar novos problemas e investigar novas temáticas sobre o período, tornando rico o debate atual. Cf. FICO, 2014, op. cit., p. 57.

²⁹⁰ A análise mais polêmica/complexa foi a do historiador Marco Antônio Villa, cuja crítica à luta armada é contundente. Considera que essa luta consistiu apenas de ações isoladas de assaltos a bancos, sequestros e ataques a instalações militares, pois não tinham o essencial, que era o apoio popular. Essas ações, consideradas “terrorismo desses pequenos grupos”, fomentaram o terrorismo de Estado, ou seja, serviram para que a extrema direita justificasse sua “barbárie repressiva”. Também questionador da periodização da Ditadura Militar, Villa afirma que os períodos de 1964 a 1968 e de 1979 a 1985 não podem ser chamados de ditadura: o primeiro, pela intensa “movimentação político-cultural que havia no país”; e o segundo, pela aprovação da Lei de Anistia e as eleições para governadores estaduais (1982). Acrescenta ainda o autor que, durante o regime militar, apenas dez anos podem ser considerados ditadura, que é o período de vigência do AI-5. As concepções apresentadas elucidam um debate historiográfico expressivo e as polêmicas suscitadas em seu entorno se cercam de temas delicados e presentes na memória social, além da orientação política das correntes historiográficas, sendo as principais a historiografia marxista e a “nova historiografia”, ou revisionista. Cf. VILLA, Antonio Carlos. **Ditadura à Brasileira 1964-1985: a democracia golpeada à esquerda e à direita**. São Paulo: Leya, 2014.

década de 1980 e 1990 ainda são as principais referências, como, por exemplo, os estudos sobre a luta armada de Gorender e Aarão Reis e também o do sociólogo Ridenti, *O Fantasma da Revolução Brasileira* (1994).²⁹¹

²⁹¹ No que se refere ao revisionismo sobre Ditadura Civil-Militar, algumas questões precisam ser pontuadas: a primeira delas é que devemos lembrar que se trata de uma historiografia produzida por historiadores que têm afinidades temáticas, leituras próximas e até mesmo compartilham publicações em coletâneas sobre o período. Como por exemplo:

REIS, Daniel Aarão (Coord.). **Modernização, Ditadura e Democracia: 1964-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. v. 5.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

Algumas dessas historiografias serão apresentadas ao longo deste capítulo, no intuito de circunciar o debate que está em andamento. Quanto à segunda e principal característica do conjunto desses trabalhos, encontra-se no fato de não darem visibilidade ao debate sobre a resistência democrática, colocando-o em plano secundário e por vezes negligenciando e suprimindo seu papel no processo de resistência. Com isso, torna-se importante destacar que o rememorar faz parte de uma disputa pela memória sobre a nossa história recente, o que pode ser observado no debate historiográfico que incorpora a luta armada.

Colaborando para a análise sobre as operações da memória e do esquecimento, Ricoeur insere em sua discussão teórica os mecanismos do reconhecimento e da recordação: “[...] o reconhecimento frequentemente inopinado de uma imagem do passado tem assim constituído, até agora, a experiência *princeps* do retorno de um passado esquecido. É por motivos didáticos ligados entre a memória e a reminiscência que temos mantido esta experiência nos limites da repentinidade, abstração feita do trabalho de recordação que pode precedê-la”. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007, p. 452.

Partindo desse entendimento, torna-se relevante pontuar que, no campo da resistência democrática, a obra de Eder Sader, *Quando Novos Personagens Entram em Cena*, tornou-se referência ao analisar os movimentos sociais de São Paulo nos anos de 1970 e 1980, como o Sindicato dos Metalúrgicos, o Clubes de Mães e a Comissão de Saúde. Sader se atentou para a fragmentação desses movimentos e para a forma como ganharam espaço, originando sua tese de que um novo “sujeito coletivo” emergiu e que “novos atores” passaram a ocupar espaços públicos que não pertenciam ao cenário oficial, mas que atuavam no campo da resistência democrática. Enquanto a resistência democrática ganhou espaço, em contrapartida a resistência armada chegava ao fim: “a morte de Lamarca e Barreto, executados pelo Exército no sertão baiano em dezembro de 1971, pode fornecer a data para o fim do ciclo da ‘esquerda revolucionária’”. Ainda de acordo com Sader, com o fim da resistência armada e o afloramento de movimentos sociais que modificaram o cenário político, “as classes populares se organizaram numa extrema variedade de planos, segundo o lugar de trabalho ou moradia, segundo algum problema específico que as motiva ou segundo algum princípio comunitário que as agrega. Em cada forma de organização se manifesta a obsessiva preocupação com a própria autonomia. Suas formas de expressão são as mais variadas, mas privilegiam as ‘ações diretas’, através das quais manifestam suas vontades. Por isso tudo são muito intermitentes, mutáveis, ágeis, tanto quanto instáveis”. Em suma, a obra de Sader traz à discussão a forma como os “novos atores” voltados para os problemas do cotidiano organizaram “novos movimentos” que não tinham em sua agenda “a revolução” nem espaço para vanguarda intelectual.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Pp. 168 e 313.

Ainda sobre o importante papel da resistência democrática, a historiadora Rosângela Patriota, em *Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo*, diz que, após o golpe civil-militar, artistas foram se organizando em torno da resistência democrática, como Oduvaldo Vianna Filho, Augusto Boal, Paulo Pontes e Ferreira Gullar, que fazia parte do grupo chamado de “reformista”. “Não há dúvidas: a ausência de participação e de canais de expressão era revitalizada nas artes, e, nesse sentido, a proposta de redemocratização passou também pelo campo estético. Significativamente, apesar do autoritarismo das relações políticas e sociais, no universo do engajamento artístico a pluralidade fez-se presente, pois concomitantemente com ao trabalho de Oduvaldo Vianna Filho houve o Teatro Oficina, em São Paulo, o Teatro Ipanema, no Rio de Janeiro, dramaturgos como Vicente Pereira, Leilah Assumpção, Isabel Câmara, Consuelo de Castro, Nélson Rodrigues, além da vinda do Living Theatre ao Brasil, bem como os espetáculos que se ancoram nas experiências teatrais do Teatro Brasileiro de Comédia, isso sem arrolar os grupos de teatro independentes.”

PATRIOTA, Rosângela. **Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 17.

Diante disso, nosso propósito foi apresentar as leituras de Gorender e Reis sobre as organizações de esquerda e do próprio PCB a fim de compreender suas hipóteses para o fracasso da luta armada. Ao mesmo tempo, refletir sobre a contribuição dos romances de Callado para o debate, pois enquanto os historiadores fizeram uma discussão aprofundada e amparada em documentos e entrevistas, Callado recorreu à linguagem ficcional e ao seu campo de experiência jornalística para tecer críticas muito próximas e antecipar muitas das discussões que seriam depois incorporadas pela historiografia. *Combate nas Trevas* dialoga muito próximo com a crítica de *Bar Don Juan*, alguns pontos são muito visíveis para o leitor de Gorender e Callado: ambos são reticentes ao foquismo, vêm o amadorismo e a irresponsabilidades da esquerda (o caso notório das cadernetas de Prestes), percebem que nos caminhos trilhados pela esquerda o povo estava ausente. Quanto ao emprego da violência pela resistência armada (assaltos a bancos, sequestros), argumentam que a esquerda não estava na condição de vítima passiva, assim como entendem que os militares possuíam superioridade no terreno da luta armada, por isto estava sempre um passo à frente.

Em *A Revolução Falta ao Encontro*, Reis também argumenta que a esquerda comunista já estava dividida antes do golpe de 1964 e que a hegemonia do capital internacional, sobretudo dos Estados Unidos, acentuou estas tensões. Essa visão também foi compartilhada por Callado em *Quarup*, principalmente quando trouxe para o romance a ideia da “invasão do centro geográfico do Brasil” pelos norte-americanos e também ao focar a atuação de grupos de esquerda em Pernambuco.

Assim, aproximar dois referenciados estudos das questões incorporadas pelos romances de Callado permitiu vislumbrar que a crítica ficcional sobre o “inventário dos erros” já estava lançada pela ficção e o que o distanciamento foi necessário para que a historiografia os incorporasse. Constata-se que o espaço de experiência e a capacidade de autocritica de Callado lhe possibilitaram dialogar, desde 1967, com os temas apresentados. Outro ponto relevante é a visão mais ampla de Callado, que estava fora do Partido Comunista, permitindo-lhe um olhar sobre a fragmentação da esquerda e a ausência de projetos consistentes que levassem em consideração a formação histórica e cultural brasileira, concluindo que, entre as formas de resistência, a luta armada era a mais inconsistente.

Não cabe neste estudo o aprofundamento dessa discussão historiográfica sobre as formas de resistência, mas não chamar a atenção para importantes trabalhos sobre a resistência democrática incorreria em uma visão unilateral sobre os movimentos de esquerda no pós-golpe civil-militar de 1964.

Quanto à atualidade sobre a Ditadura Militar,²⁹² a relação entre história e estética tem acrescentado novos questionamentos que se delineiam de forma muito clara, como o retorno às premissas que nos fazem refletir sobre a nossa democracia que foi instaurada sobre as bases de um regime militar e não perdeu de vista nossa tradição autoritária e conservadora. Ou, ainda, como o legado da esquerda armada paira sobre o cenário político, incomodando e provocando reações, assim como incomodaram e provocaram os romances de Callado (sobretudo *Bar Don Juan*).

4.3 O RETORNO ÀS PREMISSAS: O LEGADO DA ESQUERDA ARMADA E “VOLTA À DITADURA”

O legado da esquerda armada ainda se faz presente no cenário político brasileiro e continua um campo de disputas. Gorender (1987) observou que, com o término da Ditadura Militar, aqueles que lutaram contra o regime não eram mais tratados como “terroristas”, mas como “guerrilheiros”. Esta visão é resultante da construção de uma memória sobre a resistência, presente em inúmeras obras desde o final da década de 1970 até a atualidade, com produções significativas como documentários, filmes e também literatura, algumas já mencionadas (*Em Câmara Lenta, O que é isso, companheiro?*, entre outras), abarcando tanto a ficção quanto os estudos acadêmicos. Contudo, o exemplo mais significativo da atualidade sobre o tema da “resistência armada” está no campo político, é o da ex-presidenta Dilma Rousseff, que ficou conhecida como “a presidenta guerrilheira”.²⁹³ O fato gerou polêmicas,

²⁹² Quanto à pluralidade das opiniões que fundamentaram as principais questões colocadas sobre os cinquenta anos do golpe militar, destacam-se: Foi um golpe militar ou golpe civil-militar? Qual o papel do Presidente João Goulart nesse contexto? Como a cultura se inseriu no debate? Como as diferentes esquerdas se engajaram e responderam a esse processo? As universidades se posicionaram de que forma? E ainda: o período ditatorial ocorreu de 1964 a 1985, ou somente a partir do AI-5, de 1968 a 1985, ou de 1964 a 1979 com a abertura política? A primeira fase do regime (1964-1968) foi uma “ditabranda”? Os estudos sobre o período, ao privilegiarem a cultura de resistência, direcionaram um olhar específico sobre a ditadura?

²⁹³ Está disponível no site do Palácio do Planalto, com atualização em 30 out. 2016:

“Biografia da ex-presidente Dilma Rousseff

Primeira mulher a se tornar Presidente da República do Brasil, Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na cidade de Belo Horizonte (MG). É filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff e da professora Dilma Jane da Silva, nascida em Resende (RJ). [...] com a perseguição da Justiça Militar. Condenada por “subversão”, Dilma passa quase três anos, de 1970 a 1972, no presídio Tiradentes, na capital paulista. [...] Em 1975, Dilma começa a trabalhar como estagiária na Fundação de Economia e Estatística (FEE), órgão do governo gaúcho. [...] Dedicar-se, em 1979, à campanha pela Anistia, durante o processo de abertura política comandada pelos militares, ainda no poder. Com o marido Carlos Araújo, ajuda a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do Sul. Trabalhou na assessoria da bancada estadual do partido entre 1980 e 1985. Em 1986, o então prefeito da capital gaúcha, Alceu Collares, escolhe Dilma para ocupar o cargo de Secretária da Fazenda. [...] Em 1993, com a eleição de Alceu Collares para o governo do Rio Grande do Sul, torna-se Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul. [...] Em 2002, Dilma é convidada a participar da equipe de transição entre os governos de Fernando Henrique

principalmente durante suas eleições para a presidência e seu processo de *impeachment* (dezembro de 2015 a agosto de 2016), mostrando que não existe um consenso em torno da memória que envolve a luta armada no Brasil e que nossa democracia continua frágil.

Com o objetivo de apenas situar o polêmico debate, tomaremos como exemplo duas matérias publicadas em dois periódicos de circulação abrangente, a Revista Carta Capital e a Revista Veja. Na Revista Carta Capital, Álvaro Bianchi, cientista político, professor da Unicamp e também diretor do arquivo Edgard Leuenroth, publicou a matéria *A militante Dilma e os arquivos*, chamando a atenção para a exploração da mídia sobre a participação de Dilma Rousseff no movimento de resistência armada.

Como não poderia deixar de ser, o passado da candidata Dilma Rousseff tem atraído especial atenção da mídia. Sua participação em organizações clandestinas de resistência à ditadura, particularmente a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), poderia ser um incentivo para uma reavaliação da história recente do Brasil. Mas essa oportunidade está sendo, mais uma vez, perdida, com o aval da própria candidata, que se recusa a dar declarações sobre o tema. [...]

Tortura, assassinato, desaparecimento, sequestro e exílio são palavras aterradoras. Para escrever a história deste País é preciso fazer uso delas. Relembrar esses episódios é difícil e angustiante, mas não é possível deixar esse passado definitivamente para trás sem torná-lo uma ameaça presente. Cabe à memória recordar a barbárie para que ela não tenha lugar. Suprimir a memória para não perder votos não é boa coisa. Falsificá-la para ganhá-los também não.²⁹⁴

Cardoso (1995-2002) e Lula (2003-2010). Depois, com a posse de Lula, torna-se ministra de Minas e Energia. [...] Lula escolhe Dilma para ocupar a chefia da Casa Civil e coordenar o trabalho de todo o ministério em 2005. [...] em 31 de outubro de 2010, aos 63 anos de idade, Dilma Rousseff é eleita a primeira mulher Presidente da República Federativa do Brasil, com quase 56 milhões de votos. Foi reeleita em 2014 e afastada definitivamente da Presidência em agosto de 2016, após ser condenada por crime de responsabilidade pelo Senado Federal”. BRASIL. Biografia da ex-presidente Dilma Rousseff. **Palácio do Planalto**, atualizado em 31 out. 2016. Disponível em: www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia. Acesso em: 17 jun. 2017.

A biografia de Dilma Rousseff publicada no site do Palácio do Planalto não menciona os grupos de resistência aos quais ela pertenceu - 1967: Comando de Libertação Nacional (Colina), que se uniria à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), formando a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Quanto à ação da polícia política, “a biografia” diz que ela foi perseguida pela “Justiça Militar. Condenada por ‘subversão’, sem mencionar que foi presa e torturada pela Operação Bandeirantes (Oban) em 1970, e depois encaminhada ao Dops.

²⁹⁴ BIANCHI, Alvaro. A militante Dilma e os arquivos. **Carta Capital**, 29 set. 2010. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-militante-dilma-e-os-arquivos>. Acesso em: 12 maio 2017.

A Revista Carta Capital é um periódico de esquerda que tem publicado um número expressivo de matérias de autoria de intelectuais de esquerda, ligados às universidades. Faz oposição aos setores conservadores da imprensa, como a Revista Veja, que pertence ao Grupo Abril. Um problema que se arrasta, pois continuamos com poucos grupos monopolizando o setor de comunicação no Brasil e as Organizações Globo, que tiveram sua expansão durante a Ditadura Militar, mantêm a hegemonia. A política de concessão o Estado continua privilegiando os grupos privados e a relação “mídia e poder” mostrou sua força de manipulação na atual crise política. A imprensa internacional chama a atenção para o “golpe midiático”, mas este olhar de fora sobre a imprensa brasileira não é novo, pois, já em 1993, o documentário *Além do Cidadão Kane* mostrava a grande

Bianchi observa a forma como a luta armada tem recebido olhares “distorcidos” e vem sendo utilizada por setores da imprensa com objetivo de transformar a “guerrilha” em um passado pejorativo com claras intenções políticas dos setores conservadores. Seu alerta é para a necessidade de discutir o período da Ditadura Militar e suas barbáries, pois o conhecimento histórico é uma forma e evitar que o passado recente ameace a democracia.

Esses olhares “distorcidos” sobre a guerrilha podem ser exemplificados com a matéria *Radiografia de uma fraude (1): A guerrilheira*, publicada em 2009, na coluna do jornalista Augusto Nunes na Revista Veja, que denigre o passado “terrorista” de Dilma Rousseff. A série de reportagens de 2009 voltou a ser publicada em 2017, acompanhada da informação de que se tratava da comemoração pelo “aniversário” do afastamento de Dilma da presidência:

Radiografia de uma fraude (1): A guerrilheira.

Em novembro de 2009, mais de um ano antes de Dilma Rousseff assumir a Presidência da República, a coluna publicou uma série de reportagens que mostraram como a supergerente promovida a chefe da Casa Civil de Lula era apenas uma fraude. A republicação dos textos, devidamente atualizados, começa hoje, primeiro aniversário do afastamento de Dilma no processo que culminou com seu impeachment, e se estenderá até segunda-feira. Os brasileiros não podem esquecer do que se livraram.²⁹⁵

O jornalista trouxe o para o título da matéria a mensagem “A guerrilheira”, para desconstruir a imagem de Dilma a partir da ideia da “fraude”, dizendo que ela foi uma fraude como guerrilheira por não ter pegado em armas e nem participado diretamente de nenhum assalto a banco. Acrescentou ainda que ela não foi uma militante de relevância, pois os mais importantes estavam na lista dos presos políticos enviados para o exílio em troca dos embaixadores sequestrados. Finaliza dizendo que sua atuação política era uma “fraude”, assim

oligarquia que representava a Rede Globo no Brasil e a estrutura dos monopólios de setor de comunicação no País, o que ainda permanece.

²⁹⁵ NUNES, Augusto. Radiografia de uma fraude (1): A guerrilheira. **Veja**, online, 13 maio 2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/radiografia-de-uma-fraude-1-a-guerrilheira/>. Acesso em: 17 junho 2017.

Em 2016 o jornalista americano Glenn Greenwald divulgou na mídia internacional o golpe jurídico midiático que estava ocorrendo no Brasil. Na matéria *Brazil In Engulfed by Ruling Class Corruption – and a Dangerous Subversion of Democracy*, o jornalista, ganhador do “Premio Pulitzer”, afirmou que estava em curso uma campanha para subverter as conquistas democráticas brasileiras por grupos que não se conformavam com os resultados das eleições democráticas, bastante semelhante ao golpe de 1964. Cf. GREENWALD, Glenn. Brazil In Engulfed by Ruling Class Corruption – and a Dangerous Subversion of Democracy. **The Intercept**, 18 mar. 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/03/18/brazil-is-engulfed-by-ruling-class-corruption-and-a-dangerous-subversion-of-democracy/>. Acesso em: 12 jul. 2016.

como sua atuação na guerrilha. A crítica induz o leitor a pensar que o fracasso da luta armada fosse também o fracasso de seu governo.

Durante o processo de *impeachment*, Dilma Rousseff evocou com certa frequência os tempos da Ditadura Militar, dizendo que a democracia estava sendo golpeada e que não renunciaria. Ao falar para juristas e estudantes disse: “É uma injustiça brutal. É uma ilegalidade. Já fui vítima desta injustiça uma vez, durante a ditadura, e lutarei para não ser vítima de novo, em plena democracia. [...] Eu preferia não viver este momento [atual]”.²⁹⁶ Esse discurso ocorreu no momento em que ela buscava o apoio de juristas, políticos e militantes de esquerda, em evento no Palácio do Planalto que recebeu o nome de “*Encontro com juristas pela legalidade em defesa da democracia*” (2016), fazendo referência à Campanha da Legalidade, liderada por Leonel Brizola (1961), para que o presidente eleito João Goulart tomasse posse após a renúncia de Jânio Quadros.

Enquanto a presidenta/guerrilheira Dilma Rousseff declarava orgulhosamente ter lutado contra o regime militar e por esse “crime” ter sido presa e torturada, seus opositores disseminavam nos meios de comunicação, sobretudo nas redes sociais, o argumento contrário, retomando o discurso autoritário moralista, a partir do qual questionavam o fato de uma “exterrorista” estar ocupando o maior e mais importante cargo político do país. Paralelamente, as manifestações que ganharam as ruas do país de forma desorganizada e incitadas pela mídia, também apresentaram estas contradições, como em 2014, quando foi noticiado o seguinte embate no centro de São Paulo na comemoração dos cinquenta anos do golpe civil-militar de 1964,

A cidade de São Paulo foi palco neste sábado 22 de duas manifestações antagônicas: A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que pedia a volta dos militares ao poder, e a Marcha Antifascista, que reivindicava ‘ditadura nunca mais’.²⁹⁷

Ler esta reportagem imediatamente nos remete à cena do último capítulo de *Quarup* (1967), na qual Callado também representou de forma verossímil esse embate, quando o grupo liderado pelo personagem Nando, que homenageava Levindo, um estudante morto pela

²⁹⁶ BENITES, Afonso. Dilma evoca a ditadura, chama o impeachment de golpe e diz que não renuncia. **El País**, 22 mar. 2016. Disponível em: www.brasil.elpais.com/brasil/2016/03/22/politica/1458666904_690917.html. Acesso em: 12 abr. 2016.

²⁹⁷ AGÊNCIA BRASIL. “Queremos os militares protegendo o Brasil”, gritam manifestantes. **Carta Capital**, 22 mar. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/queremos-os-militares-protectendo-o-brasil-gritam-manifestantes-2537.html>. Acesso em: 22 mar. 2014.

polícia, entra em choque com *A Marcha da Família*. Ou seja, o horizonte de expectativas dos romances de Callado “vive batendo à porta”.

Nesse caminho reflexivo, não temos a pretensão de abarcar o gigantesco debate que está em andamento, mas apenas ilustrar como os temas da luta armada e da Ditadura Militar tornaram-se recorrentes em pleno “regime democrático”. Para tanto, reiteramos a indagação de Callado: qual democracia estamos construindo? E acrescentamos: qual processo histórico nos trouxe até aqui? Dentre as explicações possíveis, Ridenti diz que, com a derrota da luta armada em meados da década de 1970, o lugar do intelectual na luta política mudou. Com o fim do ciclo das vanguardas, “[...] inicia-se o novo ciclo marcado na política pelo surgimento em 1980 do Partido dos Trabalhadores (PT), que passaria a deter a hegemonia nas esquerdas, no lugar do tradicional e clandestino Partido Comunista (PCB)”.²⁹⁸ Essa complexa conjuntura política trouxe a necessidade de a esquerda e o intelectual pensarem sobre o seu espaço no cenário político. Alguns pensadores como Weffort, Gorender, Reis, dentre outros, se propuseram a refletir sobre o papel que os intelectuais teriam e os caminhos que a jovem democracia tomaria.

Com a abertura democrática e a formação de partidos políticos, o PT foi o que mais reuniu intelectuais e deu voz aos movimentos sociais. Segundo Ridenti, o partido se ancorou no novo sindicalismo ligado aos metalúrgicos do ABC, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ligadas à Teologia da Libertação, e em intelectuais remanescentes de organizações marxistas-leninistas que foram derrotadas pela Ditadura Militar. O Partido dos Trabalhadores começou a se formar nas “oposições sindicais” ainda na Ditadura Militar, quando a luta armada já havia fracassado e a resistência democrática via no “retorno à democracia nos moldes do pré-1964” o caminho possível para a esquerda. No movimento operário sindical surge o partido que se tornaria o maior representante da esquerda brasileira pelas décadas vindouras.

Em meados da década de 1970, a crescente autonomia da classe operária, sobretudo do sindicato dos metalúrgicos liderado por Luiz Inácio da Silva (Lula), preocupou tanto a direita, que agregava os empresários que desconfiavam dos “grevistas”,²⁹⁹ quanto a esquerda.

²⁹⁸ RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade Revolucionária**: um século de cultura e política. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 161.

²⁹⁹ As greves dos metalúrgicos do ABC paulista de 1978 e 1979 foram intensificando, em 13 de maio de 1979 que 180 mil pararam de trabalhar e se organizaram de forma mais barulhenta em assembleias e piquetes. Cf. NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014, p. 286.

Entretanto, grupos de intelectuais que não eram ligados ao Partidão já viam com bons olhos essa organização dos trabalhadores, como, por exemplo, Antonio Callado, que disse em 1978: “[...] olha, eu tenho a maior esperança de que eles continuem realmente se organizando. [...] que não queiram falar comigo, nem com você, que se organizem realmente entre eles e que façam um partido operário forte”.³⁰⁰ Callado fez menção ao fato de o movimento operário na época não querer a presença de intelectuais na sua formação e organização.

De acordo com Napolitano, a esquerda permaneceu desunida até a Reforma Partidária de 1979, no PCB cresceu o apoio à democracia como “valor universal” que correspondeu reconhecer o jogo eleitoral e abrir mão de algumas convicções como “a ditadura do proletariado rumo ao socialismo”. Os trotskistas atuavam junto ao movimento estudantil, enquanto a esquerda católica resultante da Ação Popular (AP) também se fazia presente no movimento estudantil e nos movimentos sociais. Ou seja, enquanto a esquerda permanecia desunida e fragmentada, a direita se mantinha coesa.

A Lei da Reforma Partidária de novembro de 1979, resultante da estratégia do governo militar em manter o partido que apoiava unido, tornou a antiga ARENA em Partido Democrático Social (PDS). E a oposição tornou o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), liderado por Ulysses Guimarães, sendo que parte da liderança do PMDB colaborou para a transição negociada. Em meio ao cenário de uma transição democrática controlada pelo regime militar, foi fundado o Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980, que reuniu a esquerda não comunista. O surgimento do PT também acentuou a divisão da esquerda: “[...] o racha das esquerdas que começara com a questão da Constituinte aprofundava-se com a fundação do novo partido operário, que também não consegue firmar sua identidade claramente, se reformista ou revolucionária”.³⁰¹ Nesse movimento, o “novo sindicalismo”³⁰² surgiu com a proposta de ampliar a atuação

³⁰⁰ CALLADO, Antonio. Este país é um colégio interno! **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Folhetim, p. 04, 01 out. 1978.

³⁰¹ NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 301.

³⁰² “O ‘novo sindicalismo’ era produto da confluência de várias posições que se enfrentavam. [...] direcionando muito de suas críticas à estrutura sindical, o ‘novo sindicalismo’ propunha ‘romper’ com ela, articulando por vias alternativas. Caminhando nessa direção, organizou-se a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que, a um só tempo, era fruto e motor do ‘novo sindicalismo’. E ele, em algumas de suas vertentes, apesar do suposto ‘antipoliticismo’ de origem, esteve também na base da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), chegando com ele nas eleições presidenciais de 2002, com um de seus filhos diletos, Luiz Inácio Lula da Silva”. ANTUNES, Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Para onde foi o “novo sindicalismo”? Caminhos e descaminhos de uma prática sindical. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014, p. 128.

política e tornou-se uma opção para muitos intelectuais que não viam com bons olhos o PMDB.

Em 1984, a campanha pela eleição direta, “Diretas Já”, havia se intensificado e contava com o apoio de movimentos sociais, estudantes, sindicalistas, militantes de esquerda, mas foi enfraquecida em 1985, quando Tancredo Neves venceu as eleições indiretas derrotando o candidato Paulo Maluf do PDS e garantindo que não haveria revanchismo contra os militares. Tancredo faleceu antes de tomar posse e assumiu o vice José Sarney. Assim começou a “nova República”, reiterando as incertezas de Antonio Callado sobre os rumos da nossa democracia. Somente em 1989 é que ocorreram as primeiras eleições diretas para a presidência da República, saindo vencedor Fernando Collor de Melo, com amplo apoio da Rede Globo e com discurso de internacionalização do mercado que agradou as elites. Além disso, sua imagem de jovem líder (ligado à ARENA) e de família rica sobressaiu, pois a imagem oposta era a do líder sindical Lula (torneiro mecânico), que ficou em segundo lugar mesmo com apoio de Leonel Brizola e Mario Covas.

A derrocada de Collor foi tão rápida quanto a sua ascensão, sua inabilidade para governar resultou no início do processo de *impeachment* pelo senado e o movimento estudantil conhecido como “caras pintadas”, que ganhou as ruas, reforçando a pressão que levou à renúncia do então presidente eleito em 1992. Assumiu o vice Itamar Franco, que governou até o término do mandato. Em 1994, quando Callado foi questionado sobre o presidente Itamar Franco, ele respondeu que o Brasil tinha uma “certa falta de sorte”. O que precisávamos era de um presidente que zelasse “por este prédio de doidos que é o Brasil”, entretanto, tínhamos o Itamar, que Callado considerava um homem “direito, honesto, mas medíocre”. Um exemplo de falta de sorte, pois os brasileiros escolheram Collor e Itamar: “que diabo, a gente tem sempre de escolher entre o ladrão e o jeca! Que falta de sorte”.

Itamar Franco, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), mas oriundo do PMDB, para obter apoio propôs um governo de união com as forças de expressão política, mas excluiu o PT. Em sua gestão formulou um plano de combate à inflação, o conhecido Plano Real, arquitetado pelo ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, sociólogo ligado à USP. Seria ele o próximo presidente da República, pelo PSDB, por dois mandatos consecutivos (1995-2003), a cujo governo também se deve a “Emenda Constitucional da

Cf. SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

reeleição”, objeto de grande discussão e controvérsias. A atuação do PSDB durante os governos Lula e Dilma também é questionável: “[...] o PSDB, nas últimas duas eleições presidenciais, assumiu um feitiço conservador, sequestrado pela tradição do liberalismo oligárquico e elitista que domina este espectro ideológico no Brasil”.³⁰³ A observação de Napolitano deve-se ao fato de o PSDB estar diretamente envolvido na articulação para o *impeachment* de Dilma Rousseff.

O PT, que está no centro da crise política atual, de acordo com inúmeros críticos, perdeu sua essência a partir do momento em que aceitou fazer alianças para seu acesso e permanência no poder. Nas eleições de 2002, Lula foi eleito e conseguiu governar adotando uma política de união, mas, de acordo com Napolitano, “[...] o voluntarismo e o purismo petistas encontraram aí o seu limite, mas a habilidade, o carisma e o pragmatismo de Lula em costurar alianças improváveis mantiveram a ‘governabilidade’”.³⁰⁴ Estas mesmas alianças levaram o PT a se aproximar de partidos historicamente de oposição, ou seja, o partido cedeu o espaço que os grupos conservadores de direita buscavam.

Diante de uma crise interna e externa, o PT enfrenta problemas de ordem moral, pois o partido foi crítico dos mesmos problemas que está vivenciando, como, por exemplo, a corrupção sistêmica. Vale lembrar que sua origem foi nos movimentos sociais, sobretudo dos trabalhadores, e que ao longo da década de 1990 foi aos poucos conseguindo espaços para formar sua base eleitoral. Primeiro elegeu prefeitos e governadores, que conseguiram sinalizar melhorias nos indicadores sociais, e gradativamente tornou-se a maior representação da esquerda após a abertura democrática. Contudo, sempre teve divergências internas e dissidências, como a de Weffort, considerado o “pai ideológico” do partido, que se tornou ministro de Fernando Henrique Cardoso, e a da candidata à presidência em 2014, Marina Silva, do Partido Verde (PV), que em sua campanha não poupou críticas ao PT, do qual foi militante. Críticas que tomaram grandes dimensões a partir das “jornadas de junho” de 2013.

É inegável que há um núcleo de valores no petismo que ainda o liga às tradições históricas de esquerda, como a sensibilidade para as questões sociais, os direitos trabalhistas, os direitos humanos e a promoção da equidade social. Mas as coalizões espúrias de governo, as alianças orgânicas com grandes empresários e a dificuldade em assumir, pelo menos, um

³⁰³ NAPOLITANO, Marcos. A crise, em perspectiva histórica. **Revista Brasileiros**, 20 abr. 2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/04/crise-em-perspectiva-historica/>. Acesso em: 12 maio 2017.

³⁰⁴ Ibid.

projeto social-democrata consistente que distribuisse renda através de justiça tributária enfraqueceram a identidade ideológica do petismo.³⁰⁵

A crise não afeta somente o PT, mas todos os partidos e a própria democracia representativa. O PMDB e PSDB, partidos que juntamente com o PT detêm grande parcela na Câmara dos Deputados e no Senado, também enfrentam a descrença da sociedade na representação partidária e na governabilidade dos representantes eleitos. Nossa estrutura política é fruto de claros propósitos definidos pela ditadura no processo de transição, quando formulou o modo como um partido poderia operar, ou seja, não importa qual partido seja eleito para ocupar o cargo no executivo, ele não terá maioria no legislativo, tornando a barganha a única maneira de conseguir apoio. Essa “herança” estratégica do regime militar ainda permanece, porque não é do interesse de nossas oligarquias regionais fazerem a reforma política.

Enquanto isto, os mesmos partidos que encabeçaram as manifestações “fora Dilma”, “fora PT”, agora encabeçam “fora Temer” (Michel Temer, do PMDB, assumiu a presidência em 2016 na condição de vice de Dilma Rousseff). A imagem do “golpe” repercute internacionalmente, em 2016 participantes do congresso da Associação de Estudos Latino-Americanos (Lasa), que aconteceu em Nova York em maio do mesmo ano, apresentaram aos organizadores do evento um abaixo-assinado “manifestando seu inconformismo” com a presença de Fernando Henrique Cardoso³⁰⁶ do PSDB, alguém tão “vinculado ao golpe no Brasil”. FHC, que sempre zelou pela sua imagem de sociólogo e de intelectual ligado a universidade, tem recebido duras críticas, inclusive no meio intelectual internacional. Em contrapartida, surgem movimentações de brasileiros no exterior criticando “o golpe” no Brasil e a “Operação Lava Jato”.³⁰⁷

³⁰⁵ Ibid.

³⁰⁶ Cf. COIMBRA, Marcos. FHC, o hipócrita monumental. **Carta Capital**, 16 jun. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/905/fhc-o-hipocrita-monumental>. Acesso em: 17 jun. 2016.

³⁰⁷ “Cidadãos brasileiros residentes em Berlim, capital da Alemanha, organizam-se pela defesa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva contra as arbitrariedades e ofensivas de que tem sido alvo por conta da operação Lava Jato, sob o comando do juiz federal de primeira instância Sergio Moro, com apoio de setores do Judiciário brasileiro, no caso de processos semelhantes contra Lula, sua família e aliados políticos. O grupo lançou um manifesto e um site – SOS Lula –, em que expõe as motivações para a iniciativa, lista notícias e artigos publicados pela imprensa internacional sobre o tema, além de angariar apoios”. RBA. Brasileiros na Alemanha lançam movimento em defesa de Lula. **Rede Brasil Atual**, Política, 05 mar. 2017. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/03/brasileiros-na-alemanha-lancam-movimento-em-defesa-de-lula>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Diante do exposto, o mais irônico é ter que concordar com Callado, que trouxe para o debate a dualidade de uma sociedade conservadora, em que a força das oligarquias que são atreladas ao poder econômico sempre se sobrepuseram aos interesses do povo, que ele representou em sua literatura como os excluídos sociais. Fica então o questionamento em aberto: para onde estamos indo em relação a esse legado?

Em 2013 foram iniciadas as “jornadas de junho” a partir de um protesto em São Paulo contra o aumento da tarifa do transporte público, organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL). Seguramente a proporção e a dimensão dos acontecimentos que sucederam os de 2013 extrapolam os limites deste estudo, contudo, para não incorrer em uma visão simplista ou acrítica, reiteramos que o caminho que trilhamos busca a forma como o tema da Ditadura Militar e da luta armada se fazem presentes no cenário político instaurado. Seguindo esse percurso, a partir das manifestações iniciadas em junho, desencadearam-se inúmeras outras, que em grande parte foram manipuladas pela mídia e por grupos de oposição à então presidente Dilma Roussef e ao PT. Chegando a tomar proporções nacionais, seu desfecho culminou no chamado “golpe parlamentar” que levou ao *impeachment* da presidente em 2016.

Dilma Roussef, que até 2013 contava com aceitação popular, foi perdendo o apoio paulatinamente. As críticas ao governo, muitas delas pertinentes, foram manipuladas por um jogo político, no qual estudos recentes mostram que a batalha foi perdida para a mídia dominante. O caso mais emblemático é o Jornal Nacional da TV Globo, sobre o qual Souza,³⁰⁸ após acompanhar o passo a passo do seu noticiário, disse que se defrontou com o porta-voz de uma reação conservadora e extraparlamentar.

Ainda sobre esse caótico cenário político, estudos têm-se direcionado para um conjunto de fatores nocivos que operam simultaneamente sobre a nossa democracia: o conservadorismo da classe média, a manipulação de grupos da imprensa e o avanço de ideais liberais ligados aos interesses econômicos de elites oligárquicas. A junção desses fatores mais o descredito em relação aos partidos políticos têm resultado em uma “onda” de conservadorismo e autoritarismo presente nas manifestações populares e em redes sociais, onde se expõem cartazes e se postam mensagens com dizeres como “volta à ditadura”,

³⁰⁸ Cf. SOUZA, Jessé. **A radiologia do golpe**: entenda como e porque você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

Sobre a atual conjuntura política o sociólogo também publicou:

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.

“intervenção militar já”, “fora comunistas corruptos”. Cabe salientar que, a partir do primeiro mandato para a presidência da república de Luís Inácio da Silva (Lula), em 2002, antigos militantes da resistência armada assumiram cargos no governo.

A historiografia também está nesse polêmico debate, evidenciado a partir de 2009, quando foi publicada no jornal Folha de São Paulo a expressão “ditabranda”.³⁰⁹ O termo incomodou os historiadores que fazem a crítica ao chamado revisionismo,³¹⁰ uma vez que a ideia da “ditabranda” descaracteriza a Ditadura Militar como violenta. Ao mesmo tempo em que se defende o “caráter não violento” da ditadura, surgiram as investigações dos crimes praticados durante o regime e o dever do Estado em “atenuar” os danos causados, investigando, divulgando as apurações sobre arbitrariedades cometidas no período e pagando indenizações às vítimas, ou aos seus familiares pela ação violenta do Estado. Isso se deve também ao fato de essa discussão ter-se alargado para além da academia, em virtude da instauração da Comissão Nacional da Verdade (CNV)³¹¹ e seus desdobramentos, que deu à esfera pública significativa repercussão na mídia.

³⁰⁹ Outro tema que surge no debate atual sobre o pós-1964, e que provocou reações nos estudiosos sobre o período, se relaciona à expressão “ditabranda”. Napolitano trata o incômodo termo utilizado em 2009, pelo jornal Folha de S. Paulo, para dizer que os primeiros anos da ditadura foram mais brandos. Essa opinião causou polêmica e controvérsias, pois é resultado de uma memória liberal do regime e também parte de uma historiografia que considera o período ditatorial antes do AI-5 (1968) apenas uma ditadura “envergonhada” (referência à obra do jornalista Élio Gaspari). Aqueles que corroboram a tese da “ditabranda” argumentam que, nos primeiros anos da ditadura, ainda havia o recurso do *habeas corpus*, uma “certa liberdade” de imprensa, de expressão e de manifestação, além de ter sido um cenário fértil para os intelectuais de esquerda. Napolitano contra-argumenta esses posicionamentos, alertando para as armadilhas da história e da memória. Durante a análise dos anos que antecedem o AI-5, é preciso uma leitura atenta dessa etapa em que a ditadura militar estava voltada para a “blindagem do Estado”, mesmo que nessa fase não tenham predominado a censura prévia e o terror do Estado. Portanto, o paradoxo alimentou o mito da “ditabranda”, que foi “dura” o bastante para reprimir os movimentos político-sociais e “moderada” para permitir os movimentos culturais de esquerda. Assim, o historiador insere seu estudo no debate historiográfico, refutando algumas concepções e avançando no debate acadêmico. Cf. NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

³¹⁰ Na obra coletiva *A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo* (2014), organizada por Demian Bezerra de Melo, o capítulo de sua autoria “O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão” tem como objetivo, com base na historiografia revisionista, problematizar as disputas pela hegemonia a partir do entendimento do conhecimento histórico. Nesse intuito, a obra realiza um balanço sobre as “novas” e “modernas” interpretações sobre o golpe, acusando o conservadorismo político presente nos estudos acadêmicos de promover o empobrecimento conceitual das análises que, na verdade, não são tão novas assim. Para tanto, Melo recorre a cientistas políticos, como o uruguaio René Armand Dreifuss, que, em 1981, foi o primeiro a defender a tese da natureza civil-militar, ou empresarial-militar do golpe e da ditadura, e a cientista política Argelina Figueiredo, que foi a primeira a apresentar a operação revisionista. Cf. MELO, Demian Bezerra de. O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: _____. (Org.). **A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

³¹¹ De acordo com Demian Melo, a instalação da CNV levou à constituição subsequente de uma série de outras comissões em âmbito estadual, municipal, de vários legislativos e na sociedade civil, como em sindicatos, universidades e algumas seções estaduais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Cf. MELO, Demian

O conjunto de fatores internos e externos que tem ocasionado a crise política e econômica que se arrasta em virtude de manobras e golpes da direita, dos erros da esquerda e da manipulação midiática, conta também com a participação da “velha conhecida” classe média. Durante o regime militar, a classe média abrigava uma significativa parcela dos artistas e intelectuais de esquerda, que eram chamados de pequeno-burgueses, assim como havia em sua composição os que apoiaram o golpe civil-militar e participaram da Marcha da Família. Atualmente existe uma controversa discussão sobre a formação de uma “nova classe média”³¹² oriunda do crescimento econômico e do aumento na participação da riqueza. Contrária a essa visão, Chauí³¹³ entende que a classe média é a mesma, apenas alargou e aumentou o seu poder de consumo, mas continua conservadora e autoritária. A classe média, que atualmente abriga profissionais liberais, comerciantes, donas de casa, funcionários públicos e altos assalariados, a partir de 2013 aderiu à bandeira do combate a corrupção, mas de forma intolerante. Durante as manifestações pró *impeachment* de Dilma, que obviamente não eram compostas apenas pela classe média, havia ao mesmo tempo apelos ao “fim da corrupção” e “volta à ditadura”.

Mas o fenômeno que me parece mais intrigante é que há um novo extremismo de direita que se ancora no ressentimento das classes médias, de estilo agressivo e jactante, que ganhou o espaço público e parte da imprensa conservadora. O ressentimento, vale lembrar, não precisa de fatos, mas de valores, e tem uma premissa básica: se os fatos estiverem contra os meus valores, pior para os fatos. Esse fenômeno parece arrastar, sobretudo em contextos eleitorais, até partidos de centro-direita “republicana”, que deveriam ser o lastro da racionalidade e da responsabilidade política, como

Bezerra de. A Historiografia de Marco Antonio Villa: um negacionismo à brasileira. **Blog Convergência**, 07 fev. 2014. Disponível em: <http://blogconvergencia.org/?p=2016>. Acesso em: 29 jan. 2015.

Críticas à CNV também surgiram: “[...] demasiadamente dependente do governo federal, sem a necessária autonomia, a CNV, porém, no início de seus trabalhos, distanciou-se das teses dos “dois demônios” e definiu-se como sua atribuição básica a investigação dos crimes cometidos pelos agentes dos Estado durante o último período ditatorial. [...] A CNV, em fins de 2013, encontra-se em uma situação crítica, com perdas de membros efetivos, demissões de assessores e, principalmente, uma certa imprecisão quanto aos seus objetivos e rumos”. REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014. p. 13.

³¹² Cf. POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?: o trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

³¹³ Marilena Chauí, membro fundadora do PT, ao discursar ao lado de Lula em 2010, defensor da “nova classe média” como uma “conquista” do petismo e de seu governo, afirmou diante das câmeras que a classe média continuava a mesma e foi alvo de uma grande polêmica ao dizer: “a classe média é uma abominação política, porque é fascista, é uma abominação ética porque é violenta, e é uma abominação cognitiva porque é ignorante”. O vídeo com sua fala teve grande repercussão na internet e lhe rendeu duras críticas, assim como o questionamento: como uma intelectual de classe média pode “odiar a classe média”? Uma resposta a essa crítica veio com as próprias manifestações de junho em 2013, em que boa parcela da classe média se vestiu de verde amarelo e foi para as ruas aclamar pelo *impeachment* de Dilma Rousseff e também associou a corrupção sistêmica à “compra de votos” dos mais pobres com o “bolsa família”.

quer ser o PSDB. A esquerda petista e não petista, acomodada com a autoimagem de ser a reserva moral contra uma sociedade injusta, contando com o óbvio apoio popular, não conseguiu assimilar plenamente esse fenômeno. Até a filósofa perdeu a paciência: “A classe média é uma merda!”, desabafou Marilena Chauí.³¹⁴

Para refletir sobre o autoritarismo da classe média brasileira, historiadores chamam a atenção sobre sua formação, ou seja, historicamente, desde a transição do Império para a República, a classe média foi composta por um grupo de profissionais que servia às elites oligárquicas regionais e que também explorava a mão de obra barata, sobretudo dos trabalhadores domésticos. Para Napolitano a classe média se mostrou progressista ao longo das décadas de 1950 e 1960, mas foi com o golpe civil-militar e com a *Marcha da Família* que ela mostrou seu cunho ideológico conservador. Mas no decorrer das décadas de 1970 e 1980 surgiu uma parte da classe média progressista e de esquerda, que inclusive contribuiu na base social na formação do PT. No entanto, a expansão e diversificação da classe média, somada a uma cultura política autoritária, resultou em rebeldia do funcionalismo público durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e na rebeldia da classe média rentista contra o governo de Dilma Rousseff.

Para compreender esta discussão em torno da classe média, faz-se necessário entender a formação da própria sociedade brasileira, que foi amplamente explorada na obra de Callado e que ganha força no momento em que os caminhos da democracia estão sendo ameaçados. Para além das questões já apresentadas nas análises dos romances de Callado, tomaremos como exemplo as conferências intituladas *Sociedade autoritária, ética e violência no Brasil* e *O que é democracia?* (2016) proferidas por Marilena Chauí,³¹⁵ com o objetivo de refletir sobre a nossa conjuntura. A filósofa retoma as bases da nossa formação, que está atrelada ao mito do brasileiro “não violento e cordial”, que prevalece por criar “explicações imaginárias” e continuar praticando a violência. Isso se justifica pelo fato de nossa estrutura social abrigar as desigualdades políticas, sociais, econômicas e culturais, assim como as exclusões, o racismo, o machismo, a intolerância religiosa, sexual e política. E o mais

³¹⁴ NAPOLITANO, Marcos. A crise, em perspectiva histórica. **Revista Brasileiros**, 20 abr. 2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/04/crise-em-perspectiva-historica/>. Acesso em: 12 maio 2017.

³¹⁵ Cf. CHAUI, Marilena. Sociedade autoritária, ética e violência no Brasil. **Quintal Amendola**, Canal do YouTube, publicado em 11 maio 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YB3SnE4RMos>. Acesso em: 12 maio 2017; _____. O que é democracia? **CERP-SC Centro de Estudos em Reparação psíquica SC**, Canal do YouTube, publicado em 19 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZAFa7TZX3oA>. Acesso em: 12 maio 2017.

contraditório, todas estas formas de violência são tratadas como fatos esporádicos e não como algo inerente à estrutura social.

Reflexões como a de Chauí confirmam que o caminho trilhado até aqui traz sentido e significado para este estudo, entendendo que ela retoma discussões clássicas e que foram incorporadas na obra de Callado, tanto o debate sobre a violência, a exclusão, quanto o caráter autoritário da sociedade brasileira, onde predomina o espaço privado sobre o espaço público. Uma sociedade hierarquizada, na qual um “superior” manda e um “inferior” obedece, evidenciando a desigualdade nas relações sociais, que se estabelece de forma distinta. Quando os indivíduos se julgam iguais entre eles, predomina o compadrio, o parentesco e a cumplicidade. Mas, entre os indivíduos que são considerados desiguais, a relação é de favor, clientela, tutela, cooptação e, quando a desigualdade é acentuada, ela toma a forma de opressão e repressão. As desigualdades e a exclusão passam a ser naturalizadas, assim como a violência e o autoritarismo, que parece se expandir por toda a sociedade.

Pensar sobre nossa formação é “entrelaçar passado e futuro”, nesses tempos incertos em que os privilégios saltam aos olhos e o autoritarismo predomina nas instituições, em que os partidos políticos são representantes de oligarquias regionais e o judiciário e o legislativo se tornaram instrumentos para o exercício da violência. Nesse entendimento, Chauí afirma que, graças ao “mito da não violência”, até hoje não alteramos o sistema partidário deixado pela ditadura, o que contribui para a manutenção de uma “sociedade autoritária”, que tem em suas instituições a corrupção como forma de governar e que também possui um sistema judiciário herdeiro de uma tradição liberal que atua como mola mestra da política. Como, por exemplo, a investigação em curso da “Operação Lava Jato”,³¹⁶ executada pela Polícia Federal e liderada pelo juiz Sérgio Moro, que tem o apoio de uma considerável parcela da opinião pública, e se tornou um espetáculo midiático ao “assumir o papel” de limpar o país da

³¹⁶ A mais recente decisão relacionada à Operação Lava Jato é a condenação em 12 jul. 2017 do ex presidente Lula pelo juiz Sergio Moro, a nove anos e meio de prisão por corrupção, cabendo a Lula recorrer da decisão. Antecipando a possível decisão do Moro por motivos políticos, o jurista Fábio Konder Comparato afirmou que “não há o menor indício de prova” contra o ex-presidente.

COMPARATO, Fábio Konder. Comparto: ‘Prender ou pelo menos incriminar Lula faz parte da política norte-americana’. [Entrevista]. **Carta Capital**, 11 maio 2017. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/05/comparato-prender-ou-pelo-menos-incriminar-lula-faz-parte-da-politica-norte-americana>. Acesso em: 12 maio. 2017.

A repercussão da Operação Lava Jato atingiu proporções tamanhas que já faz parte de vários estudos em andamento, conta com publicações como livro e artigos e também um filme: *Polícia Federal: a lei é para todos*, que será lançado no segundo semestre de 2017.

corrupção, que se traduz em políticos corruptos, o que tem incitado o ódio das pessoas a tudo que se refere ao político-partidário, mas sobretudo ao petismo.

As publicações diárias têm movimentado a mídia como capítulos de uma novela narrada pelos grandes grupos de comunicação, que, como já dito, em sua maioria representam os interesses de uma oligarquia financeira. Novamente temos a atualidade do olhar de Callado, que resumiu muito bem em 1980 o debate que ainda hoje continua. Ele foi indagado sobre “[...] a quem a imprensa brasileira servia?”.³¹⁷ Sua resposta foi que os jornais são instituições privadas, “fazendas fechadas” e os seus donos são “os Mesquitas, o Frias, o Nascimento Brito, o Roberto Marinho. Eles têm fazenda, com cercas, porteiras, guarda na porta”. Callado também foi questionado sobre os movimentos sociais, que se configuravam no movimento dos trabalhadores, e disse que Lula já estava causando preocupação e se ele conseguisse fazer alguma coisa a favor do socialismo democrático, “todos os jornais vão ficar contra ele, não tenha dúvida”.

Callado também não perdeu a dimensão dos rumos de nossa democratização, ao criticar as velhas figuras do regime militar e sua política autoritária, que, ao invés de admitir seus erros, faziam o contrário:

De vez em quando, eles reaparecem e, em vez de dizer que erraram, não, dizem que aqueles que eram tempos bons. Eles esculhambaram a vida política do País, dissolveram os partidos e fecharam o Congresso. O Brasil está tentando se refazer e eles voltam arrogantes. É um paisinho de merda mesmo. Esse pessoal devia estar em casa de pijama e olhe lá. Será que não temos gente para fazer a democratização sem apelar para essas múmias? Eles se encheram de dinheiro. Era uma ladroagem, só que não havia hipótese de denunciar.³¹⁸

Seguindo seu prognóstico, em 1994, quando questionado se o Brasil era o país do futuro que imaginava, Callado confirma sua desilusão dizendo “acho o Brasil uma merda!” e lamentando a permanência da concentração de terras e riquezas nas mãos de uma minoria em detrimento da justiça social, ou seja, mesmo após a abertura democrática o Brasil ainda não havia entrado nos eixos. O cenário político ainda era incerto, diz não confiar em Fernando Henrique Cardoso e que Lula ainda estava numa fase insegura e o PT muito rompido, “[...] às

³¹⁷ Cf. CALLADO, Antonio. A quem serve a imprensa? Entrevista com Antonio Callado. **Folha S. Paulo**, São Paulo, Folhetim, 30 mar.1980.

³¹⁸ Id. Um prédio de doidos. **Isto É**, São Paulo, n. 1276, 16 mar. 1994. [Entrevista concedida a Daniel Stycer]

vezes, o Lula dá a impressão de que pretende passar para uma outra classe, o que é uma besteira”.³¹⁹

A visão de Callado ilumina muitas questões e embates do presente, como o apelo veiculado nos meios de comunicação e em instituições para o entendimento do que representou a Ditadura Militar para nossa história. Para isto, os intelectuais sinalizam para a promoção de um diálogo fora das universidades e para além dos periódicos científicos. Publicações online como jornais, blogs e revistas têm agrupado alguns intelectuais que apresentam uma visão crítica sobre a conjuntura política e destoam do consenso existente nas grandes mídias. Essa visão crítica tem trazido para o debate a necessidade de leituras, reflexões sobre filmes, músicas, teatro, enfim, de toda a produção artístico-cultural que se posicionou contra o regime militar, sobretudo no final da década de 1960 e na década de 1970.

Ao mesmo tempo em que essas publicações retomam acontecimentos da ditadura para estabelecer nexos com o presente, também analisam o poder das instituições e da mídia, como, por exemplo, a matéria de Moraes no *Le Monde Diplomatique Brasil* intitulada *O Golpe dentro do Golpe*, de maio de 2017. O termo ficou conhecido para designar o Ato Institucional n. 5 (AI-5), mas o cientista político recorreu a ele para falar do grande poder da mídia e do papel da Rede Globo como um dos grandes atores políticos. A mesma imprensa que apoiou o governo militar e o *impeachment* de Dilma também está apoiando a renúncia do presidente em exercício Michel Temer. Entre as suas hipóteses, o cientista político levanta a de que “[...] pode ser que a Globo queira se livrar da pecha de quem colocou o Temer no poder, venha resgatar sua credibilidade como a emissora que também retirou o mesmo do poder. [...]”.³²⁰ No campo hipotético também afirma que o Brasil pode estar caminhando para um golpe militar-civil: “[...] os militares já possuem um candidato. [...] Trata-se de Bolsonaro”,³²¹ levando em consideração o aumento da movimentação de grupos conservadores, assim como o uso declarado do autoritarismo em detrimento da democracia.

Em relação à “nova direita”, como tem sido denominada na imprensa, sobretudo por olhares mais críticos, como o de Machado, que publicou em sua coluna o título provocativo

³¹⁹ Ibid.

³²⁰ MORAES, Wallace dos Santos de. O golpe dentro do golpe. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 26 maio 2017. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-que-esta-por-tras-das-denuncias-da-globo-contr-michel-temer/>. Acesso em: 17 jun. 2017.

³²¹ Ibid.

*Um ditador para salvar o Brasil?*³²² a reflexão é sobre o espaço que vem ocupando o deputado Jair Bolsonaro e seu discurso autoritário, defendendo abertamente a ditadura. Outro exemplo é a publicação da Agência Brasil *A nova roupa da direita*, que discute o financiamento, por parte de grandes grupos econômicos, a jovens latino-americanos para combater governos de esquerda e o populismo, utilizando uma linguagem atual e as redes sociais, e conseguem influenciar um número significativo de pessoas usando “velhas bandeiras conservadoras”. Nessa mesma reação de denúncia a esse conjunto de fatores, os docentes e pesquisadores da USP publicaram em março de 2016 o manifesto coletivo: *Em defesa de direitos Conquistados*.

Em um país de formação social oligárquica, autoritária e violenta – moldado por desigualdades e discriminações produzidas por sua dominação colonial absolutista, a escravidão e ditaduras perversas em períodos mais recentes –, é preciso defender firmemente as conquistas republicanas e democráticas, os significativos, ainda que limitados, avanços dos direitos civis, políticos e sociais.³²³

Ao lado disso, espaços tradicionalmente conhecidos como palco de lutas e resistência das esquerdas durante a Ditadura Militar, como o Teatro Casa Grande no Rio de Janeiro, também têm abrigado movimentos políticos. Zuenir Ventura, também intelectual de esquerda, relembrou os “bons tempos” do Teatro Casa Grande e os “maus tempos” da ditadura ao publicar em sua coluna no Jornal O Globo a crônica *Maus tempos aqueles*, na qual rememora os acalorados ciclos de debates do Teatro Casa Grande no período da abertura democrática:

Foram ciclos memoráveis por revelar ao público carioca personagens como dois emergentes: um sociólogo chamado Fernando Henrique Cardoso, que fez sucesso com as meninas pelo que dizia, mas também pelo charme que

³²² Cf. MACHADO, Rosana Pinheiro. Um ditador para salvar o Brasil? **Carta Capital**, 10 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-ditador-para-salvar-o-brasil>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Sobre a votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados, na matéria *Brazil's Lower House votes to impeach president* veiculada na CNN (TV Norte Americana), o jornalista Gleen Greenwald relatou que o que mais surpreendeu foi a atitude do deputado de direita e provável candidato à presidência (referindo a Jair Bolsonaro): “[...] se levantando e exaltando o golpe de 64, [...] um congressista de direita que está esperando concorrer a presidência, especificamente homenageou o torturador chefe do regime militar, antes de votar pelo seu *impeachment*”. NA CNN JORNALISTA desmascara o impeachment contra Dilma Rousseff no Brasil. **O Prato Feito**, Canal do YouTube, publicado em 20 abr 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7TWIE2psxZQ>. Acesso em: 12 abr. 2016.

³²³ As referências seguem a ordem em as matérias foram mencionadas no texto.

AGÊNCIA PÚBLICA. A nova roupa da direita. **Carta Capital**, 25 jun. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-roupa-da-direita-4795.html>. Acesso em: 15 mai. 2016.

MANIFESTO: em defesa de direitos conquistados. Texto coletivo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 4 mar. 2016. [Texto de autoria dos professores da Universidade de São Paulo (USP)]. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/em-defesa-de-direitos-conquistados/>. Acesso em: 12 abr. 2017.

exibia. E um líder operário do ABC paulista, um certo Lula, que atropelava a concordância, mas tinha uma visão original do país. Foi muito aplaudido, mesmo quando falava mal dos intelectuais. O professor cassado da USP e o torneiro mecânico expunham ideias tão parecidas sobre democracia que as pessoas suspiravam: “Ah, se um dia o país fosse entregue a esses dois!”. Era uma utopia, mas como a ditadura permitia muito pouco além de sonhar, sonhávamos.

Pensando bem, é provável mesmo que o país hoje fosse melhor se os dois tivessem se aliado entre si e não com quem se aliaram para governar.³²⁴

Alguns intelectuais que fizeram resistência à Ditadura Militar, como Ventura, também têm retomado o tema e reforçado seu posicionamento no movimento de defesa da democracia, que realmente precisa ser defendida, pois no cenário atual nos deparamos com palavras antagônicas: assim como na ditadura os militares substituíram o termo “golpe militar” por “revolução militar”, hoje se confunde “golpe parlamentar” com “democracia”. Mas nesse “inventário de erros”, mesmo sem o distanciamento necessário, ecoa a urgência de a esquerda realizar sua autocrítica. O quadro que vem sendo delineado a partir de 2002 e se agravou em 2013 teve como ponto crucial a reeleição de Dilma Rousseff e os próprios erros de uma política de coalizão adotada pelos governos petistas ao fazer alianças com “a oligarquia” econômica e política do país. Acusada de ter realizado manobras fiscais, as chamadas “pedaladas”, para maquiagem os rombos nas contas públicas, a presidente não teve apoio suficiente da Câmara dos Deputados e do Senado para evitar o que tem sido denominado de “golpe parlamentar” e “golpe parlamentar-institucional”.

Alguns países da América Latina que também presenciaram a chegada ao poder de governos de esquerda, como a Bolívia, o Equador e o Uruguai, assim como o Brasil atraíram as discussões sobre o papel, o significado e o legado da luta armada nessas sociedades. Mas a ascensão da esquerda em democracias frágeis também traz consigo a permanente ameaça de golpes, como os que ocorreram em Honduras (2009), Paraguai (2012), golpes congressuais. De acordo com Comparato, no caso brasileiro as leituras flexíveis da Constituição Federal/1988 justificam qualquer coisa, sobretudo posicionamentos de grupos e indivíduos conservadores que defendem o fato de não haver golpe, quando os poderes (executivo, legislativo e judiciário) continuam existindo e a democracia “continua funcionando”.

Infelizmente, no caso da atual Constituição, essa ficção jurídica foi levada ao extremo. Promulgada após mais de vinte anos de um regime empresarial-militar, responsável pelo cometimento de milhares de crimes contra a

³²⁴ VENTUR, Zuenir. Maus tempos aqueles. **Jornal O Globo**, 08 ago. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniaio/maus-tempos-aqueles-17125943>. Acesso em: 12 set. 2015.

humanidade, crimes esses que nossa mais alta Corte de Justiça entendeu anistiados pela lei de 1979, a nova Carta Política foi saudada como a “Constituição cidadã”. Em 1988, porém, ninguém teve a argúcia e a coragem de reconhecer que a velha dominação oligárquica permanecia intocada e que o restabelecimento do regime democrático era mero embuste.³²⁵

Essa dominação oligárquica que faz parte de nossa história política e econômica foi reforçada pela Ditadura Militar, que ajudou a criar um sistema de representação partidária em que tudo fica imobilizado, uma vez que nenhum partido consegue ter maioria em nenhuma esfera, tendo que fazer coligações, alianças e negociar com as oligarquias regionais. Ainda de acordo com Comparato, a única eleição que não conseguem controlar é para a presidência da República, por isto, por não conseguirem, nela, vencer nas urnas, retomaram a velha tradição do golpe. Porém com uma nova roupagem: “golpe congressional”.

Na análise de como se configura a crise política brasileira, Napolitano diz que é uma das mais graves e complexas da história do Brasil e envolve três dimensões: política, econômica e ideológica. No plano político, tem-se questionado o modelo político-partidário adotado após a abertura democrática, baseado no presidencialismo de coalizão, o qual se tem demonstrado inviável para a governabilidade, uma vez que as alianças com vários partidos políticos não permitem a realização de projetos e uma agenda política com direção clara. O outro efeito é a corrupção sistêmica, que encontra brechas na Administração do Estado e atribui ministérios e cargos de confiança de acordo com as demandas de seus aliados, que formam a base do governo. Portanto, a dimensão política da crise atual está atrelada à crise da democratização, ou seja, “[...] o ‘presidencialismo de coalizão’ e a acomodação dos interesses fisiológicos que mantêm o ‘pacto federativo’ brasileiro dentro de uma política (muito) moderada de esquerda”.³²⁶ Uma esquerda, sobretudo o PT, que foi se desgastando pelas alianças, concessões e negociações.

A crise econômica brasileira também teve a influência da crise mundial,³²⁷ que se acentuou em 2008. No governo Dilma (2010-2013) houve uma significativa queda na

³²⁵ COMPARATO, Fábio Constituição de 1988: o direito e o avesso. Em defesa dos direitos conquistados. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 01 mar. 2016. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/constituicao-de-1988-o-direito-e-o-avesso/>. Acesso em: 05 mar. 2016.

³²⁶ NAPOLITANO, Marcos. A crise, em perspectiva histórica. **Revista Brasileiros**, 20 abr. 2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/04/crise-em-perspectiva-historica/>. Acesso em: 12 maio 2017.

³²⁷ A discussão sobre o cenário mundial é complexa, mas ao mesmo tempo uma chave interpretativa. Sobre a crise da esquerda e do próprio projeto socialista na Europa, desde a década de 1980, Fiori disse que: “[...] os socialistas e social-democratas europeus abandonam o keynesianismo e a própria defesa do estado de bem estar social, e adotam as novas teses, reformas e políticas neoliberais, propostas, inicialmente, pelos governos conservadores dos países anglo-saxões. Quase ao mesmo tempo em que a União Soviética e os países da

arrecadação e na capacidade de investimento do Estado, que comprometeu o equilíbrio fiscal. Em 2013, por causa das “jornadas de junho” a crise econômica se agravou face às pressões e paralisação da movimentação na economia interna, ocasionando a elevação das taxas de juros para controlar a inflação, somando-se a isso o aumento do desemprego. Diante da baixa arrecadação do Estado, a diminuição de gastos e investimentos com o social, foi adotado como medida o “corte de gastos e a elevação de juros”, medida até então criticada pelos petistas.

Quanto à crise ideológica, trouxe o velho embate entre direita e esquerda, mas com uma versão partidária na qual se destacam PT e PSDB. A permanência do PT no poder, com boa aceitação pública tanto no Brasil quanto no exterior, incomodou os grupos políticos que pleiteavam o poder.

Europa Central viviam a crise final do seu ‘socialismo real’, de origem revolucionária. [...] Esta nova mudança de rumo se deu de forma quase contínua, a partir de 80, na Espanha de Felipe Gonzalez e na França de François Mitterand, e também na Itália de Bettino Craxi, e na Grécia de Andreas Papandreu. Na década de 90, entretanto, todos os ventos sopravam numa só direção liberalizante, e todos já repetiam como algo absolutamente óbvio o mantra da ‘necessidade das reformas’ neoliberais para aumentar a competitividade internacional da Europa. E uma boa parte da esquerda já não se sentia mais na obrigação de qualificar as reformas ou discutir quem eram seus principais beneficiários e perdedores. Como se elas fossem neutras ou completamente voltadas para o ‘bem comum’. Foi a hora em que nasceu a ‘terceira via’, uma sistematização inglesa das novas teses, propostas e programas justificados com argumentos muito parecidos aos de Eduard Bernstein, no final do século XIX: segundo os trabalhistas ingleses da terceira via, de novo estão em curso mudanças globais que estão alterando a estrutura de classes e a capacidade de ação dos estados nacionais, o que exige uma adaptação das ideias e programas de esquerda a este novo mundo globalizado e desproletarizado. [...] Nesta virada neoliberal dos anos 80/90, o ‘caso’ espanhol foi o que teve maior repercussão e influência sobre a esquerda latino-americana, transformando-se numa espécie de paradigma do ‘novo socialismo europeu’. González foi eleito com um programa de governo de tipo keynesiano, junto com um plano negociado de estabilização e crescimento econômico voltado para o pleno emprego e a equidade social. Mas logo no início do seu governo abandonou o seu programa keynesiano e trocou a ‘concertação social’. [...] Não é de estranhar, portanto, que a esquerda europeia venha sofrendo sucessivas derrotas eleitorais, e reveses políticos ainda mais graves, depois de 2001. Apesar de sua enorme diversidade, é possível identificar uma certa recorrência, em todos estes casos europeus: são partidos e governos socialistas, social-democratas, comunistas ou verdes, que sozinhos ou coligados, adotaram a agenda e as políticas neoliberais, na década de 80 ou 90, e agora vêm sendo derrotados pelo seu próprio eleitorado tradicional. O mais perturbador, entretanto, é que a esquerda vem sendo derrotada por partidos conservadores de diferentes matizes, mas que defendem as mesmas políticas neoliberais, às vezes de forma ainda mais radical, como no caso recente da democracia cristã alemã, o que reforça a convergência ideológica e perda de identidade, como se a velha esquerda europeia tivesse chegado a um ‘beco sem saída’, neste início do século XXI. Mas quando se olha a sua história de uma perspectiva de longo prazo, se percebe que a esquerda não está vivendo apenas uma crise conjuntural e circunstancial, ela está vivendo o limite lógico de um projeto que foi nascendo de sucessivas decisões estratégicas e que esgotou completamente sua capacidade ‘projetual’. De ‘revisão’ em ‘revisão’, os partidos de esquerda europeus abriram mão, primeiro, da ideia da revolução socialista e depois do próprio socialismo como objetivo ou ‘estado final’ a ser alcançado no longo prazo. Mais à frente, deixaram de lado o projeto de socialização da propriedade privada, e no final do século XX, abriram mão, inclusive, das políticas de crescimento, pleno emprego e proteção social universal que foi a sua principal contribuição ao século XX”. FIORI, José Luís. Olhando para a esquerda latino-americana. In: DINIZ, Eli. (Org.). **Globalização, Estado e Desenvolvimento**: dilemas do Brasil no novo milênio. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007, p. 104-106.

Não por acaso, a partir de 2005, a oposição na imprensa cresceu e começaram a surgir as teses do ‘projeto de poder’, as denúncias de corrupção estrutural e, pior, a denúncia do ‘esquerdismo demagógico’. Retomando a antiga ‘ameaça comunista’ das décadas de 1960 e 1970, o que parecia absurdo, serviu aos interesses da classe média, sempre fiel à sua mentalidade oligárquica e elitista, que não quer dividir aviões com os pobres ou pagar os direitos das empregadas domésticas.³²⁸

A aversão da classe média conservadora ao petismo aumentou e foi amplamente alardeada. Nesse embate, no qual se acentua gradativamente a crise democrática, podemos afirmar a atualidade dos romances de Callado e seu lugar no debate contemporâneo.

4.4 A ATUALIDADE E HISTORICIDADE: “CALLADO, SEMPRE E DEPOIS”

A atualidade temática dos romances de Callado possibilitou caminhar em busca do legado de sua obra, ou seja, os espaços onde ela é analisada e questionada. Nesse movimento, o debate mais expressivo é o meio acadêmico, onde são realizadas diferentes leituras,³²⁹ mostrando o quanto sua literatura tem a dizer. Callado mencionou que sua obra demorou a receber atenção dos estudos acadêmicos, que só a partir da década de 1980 se tornaram mais recorrentes, e hoje, gradativamente, o número de pesquisas tem aumentado, assim como a diversidade temática, mas sobressaindo algumas áreas de concentração, como Letras, Linguística e Literatura Brasileira, e timidamente vêm surgindo estudos interdisciplinares na História e na Sociologia.

Em 2003, meu estudo de mestrado *Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política: Quarup (1967) de Antônio Callado* ofereceu a contribuição para um olhar interdisciplinar entre História e literatura. No início dos anos 2000 não me deparei, até o alcance da pesquisa, com trabalhos de autoria de historiadores. Minha proposta foi pensar o lugar de *Quarup* para a literatura de resistência ao regime militar, a partir da tríade autor, obra e público. Tal reflexão conduziu à importância de *Quarup* para pensar a formação do Brasil, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, assim como os projetos das esquerdas que estavam em debate no pós 1964 (luta armada e resistência democrática). Em suma, meu estudo abriu um

³²⁸ A crise, em perspectiva histórica. **Revista Brasileiros**, 20 abr. 2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/04/crise-em-perspectiva-historica/>. Acesso em: 12 maio 2017.

³²⁹ Em se tratando do romance, sua recepção é resultante da fruição da leitura, pois “[...] a fruição literária é [...] mais que uma simples reação ao texto; ela é produção do leitor com o texto, processo ativo de significação, essencial e próprio da condição humana, envolvendo categorias como o tempo, o espaço, a linguagem, a leitura e o leitor [...]”. OBERG, Maria Silva Pires. **Informação e Significação: a fruição literária em questão**. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Ciência e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2007, f. 74.

campo de possibilidades sobre a necessidade da investigação histórica sobre a produção ficcional e jornalística de Callado.

Nesse diálogo entre História e literatura, surgiu o livro *Antônio Callado, um sermonário à brasileira* (2006), fruto da tese de doutorado de Marcos Martinelli. A obra traz o intelectual para o centro do debate, mas delimitando a análise até a década de 1960, tendo, para tanto, recorrido a entrevistas, depoimentos, peças teatrais, reportagens, e também aos três primeiros romances (*Assunção de Salviano*, *Madona de Cedro* e *Quarup*). Assim, segundo Martinelli, conseguiria ver seu objeto de pesquisa em sua historicidade, não dissociando a experiência social do autor da elaboração das suas produções. O que há de novo está no conjunto das análises: dialogar com um número maior de fontes para compor sua reflexão, como os textos teatrais que geralmente não são incorporados nos estudos sobre as obras de Callado e nem ao seu projeto ficcional.

No tocante a livros oriundos de estudos acadêmicos, o primeiro, e já analisado anteriormente, foi o de Chiappini, *Quando a Pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado* (1983), que continua sendo referência para os estudos sobre o autor. Na década de 1980, outros dois livros também foram publicados, um deles de Cristina Ferreira Pinto, *A Viagem do Herói no Romance de Antônio Callado* (1984),³³⁰ e o outro de Édison José da Costa, *Quarup: tronco e narrativa* (1988),³³¹ que defende a tese de que *Quarup* é a obra “tronco” na narrativa Calladiana, pois seus elementos permeiam todos os outros romances. Na década de 1980 *Quarup* predominou como objeto de análise, assim como o tema da revolução, fato que pode ser relacionado à proximidade temporal desses estudos com

³³⁰ A obra tem como proposta analisar a estrutura da “viagem arquetípica do herói”, dividindo a criação literária de Callado em fases: religiosa, política e confessa que a terceira ainda não estar definida. Portanto, cabe observar que, dentre as publicações, essa, talvez por seguir os requisitos da instituição na qual foi desenvolvida, não aprofundou na análise. Cf. PINTO, Cristina Ferreira. **A Viagem do Herói no Romance de Antônio Callado**. 1984. 63 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Espanhol e Português, Tulane University, New Orleans, Estados Unidos, 1984.

³³¹ Em sua análise sobre os romances de Callado observa: primeiro, a relação entre jornalista e criador literário: “o profissional da informação e o criador literário harmonizam-se, fecundamente”, e como Callado concebeu o engajamento como objeto estético. Ao lado disso, fala dos critérios para se trabalhar com a obra literária, partindo de uma leitura crítica, que saiba escutar a voz narrativa, para que ela possa “se revelar e se dizer”. E toda sua análise parte de *Quarup* (o tronco) para, em seguida, remeter-se aos demais romances, entrecruzando os “elementos” e “motivos” recorrentes no conjunto da narrativa de Antônio Callado. Trilhando esse caminho, defende sua tese, pois, assim como o ritual do *Quarup* é um tronco cerimonial, a obra em si é um tronco da narrativa. Para justificar essa tese, Édison apresenta os “motivos” recorrentes ao longo da criação ficcional de Callado: água, reconstrução do mundo, invasão, penetração, impotência, fecundação, catacumba, queda do homem, gravidez, túnel, arma de fogo, encontro, desencontro etc. Partindo de *Quarup*, persegue as representações desses “motivos” nos demais romances: *Bar Don Juan*, *Reflexos do Baile* e *Sempre viva*. Cf. COSTA, Édison José da. **Quarup: tronco e narrativa**. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

a abertura democrática e a força dos acontecimentos recentes, como o fim da Ditadura Militar. Houve também uma importante menção sobre os romances de Callado no estudo do crítico brasilianista Malcon Silverman, *Protesto e o Novo Romance Brasileiro* (1982),³³² um ensaio panorâmico, mas direcionado para o romance, contribuindo para firmar o lugar ocupado por Callado na literatura de resistência.

Na década de 1990 o número de teses e dissertações aumentou significativamente, a temática se diversificou, as análises foram direcionadas para o tema da religiosidade, percorrendo também os romances de Callado da década de 1950, assim como o da questão indígena,³³³ que continua recorrente. Outra importante contribuição foi o livro do professor de Teoria Literária e membro da Academia Brasileira de Filologia, Francisco Venceslau dos Santos, intitulado *Callado no lugar das ideias-Quarup: um romance de tese* (1999). Reportando ao próprio título, o autor se direciona para a categoria do romance de tese no que chama de sobreposição entre teoria e experiência romanesca a partir da dialética crítica: “[...] a forma tem início com projeto (tese) individualista do herói e a antítese (os obstáculos) a ele interpostos pela sociedade”.³³⁴ Outras análises estão distribuídas em várias obras, mas como capítulos ou partes, *O Espaço da Dor: o regime de 64 no romance brasileiro* (1996), *Gavetas Vazias: ficção e política nos anos 70* (1996), *Itinerário político do romance pós-64: a festa* (1998) de Renato Franco. A década de 1990 foi frutífera para os estudos acadêmicos, assim como para a repercussão da obra de Callado.

³³² O crítico norte americano Malcon Silverman recebeu o prêmio de melhor livros de ensaios da Associação Paulista de Críticos de Arte, pela obra *Protesto e o Novo Romance Brasileiro*. Cf. SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o Novo Romance Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

³³³ Sobre trabalhos que direcionaram para a questão indígena na obra de Callado consultar:

FEITOSA, Dapheny Day Leandro. **Da Tradição Indianista a Quarup: uma análise da transfiguração do índio na formação da literatura brasileira**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Giselia Rodrigues Dias da. **O Indianismo Revisitado: A Expedição de Montaigne**, de Antonio Callado. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SÁ, Lúcia Regina de. **A Literatura Entre o Mito e a História: uma Leitura da “Maíra” e “Quarup”**. 1990. 303 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

³³⁴ Embasa em Walter Benjamin e sobretudo em Theodor Adorno sua análise de estrutura do enredo. Em alguns momentos chama para o debate a Hermenêutica e recepção do romance Quarup, mas deixa clara sua opção ao salientar que o “enredo” no campo do debate acadêmico tem enfrentado altos e baixos, mas tem resistido. Em seu conjunto, é uma obra de peso, tanto pela sua fundamentação teórica, quanto por reconhecer a importância da Hermenêutica e da estética da recepção. Cf. SANTOS, Francisco Venceslau. **Callado no Lugar das Ideias: Quarup: um romance de tese**. Rio de Janeiro: Caetés, 1999, p. 20.

A partir dos anos 2000 o número de estudos disponíveis superou os das duas décadas anteriores,³³⁵ o que, obviamente, se deve a alguns fatores como o aumento dos programas de mestrado e doutorado no Brasil, o aumento dos bancos de dados digitais, que facilitaram o acesso aos acervos, e maior circulação e visibilidade da produção acadêmica. Quanto às publicações, dois livros foram lançados em 2006, o do historiador Matinelli, já mencionado, e o de Arturo Gouveia, *Literatura e repressão pós-64: o romance de Antonio Callado*,³³⁶ que identifica *Quarup* como uma das principais obras da ficção brasileira a representar o Regime Militar pós-64. Outras obras se tornaram referência, mas são estudos abrangentes sobre o romance político de Callado, como o de Alcmeno Bastos *História foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80* (2000).

Na ocasião dos quinhentos anos do Brasil, a obra *Brasil País do Passado?* (2000) se destacou por sua proposta e pelos intelectuais brasileiros e estrangeiros de diferentes áreas das Ciências Humanas envolvidos na sua elaboração. Organizada por Chiappini, Dimas e Zilly e com autores como as historiadoras Sandra Pesavento e Maria Stella Bresciani, cabe também ressaltar que entre os autores estão Chiappini e Gouveia, que se dedicaram ao estudo da obra de Callado. A proposta da coletânea foi realizar o contraponto com *Brasil País do Futuro* de Stefan Zweig, publicada em 1941.

Para o projeto de pensar “os destinos do Brasil” na virada do século, foram escolhidos escritores brasileiros que faleceram entre 1996 e 1997, sendo eles: Antonio Callado, João Antônio, Darcy Ribeiro, Paulo Francis, Paulo Freire, Herbert de Souza (Betinho). Esses pensadores simbolizam a morte de um “certo Brasil” marcado pelo ideário da década de 1960 e todos lançaram – cada um à sua maneira – um olhar crítico sobre o Brasil e suas contradições, por isso o objetivo da obra foi questionar a atualidade desses olhares. Quanto a Callado, a atualidade de sua literatura está no fato de descrever e interpretar “[...] a

³³⁵ O levantamento foi realizado com base no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³³⁶ A obra apresenta uma extensa análise sobre a estrutura de *Quarup*, partindo do narrador e suas transformações para em seguida enfocar o “percurso do protagonista” padre Nando. Por fim, enfrenta o debate sobre a igreja e sua fragmentação entre o conservadorismo e o progresso e, nesse aspecto, apresenta um novo olhar sobre o papel da igreja durante o Regime Militar brasileiro. Cf. GOUVEIA, Arturo. **Literatura e repressão pós-64: o romance de Antonio Callado**. João Pessoa: Ideia, 2006. [Coleção Carpe Diem]; _____. O Legado de Antonio Callado. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

permanência de traços medievais que se arrastam mesmo quando o país se industrializa e se globaliza”,³³⁷ ou seja, as contradições de um projeto modernizador autoritário.

No conjunto desses estudos é possível observar que diferentes olhares foram construídos a partir da obra de Callado, alguns influenciados pelas primeiras leituras, como o de Ferreira Gullar, que consagrou *Quarup* como o “grande romance da Revolução” em 1967. Outros construíram novos questionamentos a partir de novas perspectivas temáticas, tornando assim o diálogo com as obras de Callado um movimento dialético no qual sua historicidade vai sendo continuamente produzida. O mais relevante é que esse debate é permanente e vem aumentando nas últimas décadas, o que contribuiu para o estabelecimento do “lugar” da obra de Callado em nossa contemporaneidade.

Ao lado disso, buscamos também compreender o lugar do escritor/jornalista Antonio Callado no debate contemporâneo, por isto partimos da reflexão “Callado, sempre e depois” do jornalista Villas-Bôas Côrrea, feita na apresentação da obra *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos* (2006),³³⁸ que reuniu conferências proferidas em 1974 em Universidades da Grã-Bretanha. O objetivo de Villas-Bôas foi refletir sobre a importância das ideias de Callado e seu legado. Com o mesmo intuito de pensar a atualidade de intelectuais que viveram e pensaram o século XX, foi realizado o encontro de Callado com outros intelectuais de sua geração em 1993, quando foi produzido o documentário e o livro *3 Antônio & 1 Jobim: histórias de uma geração*, dos quais fizeram parte Antonio Callado, Antônio Candido, Antonio Houaiss e Antonio Carlos Jobim. O projeto surgiu da constatação de que, exceto Tom Jobim, os outros três Antônio eram presença rara na mídia televisiva, por isto organizaram uma entrevista descontraída sobre suas vidas, suas ideias e suas obras. A entrevista/conversa foi conduzida por Zuenir Ventura e teve como principal objetivo apresentar esses pensadores a um público mais amplo, mesmo seus organizadores sabendo que tanto o vídeo, quanto o livro enfrentariam dificuldades para veiculação por estar na contramão do que é “comercializado” pela mídia. Contudo, a atualidade das ideias desses pensadores merecia ser registrada e divulgada para o grande público. Sobre o livro, seus organizadores disseram que “O Brasil que percorre essas páginas não é passado, porque é no

³³⁷ CHIAPPINI, Ligia. Apresentação. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000, p. 14.

³³⁸ As três conferências proferidas por Antonio Callado no primeiro semestre de 1974 em universidades da Grã-Bretanha foram: *Os níveis de censura*, *As três viagens dos escritores latino-americanos* e *Etapas do romance latino-americano (americano?)*, publicadas em 2006 na obra: CALLADO, Antonio. **Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

movimento de aproximação da memória que se encontram as possibilidades reais de pensar o futuro”.³³⁹ Cabe ressaltar que em 2016 o documentário foi disponibilizado no site de compartilhamento de vídeos na *internet*, o *Youtube*, o que retoma a proposta original de apresentar esses pensadores a um público maior.

Outro exemplo sobre o lugar da literatura de Callado é a pesquisa de 2015, realizada pela Fundação Biblioteca Nacional e a Academia Carioca de Letras, como parte do projeto “Construtores da Literatura Carioca nos 450 Anos”, em comemoração ao aniversário do Rio de Janeiro. Foram indicados 124 autores e 45 foram escolhidos para representar a literatura carioca.³⁴⁰ Antonio Callado foi eleito em quadragésimo quinto lugar. Esse evento isolado não permite identificar qual o lugar de Callado e sua literatura, mas traz indícios sobre a representatividade de sua obra para algumas instituições e intelectuais que se propuseram pensar sobre escritores vinculados a um determinado espaço. Nesse entendimento, Callado tem seu lugar na literatura carioca, mas, se a análise for ampliada para outras formas de reconhecimento sobre este intelectual, surgem outras configurações.

Em se tratado de instituições, a Academia Brasileira de Letras (ABL) foi um desses espaços aos quais Callado está vinculado, pois tornou-se um “imortal” em 1994. Mesmo a ABL enfrentando críticas em relação aos critérios de escolha dos intelectuais que serão “imortalizados”, inclusive do próprio Callado, continua sendo um espaço de prestígio e reconhecimento.³⁴¹ Em 2000 a instituição sediou a exposição *Antonio Callado – o doce*

³³⁹ MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. (Orgs.). **3 Antônio & 1 Jobim**: histórias de uma geração. Rio de Janeiro: Relume-Delmará, 1993, p. 8. [Entrevistas Zuenir Ventura]

O documentário foi publicado no Youtube em 25 de jul de 2016 e já foi visualizado mais de três mil vezes em menos de um ano. Cf. BRANDÃO, Rodolfo. (Dir.). **3 Antônio & 1 Jobim**. Brasil, 1993. 1 filme (56 min), son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IudtNg9-pxA>. Visualizado em: 12 fev. 2017.

³⁴⁰ De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional “A seleção foi feita por uma Comissão Mista, integrada pelos 40 membros da ACL; pelos presidentes de importantes instituições culturais – a saber, Academia Brasileira de Letras, União Brasileira de Escritores Academia Luso-Brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Pen Clube –; e por um júri de 40 personalidades convidadas pela presidência da FBN, em conjunto com a ACL. Cada integrante da Comissão Mista selecionou seus dez autores preferidos, de gêneros literários como romance, poesia, ensaio, conto e crônica, entre outras referências, podendo indicar um ou mais nomes em cada gênero”.

Os 10 primeiros colocados foram: Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio (Paulo Barreto), Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Joaquim Manuel de Macedo, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Marques Rebelo, Manuel Antônio de Almeida. Cf. SOLENIDADE NA BN anunciou os 45 autores considerados “construtores da literatura carioca”. **Biblioteca Nacional**, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/07/solenidade-bn-anunciou-45-autores-considerados-construtores>. Acesso em: 12 ago. 2015.

³⁴¹ Sobre o reconhecimento, Ricoeur diz que: “É a Bergson que devemos o ter recolocado o *reconhecimento* no centro de toda a problemática da memória. Em relação ao difícil conceito da sobrevivência das imagens do

radical em sua homenagem. Surgiram também outras homenagens no Rio de Janeiro, onde, em 2000, foi inaugurada a *Praça Antonio Callado* e, em Niterói, foi criado em 2009 o *Espaço Antônio Callado* no interior do *Centro Cultural Abrigo de Bondes*.

Como mencionado, Callado não se inseriu no meio televisivo na condição de escritor e suas obras ainda não tiveram sucesso na adaptação para o cinema e a televisão. No entanto, o que tem mantido a imagem do intelectual e suas obras circulando? Para além da força da própria ficção, diferentes estratégias vêm sendo utilizadas para manter as obras de Callado no mercado editorial, como as coletâneas de suas reportagens, contos, crônicas e, sobretudo, a preservação da imagem do intelectual/criador. A maior parte dessas obras foi organizada, ou é de autoria da viúva de Callado, Ana Arruda. Entre essas últimas, se destacam a *Fotobiografia* (2013) e também a biografia para a *Série Essencial* da Academia Brasileira de Letras (ABL) intitulada *Antonio Callado* (2012). Em 2005 a obra de Callado também fez parte do projeto “Novas Seletas”, de incentivo ao livro juvenil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que apresenta “escritores consagrados e poetas brasileiros”, em que a parte referente a *Antonio Callado*³⁴² apresentou o autor, seu estilo e gêneros a que se dedicou (conto, reportagem, crônica, teatro e romance).

O que vem se destacando nas publicações que envolvem Antonio Callado é a ideia de manter a imagem do intelectual. Percebe-se, nas edições recentes de seus romances, que já não têm capas com imagens significativas, como as de *Reflexos do Baile* e *Bar Don Juan* das primeiras edições, mas o destaque maior é o próprio nome do autor, *Callado*. Portanto, existe o esforço para manter sua memória viva e o fato de Ana Arruda³⁴³ também ser jornalista e escritora, e a filha de Callado, Teresa Cristina, ser atriz, pertencendo ambas a um círculo

passado, seja qual for a conjunção feita entre as noções de reconhecimento e de sobrevivência do passado, o *reconhecimento*, tomado como um dado fenomenológico, permanece, como gosto de dizer, uma espécie de ‘pequeno milagre’. Nenhuma outra experiência dá a este ponto a certeza da presença real da ausência do passado. Ainda que não estando mais lá, o passado é *reconhecido* como tendo estado. É claro que podemos colocar em dúvida uma tal pretensão de verdade. Mas não temos nada melhor do que a memória para nos assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes que declarássemos lembrar-nos dela”. RICOEUR, Paul. **Memory, history, oblivion**. Budapeste, 2003. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/219745688/Memoria-Historia>. Acesso em: 12 ago. 2014.

³⁴² Cf. JOZEF, Bella. Apresentação. In: SANDRONI, Laura. (Org.). **Antonio Callado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. (Coleção Novas Seletas)

³⁴³ Nascida em Recife, Pernambuco, em 19 de maio de 1937, Ana Arruda Callado é doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Jornalista, escritora e educadora, ganhou o Prêmio Luiz Beltrão de Comunicação 2004, na categoria Maturidade Acadêmica, concedido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares (INTERCOM). Membro titular do Pen Clube do Brasil e da Academia Carioca de Letras, é autora de sete biografias de mulheres e de uma novela policial.

intelectual, colabora para que, frequentemente, convidem outros intelectuais para falar sobre Callado e validar sua importância.

Nesse raciocínio, tomamos como exemplo a comemoração aos noventa anos de Callado, quando foi produzido o documentário *A Paixão segundo Callado* (2007), dirigido por José Joffly, o que também confirma os argumentos anteriores sobre a permanência da imagem de Callado. Retomando a ideia de *Reflexos do Baile*, o documentário se inicia pela imagem da capa do romance de Carlos Scliar, fazendo, a cada bloco de depoimentos, um mosaico apresentando “o doce radical”. Nas cenas iniciais surge uma imagem do *Xingu* fazendo alusão *Quarup* e, juntamente com a cena, a leitura de um trecho de *Bar Don Juan*. A roteirista do filme, Regina Zappa, que também é jornalista e escritora, afirmou que a proposta era Callado contar sua própria história, por isso, enquanto Callado narra sua visão sobre o Brasil, artistas e intelectuais apresentam suas visões sobre Callado. As falas se unem em dois grupos de visões: o grupo dos seus pares, que reconhecem seu legado a partir de sua atuação e sua obra, e o grupo da família, que fala da intimidade de Callado, ou seja, a vida pública e a privada convergem. Os depoentes são, no núcleo familiar, Ana Arruda, Tessy Callado, Paulo Callado, João Callado e Júlio Callado; ligados ao meio acadêmico estão Ligia Chiappini e Davi Arrigucci Jr., dos escritores, Ferreira Gullar e João Ubaldo Ribeiro, Frei Beto, a atriz Fernanda Montenegro, os jornalistas Villas-Bôas Corrêa e Moacir Werneck de Castro, entre outros.

Nesse diálogo com o presente, cabe acrescentar que, em janeiro de 2017, quando foi comemorado o centenário de Callado, a data foi celebrada com alguns eventos, matérias jornalísticas e homenagens em diversos canais de comunicação (o programa Metrópolis da TV Cultura, Revista Carta Capital, Portal Vermelho, Jornal do Brasil, Jornal Estadão, Jornal O Tempo, O Globo, Folha Uol, Folha de São Paulo, Agência Brasil, Ministério da Cultura e outros). O que trouxeram em comum foi a importância do intelectual,³⁴⁴ quais foram suas obras e a atualidade delas. Para além disso, os periódicos divulgaram os eventos³⁴⁵ e os

³⁴⁴ Na ocasião do centenário também foram lembrados os prêmios que Callado recebeu como escritor e jornalista: Medalha do governo francês (1985), *Troféu Juca Pato* da União Brasileira de escritores em parceria com a folha de São Paulo para o intelectual do ano (1987), IV Bienal Nestle de Literatura (1995)

³⁴⁵ Cf. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)**, Mesa-redonda realizada em 22 jun. 2017 em celebração ao centenário de nascimento dos Acadêmicos Antonio Callado, Celso Cunha e Roberto Campos. Coordenação: Domicio Proença Filho (Coord.) Palestrantes: Alberto Venancio Filho, Cicero Sandroni, Evanildo Bechara. Disponível em: <http://www.academia.org.br/videos/mesa-redonda/centenario-de-nascimento-dos-academicos-antonio-callado-celso-cunha-e-roberto>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Também em comemoração ao centenário de Callado A Fundação Casa de Rui Barbosa promoveu uma mesa-redonda com Ana Arruda, Tessy Callado (filha do autor) e os pesquisadores Alcmeno Bastos, Eduardo

lançamentos inéditos. Entre os eventos, foram realizadas mesas redondas na Academia Brasileira de Letras (ABL) e na Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, além do Simpósio Centenário *Oxford Brazil Week 2017*, na Universidade de Oxford, no Reino Unido. Na ocasião do centenário, o historiador Thomaz divulgou na Carta Capital que, ao realizar pesquisa nos arquivos da BBC de Londres, encontrou material inédito produzido por Callado:

O material encontrado inclui dezenove roteiros de rádio-drama, peças de teatro para serem encenadas no rádio, escritos por Antonio Callado e desconhecidos por biógrafos, críticos e historiadores até então. [...] Esse material está sendo editado para sair no Brasil ainda este ano e virou tema de pesquisa na Universidade de Oxford.³⁴⁶

No conjunto, todas as homenagens trouxeram a ideia do quanto sua obra faz sentido no Brasil atual, chamando atenção para a necessidade da leitura e releitura de seus livros como algo necessário nos “tempos incertos” que o Brasil contemporâneo atravessa. Como de costume, *Quarup*, que também comemora cinquenta anos em 2017, foi lembrado como a obra que “marcou uma geração”, afirmação feita pela cineasta Emília Silveira ao falar do documentário que está dirigindo sobre a trajetória de Callado, com previsão para lançamento no segundo semestre de 2017, e que recebeu título provisório de *Callado, vestígios*. No projeto de lançamentos está também o livro organizado por Ana Arruda com as cartas que Callado trocou com inúmeros intelectuais, um material inédito.

Enfim, o que ficou de Callado para o debate contemporâneo está presente nas diferentes formas como o intelectual atuou na ficção e no jornalismo. Sua última obra, *O País que não Teve Infância: sacadas de Antonio Callado* (2017),³⁴⁷ lançada em comemoração ao seu centenário, reúne crônicas políticas, publicadas semanalmente na revista Istoé de 1978 a 1981, que dialogam diretamente com as incertezas da abertura democrática e com o romance *Sempre viva*, sempre indagando os rumos do Brasil.

Jardim e José Almino de Alencar. Cf. TORRES, Bolívar. Cartas de Antonio Callado trazem conversas com importantes figuras culturais do país. **O Globo**, 26 jan. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/cartas-de-antonio-callado-trazem-conversas-com-importantes-figuras-culturais-do-pais-20825647#ixzz4jeNAXYje>. Acesso em: 27 jan. 2017.

³⁴⁶ THOMAZ, Daniel Mandur. 100 anos de Antonio Callado. **Carta Capital**, 26 jan. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/100-anos-de-antonio-callado>. Acesso em: 26 jan. 2017.

³⁴⁷ CALLADO, Antonio. **O país que não teve infância**: as sacadas de Antonio Callado. Organizado por Ana Arruda. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Considerações

Finais

[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro.

Koselleck

O CAMINHO REFLEXIVO que trilhamos possibilitou realizar algumas considerações. Primeiramente a compreensão de que a singularidade da ficção de Callado é fruto de seu “espaço de experiência”, ou seja, do lugar social no qual realizou a mediação entre a atividade jornalística e a criação ficcional. Callado transitou por vários gêneros literários, mas foi ao romance que escolheu se dedicar, sobretudo os romances políticos, que caminharam *pari passu* com a conjuntura social e política, possibilitando um olhar crítico sobre a história do Brasil recente.

Nessa compreensão, a literatura de Callado teve como fonte sua atuação nos mais influentes jornais da imprensa brasileira e também estrangeira, permitindo-lhe o acesso aos mais diversos círculos, contribuindo para uma visão mais ampla, ao transitar entre os grupos do poder político e econômico, assim como entre as comunidades indígenas e os camponeses. Da mesma forma, conseguiu a inserção em um círculo intelectual, sobretudo do Rio de Janeiro, a partir do qual se tornou conhecido e reconhecido como um pensador de esquerda, mas sem pertencer a partidos políticos, o que era conveniente para sua atuação na imprensa e sua atividade de escritor, pois assim desfrutava de maior liberdade para transitar entre diferentes grupos e criar ficcionalmente. Com essas características, sua trajetória orientou sua opção estética e escolha temática, mas também forneceu os meios para inseri-lo em um mercado editorial no qual havia demanda para o romance político, tanto que sua consagração como escritor se deu a partir de *Quarup*.

O “espaço de experiência” de Callado também o levou ao processo de autocritica, que resultou no questionamento do despreparo da resistência armada e no prognóstico de sua derrota, em mostrar que não via poesia em jovens pegando em armas e caminhando para morte. Com esse olhar mais amplo sobre o processo, conseguiu a façanha de desagradar tanto os representantes da Ditadura Militar e seus aliados, quanto as esquerdas. Por isso, as expectativas presentes em suas obras promoveram um debate que foi compartilhado posteriormente, quando a resistência armada foi efetivamente derrotada, os estudos históricos começaram a incorporar a crítica sobre “o inventário dos erros” das esquerdas e outras obras de ficção também internalizaram esse olhar. Como exemplo, *O que é isso, companheiro?*

(1979) de Gabeira (ex-guerrilheiro), que realizou a crítica da sua própria experiência na luta armada, tornando-se um romance bem aceito, diferentemente de *Bar Don Juan*, quando foi lançado em 1971 e fez a crítica à “esquerda festiva”. Ou seja, ao antecipar o debate, a obra de Callado encontrou resistência e rejeição.

Nesse diapasão, o segundo ponto a considerar é que *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976) e *Sempreviva* (1981) ocupam lugar significativo na literatura de resistência, pois carregam um “horizonte de expectativas” que entrelaça presente, passado e futuro, dialogando com a tradição literária sobre nossa formação histórica, ao retomar estudos clássicos como os de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Mário de Andrade e outros. Ao mesmo tempo lança um olhar crítico sobre a conjuntura, pois, a cada romance, Callado realiza o debate com as demandas de seu tempo, estabelece um vai e vem de perguntas e respostas, deixando sempre em aberto a incerteza do que está por vir. Nesse movimento dialético, existe uma discussão que perpassa todos os romances, que é o posicionamento crítico de Callado em relação à esquerda armada e à violência do regime militar. Isso também resultará na forma como as obras serão recebidas e “classificadas” em uma escala hierárquica, direcionando a leitura e a formação de um juízo de valor sobre os romances.

Quarup (1967) ocupou o lugar do “grande romance da revolução” e da esperança, pois, mesmo diante das incertezas, ainda havia o ideal de transformação social e política, e “talvez” a luta armada fosse um caminho possível. Em sua trama, Callado dialogou com as incertezas e a insegurança quanto aos projetos das esquerdas, que não conseguiriam avançar enquanto não enfrentassem a dualidade entre o Brasil urbano e rural, o Brasil moderno e atrasado. Nessa obra Callado lança os projetos que estão em debate: luta armada e resistência democrática, para discutir que a matriz de nossos erros está na nossa formação ainda em construção. A partir do lançamento de *Quarup*, no pós 1964, o legado dos romances de Callado vai sendo construído à medida que suas escolhas temáticas confrontam ou validam as expectativas de cada momento histórico.

Dialogando no calor da hora, *Reflexos do Baile* (1976) responde às indagações de *Quarup* apresentando as imagens do fracasso, do despreparo e da fragmentação da esquerda, somadas ainda à censura, à violência, à repressão e à vantagem do regime militar com uma polícia política mais articulada, treinada e cada vez mais violenta. A própria narrativa fragmentada e alegórica da obra é uma forma de enfrentar e burlar a censura à arte política e

engajada. Com uma linguagem estilisticamente mais trabalhada, que lhe renderá o lugar de “melhor romance”, a obra afasta o leitor comum e se aproxima de um público mais intelectualizado, em um movimento no qual o fracasso da resistência armada já se confirmara.

Publicado entre “*Quarup* – o grande romance” e “*Reflexos do Baile* – o melhor romance”, *Bar Don Juan* (1971) desagradou ao antecipar a derrota da luta armada e anunciar o delicado tema do despreparo da “esquerda festiva”, que “não sabia pegar em armas” nem seus membros estavam cientes do verdadeiro significado da prisão e da tortura na prática. Abordar o tema no momento em que a esquerda ainda não havia realizado sua autocrítica rendeu a *Bar Don Juan* duras críticas, pois Callado confrontou, de forma irônica e pessimista, a atuação das esquerdas brasileiras, seja a intelectual/imobilista, quanto a revolucionária. Todas se encontravam visivelmente desarticuladas, tanto no campo das ideias, quanto da ação, sobretudo para quem optou pelo confronto armado e pelos assaltos a bancos. Duramente criticado desde seu lançamento, por apresentar um “quadro negro” em seu horizonte de expectativas, no qual anuncia inclusive o “fim do romance político”, *Bar Don Juan* passou a ser considerado o “romance menor”, ou seja, a escolha temática de Callado direcionou “o lugar que a obra ocupará”.

A derrota anunciada em *Bar Don Juan* foi traduzida na trama de *Sempreviva* (1981) como a amargura do exilado político, a busca por vingança pessoal contra ex-torturadores do regime militar, o que também pode ser lido como “vingar a Pátria”. A amargura e a desilusão por uma revolução que não aconteceu, somadas ao fracasso da luta armada, também serão incorporadas à grande incerteza sobre a abertura política, a transição democrática. Mas o romance ainda deixa seu recado mostrando restar espaço para denúncia, quando trouxe para sua trama a “Operação Condor”.

A partir desse movimento, foi possível compreender que a forma como Callado estabeleceu o embate/debate com a conjuntura política será a chave interpretativa para a atualidade de seus romances, que, sem dúvida, “têm muito a dizer”. Sobretudo quando desconstruída a “hierarquia” entre eles, a partir de uma leitura orientada pela crítica especializada, acadêmica, e até mesmo pelo próprio Callado, ao elegerem qualidades literárias e melhores enredos nas análises comparativas (*Quarup*: o grande romance; *Bar Don Juan*: um romance menor; *Reflexos do Baile*: o melhor romance; *Sempreviva*: romance da maturidade ou um bom romance). Escolhas que também resultam das expectativas entrelaçadas às demandas de cada tempo, ora sobressaindo as críticas mais contundentes às esquerdas e à

direita, ora apresentando a autocrítica e o papel do intelectual de forma mais explícita, ou trazendo a luta armada como elemento direcionador das análises.

Diante dos múltiplos olhares sobre a ficção de Callado, cabe alertar para a necessidade de uma análise que compreenda que não são obras que se sobrepõem, mas que se complementam e atuam como um “caleidoscópio da ficção” sobre uma determinada conjuntura, ao mesmo tempo em que lançam prognósticos reiterando continuamente sua historicidade. Pois Callado se manteve coerente em sua crítica e suas obras anteciparam temas que hoje se fazem presentes. Isso confirma as discussões apresentadas neste estudo, que tiveram como objetivo lançar luz sobre a contribuição dos romances de Callado para o debate historiográfico, como a atualidade do tema sobre a construção de uma democracia que enfrenta avanços e recuos, e o próprio legado da Ditadura Militar e de nossa tradição de “golpes de Estado”. Um debate permeado por polêmicas, que retoma a crise das esquerdas, que hoje se configura em um fenômeno mundial.

Nesse ponto, podemos considerar que o legado da obra de Callado está posto, pois os seus temas lançam luz sobre as discussões em torno da democracia e das relações de poder. Seus prognósticos sobre os rumos da redemocratização encontraram solo fértil face aos acontecimentos que marcaram a atual crise política brasileira acirrada em 2013, que também atualiza as “imagens da luta armada”. Momento em que as discussões sobre “democracia” e “ditadura” ganham fôlego e mostram que ainda continuam em um campo de disputas. O exemplo mais significativo da atualidade sobre o tema da “resistência armada” está no campo político, é o da ex-presidenta Dilma Rousseff, que ficou conhecida como “a presidenta guerrilheira”. O fato gerou polêmica, principalmente durante suas eleições para a presidência e seu processo de *impeachment* (dezembro de 2015 a agosto de 2016), mostrando que não existe um consenso em torno da memória que envolve a luta armada no Brasil e que nossa democracia continua frágil. Esses acontecimentos, quando confrontados com os temas presentes na obra de Callado, confirmam sua tese de nossa formação autoritária e elitista, que tem nas oligarquias a sua maior expressividade, onde também reside nossa formação “cordial”.

Para além da atualidade temática e a capacidade de dialogar com as demandas de nossa contemporaneidade, é na academia que o legado da obra de Callado se perpetua, de forma ascendente, pois sua produção ficcional tem sido objeto de análise e diferentes leituras são realizadas, mostrando o quanto sua literatura tem a dizer. Ou seja, o olhar de Callado

ilumina muitas questões e embates do presente, como o apelo veiculado nos meios de comunicação e em instituições para o entendimento do que representou a Ditadura Militar para nossa história e a importância da ficção para compreensão desse processo.

Diante disso, cabe considerar que Callado tem espaço no debate contemporâneo, pois o legado da sua obra está atrelado ao lugar que o intelectual ocupa, e à medida que suas obras vão sendo lidas e recebidas, elas atendem as demandas do tempo presente, lançam luz sobre o passado e projetam as expectativas sobre o futuro. Isso se apresenta nas concepções, interpretações, questionamentos e análises que surgem de sua literatura, assim como evidenciam uma discussão compartilhada, sobretudo na academia. No tocante ao debate historiográfico, as reflexões sobre a Ditadura Militar contribuem para produção de conhecimento sobre a nossa história recente e, no que tange aos romances de Callado, eles ainda têm muito a nos dizer, desafio que está posto para o debate historiográfico. Ou seja, a obra de Callado tem muito a oferecer à pesquisa histórica.

Quanto à permanência de Callado no debate contemporâneo, também está relacionada a uma discussão maior, que envolve o papel da arte política e engajada após a abertura democrática e, por conseguinte, a forma como os intelectuais de esquerda conseguiram se inserir em um novo espaço artístico-cultural, encontrando novos campos de atuação, como a televisão. Alguns artistas e intelectuais conseguiram se adequar a uma nova linguagem e proposta estética, criando suas alternativas de permanência, e os que não o fizeram foram esquecidos. Callado conseguiu permanecer, mas sem muita visibilidade, pois suas obras não tiveram grande êxito nas adaptações para o cinema e televisão e seus romances posteriores à abertura democrática não tiveram grande repercussão, mas o seu prestígio no meio jornalístico possibilitou que continuasse escrevendo crônicas para periódicos de grande repercussão da imprensa nacional até pouco antes de sua morte, em 1997. Hoje, estudos voltados para o jornalismo literário apontam algumas de suas reportagens como referência.

Outras formas que contribuem para que Callado continue sendo lembrado estão relacionadas a alguns lugares, sobretudo o Rio de Janeiro, mas também a instituições de tradição, como Academia Brasileira de Letras, assim como a seu “pertencimento” à literatura carioca. Outros exemplos são as obras direcionadas para sua trajetória intelectual, como livros e documentários, que se inserem nesse movimento de lembrar e homenagear, que teve expressividade em 2017, no seu centenário de nascimento. Nessa comemoração, em diferentes espaços (academia, instituições como ABL e nas redes sociais), se falou da

importância da sua obra e da atualidade de suas ideias, bem como da contribuição de vários estudos para que seu legado permaneça. Portanto, Callado está presente no debate contemporâneo pela força de suas ideias, que continuam vivas e pulsantes na medida em que suas obras são permanentemente retomadas e sua historicidade é continuamente construída.

Por fim, cabe considerar que este estudo se encerra com o seu objetivo alcançado, ao desenvolver a refletir sobre o lugar e a singularidade da obra de Callado no debate com o regime militar, trazendo para a discussão contemporânea o lugar do intelectual e o legado de sua obra, a partir das categorias de análise “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”. Nesse propósito, afirmamos que este estudo deixa em aberto um campo de possibilidades para o diálogo com a obra de Antonio Callado. Como ele próprio disse: “Eu lamento muito, mas é um país que não foi acabado... Não foi feito, nem concluído...”.

Referências

Bibliográficas

OBRAS DE ANTONIO CALLADO

Romance, teatro, crônica e conto

CALLADO, Antonio. **Quarup**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Bar Don Juan**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. **Reflexos do Baile**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. **Sempreviva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **A Expedição de Montaigne**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **Concerto Carioca**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Memórias de Aldenham House**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. **Assunção de Salviano**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Madona de Cedro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. O fígado de Prometeu. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. A cidade assassinada. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. Frankel. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. O colar de coral. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. Pedro Mico. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. O tesouro de Chica da Silva. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. A revolta da cachaça. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. Uma rede para Iemanjá. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. Forró no Engenho Cananeia. In: _____. **Teatro Completo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. **Crônicas de fim do milênio**. Organizado por Martha Vianna. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1997.

_____. **O país que não teve infância**: as sacadas de Antonio Callado. Organizado por Ana Arruda. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. **O Homem Cordial e Outras Histórias**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Lembranças de Dona Inácia. In: LINS, Osman; et al. **Missa do galo**: variações sobre um mesmo tema. São Paulo: Summus, 1977.

_____. Reforma se arrasta de Nabuco a Vereza. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Ilustrada, 23 nov. 1996.

_____. A Doce República do Tatuari. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ext/especial/villasboas/antca.htm>. Acesso em: 04 nov. 2014.

_____. Aldous Huxley era um sábio à moda antiga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ilustrada, 25 jul. 1994. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/25/ilustrada/1.html>. Acesso em: 14 out. 2013.

Reportagem, ensaio e conferência

CALLADO, Antonio. **Tempo de Arraes**: a revolução sem violência. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. O despertar nordestino. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, n. 11, jun. 1961.

_____. Vietnã do Norte: advertência aos agressores. In: _____. **Antonio Callado Repórter**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. **Esqueleto na Lagoa Verde**: ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Livraria Cultura, 2010.

_____. **Entre o Deus e a Vasilha**: ensaio sobre a reforma agrária brasileira, a qual nunca foi feita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Literatura**. Ciclo de Debates do Teatro Casa Grande, Rio de Janeiro: Ed. Inúbia, 1976. [Debate ocorrido em 19 maio 1975, Coleção Opinião.]

_____. **Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2006.

_____. Introdução. In: FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**: uma interpretação marxista. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1971.

_____. Porque não existe um plano de valorização da Amazônia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 02, 18 abr. 1950.

Entrevistas

CALLADO, Antonio. Entrevistas com Antônio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Ligia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. [Entrevista concedida a Lígia Chiappini]

_____. Um escritor em busca do Brasil. In: CHIAPPINI, Ligia. **Antonio Callado**. São Paulo: Abril Educação, 1982. Literatura Comentada. [Entrevista concedida a Ligia Chiappini.]

_____. **3 Antonios & 1 Jobim**: histórias de uma geração. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1993. [Entrevista concedida a Zuenir Ventura]

_____. Um prédio de doidos. **Isto É**, São Paulo, n. 1276, 16 mar. 1994. [Entrevista concedida a Daniel Stycer]

_____. Este país é um colégio interno! **Folha de São Paulo**, São Paulo, Folhetim, p. 04, 01 out. 1978.

_____. Em nome da consciência: entrevista com Antônio Callado. **Veja**, São Paulo, p. 04, 14 jul. 1976. [Entrevista concedida a João Marcos Coelho]

_____. A guerrilha de Antônio Callado. In: KUSHNER, Beatriz. (Org.). **Perfis Cruzados**: Trajetórias e Militância no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2002. [Entrevista concedida a Marcelo Ridenti, em 24 jul.1996]

_____. O Brasil Profundo de Antonio Callado. **Isto É**, São Paulo, Literatura, p. 56-57, 29 abr. 1981.

_____. A quem serve a imprensa? Entrevista com Antonio Callado. **Folha S. Paulo**, São Paulo, Folhetim, 30 mar.1980.

_____. Callado Responde. **O Cruzeiro**, p. 38-39, 31 ago. 1957. [Entrevista concedida a José Alberto Gueiros]

OBRAS SOBRE ANTONIO CALLADO

Livros, capítulos e artigos

ARRIGUCCI JR., Davi. Baile das Trevas e das Águas. In: _____. **Achados e Perdidos**. São Paulo: Pólis, 1979.

ARRUDA, Ana. **Fotobiografia**: Antônio Callado. Recife: Cepe, 2013.

BASTOS, Alcmeno. **A História foi assim**: o romance político brasileiro nos anos 70/80. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

_____. O Aprendizado de Brasil na Ficção Política de Antônio Callado. In: ARAGÃO, M. L.; SEBE, J. C. (Orgs.). **América: ficção e Utopias**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura / São Paulo: EDUSP, 1994.

BRUNN, Albert. Entre Michel de Montaigne e o Coração das trevas. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

CALLADO INTERPÕE recurso ao TRF. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 07, 19 abr. 1972.

CHIAPPINI, Ligia Quando a Pátria Viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. In: ZILIO, Carlos; CHIAPPINI, Ligia. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira**: Artes Plásticas e Literatura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Antonio Callado**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

_____. Leveza e Humor na Encenação da Catástrofe: o teatro negro de Antonio Callado, **Signótica**, v. 16, n. 1, p. 81-95, jan./jun., 2004.

_____. Nem Lero Nem Clero: historicidade e atualidade em *Quarup* de Antonio Callado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, São Paulo, n. 2, p. 97-108, maio 1994.

COSTA, Édison José da. *Quarup*: tronco e narrativa. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

D'INCAO, Maria Ângela. Será um país cruel, disse a fada ao Brasil. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

DRESSEL, Helga. Espera ou ação: na engrenagem da culpa. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

FINAZZI-AGRÒ. A imagem do Brasil em *Concerto Carioca*. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

FIGUEIREDO, André. A ficção brasileira em 1971. **O Globo**, 21 dez. 1971.

GOUVEIA, Arturo. **Literatura e repressão pós-64**: o romance de Antonio Callado. João Pessoa: Ideia, 2006. [Coleção Carpe Diem]

_____. O Legado de Antonio Callado. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

GULLAR, Ferreira. Ensaio de Deseducação para Brasileiro Virar Gente. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 15, set. 1967.

HOLANDA, Heloisa Buarque. Antônio Callado, profissão escritor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1981.

HOUAISS, Antônio. Orelha. In: CALLADO, Antonio. **Reflexos do Baile**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

JABOR, Arnaldo. O Espelho Partido dos Anos 70. In: CALLADO, Antonio. **Reflexos do Baile**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

JUÍZA ENTENDE que o “Bar Don Juan” não ofende bons costumes. **O Globo**, p. 11, 10 fev. 1972.

MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006.

MARTINS, Wilson. A Esquerda Festiva. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 1971.

PÓLVORA, Hélio. Bar Don Juan. **Jornal do Brasil**, 02 jun. 1971.

ROCHA, Alexandrino. Escritores de Pernambuco diante do “caso” Callado. **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, Primeiro Caderno, p. 06, 1 jan. 1960.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. **Callado no Lugar das Ideias**: Quarup um romance de tese. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

SCLIAR, Moacir. A escrita sem trégua. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais, p. 04, 2 fev. 1997.

Dissertações e Teses sobre Antonio Callado

AGAZZI, Giselle Larizzatti **A Crise das Utopias**: a esquerda nos romances de Antônio Callado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. 1998. 237 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **Um país emaranhado**: o projeto ficcional de Antônio Callado. 2004. 262 f. Tese (Doutorado Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ALONSO, Vera Lúcia. **Quarup**: Ruína e Utopia. 1979. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1979.

BORGES, Maryson José Soqueira. **As Configurações Intensivas do Tempo e a Concepção Crítica de História e Memória em Quarup, de Antonio Callado**. 2008.

165 f. Tese (Doutorado em Teoria e Crítica Literária) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2008.

CALEGARI, Lizando Carlos. **A Literatura contra o autoritarismo**: a desordem social como princípio da fragmentação na ficção brasileira pós-64. 2008. 313 f. Tese (Doutorado em Estudo Literários) – Universidade de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

CARMINATI, Fábio. **A Utopia Perdida**: literatura e revolução no Brasil de Antônio Callado. 2014. 190 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CRUZ, Cláudia Helena da. **Encontros entre a Criação Literária e a Militância Política**: *Quarup* (1967) de Antônio Callado. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

FEITOSA, Dapheny Day Leandro. **Da Tradição Indianista a Quarup**: uma análise da transfiguração do índio na formação da literatura brasileira. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GOMES, Geam Karlo. **A Madona de Cedro**: diálogo entre a literatura e a Teologia. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013.

GOMES, Maria Raimunda. **Antonio Callado**: a narrativa ideológica. 1988. 230 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1988.

KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. **A presença da literatura em Crônicas de fim do milênio de Antonio Callado**. 2003. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2003.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **O Tempo de Levindo**: Ficção e História no Romance Quarup. 1986. 199 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

MAGALHÃES, Eliete Aparecida Borges. **A Figura do Malandro em Pedro Mico de Antonio Callado**. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

MAMIZUKA, Robeni Baptista. **O Romance Engajado na Década de 60**: *Quarup*. 1983. 102 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

PIMENTEL, Geaneliza de Fátima Rodrigues Rangel. **A Memória Presente**: estudo da dramaturgia de Antonio Callado (*A Cidade Assassinada*) e Jorge de Andrade (*Pedreira das Almas*). 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

PINTO, Cristina Ferreira. **A Viagem do Herói no Romance de Antônio Callado**. 1984. 63 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Espanhol e Português, Tulane University, New Orleans, 1984.

ROJAS, Juan Pedro. **Juan José Saer, Antonio Callado e a “Literatura do contra”**. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Departamento de Teoria e Literatura e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SÁ, Lúcia Regina de. **A Literatura Entre o Mito e a História: uma Leitura da “Maíra” e “Quarup”**. 1990. 303 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SILVA, Giselia Rodrigues Dias da. **O Indianismo Revisitado: A Expedição de Montaigne**, de Antonio Callado. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SOUZA, Francisco Sales. **A Cruz e a espada: A questão religiosa e revolucionária nos romances de Antônio Callado**. 1991. 310 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

SOUZA, Maristela Soledade. **Do indivíduo às redes da vida política e social: protagonismo e construção identitária em Padre Nando (Antonio Callado) e Aníbal (Pepetela)**. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

VEIGA, Luiz Maria. **De armas na mão: personagens guerrilheiros em romances de Antonio Callado, Pepetela e Luandino Vieira**. 2015. 541 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Filme e documentários

BRANDÃO, Rodolfo. (Dir.). **3 ANTONIOS & 1 Jobim**. Brasil, 1993. 1 filme (56 min), son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IudtNg9-pxA>. Acesso em: dez. 2016.

GUERRA, Ruy. (Dir.). **KUARUP**. Brasil: Warner Bros, 1990. (1:19 min.), son., color.

JOFFILY, José. (Dir.). **A paixão Segundo Callado**. Brasil: Lumen Produções, 2007. 1 DVD, documentário (57min), son., color.

PONTES, Ipojuca. (Dir.). **Pedro Mico**. Brasil. 1985. (99 min.), son., color.

YAMASAKI, Tizuka; SARACENI, Denise. (Dir.). **MADONA DE CEDRO**. Adaptação: Walter Negrão. Minissérie em 8 capítulos exibida pela Rede Globo. Período de exibição: 26/04/1994 - 06/05/1994.

BIBLIOGRAFIA GERAL

50 ANOS do golpe de 1964. **Blog Marxismo 21**, 21 mar. 2014. Disponível em: <http://marxismo21.org/50-anos-do-golpe-de-1964/>. Acesso em: 20 nov. 2015.

AGÊNCIA BRASIL. “Queremos os militares protegendo o Brasil”, gritam manifestantes. **Carta Capital**, 22 mar. 2014. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/queremos-os-militares-protectendo-o-brasil-gritam-manifestantes-2537.html>. Acesso em: 22 mar. 2014.

AGÊNCIA PÚBLICA. A nova roupa da direita. **Carta Capital**, 25 jun. 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-roupa-da-direita-4795.html>. Acesso em: 15 maio. 2016.

ALENCAR, José. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro: Brasiliana / USP, 1893. Disponível em: www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00176100#page/7/mode/1up. Acesso em: 18 fev. 2015.

AMARAL, Roberto. Brasil, de golpe a golpe. **Carta Capital**, 18 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-de-golpe-a-golpe>. Acesso em: 12 fev. 2016.

ANTUNES, Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Para onde foi o “novo sindicalismo”? Caminhos e descaminhos de uma prática sindical. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubéns Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

ARISTÓTELES. **A Política**. 2.ed. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Poética**. 3.ed. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil**: Nunca Mais. Perfil dos atingidos. Petrópolis: Vozes, 1988.

ASSIS JR., Itamar de. Daniel Aarão Reis. **A UNE**, 07 mar. 2005. Disponível em: <http://www.une.org.br/2011/08/daniel-aarao-reis/>. Acesso em: 12 maio 2017.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: UNESP, 2004. Coleção Revoluções do Século XX, direção Emília Viotti da Costa.

AZEVÊDO, Fernando. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

BARBOSA, Kátia Eliane. **Macunaíma (1978) de Antunes Filho**: o olhar antropológico para a cena e a história Brasileira. 2012. 195 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

_____. **Teatro Oficina e a encenação de O Rei da Vela (1967)**: uma representação do Brasil da década de 1960 à luz da antropofagia. 2004. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

BENITES, Afonso. Dilma evoca a ditadura, chama o impeachment de golpe e diz que não renuncia. *El País*, 22 mar. 2016. Disponível em: www.brasil.elpais.com/brasil/2016/03/22/politica/1458666904_690917.html. Acesso em: 12 abr. 2016.

BETTO, Frei. **Batismo de sangue**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BEZERRA, Elvia. **Ribeiro Couto e o Homem Cordial**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44c.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017.

BIANCHI, Alvaro. A militante Dilma e os arquivos. **Carta Capital**, 29 set. 2010. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-militante-dilma-e-os-arquivos>. Acesso em: 12 maio 2017.

BOBBIO, Norberto. **O Futuro da Democracia**: uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 9 ed. Brasília: Ed. UnB, 1997. v. 1; 2.

BORGES, Antonádia M. A Nação contra a formiga: o uso possível da literatura nas interpretações sócio-históricas de conflitos rurais no Brasil. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ MAUAD, 2001.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília. Ao Vencedor as Batatas 30 anos: crítica da cultura e processo social. Entrevista com Roberto Schwarz. **RBCS**, v. 23, n. 67, jun. 2008.

BRASIL. Biografia da ex-presidente Dilma Rousseff. **Palácio do Planalto**, atualizado em 31 out. 2016. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CALIL, Gilberto Grassi. Revisionismo sobre a ditadura militar brasileira: a obra de Élio Gaspari. **Revista Catalana D'història**, n. 7, p. 99-126, 2014. Disponível em: <http://revistes.ub.edu/index.php/segleXX/article/download/11240/13962>. Acesso em: 12 dez. 2014.

CAMPOS, Haroldo. **O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira**: o caso Gregório de Matos. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura**: Ciclo de Debates do Teatro Casa Grande – 19 de maio de 1975. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976. Coleção Opinião.

_____. **A Educação pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Iniciação à Literatura Brasileira** (Resumo para principiantes). São Paulo: Humanitas, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. Dossiê do Tempo Presente: a ditadura nas bancas. **História Viva**, Duetto, n. 133, nov. 2014. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/dossie_o_tempo_presente_a_ditadura_nas_bancas.htm. Acesso em: 17 jun. 2017.

_____. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CARONE, Edgard. **O P.C.B. (1964-1982)**. São Paulo: Difel, 1982.

CARPEAUX, Otto Maria. O Romance Político. **Correio da Manhã**, p. 9, 29 jun. 1957.

CARTA, Mino. Só a ideia sobrou. **Carta Capital**, 30 mar. 2015. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/revista/843/so-a-ideia-sobrou-7581.html>. Acesso em: 12 mar. 2015.

CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino. (Coords.). **Memórias do Exílio**: Brasil 1964-1978. n. 1 – de muitos caminhos. São Paulo: Livramento, 1976 [Mundial]; 1978 [Brasil].

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? **CES** – Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, atualizada a página em 28 nov. 2008. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf. Acesso em: 12 maio 2017.

_____. O que é democracia? **CERP-SC Centro de Estudos em Reparação psíquica SC**, Canal do YouTube, publicado em 19 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZAFa7TZX3oA>. Acesso em: 12 maio 2017.

_____. Sociedade autoritária, ética e violência no Brasil. **Quintal Amendola**, Canal do YouTube, publicado em 11 maio 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YB3SnE4RMos>. Acesso em: 12 maio 2017.

CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

CIDADÃO BOILESEN – Um dos Empresários que Financiou a Tortura no Brasil. **Hélder Leão**, Canal do YouTube, publicado em 5 jan 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yGxIA90xXeY>. Acesso em: 19 jun. 2017.

COELHO, Luiz Antônio. O objeto na condução narrativa: o caso O Ano Passado em Marienbad. **Estudos de Cinema**, Ano III, 2001.

COIMBRA, Marcos. FHC, o hipócrita monumental. **Carta Capital**, 16 jun. 2016. Disponível em: www.cartacapital.com.br/revista/905/fhc-o-hipocrita-monumental. Acesso em: 17 jun. 2016.

COMISSÃO NACIONAL de verdade (CNV). Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/index.php/2-uncategorised/417-operacao-condor-e-a-ditadura-no-brasil-analise-de-documentos-desclassificados>. Acesso em: 17 jun. 2017.

COMPARATO, Fábio Konder. Comparto: ‘Prender ou pelo menos incriminar Lula faz parte da política norte-americana’. [Entrevista]. **Carta Capital**, 11 maio 2017. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/05/comparato-prender-ou-pelo-menos-incriminar-lula-faz-parte-da-politica-norte-americana>. Acesso em: 12 maio. 2017.

_____. Constituição de 1988: o direito e o avesso. Em defesa dos direitos conquistados. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 01 mar. 2016. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/constituicao-de-1988-o-direito-e-o-avesso/>. Acesso em: 05 mar. 2016.

CONY, Carlos Heitor. Dois livros que saíram da prisão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 abr. 1993.

_____. Na prisão com Glauber e Callado. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jul. 1996.

_____. **Pessach**: A Travessia. 5. ed. São Paulo: Cia. da Letras, 1997.

COSTA, Luís; MAMMI, Antonio. Ex-ministro de FHC diz que gravação é ‘tentativa de golpe contra reformas’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 maio 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1886094-ex-ministro-de-fhc-diz-que-gravacao-e-tentativa-de-golpe-contr-reformas.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2017.

COSTA, Rodrigo de Freitas. **Brecht, nosso contemporâneo?** o engajamento como prática intelectual e como opção artística da Companhia do Latão. 2012. 305 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

COUTINHO, Eduardo. (Dir.). **Cabra Marcado para Morrer**. Brasil: Globo Vídeo, 1984. (1:19 min), son. Color.

CUNHA, João Manuel dos Santos. Texto-paratexto: interpretação visual de *Reflexos do baile*. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009.

Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/viewFile/315/289>. Acesso em: 11 nov. 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O Espaço da Dor**: o regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Ed. da UnB, 1996.

DENIS, Benoît. **Literatura e Engajamento**: de pascal a Sartre. São Paulo: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. 3 ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**, v. 29, n. 02, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://seer.ufg.br/educacaoerealidade/article/view/25401> Acesso em: 30 set. 2015.

FICO, Carlos. **O Golpe de 1964**: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2014.

_____. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis – o caso brasileiro. **VARIA HISTORIA**, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, p. 43-59, jan./jun. 2012.

_____. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

FIORI, José Luís. Olhando para a esquerda latino-americana. In: DINIZ, Eli. (Org.). **Globalização, Estado e Desenvolvimento**: dilemas do Brasil no novo milênio. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

FRANCIS, Paulo. A Travessia de Cony. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 13, ano III, maio 1967.

FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa**. São Paulo: UNESP, 1998.

FICO, Carlos. Historiografia marxista sobre o golpe e a ditadura. **Carlos Fico**, Canal do YouTube, publicado em 23 fev. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SfAenGtCAjk>. Acesso em: 29 jan. 2015.

_____. O Romance de Resistência nos Anos 70. **XXI LASA CONGRESS**, 1998, Chicago, EUA, p. 4-5, 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Franco.pdf>. Acesso em: 28 out. 2013.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

GOMES, Angela de Castro. A Política Brasileira em Busca a Modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando. (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v. 4.

GOMES, Dias. O Engajamento é uma Prática de Liberdade. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, Caderno Especial, n. 2, jul. 1968.

GORENDER, Jacob. **Combate na Trevas**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. A sociedade cindida. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, jan./abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142014000100003&script=sci_arttext&tlng=p. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. Das Trevas, ao Combate nas Luzes. **Clandestino Edgard de Almeida Martins**, Canal do YouTube, publicado em 14 ago. 2014. [Originalmente: TVCÂMARA, depoimento Exibido em 08 out. 2009]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DsuKeztuMBY>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GREENWALD, Glenn. Brazil In Engulfed by Ruling Class Corruption – and a Dangerous Subversion of Democracy. **The Intercept**, 18 mar. 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/03/18/brazil-is-engulfed-by-ruling-class-corruption-and-a-dangerous-subversion-of-democracy/>. Acesso em: 12 jul. 2016.

GUEIROS, José Alberto. Callado Responde [Entrevista]. **O Cruzeiro**, p. 36, 31 ago. 1957.

GUINSBURG, Jacó; PATRIOTA, Rosangela. **Teatro Brasileiro**: ideias de uma história. São Paulo: Perspectiva, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HERMETO, Miriam. **“Olha a Gota que falta”**: um evento no campo artístico-intelectual brasileiro (1975-1980). 2010. 440 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. da Letras, 1995 [1936].

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Tradução de Sérgio Terallori. São Paulo: Ática, 1994.

JOFFILY, Mariana. O aparato repressivo: da arquitetura ao desmantelamento. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

JOZEF, Bella. Apresentação. In: SANDRONI, Laura. (Org.). **Antonio Callado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. (Coleção Novas Seletas)

KALTNER, Leonardo F. Anotações sobre a biografia do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, v. 139, n. 18, 2012. Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/139/Kaltner-Carl-Friedrich-Philipp-von-Martius.html>. Acesso em: 17 jun. 2016.

KONDER, Leandro. A vocação maior. **Veja**, 27 maio 1981.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Como e porque ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

LEONÍDIO, Almir. O sertão e “outros lugares”: a ideia de nação em Paulo Prado e Manoel Bonfim. In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de. (Orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ / MAUAD, 2001.

LIMA, José Antonio. Um favor à verdade. **Carta Capital**, 22 maio 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/um-favor-a-verdade-9876.html>. Acesso em: 12 maio 2013.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor**: textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MACHADO, Rosana Pinheiro. Um ditador para salvar o Brasil? **Carta Capital**, 10 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-ditador-para-salvar-o-brasil>. Acesso em: 17 jun. 2017.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella**: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

MANIFESTO: em defesa de direitos conquistados. Texto coletivo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 4 mar. 2016. [Texto de autoria dos professores da Universidade de São Paulo (USP)]. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/em-defesa-de-direitos-conquistados/>. Acesso em: 12 abr. 2017.

MARTINS, Edson. **Nossos índios, nossos mortos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. (Org.). **3 Antônio & 1 Jobim**: histórias de uma geração. Rio de Janeiro: Relume-Delumará, 1993.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MAUÉS, Flamarion. Livros, editoras e oposição à ditadura. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, jan./abr. 2014.

MELO, Demian Bezerra de. A Historiografia de Marco Antonio Villa: um negacionismo à brasileira. **Blog Convergência**, 07 fev. 2014. Disponível em: <http://blogconvergencia.org/?p=2016>. Acesso em: 29 jan. 2015.

_____. O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: _____. (Org.). **A miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MEMÓRIA RODA VIVA. Paulo Autran e Tonia Carrero. **Roda Viva**, Entrevista exibida em 14 maio 1990. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/103/entrevistados/paulo_autran_e_tonia_carrero_1990.htm. Acesso em: 12 fev. 2017.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

MICHALSKI, Yan. **Pequena Enciclopédia do Teatro Brasileiro Contemporâneo**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br>. Acesso em: 29 jan. 2015.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Produções do Medo: algumas trilhas (1955-1964). In: _____. **História, Cultura e Sentimentos**: outras Histórias do Brasil. Recife: UFPE, 2008.

MORAES, Wallace dos Santos de. O golpe dentro do golpe. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 26 maio 2017. Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-que-esta-por-tras-das-denuncias-da-globo-contra-michel-temer/>. Acesso em: 17 jun. 2017.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01881998000100015>. Acesso em: 12 jan. 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

NA CNN JORNALISTA desmascara o impeachment contra Dilma Rousseff no Brasil. **O Prato Feito**, Canal do YouTube, publicado em 20 abr 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7TWIE2psxZQ>. Acesso em: 12 abr. 2016.

NAKAGOME, Patrícia Trindade; SOUSA, Regina Claudia Garcia Oliveira de. Protagonismo Negro, Autoria Branca: *A Revolta da Cachaça e Arena Conta: Zumbi. Estação Literária*, Londrina, vagão-volume 8, parte A, p. 65-76, dez. 2011.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. A crise, em perspectiva histórica. **Revista Brasileiros**, 20 abr. 2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/04/crise-em-perspectiva-historica/>. Acesso em: 12 maio 2017.

_____. No exílio, contra o isolamento: intelectuais comunistas, frentismo e questão democrática nos anos 1970. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, jan./ abr.,

2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/06.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2014.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexão. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 18, v. 50, 2004.

NUNES, Augusto. Radiografia de uma fraude (1): A guerrilheira. **Veja**, online, 13 maio 2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/radiografia-de-uma-fraude-1-a-guerrilheira/>. Acesso em: 17 jun. 2017.

OBERG, Maria Silva Pires. **Informação e Significação**: a fruição literária em questão. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Ciência e Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do oeste. **CPDOC**, FGV, [20--]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/ConquistaOeste>. Acesso em: 01 maio 2016.

OLIVEIRA, Sírley Cristina. **O encontro do teatro musical com a arte engajada de esquerda**: em cena o Show Opinião (1964). 2011. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

OLIVERIA, Franklin. Com a mesma fúria das onças. **ISTO É**, p. 56, 29 abr. 1981.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Imagens do Brasil. **Revista Estado e Sociedade**, v. 28, n. 3, nov./dez. 2013.

_____. Revisitando o tempo dos militares. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

PARA SUA Informação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 39, 17 nov. 1976.

PATRIOTA, Rosângela. **Vianinha**: um dramaturgo no coração de seu tempo. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **A Crítica de um Teatro Crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. Recordar, Celebrar, Memorizar: momentos do teatro no Brasil do século XX. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. 8, ano VIII, n. 3, set./out./nov./dez. 2011. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF27/ARTIGO_05
ROSANGELA PATRIOTA FENIX SET DEZ 2011.pdf. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. A cena tropicalista no Teatro Oficina de São Paulo. **História**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 135-163, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a06.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2013.

_____. A Cena Teatral como Trânsito entre a História Cultural e a História Social: processos de construção de subjetividades artísticas. In: RAMOS, Alcides; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Paisagens subjetivas, paisagens sociais**. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. História, Teatro, Política: Vianninha, 30 anos depois. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. I, ano I, n. 1, out./nov./dez. 2004. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/pdf/Artigo%20Rosangela%20Patriota%20Ramos.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

_____. Interlocuções entre História e Ficção – a Posse e a Luta pela Terra em Narrativas Cômicas, Dramáticas e Épicas no Teatro Brasileiro. In: CAPEL, Heloisa Selma Fernandes; RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela. (Orgs.). **Narrativas Ficcioneis e a Escrita da História**. São Paulo: Hucitec, 2013.

_____.; RAMOS, Alcides. *Terra em transe* e *O Rei da Vela*: estética da recepção e historicidade. **Confluente Revisita di Studi Iberoamericani**, Università di Bologna, v. 4, n. 2, 2012.

PELLEGRINI, Tânia. Relíquias da Casa Velha: literatura e ditadura, 50 anos depois. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 43, p. 151-178, jan. jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n43/09.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). **Um historiador nas fronteiras**: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. O mundo como um texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

_____. Uma Janela para história. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold. (Orgs.). **Brasil país do passado?** São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. Contribuição da História e da Literatura para Construção do Cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LENHARDT, J.; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?**: o trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

PRADO, Paulo. **Retratos do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. 2 ed. São Paulo: IBRASA, 1981.

QUADRAT, Samantha Viz. Operação Condor: o “Mercosul” do Terror. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXVIII, n. 1, p. 167-182, jun. 2002.

RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e História do Brasil. São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. A Luta Contra a Ditadura Militar e o Papel dos Intelectuais de Esquerda. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. 3, ano III, n. 1, jan./fev./mar. 2006.

Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF6/8%20-%20ARTIGO%20-%20ALCIDESFRAMOS.pdf. Acesso em: 10 abr. 2013.

_____. Diálogos: Paulo César Saraceni e o cinema italiano durante os anos de 1960. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, v. 11, anos XI, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: www.revistafenix.pro.br/PDF34/Dossie_Artigo_Alcides%20Freire%20Ramos.pdf. Acesso em: 22 jun. 2016.

_____. Ensino de História e Cinema Brasileiro na Década de 1990 (*Carlota Joaquina e O que é isso, companheiro?*). In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. (Orgs.). **Ver histórias: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011.

RBA. Brasileiros na Alemanha lançam movimento em defesa de Lula. **Rede Brasil Atual**, Política, 05 mar. 2017. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2017/03/brasileiros-na-alemanha-lancam-movimento-em-defesa-de-lula>. Acesso em: 30 mar. 2017.

REIMÃO, Sandra. “Proíbo a publicação e circulação...” – censura a livros na ditadura militar. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/08.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2014.

_____. **Mercado Editorial Brasileiro: 1960-1990**. São Paulo: COM-ARTE FAPESP, 1996.

_____. **Repressão e Resistência: censuras a livros na ditadura militar**. 2011. 126 f. Tese (Livre-Docente) – Escola de Artes e Ciências Humanas, Universidade de São, São Paulo, 2011.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

_____. As Marca do Período. In: _____. (Coord.). **Modernização, Ditadura e Democracia: 1964-2010**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. v. 5.

_____. A ditadura civil-militar. **O Globo**, 31 mar. 2012. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-ditadura-civil-militar-438355.html>. Acesso em: 17 jun. 2014.

_____. **A Revolução Faltou ao Encontro: os comunistas no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Ditadura Militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

_____. RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

RIBEIRO, Nádia Cristina. **Temas e Acontecimentos do Brasil Contemporâneo pela Dramaturgia de Gianfrancesco Guarnieri**. 2012. 179 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François e outros. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

_____. **Memory, history, oblivion**. Budapeste, 2003. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/219745688/Memoria-Historia>. Acesso em: 17 ago. 2014.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo Social**, Revista de Sociologia, USP, v. 17, n. 1, p. 82-110, jun. 2005.

_____. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014.

_____. **Brasilidade Revolucionária: um século de cultura e política**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

_____. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

ROCHA, Gilmar. “Eis o malandro na praça outra vez”: a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 108-121, 2 sem. 2006.

ROCHA, Glauber. Glauber Rocha: manda. [Entrevista]. **O Cruzeiro**, 24 fev. 1968.

ROCHA, Rejane C.; GRASSI, Bruna S. Sanches. Identidade Nacional: espectro e miragem em A Expedição Montaigne, de Antonio Callado. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 4, n. 1, p. 78-86, 2012.

ROCHA, Rejane Cristina. Antonio Callado e a Rasura da Identidade Nacional. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 21, p. 109-136, 2012. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415578977.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2015.

RODRIGUES, Nelson. Uma Paisagem sem Ingleses. In: CASTRO, Ruy. (Seleção). **O Óbvio Ululante – Primeiras Confissões (Crônicas)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

ROGER, Chartier. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

ROGHERO, Carla Simone. Sandra Pesavento e a Grande Pergunta. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 6, ano 6, n. 3, ago./set./out, 2009. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF20/ARTIGO_4_DOSSIE_Carla_Simone_Rodegher_o_FENIX_JUL_AGO_SET_2009.pdf. Acesso em: 18 set. 2014.

ROLLEMBERG, Denise. Entre raízes e radares, o exílio brasileiro (1964-1979). **XI Jornadas Interescuelas**, Departamento de Historia, Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007. Disponível em: <http://cdsa.aacademica.org/000-108/758.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2014.

_____. A ditadura civil-militar em tempo de radicalizações e barbárie. 1968-1974. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes. (Org.). **Democracia e ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.

_____. Exílio. Refazendo identidades. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 39-73, 1999.

_____. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.). **O Brasil Republicano – O Tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 4.

_____. **O Apoio de Cuba à Luta Armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. [Coleção Os Pensadores]

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. **Tempo Social**, Revista de Sociologia, USP, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 210-229, nov. 2014.

SADER, Eder. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SALES, Jean Rodrigues. Guerrilha e revolução: um balanço dos estudos e debates sobre a luta armada contra a ditadura militar no Brasil. Taller (Segunda Época). **Revista de Sociedad, Cultura y Política en América Latina**, Buenos Aires, v. 4, n. 5, p. 87-109, 2015.

_____. **A Luta armada contra a ditadura militar: A esquerda brasileira e a influência da revolução cubana**. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

SANTIAGO, Salviano. O homem cordial e outras histórias. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, CESP/FALE/UFMG, v. 13, n. 16, p. 134-136, jul./dez. 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por Subtração. In: _____. **Que horas são?: ensaios**. São Paulo: Cia. da Letras, 1987.

_____. **Ao Vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SEMERARO, Giovanni. **A Primavera dos anos 60**: a geração de Betinho. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SIEGA, Paula Regina. **O reflexo de Calibã no espelho de Próspero**: Estudo sobre a recepção do Cinema Novo (1960-1970). 2010. 534 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa e Brasileira) – Università Ca' Foscari Venezia, Veneza, 2010.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o Novo Romance Brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOLEINIDADE NA BN anunciou os 45 autores considerados “construtores da literatura carioca”. **Biblioteca Nacional**, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/07/solenidade-bn-anunciou-45-autores-considerados-construtores>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SOUZA SANTOS, Boaventura. Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade. **Novos Estudos**, 2003. Disponível em: http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/100/20080627_entre_prospero_e_caliban.pdf. Acesso em: 29 jan. 2013.

SOUZA, Jessé. **A radiologia do golpe**: entenda como e porque você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

_____. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.

THOMAZ, Daniel Mandur. 100 anos de Antonio Callado. **Carta Capital**, 26 jan. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/vanguardas-do-conhecimento/100-anos-de-antonio-callado>. Acesso em: 26 jan. 2017.

TINOCO, Robson Coelho. **Leitor real e teoria da recepção**: travessias contemporâneas. São Paulo: Horizonte, 2010.

TORRES, Bolívar. Cartas de Antonio Callado trazem conversas com importantes figuras culturais do país. **O Globo**, 26 jan. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/cartas-de-antonio-callado-trazem-conversas-com-importantes-figuras-culturais-do-pais-20825647#ixzz4jeNAXYje>. Acesso em: 27 jan. 2017.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

_____. Maus tempos aqueles. **Jornal O Globo**, 08 ago. 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniaio/maus-tempos-aqueles-17125943>. Acesso em: 12 set. 2015.

VIEIRA, Isabela. Comissão da Verdade suspeita que ditadura planejava morte de Glauber Rocha. **Agência Brasil**, 17 ago. 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-08/comissao-da-verdade-suspeita-que-ditadura-planejava-morte-de>. Acesso em: 17 ago. 2014.

VILLA, Antonio Carlos. **Ditadura à Brasileira 1964-1985**: a democracia golpeada à esquerda e à direita. São Paulo: Leya, 2014.

VILLAS BÔAS, Cláudio; VILLAS BÔAS, Orlando. **Xingu**: os índios, seus mitos. 4 ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1976.

WAGNER MOURA no “Conversa com Bial”. **Newsvidade**, Canal do YouTube, publicado em: 12 jul 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W-lqufxvTgg>. Acesso em: 12 jul. 2017.

WEFFORT, Francisco. **Por que Democracia?** São Paulo: Brasiliense: 1984.

WERNERCK, Humberto. No infringir dos ovos. Cultura. **Estadão**, São Paulo, 02 mar. 2014. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,no-infringir-dos-ovos-imp-,1136487>. Acesso em: 12 abr. 2014.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ZAPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. 3 ed. São Paulo: J. Zahar, 2011.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e Leitura no Horizonte da Literatura. **ALEA**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2008.

_____. Uma teoria da leitura formulada pela literatura. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 225-232, 1 sem. 2004.